

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**FACULDADE DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ANA CAROLINA ROSA BATISTA**

**FILOSOFIA DA NATUREZA EM *OS 120 DIAS DE SODOMA*: UMA LEITURA DA  
ESTÉTICA DA DESTRUIÇÃO EM MARQUÊS DE SADE**

**GOIÂNIA**  
**2018**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**     Dissertação     Tese

**2. Identificação da Tese ou Dissertação:**

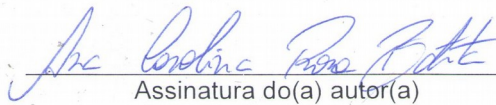
Nome completo do autor: **Ana Carolina Rosa Batista**

Título do trabalho: **Filosofia da natureza em *Os 120 dias de Sodoma*: uma leitura da estética da destruição em Marquês de Sade.**

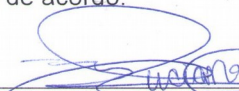
**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

  
Assinatura do(a) autor(a)

Ciente e de acordo:

  
Assinatura do(a) orientador(a)

Data: 28 / 09 / 2018

**ANA CAROLINA ROSA BATISTA**

**FILOSOFIA DA NATUREZA EM *OS 120 DIAS DE SODOMA*: UMA LEITURA DA  
ESTÉTICA DA DESTRUÇÃO EM MARQUÊS DE SADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG) para a obtenção do título de Mestre em História.

**Linha de Pesquisa:** História, Memória e Imaginários Sociais.

**Orientador (a):** Professora Dra. Luciane Munhoz de Omena.

**GOIÂNIA  
2018**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rosa Batista, Ana Carolina

Filosofia da natureza em Os 120 dias de Sodoma: uma leitura da estética da destruição em Marquês de Sade [manuscrito] / Ana Carolina Rosa Batista. - 2018.  
CLXI, 161 f.


Orientador: Prof. Luciane Munhoz de Omena.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, ,  
Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2018.  
Bibliografia.

1. Marquês de Sade. 2. Literatura Libertina. 3. Sexualidade. 4. Grotresco. 5. Estética. I. Munhoz de Omena, Luciane, orient. II. Título.

CDU 94

Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Ana Carolina Rosa Batista**. Aos 28 (vinte e oito) dias do mês de setembro de dois mil e dezoito (2018), com início às 9h, nas dependências da Faculdade de História, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Ana Carolina Rosa Batista**, cujo título foi **“FILOSOFIA DA NATUREZA EM OS 120 DIAS DE SODOMA: UMA LEITURA DA ESTÉTICA DA DESTRUIÇÃO EM MARQUÊS DE SADE”**. A Banca Examinadora foi composta, conforme portaria nº068/18-PPGH, de 18 de setembro de 2018, pelos seguintes Professores Doutores: **Profa. Dra. Luciane Munhoz de Omena (Presidente)**, **Prof. Dr. Edson Arantes Júnior (UEG)** e **Prof. Dr. João Alberto da Costa Pinto (UFG)** e, como suplentes, **Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari (Unicamp)** e **Profa. Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)**. Os Examinadores arguiram na ordem acima citada. Às 11.40 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo sido a candidata aprovada.....

Prof. Dr. Edson Arantes Júnior (UEG) Ass.: .....  
Decisão (aprovada).....

Prof. Dr. João Alberto da Costa Pinto (UFG) Ass.: .....  
Decisão (aprovada).....

Presidente da Banca Profa. Dra. Luciane Munhoz de Omena (Presidente), Ass.: aprovada  
Decisão (aprovada).....

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou-a, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Marco Aurélio Fernandes Neves, secretário do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Coordenadora: .....

Profª. Dra. Fabiana de Souza Fredrigo

Secretário: .....

Marco Aurélio Fernandes Neves

## AGRADECIMENTOS

Tom Jobim uma vez nos disse que é impossível ser feliz sozinho. E arrisco acrescentar que uma pesquisa também não se faz sozinha. Sendo assim seguem meus agradecimentos a cada um que de algum modo fizeram parte da minha formação como historiadora e pesquisadora:

Agradeço primeiramente a professora Dra. Luciane Munhoz de Omena, por ter cumprido de forma atenciosa, presente e extremamente didática a orientação ao longo dessa caminhada, coordenando as ideias de modo a elaborarmos teses fundamentais para a construção dessa pesquisa. Agradeço também a mesma pela paciência, pelas correções apuradas e pela inspiração.

Aos professores Dr. Edson Arantes Junior, que foi meu orientador ainda na graduação, por quem guardo grande admiração e carinho e Dr. João Alberto da Costa Pinto (UFG), por aceitarem o convite para participar de minha defesa. Ao professor Dr. João Alberto da Costa Pinto agradeço ainda as dicas valiosas de referências bibliográficas que nos possibilitou construir a análise do conceito de estética, tão cara a nosso capítulo terceiro e a grande contribuição sobre o direcionamento deste trabalho ainda na qualificação, juntamente com a arguição e participação da professora Dra. Ana Tereza Marques Gonçalves (UFG).

Devo meus agradecimentos, também, aos professores suplentes Dra. Ana Tereza Marques Gonçalves (UFG) e Dr. Pedro Paulo Funari.

Agradeço a minha mãe, uma das pessoas mais importantes para que eu chegasse a essa conquista. Esteve sempre ao meu lado nos momentos de angústia, dando conforto, amor e incentivo. Serei eternamente grata.

Amigos também foram fundamentais para questões como suporte, desabafos, dicas de bibliografia, enfim. Dentre eles há um agradecimento especial ao Frederico Duarte, por ter se disponibilizado a ler meu trabalho com paciência e pela troca de experiências acadêmicas.

Aos colegas da pós-graduação, pelos encontros em eventos, nas disciplinas, e aos amigos que fiz na disciplina cursada no Programa de Pós-graduação da Letras da UFG, sendo estes grandes inspirações diante da minha paixão com a literatura.

Para por fim agradecer também a CAPES, pela bolsa concedida, essencial para a compra de livros, cópias, e para a participação em eventos, além da realização dessa pesquisa num todo.

## A FLOR DO CASTANHEIRO

*“Não afirmo, mas conhecedores querem nos persuadir de que a flor do castanheiro tem o mesmo odor que a semente prolífera que a natureza teve por bem colocar no homem para a reprodução de seus semelhantes.*

*Uma mocinha de uns quinze anos, que nunca tinha saído da casa paterna, passeava um dia com a mãe e um galante abade numa alameda de castanheiros, cujas flores perfumavam o ar com a suspeita fragância que tomamos a liberdade de indicar.*

*– Meu Deus, mamãe, que cheiro estranho – observou a jovem, não se dando conta de onde vinha. – Sinta, mamãe, é um cheiro que eu conheço.*

*– Cala, filha, não digas coisas assim, te peço.*

*– Mas por que, mamãe? Não vejo o mal de lhe dizer que esse cheiro me parece familiar; é mesmo.*

*– Minha filha!*

*– Mas conheço esse cheiro, mamãe. Seu abade, me diga, lhe peço, que mal há em afirmar que eu o conheço?*

*– Srta. – intervém o abade, arrumando a gola e aflautando a voz, - por certo o mal em si mesmo é pouca coisa, mas acontece que estamos debaixo de castanheiros, e que nós, interessados em botânica, admitimos que a flor do castanheiro...*

*– Sim, a flor do castanheiro?*

*– Bem, srta., é que ela cheira a esperma.”*

*Marquês de Sade*

## RESUMO

Donatien-Alphonse François, o Marquês de Sade é um dos grandes nomes da literatura libertina do século XVIII francês. Foi um escritor compulsivo, sendo sua bibliografia caracterizada entre diversos gêneros literários como romances, contos, novelas, e até mesmo peças teatrais. Seus textos foram sintomáticos, refletindo os problemas e as críticas de seu tempo. Sade criticou o modelo político absolutista em crise do século XVIII francês. A interferência da moral religiosa e da Instituição Católica nesse período, além da crítica a uma aristocracia decadente. Tudo isso respaldado por um pensamento filosófico, sua filosofia da natureza, de influência materialista. Os textos de Sade intercalam discursos filosóficos com práticas sexuais, onde tudo é permitido e a imaginação desconhece limites. E será justamente ao bom marquês, este espírito ímpar, seja em seu próprio tempo, seja na história do pensamento, que pretendemos aqui revisitar e tomar por objeto – tendo por enfoque principal o romance *Os 120 dias de Sodoma* – para assim, compreendermos como este autor faz uso de uma estética destrutiva, resguardada na filosofia da natureza, para propor uma prática social descristianizada. Para alcançarmos tal objetivo discussões contextuais da França do século XVIII serão necessárias, desde a moral religiosa cristã, até a filosofia materialista. Falaremos também da vida e obra do marquês, além de um estudo do conceito de literatura, caracterização do romance, e a linguagem do grotesco, sendo esta tão utilizada por Sade. Para por fim, chegarmos à análise do conceito de estética, e pensarmos como Sade fará dessa estética um sistema destrutivo, propondo uma nova prática social, isenta de uma moral religiosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marquês de Sade; literatura libertina; sexualidade; grotesco; estética.

## ABSTRACT

Donatien-Alphonse François, the Marquis of Sade is one of the great names of the French libertine literature of the eighteenth century. He was a compulsive writer, being his bibliography characterized between diverse literary genres like novels, short stories, tales, and even theatrical plays. His texts were symptomatic, reflecting the problems and criticisms of his time. Sade criticized the absolutist political model in crisis of the French of the eighteenth century. The interference of religious morality and the Catholic Institution in this period, as well as criticism of a declining aristocracy. All this backed up by a philosophical thought, its philosophy of the nature, of materialistic influence. Sade links philosophical discourses with sexual practices in his texts, where everything is allowed and the imagination knows no bounds. And here, it will be to the good marquis, this unique spirit, whether in his time or in the history of western thought, that we will look for in the present reflection, taking his work as object – about everything: the novel *The 120 Days of Sodom* – in order to understand how this author makes use of a destructive aesthetics, protected in the philosophy of nature, to propose a dechristianized social practice. To achieve this objective, contextual discussion of the eighteenth-century France will be necessary, from Christian religious morality to materialistic philosophy. We will also talk about the life and work of the marquis, as well as a study of the concept of literature, characterization of the novel, and the language of the grotesque, which is so used by Sade. Finally, we shall come to the analysis of the concept of aesthetics, and to think how Sade will make of this aesthetic a destructive system, proposing a new social practice, exempt from a religious morality.

**KEYWORDS:** Marquis of Sade; libertine literature; sexuality; grotesque; aesthetics.

**“Filosofia da natureza em *Os 120 dias de Sodoma*: uma leitura da estética da destruição em Marquês de Sade”.**

<b>Introdução</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1: SADE E OS MATERIALISTAS</b> .....	15
1.1 O monopólio religioso cristão na França no século XVIII de Sade.....	15
1.2 A Ideia de família em Sade .....	23
1.3 Os homens como expressão da natureza: Sade e a influência materialista .....	35
1.4 Conceito de natureza em Sade e a tendência viciosa .....	46
1.5 Natureza equilíbrio: manutenção do sistema de crimes sadianos .....	55
<b>CAPÍTULO 2: A VIDA DE SADE E A PRODUÇÃO DOS 120 DIAS DE SODOMA</b> .....	63
2.1 Vida de Sade: história, libertinagem, prisões .....	63
2.2 Estudo de edição e de gênero de <i>Os 120 dias de Sodoma</i> .....	84
2.3 Moralidade e sexualidade: o libertino sem limites .....	97
2.4 O grotesco em Sade .....	107
<b>CAPÍTULO 3: “AH, MAS QUE ESPÍRITO DO DEMÔNIO HABITA OS LIBERTINOS?” A FILOSOFIA DA NATUREZA EM <i>OS 120 DIAS DE SODOMA</i></b> .....	115
3.1 Reflexões acerca do conceito de estética .....	115
3.2 O que é a virtude? Análise do virtuoso em Sade .....	126
3.3 O libertino como uma nova estética e prática social da destruição pela filosofia da natureza em <i>Os 120 dias de Sodoma</i> .....	141
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	153
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	156

## INTRODUÇÃO

Marquês de Sade é tido como um dos grandes expoentes da literatura libertina francesa do século XVIII. Seus textos trazem caracterizações sexuais, filosóficas, políticas, sociais e morais. Fora um autor compulsivo: escreveu tanto quanto leu. Não é surpresa, portanto, que tenha composto uma grande soma bibliográfica de textos literários de vários gêneros, como romances, novelas, contos, peças de teatro, além de ter sido um dedicado missivista.

A história de sua vida aproxima-se das histórias de suas ficções. Casou-se jovem, em uma prática cercada de interesses e conveniências, seguindo a cultura matrimonial francesa dos grupos aristocráticos. Teve uma vida permeada por denúncias de libertinagens, entre elas os casos de Arcueil e Marselhas. Denúncias, que envolviam acusações diversas, como, por exemplo, sodomia, abuso e violência contra mulheres. Sabemos, pois, que o caso de Marselha lhe rendeu inclusive uma acusação de envenenamento das prostitutas, as quais compunham a libertinagem. Por conta de seus atos libertinos e a perseguição perpetrada por sua sogra, Sade passa boa parte de sua vida preso. Ao viver recluso por mais de 30 anos Sade acabou passando por três períodos distintos em reclusão: a França absolutista de Luís XVI; a França revolucionária e a França de Napoleão. É relevante ressaltar que esteve encarcerado nos três regimes, passando por prisões em Vincennes, na Bastilha e em Charenton. É nesta última que enfim padece, ou seja, Sade deixa no cárcere o mundo que não conseguiu encarcerar suas ideias.

Sade em uma de suas missivas – intitulada por seus biógrafos como *a grande Carta* – diz ter sido sim um libertino, logo, praticou excessos sexuais em comum acordo com as partes envolvidas; entretanto, condena a acusação de assassinato. Negava veemente qualquer denúncia que envolvesse tentativas de incriminá-lo neste sentido.

Parece-nos possível inferir – sem grande perigo – que a França à época de Sade sofresse de um predomínio da religião católica. O que implica pressupor que a moral cristã caracterizava a vivência cultural e social dos franceses; mas esta mesma França também viveu um dos grandes movimentos revolucionários da história do mundo ocidental, a *Revolução Francesa* (1789-1799). Revolução que fora difundida diante da inspiração dos ideais iluministas, corrente ideológica e intelectual que ganhava ênfase no século XVIII francês e europeu. Sade, é claro, estava ciente de tais ideologias: fora grande leitor dos textos iluministas e um discípulo dos materialistas franceses.

Naturalmente, os textos sadianos trarão inúmeras críticas a ideologia e a moral ca-

tólica, sobretudo, na justa medida que em suas narrativas literárias – tais como *Os 120 dias de Sodoma*, objeto de estudo dessa dissertação – Sade defende uma prática social livre da influência religiosa. Afinal, a moral religiosa é o principal alvo da estética da destruição do marquês de Sade. Em boa parte de sua bibliografia, produzirá críticas à moral cristã por meio do discurso filosófico libertino. Discurso este que será influenciado pelos preceitos materialistas franceses de autores como La Mettrie e Barão d’Holbach.

A literatura sadiana contém condenações à aristocracia francesa, ao sistema absolutista e, como já enfatizado, à moral religiosa cristã. Foi um autor preocupado e atento ao seu contexto, trabalhando em sua literatura críticas e reflexos de seu tempo. Sua obra foi proibida no século XVIII, silenciada no XIX, para enfim tomar destaque na circulação com os surrealistas, um movimento artístico e literário francês do século XX, que Benjamin (1986, p. 106) vai chamar de o último suspiro de inteligência europeia. Compreendemos, dessa maneira, a relevância de autores como Georges Bataille e Andre Breton, já que trouxeram os textos sadianos à tona. Ao tratar-se do cenário brasileiro, autores como Eliane Robert Moraes, Fernando Peixoto – este um dos maiores biógrafos do marquês no Brasil – e Gabriel Giannattasio atuam como grandes estudiosos de sua literatura. A extensão de sua bibliografia e a variedade de gêneros e discussões de seu teor teórico possibilitam uma rica diversificação de hipóteses enquanto objeto de pesquisa.

Um dos mais importantes pontos do texto sadiano é a tentativa de estabelecer, ainda no século XVIII, uma prática social laica. O processo de descristianização que se inicia na França de modo mais efetivo com a Revolução Francesa, tem em Sade ampla presença. Nossa hipótese é que o objetivo central do texto sadiano seja talvez denunciar os perigos de uma sociedade refém de uma moral religiosa e a necessidade de apartar-se de tais preceitos, construindo, deste modo, uma nova estética fundamentada na libertinagem.

Na medida em que conhecemos a literatura sadiana compreendemos que toda a base de seu pensamento se dá na filosofia da natureza. É por meio desse sistema que Sade justifica toda a atuação de crimes, vícios e práticas sexuais diversas. O marquês defende que o universo não é regido por Deus, como nos apresenta a moral cristã, mas pela natureza. Ela é o motor de funcionamento do universo. Para que alcance seu equilíbrio, duração e funcionamento é preciso que haja tanta criação, quanta destruição. Diante dessas duas necessidades que recaem sobre a natureza, Sade escolhe o caminho vicioso, o itinerário da destruição, para completar a força de ordenamento e equilíbrio natural. Assim, o libertino vicioso e devasso de

Sade é apenas um benfeitor para o bom funcionamento da natureza.

Dessa forma, escolhemos o romance *Os 120 dias de Sodoma* para produzirmos reflexões críticas acerca da estética da destruição pela filosofia da natureza em Sade. Neste romance, o alvo da destruição é a virtuosa moral cristã. Posto isto, supomos que o virtuoso simboliza a Instituição Católica francesa. É esta que Sade quer atingir. Sade, assim como os revolucionários franceses, quer, então, inaugurar em seu país, uma prática social laica e descristianizada. Para tanto, o autor sadiano fará uso de recursos do grotesco e, com isso, satirizará a moral religiosa cristã e a concepção de virtude e interditos que a mesma impõe. Nesta direção, temos o próprio título do romance que se supõe causticar o termo bíblico da cidade de Sodoma. Isto porque, ainda no prefácio, Sade faz uma menção à Sodoma, ao referir-se a um processo de orgia com a participação exclusiva do gênero masculino. De acordo com suas palavras: “Mulher alguma era admitida nessas orgias masculinas nas quais se punha em prática tudo o que Sodoma e Gomorra inventaram de mais licencioso” (SADE, 2006, p. 18). Aqui, já podemos inferir algum significado, à medida que a referência à cidade de Sodoma aflui a ideia de licencioso que, nos termos sadianos, é uma imagem voltada ao sexual, ao carnal e à entrega a prática sexual devassa e livre; logo, imputam às instâncias desmedidas e de deboche.

Segundo a narrativa bíblica, Sodoma e Gomorra teriam sido destruídas por Deus. Este lança enxofre e fogo dos céus. Tal punição deveu-se às práticas imorais de seus habitantes. Em *Gênesis*, temos o seguinte relato:

Deus anuncia a destruição de Sodoma e Gomorra  
Tendo-se levantado dali aqueles homens, olharam para Sodoma; e Abraão ia com eles, para os encaminhar. Disse o Senhor: Ocultarei a Abraão o que estou para fazer, visto que Abraão certamente virá a ser uma grande e poderosa nação, e nele serão benditas todas as nações da terra? Porque eu os escolhi para que ordena a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do SENHOR e pratiquem a justiça e o juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que tem falado a seu respeito. Disse mais o SENHOR: Com efeito, o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado, e o seu pecado se tem agravado muito. Descerei e verei se, de fato, o que têm praticado corresponde a esse clamor que é vindo até mim; e, se assim não é, sabê-lo-ei. (*Gênesis*18: 16-21).

Neste texto bíblico, Abraão é o intercessor de Deus. Caberia a ele guiar os fiéis para a construção de uma nação pura, ajuizada e livre dos pecados da carne ou do sexo. Abraão, então, questiona o SENHOR diante da possibilidade da destruição de Sodoma e Gomorra,

ao sugerir que naqueles lugares não residiam apenas vidas pecaminosas. Assim, Deus o inquiriu: se houver cinquenta justos, ou quarenta, ou trinta, ou apenas dez, pouparia toda a cidade por amor aos justos (*Gênesis* 18: 23-27). A narrativa segue com a anunciação da destruição das cidades por dois anjos enviados por Deus, que instruem que partam dali as pessoas de bem e de virtude. E Ló, que, quase sucumbiu em meio as ruínas, foi salvo pelo Senhor, graças à interseção de Abraão. Citamos *in extenso*:

#### A destruição de Sodoma e Gomorra

Saía o sol sobre a terra, quando Ló entrou em Zoar. Então, fez o SENHOR chover enxofre e fogo, da parte do SENHOR, sobre Sodoma e Gomorra. E subverteu aquelas cidades, e toda a campina, e todos os moradores das cidades, e o que nascia da terra. E a mulher de Ló olhou para trás e converteu-se numa estátua de sal. Tendo-se levantado Abraão de madrugada, foi para o lugar onde estivera na presença do SENHOR; e olhou para Sodoma e Gomorra e para a toda a terra da campina e viu que da terra subia fumaça, como a fumarada de uma fornalha.

Ao tempo que destruía as cidades da campina, lembrou-se Deus de Abraão e tirou a Ló do meio das ruínas, quando subverteu as cidades em que Ló habitara. (*Gênesis* 19: 23-29).

Assim, a destruição de Sodoma e Gomorra simboliza duas questões importantes: a destruição do pecado, como forma de erradicar o mal e permitir novos caminhos purificados, bem como o poder da misericórdia divina. Deus intercedeu pela salvação de Ló no momento de destruição do mal. Então, ao pensarmos a estética de destruição, neste caso, Sodoma e Gomorra, Sade utiliza o mesmo recurso retórico em tom irônico e satírico. Apropria-se de uma narrativa religiosa, evocando-a e propondo, com isso, a destruição dessa própria moral cristã. Neste sentido, parece-nos pertinente inferir que *Os 120 dias de Sodoma* apresenta uma nova estética, uma vez que os personagens virtuosos, ao contrário da narrativa bíblica, foram obrigatoriamente executados. Aqui, temos a eliminação do bem, representado, segundo supomos, pela virtude e pela religião; por conseguinte, têm-se o equilíbrio da natureza. Ademais, o nome da cidade de Sodoma possui o mesmo tronco linguístico da prática da sodomia,<sup>1</sup> venera-

---

<sup>1</sup> Usaremos Klossowski para fazermos uma ressalva. O termo sodomia não compete apenas às práticas homossexuais, ou seja, pela relação anal com duas pessoas do mesmo gênero. A sodomia em Sade também assume a possibilidade de ocorrer entre as relações heterossexuais também. Para o marquês, a prática da sodomia remete-se igualmente à prática de negação da procriação da espécie humana, uma vez que seu princípio motor de leis da natureza é a destruição, e não do nascimento: “Este termo bíblico, consagrado pela teologia moral, reveste um ato que não está limitado à prática homossexual; por isso mesmo compete distinguir a homossexualidade, que não é uma perversão intrínseca, da sodomia, que o é. [...] A sodomia se pronuncia por um gesto específico de contrageneralidade, o mais altamente significado aos olhos de Sade: é aquele que fere precisamente a lei de propagação da espécie e que testemunha assim a morte da espécie num indivíduo.” (KLOSSOWSKI, 1985, p. 27).

da pelos libertinos sadianos. Deste modo, o prazer máximo em Sade, além da destruição e dor alheia, dá-se também pelo sexo anal. Como supomos, o termo Sodoma, presente no título do romance, pode indicar igualmente a preferência à prática da sodomia, se comparada às demais práticas sexuais. Fernando Peixoto em *Sade, vida e obra* nos ajuda um pouco com a compreensão dessa tese, vejamos:

Sade tinha consciência do conteúdo de sua obra quando no início adverte o leitor para preparar seu coração e sua mente *para a narrativa mais impura já feita desde que nosso mundo começou, livro que não tem paralelo entre os antigos ou entre os modernos*. Acentua que todos os prazeres obtidos e sancionados pelas boas maneiras estão excluídos da antologia. Ou se por acaso aparecem *nela estarão sempre acompanhados por um crime ou coloridos por alguma infâmia*. Deixa claro que seu livro versará quase que exclusivamente sobre os prazeres da sodomia e tentará dar um amplo desenvolvimento ao gozo violento que nasce do crime e da influência poderosa que o assassinio exerce sobre os sentidos. Acusado pela sociedade de libertinagens e perversidades, o Marquês, em sua cela da Bastilha, se dispõe a uma análise completa de todas as terríveis possibilidades de libertinagem. Que o assunto lhe interessava inclusive do ponto de vista científico existe como prova a correspondência que manteve, a este respeito, durante algum tempo, com o médico italiano Giuseppe Iberti. *Os 120 dias de Sodoma* nasce também como componente de uma obra de provocação e desafio. (PEIXOTO, 1979, p. 105-106).

Ou seja, como podemos identificar em Peixoto, Sade, já na introdução de seu romance, adverte ao leitor quanto a natureza da obra que aquele encontrará: ali, as boas maneiras e o pudor se mostrarão totalmente ausentes. Todas as práticas terão uma tendência viciosa e criminosa. Serão os 120 dias de orgias, sexo, filosofia, excrementos, violência e destruição.<sup>2</sup> Nesse licencioso romance, afinal, o bom marquês com outra coisa não se preocupa em expor que não as inúmeras possibilidades de orgias, assassinatos e devassidão. Supomos que seja o ponto forte da referência com o termo *Sodoma*, já que a ideia de um ambiente de perversão e destruição, não do mal e do profano<sup>3</sup> como é o caso da destruição de natureza cristã e divina, mas, ao contrário, uma destruição do virtuoso – é este, enfim, que será o inimigo combatido em *Os 120 dias de Sodoma*. Assim, entendemos que Sade traçou uma estética da destruição pela filosofia da natureza como uma proposição de uma prática social, sobretudo descristiani-

---

2 Não nos estenderemos aqui na temática da destruição no romance *Os 120 dias de Sodoma*, uma vez que este é o tema central do capítulo terceiro.

3 A referência encontrada no texto de *Judas* auxilia exemplificar a punição dos ímpios: “como Sodoma e Gomorra e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregado à prostituição como aqueles, seguindo após outra carne, são postas para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição.” (*Judas* 24:07).

zada e laica.

Uma vez estabelecido este panorama geral, torna-se, de fato, pertinente discutir, logo no primeiro capítulo, dois aspectos frulcais: o religioso e o ideológico. Nosso recorte refere-se ao contexto religioso católico francês, pois, como entendemos, é essencial discutirmos a atuação da Igreja Católica na França, suas defesas morais e a crítica que Sade faz de tais assimilações. Torna-se ainda imprescindível, aqui, o estudo do conceito de família, tão caro à moral cristã e, como o mesmo será desconstruído em Sade. Ademais, incluímos também as reflexões ideológicas francesas do século XVIII, sobretudo as concepções materialistas. Está, afinal, é um corrente filosófica com a qual a literatura sadiana dialoga com bastante proximidade – sobretudo com dois de seus maiores expoentes, La Mettrie (1982) e Barão d’Holbach (2010); assim posto, visamos a compreensão das semelhanças e das diferenças entre tais autores, bem como a análise do conceito de natureza sadiana.

Para o segundo capítulo, teremos uma discussão acerca da vida do Marquês de Sade, desde seu nascimento, casamento, carreira militar, libertinagem, política, prisões e solidão. Haverá ainda toda uma compreensão do estudo de produção e gênero do romance *Os 120 dias de Sodoma*. Para isto, torna-se imprescindível uma discussão sobre literatura e o conceito de grotesco, pois, como entendemos, a estética da destruição alicerça-se nele.

Por fim, no terceiro capítulo, analisaremos a estética da destruição em *Os 120 dias de Sodoma* – na justa medida em que o pensamento filosófico da natureza e a prática do libertino, o destruidor do caráter virtuoso e religioso dessa sociedade sadiana, compõem a natureza. É uma denúncia da religiosidade cristã e um processo de descristianização para o estabelecimento de uma nova prática social laica. Refletiremos também o conceito de estética a partir de autores, como, por exemplo, Terry Eagleton (1993), Walter Benjamin (1986) e Pierre Bourdieu (s.d.). Além disso, debruçar-nos-emos nas discussões sobre a relação da estética sadiana com o movimento surrealista francês do século XX, a análise das virtudes e seus personagens em *A filosofia na Alcova* (2008); *Justine e os sofrimentos da virtude* (s.d.) e *Os 120 dias de Sodoma* (2006); para finalizar, analisaremos como, então, se formará a estética da destruição desse virtuoso no último romance.

## CAPÍTULO 1: SADE E OS MATERIALISTAS

### 1.1 O MONOPÓLIO RELIGIOSO CRISTÃO NA FRANÇA NO SÉCULO XVIII DE SADE

*“O erotismo só pode ser considerado se, considerando-o é o homem que é considerado. Em particular, ele não pode ser considerado independente da história do trabalho, não pode ser considerado independente da história das religiões”.*

*Georges Bataille, 2014.*

O século XVIII francês, o século do marquês de Sade, é caracterizado pelo monopólio ideológico pautado na doutrina católica/cristã. Todo o formato de vida destes baseavam-se nos interpostos e interditos perpetuados por essa religião ao longo da História. As instâncias sociais, políticas, econômicas e mentais de vida dos franceses viam-se entremeadas dessa ideologia religiosa, que embora não fosse a única existente nesse contexto<sup>4</sup>, era ainda a religião predominante neste país.

A Igreja Católica detinha o monopólio não só econômico, mas sobretudo ideológico na prática social e política dos indivíduos ao longo do século XVIII francês. A Igreja enquanto instituição era organizada de forma hierarquizada, ou seja, tinha uma organização de dirigentes pautados em níveis de poder e superioridade. O Papa, por exemplo, era o mais alto cargo da Igreja, seguido de bispos, arcebispos, diáconos, freiras, madres superiores, padres e coroinhas. É importante destacarmos também que a Igreja Católica na França não tinha completa autonomia de atuação no século XVIII, uma vez que respondia aos deveres e aos ordenamentos da Igreja Católica Romana<sup>5</sup>. Assim, a Igreja Católica francesa estava sob liderança espiritual do Papa em Roma, e sob administração e organização de bispos franceses na própria França.

Essa instituição atuava na França em vários níveis sociais. Cabia a mesma a organização e manutenção de registros diversos, como nascimento e falecimento dos indivíduos.

<sup>4</sup> Não podemos nos esquecer que no século XVIII já vivia outras religiosidades de forma estrutural, desde a Reforma Protestante, no século XVI, iniciada na Alemanha com Lutero. O Luteranismo e o Calvinismo são exemplos de outras ideologias religiosas manifestadas não só na França, mas em toda a Europa e, até mesmo na América, a partir do século XVI.

<sup>5</sup> Esta era tida como uma espécie de matriz dessa Instituição, liderada pelo Papa.

Ademais, incluía-se a responsabilidade educacional, a vida moral e religiosa da sociedade, além de inúmeras ações de caridade. Esta última atuação foi um marco importante feito pela instituição. A Igreja, com as obras de caridade, muitas vezes amenizou certas misérias sociais, como apoio aos doentes e alimentos aos mais necessitados, vejamos:

O próprio Voltaire, talvez o mais prolífico propagandista anti-católico do século XVIII, se mostrou respeitosamente admirado o heróico espírito de sacrifício que animou tantos dos filhos e filhas da Igreja. “Talvez não haja nada maior na terra – disse ele – que o sacrifício da juventude e da beleza com que belas jovens, muitas vezes nascidas em berço de ouro, se dedicam trabalhar em hospitais pelo alívio da miséria humana, cuja vista causa tanta aversão à nossa sensibilidade. Tão generosa caridade tem sido imitada, mas de modo imperfeito, por gente afastada da religião de Roma”. Exigiria volumes sem conta elaborar uma lista completa das obras de caridade católicas promovidas ao longo da história por pessoas, paróquias, dioceses, mosteiros, missionários, frades, freiras e organizações leigas. Basta dizer que a caridade católica não tem paralelo com nenhuma outra, em quantidade e variedade de boas obras, nem no alívio prestado ao sofrimento e a miséria humana. Podemos ir mais longe e dizer que foi a Igreja Católica que inventou a caridade como a conhecemos no Ocidente. (WOODS JR., 2008, p. 159-160).

A Igreja Católica trabalha com uma perspectiva moral e ideológica fundamentada nas ideias de recompensa e salvação. A boa ação do cristão será recompensada com a ideia da salvação em Cristo. Na Bíblia, texto base dessa religiosidade, em Marcos, livro 16, versículo 16, diz-se que: “Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado”. A ideia de salvação sempre permeou o imaginário dos cristãos e isso determinava também a conduta social desses indivíduos. A moral cristã é pautada em concepções de retidão, caridade e salvação. Uma liberdade exacerbada para os cristãos é algo pecaminoso, ou seja, algo que não ocorre mediante a vontade de Deus. É uma moral monoteísta, logo, a crença se dá em um Deus único. Além disso, o caminho da salvação cristã se inicia desde muito cedo no indivíduo, com a prática do batismo, uma espécie de rito de iniciação na palavra e bondade de Deus e na crença católica. Assim é uma moral toda voltada para as *Leis de Deus*, com o intuito da salvação eterna, uma vez que tais leis são definidas com base nos *Dez Mandamentos*. São leis que entendem como pecado o roubo, o assassinato, a usura, o adultério, falsos testemunhos, idolatrar outros deuses, entre outros mais. Os cristãos devem ainda honrar pai e mãe, não pecar contra a castidade, ou seja, não se entregar aos prazeres sexuais do corpo físico, não desejar a mulher ou, por consequência, o homem alheio e não ter inveja, não desejando, deste modo, os benefícios ou a vida do outro.

Nesse sentido, o século XVIII francês foi em boa parte caracterizado politicamente-

te pelo sistema de governo absolutista. Sobre o reinado de Luís XVI e, pela prática cultural recorrente na Europa do direito divino dos reis, ou seja, uma cultura em que o poder do monarca estava baseado na vontade de Deus, o poder máximo dessa sociedade, fundamentava-se, de fato, em Luís XVI. Enquanto a Igreja representava o primeiro estado, estando, então, sua influência social, política e econômica de poder abaixo apenas do monarca francês. A Igreja Católica na França era isenta da cobrança de impostos, exercia forte importância sobre o governo absolutista e ainda possuía grandes posses territoriais – pelo menos, até eclosão do processo revolucionário francês em 1789. Este renderá uma nova configuração a estrutura da Igreja Católica.

O já citado processo revolucionário francês fora iniciado em 1789 e durou até 1799, abalou radicalmente o cerne das estruturas de poder da instituição Católica. Logo no início da Revolução, os revolucionários estabelecem a Constituição Civil do Clero<sup>6</sup> abolindo muitos privilégios do mesmo e da instituição. Nesse contexto, houve uma matança generalizada do clero que não concordou em jurar à Constituição e aceitar a pleiteada redução de poder e influência. É um momento de perda de posses territoriais da Instituição da Igreja Católica, com parte de suas terras confiscadas. O contexto do Terror, sob liderança dos revolucionários jacobinos no poder político, entre 1793 e 1794, foi um dos períodos de maior perseguição ao clero, ou de caráter anticatólico.

A perda de poder da Igreja Católica francesa durante a revolução não foi só política, territorial<sup>7</sup> e econômica, mas, em especial ideológica. É nesse século e no movimento revolucionário francês, que os ideais iluministas se alastram pelo país, despertando nessa sociedade novas correntes ideológicas pautadas na liberdade e na razão: “O ateísmo se apossou do pedestal da França revolucionária na década de 1790. O altar da Catedral de Notre Dame foi convertido em monumento à razão.” (BLAINEY, 2012, p. 162).

Assim, nesse século, facilmente percebemos, o que encontramos é um cenário ra-

---

6 Sobre a Constituição Civil do Clero: “A Assembleia Nacional, que passou a governar a França, desafiou os religiosos contrários às novas ordens. Em novembro de 1790, eles tiveram de jurar que obedeceriam à nova constituição para não perderem as posições na Igreja. Os bispos franceses – com sete exceções – pediram dispensa, e muitos deles saíram do país. De início, talvez a metade dos padres de paróquias e outros religiosos tenham tentado adaptar-se às mudanças que prometeram cumprir.” (BLAINEY, 2012, p. 161).

7 Segundo o texto de Geoffrey Blainey em *Uma breve história do cristianismo* (2012): “O tradicional direito de receber o dízimo - uma taxa em benefício da religião - foi abolido, e as vastas propriedades da Igreja Católica foram confiscadas. Os padres remanescentes se arriscavam a ser deportados ou receber outras punições. Bastava uma queixa feita por seis cidadãos, contra "comportamento incivil" de um padre, para que se iniciasse uma investigação que podia resultar em prisão. No fim do ano de 1792, três navios transportaram 550 padres condenados ao exílio em um local afastado, na costa africana do Atlântico.” (BLAINEY, 2012, p. 161).

dicalmente controverso na França. O país, mesmo predominantemente caracterizado pela ideologia cristã em todas suas estruturas sociais, passa por um processo de contestações da mesma. A cultura religiosa cristã, ainda que estruturalmente disseminada na sociedade francesa, sofrerá contestações, seja pela experiência política na revolução, ou inclusive pela perspectiva ideológica de outras instâncias que foram ganhando público na França e em demais países do século XVIII. Os iluministas e os materialistas franceses<sup>8</sup> serão grandes representantes de novas mentalidades, os quais perpetuarão críticas anti-religiosas e ideias de enaltecimento da razão e da liberdade.

A Igreja Católica na França só voltará a ter poder e autonomia com Napoleão, em 1801, início do século XIX:

Em 1801, o novo governante da França, o brilhante soldado Napoleão Bonaparte, resolveu fazer uma restauração simples e devolver as construções. As terras confiscadas não foram devolvidas, apesar do acordo formal assinado por ele e pelo papa Pio VII. O próprio papa foi convidado a presidir a cerimônia em que Napoleão seria coroado imperador. Mas Napoleão mostrou a quem caberia a autoridade suprema, ao aceitar das mãos do papa a coroa coberta de joias e colocá-la ele mesmo sobre a cabeça. Os bispos que tinham sido depostos ou escolhido o auto-exílio – os vivos, é claro – retornaram à França. A vida religiosa recuperou a vitalidade. (BLAINEY, 2012, p. 162).

No entanto, voltaremos ao século XVIII para pensarmos que a perspectiva anti-religiosa não será refletida apenas na atuação de autores iluministas, com destaque para os nomes de Voltaire, Rousseau, John Locke e Adam Smith ou dos materialistas, como Diderot, D’Alambert, Le Mettrie e Barão d’Holbach<sup>9</sup>, mas também nas artes e na literatura, como, por exemplo, verificamos em marquês de Sade.

A literatura libertina<sup>10</sup> em Sade, Diderot e, até mesmo Restif de *La Bretonne*, apre-

---

8 Lynn Hunt em *A invenção da pornografia* nos reforça essa ideia: “O ensaio de Margaret C. Jacob sobre os aspectos filosóficos e sociais da pornografia nos séculos XVII e XVIII admite esse lado radical do iluminismo. A autora revela que a pornografia foi naturalista no início e, mais tarde, profundamente influenciada pelo materialismo. No século XVIII, baseava-se na obra filosófica de Locke e de La Mettrie, e grande parte de seu impacto residia em seus fundamentos materialistas. Alguns pensadores materialistas tentavam criar teorias sobre o prazer a partir de textos que tratavam da subordinação da alma às influências físicas, como demonstra La Mettrie em *L’Art de jouir*. Diderot, também materialista, escreveu romances pornográficos e obras filosóficas mais convencionais, ainda que ameaçadoras. Como Diderot observou em uma de suas cartas: “há sempre um pouquinho de testículo no fundo de nossos mais sublimes sentimentos e de nossa mais pura ternura.” (HUNT, 1999, p. 34-35).

9 Embora seja uma referência alemã é um dos nomes de destaque do materialismo do século XVIII, o qual nos aprofundaremos na discussão no tópico 1.2 deste trabalho.

10 Gênero que será discutido no capítulo segundo.

senta uma forte crítica à Instituição da Igreja Católica, a sua ideologia e a prática controversa do clero, a qual, segundo eles, carecia de uma moral idônea<sup>11</sup>. Ora, como insiste Vovelle,

Finalmente, em suas leituras, esses franceses do século XVIII mudaram seus gostos: a literatura teológica, ou simplesmente devota, contando-se entre os livros publicados com o privilégio real, regride espetacularmente, substituída pela rubrica das ciências e das artes. As *belle-lettres*, o romance, as viagens, a política se impõe a uma sensibilidade renovada, que parece se separar da religião. E os mapas mostram uma França que “consome”, em sua maioria, uma literatura profana, em contraposição a uma França fiel à biblioteca devota no Oeste ou no Nordeste. Espacialização que reencontraremos em seguida. (VOVELLE, 1989, p. 48).

Michel Vovelle em *França Revolucionária*, com o artigo intitulado *Deus contestado: o eclipse do sagrado*, acredita que o século XVIII francês marca a perspectiva religiosa cristã diante de um processo de decadência, denominado por ele como descristianização. É a partir de 1793, com a República Jacobina no contexto denominado Terror da Revolução que esse conceito faz-se presente na França. Uma sociedade cristianizada seria uma sociedade regida pela fé e pelos costumes cristãos e católicos; logo, a ideia de descristianizar é o processo de contestação e de desestruturação dessas relações de monopólio ideológico regidas pelo cristianismo até o século XVIII. Então, a descristianização dá-se a partir de críticas ao catolicismo, e a própria desestabilização desse potencial ideológico e social.

A instituição religiosa da Igreja Católica empodera-se e, por conseguinte, produz um modelo normativo para as práticas sociais. Norbert Elias em *A sociedade de Corte* entende que cada indivíduo é regulado num formato rígido de auto-controle (ELIAS, 2001, p.19) e que o processo civilizador acontece como uma interiorização individual de proibições e interditos. A partir de uma tal tese podemos inferir que a Instituição da Igreja Católica e sua moral cristã agiam, diretamente, sobre a sociedade francesa do século XVIII por meio dos *interditos*<sup>12</sup>, os quais serviriam para constituir um processo civilizador a esses indivíduos.

11 Sade, em especial trará em boa parte de seus romances, como em *Justine* (s.d) e em *Os 120 dias de Sodoma* (2006) libertinos caracterizados como representantes do clero católico. Neste último romance citado, por exemplo, um dos quatro libertinos principais é o Bispo. Trata-se de um representante de uma posição de destaque dentro da composição do clero católico francês. Essa será uma prática de toda a literatura libertina francesa do século XVIII, ao caracterizar personagens libertinos como atuantes do clero sendo então ridicularizados, ou apresentados como iniciadores de práticas de amor livre e de liberações sexuais diversas, como, a sodomia e práticas de mutilações durante o sexo.

12 Um autor que trabalha o conceito do interdito é Georges Bataille. Em *O erotismo* (2014), o mesmo coloca a proposição de como a Igreja Católica vai lançar sobre os indivíduos inúmeros interditos para as relações sexuais, ou seja, inúmeras proibições. A doutrina cristã acredita que o sexo é possível e permitido entre os indivíduos apenas a partir da relação matrimonial e para fins de procriação. Logo, a ideia do sexo erotizada, pelo e para o prazer, é algo que transgride o interdito cristão sexual. São interditadas também por essa religiosidade inúmeras

O sexo, por exemplo, e a erotização dessa prática, será posto como um dos grandes interditos cristãos. Tal contenção moral cristã será questionada e até mesmo satirizada por diversos autores franceses do século XVIII, sejam eles materialistas, ou autores libertinos. Mas devemos compreender que essas críticas e contestações não efetivarão mudanças estruturais em toda a França. É um contexto de fragilidade para a moral cristã, entretanto não de derrocada completa. Jean-Marie Goulemot em *Esses livros que se lêem com uma só mão, leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII*, acredita que o impacto social dos livros pornográficos, gênero este que caracterizará as obras de Sade, é limitado. Quer dizer, muitas vezes esse tipo de obra circulou em meios e instâncias sociais restritas. Como esse tipo de literatura era proibida no século XVIII francês, como um dos interditos postos pela Igreja Católica, a circulação de tais obras se dava num formato marginal e clandestino, deixando o produto mais caro e até mesmo com um acesso mais dificultoso. Então esse tipo de literatura e críticas anti-religiosas envolveu muito mais setores intelectuais, nobres e científicos da França do século XVIII, que a massa pobre, sendo esta altamente doutrinação pelos preceitos cristãos:

Como o livro pornográfico recusa as proibições morais, civis e religiosas, certos críticos interpretam sua leitura como um ato subversivo. Este não é o meu ponto de vista. Ou, pelo menos, eu gostaria de nuançá-lo. A circulação do livro pornográfico, reduzida, no essencial, aos meios intelectuais e científicos, às classes economicamente dominantes, aos círculos ligados à prostituição, prova que se deve limitar seu impacto social. Sua leitura, como sua escrita, sem, por esta razão, negar a sua seriedade de enunciação, é da ordem do lúdico, da farsa, e nunca tende realmente à subversão. Como objeção, dar-se-á como exemplo *Teresa Filósofa*, ou tal passagem do *Rideu leve ou de l'éducation de Laure (O levantar da cortina ou sobre a educação de Laura)*. Mas ser-me-á concedido que, nestes, a subversão provem mais dos discursos filosóficos do que das descrições eróticas. Quanto ao escândalo do padre Girard e da senhorita Cadière, este já havia conhecido as glórias do livro. Consciência de transgredir. Sem nenhuma dúvida, mas sem atribuir a isso uma real importância e sem ter consciência de pôr em perigo a monarquia e a Igreja. Seria um erro confundir os temores da instituição religiosa ou política com as motivações do leitor de livros pornográficos. A pornografia só poderia ser percebida como subversiva por efeito indireto da filosofia que lhe conferia um outro ponto de vista. É pelas Luzes que esta poderia aparecer

---

práticas sexuais, como a sodomia, enquanto relação de prática anal, e o incesto, que caracteriza a relação sexual entre entes familiares. Bataille acredita então que é pela religiosidade cristã que se dá a oposição da transgressão e logo a ideia da manutenção dos interditos postos por tal religiosidade, segundo o próprio: “Mas a verdade da orgia nos chegou através do mundo cristão, em que os valores foram invertidos uma vez mais. A religiosidade primitiva extraiu dos interditos o espírito da transgressão. A tendência a partir da qual um desenvolvimento religioso foi possível nos limites do cristianismo está ligada a essa oposição relativa. [...] Jamais o cristianismo abandonou a esperança de reduzir enfim esse mundo da descontinuidade egoísta ao reino da continuidade, que o amor faz arder. O movimento inicial da transgressão foi assim derivado, no cristianismo, para a visão de uma superação da violência, transformada em seu contrário.” (BATAILLE, 2014, p. 143).

como que encenando os direitos da Natureza maltratados pelas convenções e proibições – mas era lida com tal finalidade? Quando a pornografia invade a política, é um outro procedimento que se instaura. (GOULEMOT, 2000, p. 18-19).

O excerto em questão nos provoca então a reflexão: seria, de fato, o intuito dos livros pornográficos causar a subversão nos sistemas políticos instituídos no século XVIII e na moral religiosa? Jean-Marie Goulemot vai desconsiderar tal possibilidade. Goulemot, ao menos, isso parece evidente, entende que esses livros pornográficos, mesmo se atuaram em condições subversivas, foram restringidas a uma pequena parte da sociedade deste século. Ou seja, esta “subversão” contida nos livros pornográficos não vai se dar de forma generalizada em todos os âmbitos e grupos sociais. Muitas vezes, autores pornográficos, como Réstif de La Bretonne, em *Anti-Justine* têm a intenção de provocar muito mais a excitação sexual no leitor, configurando *uma obra para gozar*, do que instituir um questionamento político ou social nesse leitor. Entretanto, se pensarmos os textos de Sade, em especial *Os 120 dias de Sodoma*, o objeto de pesquisa da presente reflexão, nos vemos obrigados a assumir, naturalmente, uma posição distinta daquela apresentada por Goulemot. Sade, neste romance, por meio de um discurso apelativo e convidativo, vai exprimir críticas contundentes aos poderes dominantes do período e a cultura religiosa cristã. O marquês vai nos dizer que se há algo de subversivo, não serão os libertinos ou suas práticas, mas sim o pensamento religioso<sup>13</sup>.

O libertino sadiano será aquele que combate a instituição religiosa e sua perspectiva doutrinária. O que Sade vai propor e, o que veremos de forma mais profunda nos demais capítulos deste trabalho, é uma organização social apartada da questão religiosa. Se pensarmos pela perspectiva de Norbert Elias, o que Sade vai propor é a descristianização da sociedade francesa do século XVIII. Inclusive a virtude, como uma configuração com base nos preceitos morais caracterizada de interditos, será profundamente condenada em Sade. Superar a virtude, seguir a via viciosa, implementar práticas laicas de sociabilidade seria o caminho ideal para a sociedade sadiana. Diante disso, poderíamos supor hipoteticamente que Sade, em seus textos pornográficos, estimulou sim um pensamento subversivo posto pelas discussões filosóficas baseadas nos preceitos da *Natureza*<sup>14</sup>. O que ele almejava era uma sociedade livre dos preconceitos e interditos religiosos. Sade adverte, através de um torpe regulamento, aos indivíduos presentes no castelo de Silling para a organização dos 120 dias de crime e orgias

---

13 Compreenderemos melhor essa colocação ao decorrer do capítulo primeiro, sobretudo quando chegarmos à discussão acerca dos materialistas.

14 Filosofia esta que abordaremos nos tópicos seguintes deste capítulo.

infindáveis de que o menor ato religioso realizado em algum desses dias renderia a punição máxima, de morte:

O menor ato de religião por parte de um dos sujeitos, qualquer que seja, será punido de morte. Prescreve-se expressamente que os amigos não recorram, em todas as assembleias, senão às falas mais lascivas e mais devassas e às expressões mais sujas, mais fortes e mais blasfematórias. O nome de Deus nunca será pronunciado a não ser acompanhado por invectivas ou imprecações, o que se repetirá com a maior frequência possível. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 58).

Sade é insistentemente enfático: o nome de Deus só será falado em Silling num sentido execrável. Não há como negar o óbvio: Deus em Sade é uma criação imbecil que a Instituição religiosa impôs sobre os cidadãos franceses. Portanto, é natural que só poderia mencionar o nome do mesmo para satirizá-Lo. No século XIX, quando Nietzsche traz a reflexão de que “Deus está morto” não o faz de forma pioneira. Sade, já no século XVIII, antecipa tal perspectiva, já que o ataque a Deus e aos preceitos religiosos é o combate também à ideologia e aos valores dominantes impostos pela religiosidade cristã à sociedade francesa. São essas imposições normativas que Sade questiona e desconstrói ao longo de sua bibliografia.

Como já demos a entender, a sociedade sadiana teria sido influenciada pelos preceitos normativos da Igreja Católica e da doutrina cristã e o marquês considerará ignóbil tais homens ou sociedades, que se submetiam a tais ideologias e normas. Sade vai dar ênfase aos interditos sexuais impostos pela moral cristã, como, por exemplo, pecar contra a castidade. Logo, em Sade toda prática sexual é permitida. O catolicismo no século XVIII francês interdita essa liberdade sexual. O sexo deveria ali acontecer apenas para fins de procriação, não para e pelo prazer.

A pornografia francesa do século XVIII parecia ser altamente subversiva, pelo menos em teoria, por trazer discursos contestadores às ideologias e às instituições dominantes, como a Igreja e ao Estado Absolutista. Houve, por parte desses textos, uma crítica profunda ao alto clero, e até mesmo uma ridicularização da atuação dessas lideranças religiosas. Fato é que a pornografia e a literatura pornográfica introduzem, seja pelo discurso filosófico, sejam pelas práticas sexuais enunciadas, um elemento de transgressão mesmo que apenas teórico e ideológico. Essas impressões literárias e filosóficas circularão por todo o século XVIII, minando aos poucos o monopólio ideológico e os interditos cristãos dessa sociedade. A liberdade, o racional, a liberação sexual e a laicização circularam pelo imaginário cultural do século

XVIII, para se propagarem e se enfatizarem em movimentos libertários nos séculos seguintes.

Visto desse modo, nos *dez mandamentos* das Leis de Deus perpetuados pela doutrina católica está presente a crença de que o indivíduo deve honrar pai e mãe. Em Sade isso não acontece, o homem não tem nenhuma responsabilidade de respeito para com seu pai ou sua mãe. A natureza não dota aos homens esse tipo de comprometimento, a sociedade o faz. Vejamos, a seguir, como as narrativas do marquês ridicularizam e satirizam mesmo a ideia de família.

## 1.2 A IDEIA DE FAMÍLIA EM SADE

*“Meu Deus, agradeço-vos por ter me proporcionado uma filha tão perfeita, cuja coninha saracoteante acaba de me dar uma idéia das delícias que vós mesmos sentis fodendo vossa filha Natureza!”*

*Réstif de La Bretonne, 2005.*

Na literatura sadiana encontramos situações nas quais filhos assassinam pais, ou/e mães. Esposos assassinam suas esposas, e vice-versa. As relações de parentesco familiar e sanguíneo são desconsideradas. O incesto é praticado sem qualquer receio por parte dos personagens libertinos de Sade. Estas relações contrastam à realidade familiar que se tinha no imaginário cristão da sociedade francesa do século XVIII.

Para compreendermos essas distinções iremos desenvolver, neste tópico, uma contextualização do conceito de família, pensando-o no século XVIII, para assim, analisarmos a desconstrução de tais formatos nos textos de Sade. Será necessário fazermos um recorte social, já que a família, a qual analisaremos é a da aristocracia francesa. Não pensaremos a família do campo, ou de caráter popular. Todos os personagens de Sade, sobretudo, os libertinos, pertencem a uma nobreza aristocrática, afinal: “O gozo depende, pois, da riqueza e intensidade do imaginário do homem.” (GIANNATTASIO, 2000, p. 168).

A dissertação de Débora Cristina Alves intitulada *Alianças familiares: característica de uma elite de Antigo Regime* (2013) nos traz um conceito importante, a partir do autor Jean Louis Flandrin. A Citaremos *in extenso*: “[...] em sentido lato como afirma Flandrin, a família podia ser definida como ‘o conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento ou

pela filiação ou ainda a sucessão de indivíduos que descendem uns dos outros.” (FLANDRIN *Apud* ALVES, 2013, p. 40). Ou seja, quando Sade se casa com Renée de Montreuil integra-se à família dos Montreuil. Torna-se esposo, genro e cunhado. Aqui, as relações familiares são dadas por filiação matrimonial. Ademais, temos também a constituição familiar de descendência, ligada à consanguinidade; há igualmente a concepção familiar de agregados, que não se dá pela filiação matrimonial, nem por descendência:

Pode-se afirmar, contudo, que família não seria formada necessariamente por indivíduos ligados consanguineamente, também se compunha por indivíduos ligados por laços de parentesco e/ou agregados que dividiam o mesmo domicílio. O arranjo conjugal com criados predominou tanto na Europa como no Brasil, todavia, poderia ser composta de diferentes formas, como famílias nucleares, lares simples, família alargadas, lares formados por irmão e irmãs e conjunto de pessoas da casa, como define Flandrin. (ALVES, 2013, p. 40-41).

A constituição da família teve um peso para a sociedade do Antigo Regime, em específico à “sociedade da corte”<sup>15</sup>. As percepções monetárias dessas famílias incorporavam poder e influência social e, até mesmo política, como se observa nas palavras de Alves (2013, p. 47): “António Manuel Hespanha [...] relatou a relevância da família na constituição do eixo moral e no estatuto institucional do Antigo Regime”.

Roland Barthes, por outro lado, em *Sade, Fourier, Loyola* apresenta uma relação conceitual e de análise considerável entre o conceito de família e a percepção do mesmo na literatura sadiana. Vejamos pelo seguinte excerto:

A família se define em dois níveis: o seu “conteúdo” (laços afetivos, sociais, reconhecimento, respeito etc), de que zomba o libertino, e a sua “forma”, a rede dos laços nominativos, e por isso mesmo combinatórios, com que o libertino joga, que ele reconhece para melhor falseá-las, e sobre as quais ele faz apoiar-se operações sintáticas; é neste segundo nível que, para Sade, se cumpre a transgressão original, aquela que suscita o inebriamento de uma invenção contínua, o júbilo de surpresas incessantes: “Conta que conheceu um homem que fodeu três filhos que tivera de sua mãe, dentre os quais havia uma moça que ele fizera casar-se com o seu filho, de modo que, ao fodê-la, fodia a irmã, a filha e a nora, o obrigava o filho a foder a irmã e a sogra”. A transgressão mostra-se assim como uma surpresa de nomeação: colocar que o filho será a esposa ou o marido (conforme o pai, Noirceuil, sodomiza a sua progênie ou é por ela sodomizado) suscita em Sade esse mesmo deslumbramento.

---

15 Termo empregado por Gabriel Giannattasio em *Sade: um anjo negro da modernidade (2000)* para referir-se a sociedade aristocrática ou nobre do Antigo Regime, pensando o contexto político e social do século XVIII de Sade.

mento que se apossa do narrador proustiano quando descobre que o lado de Guermantes e o lado da casa de Swan se juntam; o incesto, como o tempo reencontrado, não passa de uma surpresa de vocabulário. (BARTHES, 1990, p. 128-129).

Interessa-nos, nesta ocasião, a passagem do excerto em que Barthes que diz a respeito da constituição de família, que podem ser pelos laços afetivos, ou pelas convenções sociais de matrimônio, ou pela constituição sanguínea. Todos esses preceitos são tidos pelo libertino sadiano de forma crítica e de deboche, e desconsideradas. Para o libertino de Sade o indivíduo só deve estabelecer respeito para com as Leis da Natureza, então essas atribuições morais constituídas culturalmente para constituição familiar são descaracterizadas em Sade. Com isso, percebemos na literatura do marquês a naturalização do crime familiar. Em *A Filosofia da Alcova* (2008) em um dos diálogos entre Dolmancé<sup>16</sup> e Eugénie, a iniciada na libertinagem ao longo do romance, é feita uma descrição teórica acerca da possibilidade de crime contra a Senhora de Mistival, mãe de Eugénie. Tal crime é permitido em Sade, uma vez que a natureza necessita tanto da destruição e da morte quanto da criação:

EUGÉNIE – Querida, tenho no coração a prova de que me dizes, pois amo meu pai loucamente e sinto que detesto minha mãe.

DOLMANCÉ – Esta predileção não me espanta; penso da mesma forma. Ainda não me consolei da morte de meu pai, e quando perdi minha mãe soltei até rojão!... Detestava-a cordialmente. Adotai sem medo os mesmos sentimentos, Eugénie; eles se encontram na natureza. Formados unicamente do sangue de nossos pais, não devemos absolutamente nada a nossas mães. Aliás, elas só se prestaram ao ato, enquanto nossos pais o solicitaram. Logo, o pai queria que nascêssemos, enquanto a mãe não fez mais do que consentir. Que diferença de sentimentos!

SAINT-ANGE – Há mil outras razões a teu favor, Eugénie. Se existe mãe no mundo que deva ser odiada, é seguramente a tua! Impertinente, supersticiosa, beata, rabugenta... e de uma hipocrisia revoltante; aposto que essa falsa carola jamais deu um passo em falso na vida... Ah, minha cara, como detesto as mulheres virtuosas!... Mas deixemos esse assunto para depois. (SADE, *A filosofia na Alcova*, 2008, p. 35-36).

Por esta passagem, e tantas outras que a fazem coro nos textos do marquês, podemos concluir como há em Sade um horror, uma radical aversão à figura familiar materna. Há, em uma palavra, um ódio direto à mãe. Dolmancé demonstra isso ao quase comemorar a morte de sua mãe, ao contrário do que sentiu com o falecimento de seu pai, aonde há certa lamen-

---

16 Personagem libertino do romance, o qual detém o poder de discurso e de orientação das orgias sexuais. O mesmo, com a ajuda de outros personagens libertinos, seguindo a teoria e a prática, faz a iniciação de Eugénie na libertinagem. *A filosofia na alcova* (2008) revela-se como uma obra de pedagogia de libertinagem.

tação. Para Saint-Ange, a figura materna já é odiosa por si só, mas sendo esta virtuosa, ou seja, não se rendendo ao caminho dos vícios e da volúpia, torna-se ainda mais odiosa. Essa mãe virtuosa é digna da morte e aversão em Sade. Eliane Robert Moraes em *Sade, a felicidade libertina* já nos teria indicado essa percepção. Isso é posto de forma muito clara em *A Filosofia na Alcova*, quando Eugénie, a própria filha, auxilia no assassinato de sua mãe, a senhora de Mistival:

Fechada em seu *boudoir*, Mme. de Saint-Ange também propõe um retorno à natureza formulando críticas radicais às mulheres da sociedade. Mas seus alvos são àquelas que se associam em torno das sociedades filantrópicas e maternais: “não há nada mais ridículo e ao mesmo tempo mais perigoso do que todas essas associações: é a elas, às escolas gratuitas e às casas de caridade que nós devemos a horrível desordem em que hoje nos encontramos”. O assassinato da virtuosa Mme. de Mistival, mãe de Eugénie, expressa as dimensões dessa recusa: no *boudoir*, ela será sodomizada, flagelada e penetrada por um criado que a contamina com um vírus venenoso, numa orgia que culmina na cena de sua filha costurando seus genitais para garantir a morte lenta, indispensável aos prazeres da libertinagem que a jovem discípula rapidamente assimila. (MORAES, 1994, p. 183).

Pela fala de Moraes, percebemos que não há só uma recusa à figura da mãe, mas há também uma vontade de morte, de tortura para com a mesma. Provocar esse sofrimento na vítima, no caso, na figura materna, provocará o mais extenso gozo nos libertinos de Sade. Para se chegar ao prazer sadiano, é indispensável o sofrimento lento da vítima, *provocar a dor no outro é gozar mil vezes*. Vejamos a reação de Eugénie ao ver sua mãe quase morta, sofrendo, sentindo dor, sendo humilhada e flagelada de todas as formas possíveis:

EUGÉNIE, *exaltada*. – Sem insultos cavaleiro, ou vou picar-vos! Contentai-vos com me afagar como é preciso. Ah, peço-vos não esquecer o cu, meu anjo! Será que só tendes uma mão? Ah, já não vejo mais nada, os pontos vão ficar atravessados... Vede até onde minha agulha se extravai... nas coxas, nas tetas... Ah, porra! Que prazer!...

MISTIVAL – Tu me dilaceras, criminoso!... Que vergonha ter te dado à luz!

EUGÉNIE – Enfim, a paz, mãezinha, já terminei.

DOLMANCÉ, *abandonando tesudo as mãos de Saint-Ange* – Eugénie, cede-me o cu, esta parte é minha.

SAINT-ANGE – Estás com muito tesão, Dolmancé vais martirizá-la.

DOLMANCÉ – E daí? Não temos permissão por escrito? (*deita-a de bruços, pega uma agulha e cose o olho do cu.*)

MISTIVAL, *gritando como o diabo*. – Ai! Ai! Ai!...

DOLMANCÉ, *fincando a agulha mais fundo na carne*. – Cala-te puta! Ou farei tua bunda virar marmelada!... Eugénie, masturba-me!...

EUGÉNIE – Sim, contanto que a piqueis mais forte, pois acho que assim a estais poupando. (*Masturba-o.*)

SAINT-ANGE – Trabalhai um pouco nessas grossas nádegas!  
DOLMANCÉ – Paciência, já vou cortá-la como um pedaço de alcatra. Mas esqueceste a lição, Eugénie, estás recobrindo meu pau!  
EUGÉNIE – É que as dores desta vaca inflamam minha imaginação a ponto de eu não saber mais o que faço. (SADE, *A filosofia na Alcova*, 2008, p. 196).

Atentemos para estas passagens do texto de Sade, todos os personagens libertinos, Dolmancé, Saint-Ange e a iniciante na libertinagem, Eugénie ficaram amplamente extasiados com as flagelações provocadas à senhora de Mistival, a figura materna do romance. Eugénie refere-se a sua mãe de forma animalesca, “vaca” e ela própria, costura sua mãe em determinados momentos. O sentimento da senhora de Mistival, enquanto mãe de Eugénie é de profundo desgosto e decepção. Todas estas questões só fazem pensarmos dois pontos cruciais: o gozo do libertino com a desgraça, com amor, com a tortura e com a flagelação provocada à vítima; segundo nossas percepções, o ódio à figura materna, caracterizaria a fragilidade dos laços familiares em Sade.

*A Filosofia na Alcova* não é a única obra do marquês em que aparecem passagens de aversão à figura materna, mas é certamente um dos romances clássicos a tratar dessa temática de forma tão enfática. Por boa parte do enredo de *A Filosofia na Alcova*, teremos discursos de Dolmancé ou Saint Angé enquanto libertinos, disseminando o ódio e a aversão a figura materna. Contudo, em *Os 120 dias de Sodoma* vamos identificar situação semelhante, aversão a figura da mãe. A passagem se dá na narração de Duclos, correspondente a primeira parte do romance, aquela das cento e cinquenta paixões simples:

Quanto à minha mãe, longe de estar zangada com sua sorte, qualquer que seja, afirmo que dela me alegro e quero mais que essa puta esteja tão distante que eu nunca a reveja enquanto viver. Sei o quanto me atrapalhou no meu ofício, e me lembro de todos os lindos conselhos que a sacana me dava, enquanto fazia três vezes pior. Minha amiga, o diabo que a carregue e, sobretudo, não a traga de volta! É tudo que lhe desejo. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 87-88).

Nesta passagem, a narradora Duclos narra seu ódio pela mãe. A chama de sacana e que seus conselhos não serviam para bons fins, e que a mesma se contradizia em discurso e prática. Para os libertinos de Sade esse ódio materno se explica pela inclinação dos sentimentos que a natureza atribui ao indivíduo. A natureza imputa vícios e virtudes nos indivíduos, seguindo a lógica sadiana. Assim, sentir ódio e aversão pela mãe é totalmente compreensível, como até necessário o assassinato da mesma se assim o libertino o desejar. Sade viveu um

contexto em que a política, a economia, as artes e a cultura eram lideradas por homens. Ter essa visão de ataque ao feminino poderia ser reflexo do imaginário cultural de seu contexto, um período de homens no poder. Condenar a mãe em Sade seja talvez a ideia de condenação ao gênero feminino. Na lógica sadiana, é sempre recorrente uma organização social liderada por homens, que é o caso de *Os 120 dias de Sodoma*. As 4 lideranças deste romance são do gênero masculino, detém todas as normas de atuação filosófica e prática da organização social em Silling. O ódio à mãe, talvez seja, segundo supomos, reflexo da marginalização da figura feminina diante de uma sociedade francesa de liderança masculina a qual Sade faz parte. A Natureza, já o dissemos, em Sade, necessita da destruição, da morte. O libertino apenas acelera esse processo ao cometer homicídios.

Mas essa aversão a figura materna é apenas um dos pontos em que Sade contrastava com seu contexto, diante da configuração de família. E é importante destacarmos como que em Sade não há sentimento de culpa, à medida que todo o tipo de crime e perversão é permitido, baseando-se nos princípios da Natureza<sup>17</sup>:

[...] traço característico da consciência libertina: o orgulho de sua condição, o menosprezo de seu semelhante, enfim o ódio, mesclado de temor, em face *'desta vil canalha que se chama povo'*, tudo o que compõe essa atitude arrogante vai de par com práticas de deboche humilhantes, as mais completas para chocar a moral popular: *"Só cabeças organizadas como as nossas sabem o que a humilhação de certos atos de libertinagem serve de pretexto ao orgulho."* Realmente, o que a mentalidade popular, ou antes, burguesa, não poderia admitir nem compreender, é que aqueles que ela considerava como guardiães da ordem social pudessem, por sua degradação voluntária, repor em questão a ordem social, e daí transtornar todos os valores sociais. Mas nessa humilhação –ainda que seja apenas uma fictícia no libertino sádico – se manifesta igualmente uma necessidade de rebaixamento voluntário e, nessa necessidade, o sentimento do direito que confere a ideia de seu próprio indivíduo, direito experimental que seria perigoso outorgar ao comum dos mortais. Ora, é o exercício desse direito às experiências interditas que, nascido da consciência libertina, formará um dos componentes fundamentais da consciência sadiana. (KLOSSOWSKI, 1985, p. 91).

Klossowski coloca, aqui, uma observação importante, qual seja: muitas vezes, a sociedade da corte poderia não querer admitir o fato de as aristocratas, burocratas ou nobres, pertencerem ao movimento de subversão da ordem social estabelecida na sociedade francesa do século XVIII. O marquês de Sade é um grande exemplo disso e, como supomos, ultrapassar o interdito, engloba duas formas: “uma ou o interdito atua, e desde então a experiência não

---

17 Faremos uma análise mais densa em tais princípios no capítulo 3 deste trabalho.

tem lugar, ou só tem furtivamente, permanecendo fora do campo da consciência; ou ele não atua: dos dois, é o caso mais desfavorável.” (BATAILLE, 2014, p. 60); ou seja, para o caso desta discussão, o interdito da moral familiar, ultrapassar esses limites é indispensável para o gozo e para a consciência sadianos.

A aversão da figura da mãe é então um dos interditos pensados em Sade, diante do contexto em que viveu, e diante da concepção de família apresentada pela França no século XVIII. Outro interdito encontrado, em quase todos os textos do marquês, é o incesto “[...] que interdiz a união física entre parentes próximos.” (BATAILLE, 2014, p.76), o qual comporá a subversão à configuração moral e estrutural da família da sociedade de corte.

O incesto ligado ao aspecto de organização social familiar se apresenta como interdito, negado. Caracteriza-se pela relação sexual entre parentes consanguíneos, ou até mesmo de composição familiar agregada, já que a Lei e a moral cristã proibem. Georges Bataille, em *O erotismo*, defende a ideia que, desde sempre, houve essa limitação às questões do sexo para/com várias sociedades. Isso será potencialmente reforçado com as sociedades de religiosidade cristã, uma vez que houve interditos as inúmeras configurações sexuais, inclusive ao incesto:

Somos, portanto, levados a pensar que, desde a origem, a liberdade sexual deve ter tido que receber um limite a que devemos dar o nome de interdito, sem nada poder dizer dos casos a que se aplicava. Quando muito, podemos crer que, inicialmente, o tempo do trabalho determinou esse limite. A única verdadeira razão que temos para admitir a existência muito antiga de tal interdito é o fato de que em todos os tempos, e em todos os lugares, de que temos conhecimento, o homem se define por uma conduta sexual submetida a regras, a restrições definidas: o homem é um animal que permanece “interdito” diante da morte, e diante da união sexual. Ele pode ficar “mais ou menos” interdito, mas em ambos os casos sua reação difere da dos outros animais. (BATAILLE, 2014, p. 74).

Na verdade, se pensarmos a ideia batailliana, encontraremos um outro interdito que é transgredido em Sade, que é a ideia da morte e do assassinato<sup>18</sup>. A morte em Sade é função necessária para equilíbrio e ordenamento na Natureza. Foucault, em *A história da sexualidade: a vontade de saber*, também nos traz consideração semelhante a respeito do interdito com as coisas do sexo em diversos contextos, e que muitas vezes esses interditos são usados como técnicas de poder por determinados grupos e movimentos. Segundo o Filósofo francês:

---

18 Não nos aprofundaremos aqui na ideia da morte e do assassinato por ser uma das discussões centrais para o capítulo 3, diante da prática de destruição tão realizada e defendida por Sade em *Os 120 dias de Sodoma*.

É necessário deixar bem claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não são, sem dúvida, somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso. (FOUCAULT, 2015, p. 17).

No entanto, Foucault acredita que a partir do século XVI as questões que envolviam o sexo foram sendo mais abordadas: “a colocação do sexo em discurso, em vez de sofrer um processo de restrição, foi ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação.” (FOUCAULT, 2015, p. 18). Isso inclusive acontecerá por meio dos mecanismos das ideias, por meio da literatura e de textos filosóficos. Leituras que colocariam os leitores para lidarem com questões do sexo, mesmo que de forma intelectual e ficcional. O século XVIII francês será característico dessas obras de temas libertinos e sexuais. Jean-Marie Goulemot nos traz uma passagem pertinente de Rousseau em *Les Confessions, Livre I*: “[...] a afirmação de Rousseau segundo a qual existem livros que só podem ser lidos com uma das mãos.” (GOULEMOT, 2000, p.12).

Para darmos continuidade à discussão acerca do incesto, proporemos discutir questões sobre a prática do matrimônio diante da ideia de família que já compreendemos para o século XVIII. Depois veremos como a prática do incesto é naturalizada em dois autores libertinos desse período, em Sade e em Réstif de *La Bretonne*.

O que seria então o casamento? E como se daria nele as relações sexuais, seriam altamente permissivas? Apresentamos, quanto a isso, duas questões essenciais para a união matrimonial. Para tanto, faremos uso das percepções de Bataille, que afirma: “o casamento é, antes de mais nada, a moldura da sexualidade lícita. ‘O ato da carne não consumarás – a não ser no casamento.’” (BATAILLE, 2014, p. 133). Se seguirmos a concepção batailliana a respeito do matrimônio poderíamos considerar que casamento e sexo estariam relacionados à legalidade. Mas este sexo é livre? Este sexo condiz com prazer?

[...] o ato sexual inicial, que constitui o casamento, é uma violação sancionada. Os parentes próximos, se tinham sobre suas irmãs, ou suas filhas, um direito exclusivo de posse, dispuseram talvez desse direito em favor de estran-

geiros que, vindos de fora, tinham um poder de irregularidade que os qualificavam para a transgressão que era, no casamento, o primeiro ato sexual. [...] O ato sexual sempre teve um valor de ultraje no casamento, fora do casamento. (BATAILLE, 2014, p. 134).

O direito de posse era transferido dos pais aos esposos. A instituição matrimonial ainda limitava as relações sexuais, sobretudo às mulheres, como esposas. A ideia que se tinha do sexo, pelo imaginário do período baseado em uma moral cristã, fundamentava-se na procriação: não pelo gozo, mas pela descendência. De acordo com Foucault (1984, p. 185):

A definição daquilo que era permitido, proibido e imposto aos esposos pela instituição do casamento, em matéria de prática sexual, era bastante simples e bastante claramente dissimétrica para que um suplemento de regulação moral não parecesse necessário. Por um lado, as mulheres, enquanto esposas, são de fato circunscritas por seu *status* jurídico e social; toda a sua atividade sexual deve se situar no interior da relação conjugal e seu marido deve ser o parceiro exclusivo. Elas se encontram sob o seu poder; é a ele que devem dar filhos que serão seus herdeiros e cidadãos.

Mas não podemos desconsiderar que a relação matrimonial não se fazia apenas por procriação. Todavia, muitas vezes, tais uniões eram realizadas por interesses econômicos e sociais, pois, de acordo com Foucault, “[...] o casamento só tinha interesse e razão de ser na medida em que, mesmo sendo um ato privado, ele continha efeitos de direito ou pelo menos de *status*: transmissão do nome, constituição de herdeiros, organização de um sistema de alianças, junção de fortunas.” (1985, p. 81).

Por tudo apresentado até aqui, chegamos a seguinte conclusão: havia todo um interdito entre as relações do sexo e prazer em relação à instituição matrimonial no século XVI-II. Assim, Sade transgride o casamento no que se refere *ao prazer, ao crime e ao incesto*. Como sabemos, Sade não se opunha a prática do incesto, à medida que, em boa parte dos romances, novelas, contos e demais textos, a prática tornava-se recorrente. Um destes exemplos pode ser vislumbrado em *Os 120 dias de Sodoma*:

“Vamos, prossiga, Duclos”, disse logo que acabou, “prossiga minha cara amiga, e não deixe o Presidente esporrar, pois o estou ouvindo incestar sua filha: o engraçadinho se infundindo idéias ruins na cabeça; seus pais o confiaram a mim, e devo ficar de olho na sua conduta, não quero que ele se perverta”. “Ah!, já está tarde” disse Curval, “não está mais em tempo, estou esporrando! Ah, duplo Deus, que bela morta!” E enquanto enconava<sup>19</sup>Adeláide,

---

<sup>19</sup> Enconar é o mesmo que fazer referência a prática sexual de penetração entre o pênis e a vagina. Autores libertinos como Sade e Restif de La Bretonne comumente usavam o termo cona para designar a vagina.

o celerado figurava-se, como o Duque, que fodia sua filha assassinada: que incrível desvario da mente do libertino este de ele nada poder escutar, nada poder ver, sem logo querer imitá-lo! (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 278).

A prática sexual e, até mesmo de flagelação entre o pai e a filha, provoca excitação e gozo no libertino sadiano. Essas práticas aparecem a partir dos preceitos da Natureza, que defendem a ideia de nenhum impedimento ao libertino. Todo vício e toda espécie de destruição é necessária à Natureza. Assim, o libertino seria apenas um dispositivo de função dessa prática de destruição. O aniquilamento, a demolição da vida, e até mesmo das relações parentais são possíveis e necessárias pela filosofia da natureza em Sade.

Na novela trágica *Eugénie de Franval*, também de Sade, temos um de seus maiores textos permissivos sobre o incesto. Tudo isso seria possível pela libertinagem, já que, de acordo com Moraes (1992, p. 50), “força libertadora a emancipar o indivíduo das indesejáveis dependências, fazendo-o recuperar o estado original de egoísmo e isolamento de que foi dotado pela Natureza”. Ou seja, se considerarmos filosofia da natureza sadiana, o indivíduo, mais precisamente o libertino, tem a concessão de qualquer ato sexual, se assim o desejar. Tudo é permitido ao homem, todo tipo de vício, ou todo tipo de virtude, ambos são necessários à Natureza. Como propõe Moraes (1992, p. 54), “aos romancistas libertinos do século XVIII cabe o mérito de reunir a libertinagem erudita e o deboche de conduta, ao marquês cabe uma glória, ainda maior: a de deduzir essa síntese [...], sobretudo de propor, seu próprio sistema filosófico.”.

Em *Eugénie de Franval* Sade cria a seguinte relação: o pai seduz a filha, e vice e versa, e a mesma abomina a figura materna. Aqui, temos, uma vez mais, dois interditos tantas vezes pensados por Sade: o horror à mãe e a relação incestuosa entre pai e filha. Nesta novela o marquês não vai somente consubstanciar sexo e flagelações, mas também explorar a paixão entre Franval e Eugénie. Quanto à mãe de Eugénie, segue na composição do texto, sendo a vítima virtuosa. Encontramos, assim, o seguinte cenário:

Meu amigo, meu irmão – dizia por vezes Eugénie a Franval, que não queria que a filha usasse outras expressões com ele. – Essa mulher a quem chamas tua, que conforme dizes me pôs no mundo, é na verdade bem exigente, pois querendo-te sempre junto dela priva-me da felicidade de passar a minha vida contigo... Vejo que a preferes à tua Eugénie e nunca poderei amar quem me rouba teu coração.

Querida amiga – respondia Franval. – Ninguém no mundo logrará usurpar os teus direitos; os laços que existem entre essa mulher e o teu melhor amigo,

frutos do hábito e das convenções sociais, filosoficamente encarados por mim, jamais contrabalançarão os que nos ligam... Tu serás sempre a preferida Eugénie; serás o anjo e a luz dos meus dias, o lar da minha alma e o objetivo da minha existência.

– Oh! Como são doces essas palavras! – respondia Eugénie. – Repete-as sempre, meu amigo... Se soubesse quanto me são gratas as expressões da tua ternura!

E pegando a mão de Franval que levava ao coração, acrescentava:

– Elas refletem-se todas aqui!

– Tuas carícias assim o provam – respondia Franval apertando-a nos braços.

E o pérfido ia assim completando, sem nenhum remorso, a sedução daquela infeliz. (SADE<sup>20</sup>, 1992, p. 76-77).

Nota-se no excerto o incômodo de Eugénie em chamar seu amante de pai. Assim, invocava-o por amigo ou irmão<sup>21</sup>. Franval debocha da relação institucional com a esposa: “são frutos das convenções sociais”. Logo, Sade nos mostra um reflexo da mentalidade francesa do século XVIII em que designava certa importância social à prática do casamento.

Diferente dos outros textos de Sade, nessa novela, o libertino Franval tem um discurso sentimental para com sua filha. Interroga-a se a mesma ama algum outro homem. Diz apoiar tal relação se essa vontade existir. Mas o que Franval realmente queria, era ser o escolhido, fato que se desenvolveu. Eugénie o adora. E assim, consumam a relação incestuosa de amor. Por fim, chegamos à conclusão que em *Eugénie de Franval* o incesto é de caráter sexual e sentimental, os amantes parecem apaixonados. E, ao final, desta novela, Sade deixa uma lição ao leitor acerca dos infortúnios que a virtude pode causar: “[...] que essa que só amou, respeitou e cultivou as virtudes da terra, para delas extrair a cada passo o infortúnio e o sofrimento?” (SADE, 1992, p. 148).

Outra obra libertina clássica do século XVIII francês foi *Anti-Justine* de Restif de La Bretonne. Seu texto, assim como a novela *Eugénie de Franval* de Sade, tem um caráter permissivo ao incesto. La Bretonne, quando redigiu este texto, quis dizer que o mesmo era feito para excitar, diferentemente do romance *Justine, e os infortúnios da virtude* de Sade. Em seu prefácio afirma ser aquele “Um mau livro com boas intenções.” (LA BRETONNE, 2005, p. 17). La Bretonne considera os textos do marquês grosseiros e violentos, e fato é que ambos autores não se suportavam.

Mas o ponto em questão é a semelhança – no que concerne ao interesse fulcral – com que ambos os literatos trataram, embora por vezes de maneira distintas, a permissividade

20 A novela trágica de Sade *Eugénie de Franval* está como apêndice do texto de Eliane Robert Moraes, *Marquês de Sade, um libertino no salão dos filósofos* de 1992.

21 Pensando o termo *irmão*, também configuraria incesto, sendo uma prática sexual entre irmãos.

do incesto em seus romances libertinos. Sergio Paulo Rouanet (1988, p. 47), por sua vez, nos parece endossar hipótese semelhante:

[...] Rétif é dominado pelo fantasma da paternidade e, se defende o incesto, é em parte porque ele permite a cada família produzir um número ilimitado de filhos. Nisso ele se distingue do aristocrata Sade, que representa o consumo, e não a produção, que defende o incesto na perspectiva do consumidor – fonte de gozo, e não de filhos – e que de resto advoga a sodomia porque ela constitui um freio para a natalidade.

Os dois autores convergiam nesta ideia defendendo a permissividade das relações incestuosas, mas cada um tendo um intuito diferente. O incesto para Sade como prática sexual e de prazer, e para desconsiderar as relações morais e de família, como já apresentamos. O incesto para Rétif como forma de aumentar a procriação. Isso é presente em *Anti-Justine*. Um romance feito para gozar, já dizia o próprio Rétif. Há, nesse romance, diferente de Sade, a ausência de teses filosóficas para justificar o sentido da liberdade e a prática do incesto. Sade justifica todos os crimes feitos por seus libertinos pelo seu sistema filosófico baseado nas Leis da Natureza. Em *Anti-Justine* o tema central é então o incesto, o sexo e o gozo. Vejamos por alguns excertos como o tema do incesto aparece em *Anti-Justine*. O romance possui inúmeros personagens e, quase todos praticaram o incesto. Aqui, o ápice do prazer/gozo se dá pela relação incestuosa:

Voltei para minha cama, encantado por ter minha filha descarregado. Essa emissão fez-me esperar que, depois de despertar seu temperamento, logo eu poderia fodê-la, torná-la minha amante e ser o mais feliz dos homens. Que ilusão! E quantas varas tentariam martirizar a divina coninha antes da minha! Lamentavelmente, esta teve de enfrentar uma enorme profusão de infelicidades... De qualquer modo, foi minha verdadeira inclinação, a mais constante, a mais voluptuosa, essa menina adorável cuja única rival foi sua irmã. Não (digo por experiência), não existe no mundo prazer comparável ao de mergulhar a vara tesa até o fundo da cona acetinada de uma filha querida, principalmente quando, mexendo o traseiro com coragem, ela descarrega copiosamente! Feliz! Feliz daquele que põe chifres e faz com quem ponham chifres num genro igualmente detestado por ambos! (LA BRETONNE, 2005, p. 36-37).

O pai se excitava por estar tendo relações sexuais com a filha, e por estar pondo “chifres”, expressão utilizada para caracterizar a relação de traição/traído em seu genro, que parecia ser totalmente odiado. Há em uma passagem uma crítica, digamos a realidade contextual em que a obra foi criada com base na ideia da prática de casamentos como alianças de in-

teresses sociais e de conveniências diversas, econômicas, políticas. Quando Réstif diz pela fala de um personagem: “se fôsseis mais rico, renunciaria ao casamento e poderia me dedicar a vossos prazeres. Mas preciso de um marido para deixar de ser um estorvo para vós.” (LA BRETONNE, 2005, p. 40). Ou seja, a personagem Conchette-Ingênua se preocupa em arranjar um matrimônio para se ver realizada em questões financeiras e sociais.

A sociedade francesa do século XVIII, em especial a da corte, utilizou da instituição do matrimônio para obtenção de êxito social e econômico, como nos denota (ELIAS, 2001, p. 83): “todos os participantes estão envolvidos numa batalha ou competição por status e prestígio”.

Passemos agora para a discussão a respeito da relação de influência de Sade com os autores materialistas do século XVIII, enfatizando como se dá o diálogo do marquês com a filosofia da natureza defendida por esses pensadores.

### **1.3 OS HOMENS COMO EXPRESSÃO DA NATUREZA: SADE E A INFLUÊNCIA MATERIALISTA**

*“Todos os corpos agem segundo leis inerentes à sua própria essência, sem poderem afastar-se um único instante daquelas segundo as quais a própria natureza age: força central à qual todas as forças, todas as essências, todas as energias estão submetidas, ela regula os movimentos de todos os seres.”*

*Barão de Holbach, 2010.*

Marquês de Sade foi um autor literário do século XVIII francês, com uma bibliografia de ênfase em textos pornográficos e filosóficos. Recluso em seu século, silenciado por boa parte do século XIX, ressurgiu na cena literária ao final do século XIX e XX. Os surrealistas<sup>22</sup>, um movimento artístico e literário do século XX, serão um grupo importante para trazerem à bibliografia de Sade ao ambiente literário contemporâneo.

Ao pensarmos então o contexto francês do século XVIII, uma época constituída por agitações políticas, sociais e culturais, grupos de intelectuais integravam-se aos movimen-

---

<sup>22</sup> Para quem se interessar em um aprofundamento sobre a relação dos surrealistas com Sade, sugerimos a leitura da obra *O corpo impossível* de Eliane Robert Moraes, publicada pela Iluminuras em 2012. Nesta análise, Moraes expõe a relação de Sade e dos surrealistas com a ideia de um corpo decapitado, desconfigurado e fragmentado ao fim do século XIX e à época da Segunda Guerra Mundial.

tos revolucionários, como, por exemplo, a Revolução Francesa (1789-1799). Torna-se, portanto, necessário analisarmos com quem Sade dialogava e quais seriam os pensadores e intelectuais que teriam corroborado à criação da filosofia libertina e destrutiva?

Se lermos qualquer romance de Sade, logo perceberemos sua tese central, qual seja: *os personagens se deixam conduzir pelos móveis da natureza*. Tal perspectiva pode ser apreciada em *A filosofia na alcova*, em especial na fala de Dolmancé à Eugénie. Nela, o libertino principal inicia Eugénie na libertinagem. Citamos *in extenso*:

Não vamos analisar a crueldade nos prazeres lúbricos entre os homens, mas conhecereis um pouco, Eugénie, os diferentes excessos a que podem chegar, e vossa ardente imaginação vos fará facilmente compreender que, numa alma firme e estóica, os excessos não devem ter limites. Nero, Tibério, Heliogábalo imolavam crianças para ficar de pau duro. O marechal de Retz, Charolais, tio de Condé, também cometeram mortes de deboche. O primeiro confessou em seu interrogatório não conhecer volúpia mais poderosa que a obtida num suplício infligido por seu capelão e ele a jovens de ambos os sexos. Foram encontrados setecentos ou oitocentos imolados em um de seus castelos na Bretanha. Tudo isso é admissível, como acabo de prová-lo. Nossa constituição, nossos órgãos, o curso dos licores, a energia dos espíritos animais são as causas físicas que produzem ao mesmo tempo os Titos, os Neros, as Messalinas ou as Chantal. *Não devemos nos orgulhar da virtude, ou nos arrepender do vício, nem acusar a natureza por nos ter feito nascer bons ou por nos ter criado celerados. Ela agiu conforme seus desígnios, seus planos e necessidades: sujeitemo-nos.* (SADE, *A filosofia da Alcova*, 2008<sup>23</sup>, p. 81-82, grifos nossos).

Na passagem acima, como podemos ver, Sade sugere que a natureza se vincula à virtude e aos vícios, já que ambos promovem o equilíbrio e a manutenção natural. Assim, os libertinos tornar-se-iam catalisadores desse processo, pois, como propunha Sade, acelerariam os efeitos de vícios, os crimes e as destruições imprescindíveis à natureza. Logo, os libertinos seriam incumbidos de praticar os vícios, mantendo, deste modo, o equilíbrio da natureza; nisto se fundamenta a filosofia da destruição.

No entanto, este pensamento não foi, digamos, pioneiro no século XVIII. Alguns autores franceses, como Diderot e La Mettrie, até mesmo autores alemães a exemplo de o Barão de Holbach, tiveram teses, que em maior ou menor grau tocava uma tal problemática, e que foram publicadas antes das obras de Sade. Nestes escritores encontramos semelhanças à filosofia sadiana, já que consideravam a natureza como força máxima de todos os seres e universo; além do mais, aproximavam-se igualmente das propostas anti-religiosas. Assim como

---

23 Obra de tradução, posfácio e notas por Contador Borges. De São Paulo, editora Iluminuras, 2008.

propõe Klossowski (1985, p. 77):

Magnetizadas pelos acontecimentos que se preparam exteriormente (assalto aos princípios da autoridade religiosa e social), forças obscuras se levantam dentro de um homem e eis que ele se sente coagido a revelá-las a seus contemporâneos, sob pena de viver entre eles como um contrabandista moral. Se ele não chega ao ponto de inventar uma linguagem adequada a essas forças para se tornar compreensível, se não a seus contemporâneos, pelo menos à posteridade, não lhe restará outra alternativa que a de se exprimir com o auxílio da terminologia recebida, ou seja, das entidades filosóficas correntes. Na circunstância, Sade depende, quanto aos sistemas filosóficos por meio dos quais seus personagens especulam, do racionalismo de Voltaire e dos Enciclopedistas<sup>24</sup> e do materialismo de Holbach e de La Mettrie.

Questões sobre o homem, a paixão, a razão e a natureza estiveram presentes nos autores acima e, tal como sugere Klossowski (1985, p. 77), Sade compartilhava de alguns dos ideais materialistas, pois, como se percebe, elaborou também reflexões divergentes. Na percepção de Gabriel Giannattasio (2000, p. 68), a relação entre Sade e os materialistas se daria da seguinte forma:

Sensualismo, materialismo, individualismo, racionalismo, natureza e ciência são os princípios que estão a orientar as reflexões da filosofia contemporânea a Sade. Dificilmente o pensamento do século XVIII consegue escapar a estes conceitos operadores dos sistemas de ideias. Assim, também o conceito de natureza – com todas as implicações dele decorrentes para a produção da noção de indivíduo – será submetido a uma reelaboração, criando as condições necessárias para a redefinição das relações entre indivíduo e sociedade, mas buscando garantir a intocabilidade dos fundamentos necessários à manutenção do pacto social.

Como analisaremos à posteriori, a relação entre o conceito de natureza, indivíduo e sociedade não se transforma em equilíbrio social, uma vez que se vincula somente à natureza. Nesse sentido, Guerreiro (1982, p. 31) considera a corrente materialista marginal, representada pelo ateísmo e seus respectivos discursos eram explícitos. Para o autor:

Reduzido a uma história clandestina, obrigado muitas vezes ao anonimato e ao imediatismo de determinados efeitos de contestação ou subversivos, o discurso materialista, ao longo de todo o século XVII, oscila entre uma função mnemônica (arquiva um conjunto de exemplos, demonstrações e teses que constituem o seu fundo iniciático e colectivo) e uma predisposição, do ponto de vista da enunciação, para uma ênfase ou pletora do discurso (devido as suas próprias condições de precariedade tudo devia ser jogado ou dito

---

24 Referência, aqui, diz respeito aos autores franceses Diderot e d'Alembert.

de uma só vez em cada discurso). (GUERREIRO, 1982, p. 31).

Autores como La Mettrie e Barão de Holbach sofriram, assim como Sade, uma marginalidade de produção textual, inclusive em suas vidas pessoais. Os séculos XVII e XVIII não aceitavam ideias de caráter subversivo que viessem criticar os poderes dominantes, como, por exemplo, monarquias e religiões, em especial a Igreja Católica, ou até mesmo as autoridades políticas dos períodos em questão. Sabemos, pois, que, a marginalidade não impedia a circulação de suas obras, uma vez que a perspectiva materialista se difundia nos salões das Cortes. A ideologia materialista não é protagonista no cenário libertino do século XVII, porém existia dentre esses pensamentos e autores libertinos práticas e filosofias de cunho materialista. Já no século XVIII essa relação entre o libertinismo e as ideias materialistas tornar-se-ão mais próximas e recorrentes. Teremos em Sade um grande exemplo desta transformação contextual.

Em certo ponto Sade se aproxima mais de La Mettrie<sup>25</sup> do que do Barão d'Holbach. O primeiro preocupa-se, assim como o marquês, com o princípio físico, ou seja, as relações sociais sejam pessoais ou institucionais serão secundárias. Já em d'Holbach essas relações citadas são determinantes para uma boa educação do homem. Todos têm a natureza como força máxima de todos os seres, no entanto, nem todos estes três autores consideram o homem individualizado como algo determinante. Para La Mettrie o fundamento da ética estaria não nas instituições, mas no próprio fundamento antropológico do modelo mecanicista, como nos apresenta Fernando Guerreiro (1982, p. 37) em seu *As peças da máquina* que serve prefácio ao texto de La Mettrie em *O homem máquina*.

Em Sade, tal como em La Mettrie, o decisivo não é o social, ou o institucional e as relações pessoais e educacionais, mas o homem em si, individualizado, aquele que só presta contas à natureza, a detentora de todos os poderes. Tal perspectiva pode ser apreciada de forma evidente em *Os 120 dias de Sodoma*, sobretudo com o Duque de Blangis:

[...] aos dezoito anos já era dono de uma fortuna imensa, a qual só fez aumentar em razão de suas extorsões fiscais, foi acometido por todos os incômodos que surgem aos milhares em torno de um homem jovem, rico e influente, que tudo pode permitir-se: com freqüência, em tais casos, os vícios são as medidas das forças e quanto mais facilmente se consegue tudo, menos freios haverá para aqueles. Houvesse o Duque recebido da natureza algumas

---

25 A edição com a qual estamos trabalhando fora publicada em 1982 pela Editorial Estampa de Lisboa. Nela, o tradutor Antônio Carvalho manteve o título original de *L'Homme-Machine*; mencionamos ainda que a introdução e notas à obra de La Mettrie, publicada em 1747, foram produzidas por Fernando Guerreiro.

qualidades primitivas, talvez estivessem compensado os perigos de sua posição. Entretanto, essa mãe extravagante parece por vezes compactuar com a fortuna para que esta favoreça todos os vícios, os quais concede a certos seres de quem espera zelos muito diferentes do que aqueles que a virtude supõe, pela simples razão de que necessita tanto destes como dos outros; a natureza, digo, para que Blangis pudesse abusar da riqueza imensa que lhe reservara, havia precisamente lhe insuflado todos os movimentos e inspirações necessários. Além de um espírito muito nefasto e malvado, dera-lhe a alma mais celerada e inflexível e uma desordem de gostos e caprichos donde nascia a pavorosa libertinagem para a qual o Duque tinha tanta inclinação. Nascera falso, implacável, imperioso, bárbaro, egoísta, tão pródigo para seus prazeres quanto avarento quanto tinha de ser útil, mentiroso, guloso, bebedor, covarde, sodomita, incestuoso, assassino, incendiário, ladrão, sem que virtude alguma compensasse tantos vícios<sup>26</sup> [...] “Convenceram-me de que apenas o vício podia inspirar no homem essa vibração moral e física, fonte das mais deliciosas volúpias; a ele me entrego. Plenamente convencido de que a existência do criador é um absurdo revoltante no qual nem mesmo as crianças acreditam mais, desde cedo me coloquei acima das quimeras da religião. Não sinto a menor necessidade de restringir minhas inclinações no intuito de agradá-lo. Recebi essas inclinações da natureza e irritá-la-ia, se a elas resistisse; se ela as fez malévolas, é porque se tornaram necessárias a seus desígnios. Sou apenas uma máquina em suas mãos, que ela move a seu bel prazer e não há crime meu que não lhe sirva. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 20-21)<sup>27</sup>.

Assim, em Sade, o vício torna-se mais significativo que a virtude para os libertinos. Um é mais válido que o outro? Não seria esse o caso. Para Sade, o equilíbrio da natureza que é a máquina motor, como já mencionamos, precisa tanto da virtude quanto do vício. Então, o libertino seria peça fundamental desse processo, já que ao cometer crimes, vícios e volúpias, manteria, por consequência, o equilíbrio da natureza. Além disso, o personagem Duque de Blangis é individualista, à medida que não se inquieta com questões sociais. Por que disso? Em Sade não há uma preocupação com a sociedade por parte dos libertinos, se os mesmos pudessem, destruiriam todos de uma vez só. Logo, o libertino sadiano só se preocupa com o seu prazer individual, bem como se coloca como uma máquina nas mãos da natureza, parafraseando-se, deste modo, a metáfora de homem máquina de La Mettrie. Neste sentido, façamos uso das palavras do próprio La Mettrie em *O homem máquina*:

O corpo humano é uma máquina que monta, ela própria, as suas peças (*ressorts*): uma imagem viva do movimento perpétuo. Os alimentos servem de sustento ao que (sem seguida) a febre excita. Sem eles a alma enfraquece,

---

26 Até aqui o trecho em questão corresponde a fala do narrador, no caso, o próprio Marquês de Sade.

27 Já nessa outra parte a fala corresponde ao personagem Duque de Blangins, do qual Sade estava narrando anteriormente.

entra em fúria ou morre de abatimento. É como uma vela cuja luz, quando está prestes a apagar-se, se reanima. Alimentem, no entanto, o corpo, vertam nos seus canais sucros vigorosos e licores fortes e a Alma, então, tão generosa como eles, rearmar-se-á com uma altiva coragem, de tal maneira que o soldado que ainda há bem pouco teria fugido da água, agora, de súbito feroz, se precipita alegremente para a morte ao rufar dos tambores. É também por isso que a água quente reanima um sangue que a água fria teria adormecido. (LA METTRIE, 1982, p. 55).

Essa alma a que La Mettrie se refere aos libertinos de Sade só se anima com o vício e pela libertinagem que excede qualquer limite: “nada detém a libertinagem e não há nada como lhe impor limites para ampliar e multiplicar os desejos” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 52). Essa libertinagem só é possível porque encontra uma natureza ampla cercada de possibilidades viciosas; nisto Sade e La Mettrie concordam: “Não limitemos, portanto, as possibilidades da Natureza; elas são infinitas, sobretudo se forem ajudadas por uma grande Arte” (LA METTRIE, 1982, p. 63).

Uma das teses centrais de *O homem máquina* também contém certa semelhança com teses do marquês; por isso, podemos à guisa de conclusão, citar as palavras de La Mettrie:

É desta maneira que concebo que os Homens devem ter [em primeiro lugar (NT)] utilizado o seu sentimento ou o instinto para adquirir inteligência [*esprit*] e esta [em seguida (NT)] para obter conhecimentos. Eis de que maneira – tanto quanto eu o posso entender – enchemos nosso cérebro com ideias que a Natureza já o tinha preparado para receber. Fomo-nos ajudando uns aos outros e à medida que esses modestos pontos de partida foram ganhando progressivamente amplitude, todas as coisas do Universo passaram a ser [para nós] tão facilmente perceptíveis como um Círculo. (LA METTRIE, 1982, p. 65).

Ou seja, recebemos ideias de acordo com o funcionamento da Natureza. É ela quem rege, como uma inevitável soberana, nossos instintos, ela nos prepara para as futuras relações e aprendizados. Sade acredita em algo semelhante. Para ele, o homem recebe da natureza seus devidos instintos, que podem tender ao vício, para o caso dos libertinos sadianos, ou que podem tender a virtude. Vejamos o exemplo da personagem virtuosa, Adelaide em *Os 120 dias de Sodoma*:

Adelaide tinha a mente que seu rosto presumia, ou seja, era extremamente romanesca; os lugares ermos estavam entre os que mais lhe proporcionavam prazer e neles costumava derramar lágrimas involuntárias, lágrimas que não

se estudam suficientemente e que o pressentimento parece arrancar na natureza. Perdera recentemente uma amiga a quem venerava e essa perda horrenda assombrava constantemente sua imaginação. Conhecendo perfeitamente o próprio pai e sabendo a que ponto levava o desvario, tinha certeza de que sua jovem amiga fora vítima das perfídias do Presidente, que nunca a convenceria a lhe conceder certas coisas, fato este não todo inverossímil. Adelaide imaginava que algum dia ele faria o mesmo com ela, o que tampouco era improvável. No tocante à religião, o Presidente não tivera com ela o mesmo cuidado de Durcet em relação a Constance; deixara nascer e fomentar-se nela esse preconceito, imaginando que seus discursos e seus livros o destruiriam facilmente. Enganara-se: a religião é um alimento para uma alma como a de Adelaide. Por mais que o Presidente pregasse, a fizesse ler, a jovem permaneceu devota e todos esses desregramentos com os quais não compactuava, dos quais era vítima e que ela odiava, em nada contribuíram para afastá-la das quimeras que faziam a felicidade de sua vida. Rezava a Deus escondida e cumpria secretamente seus deveres de cristã, mas era sempre punida com muito rigor, quer por seu pai ou por seu marido, assim que um ou o outro percebesse. Adelaide aturava tudo com paciência, convencida de que o Céu a compensaria um dia. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 33).

Adelaide era a personificação das vítimas de Sade: religiosa, virtuosa, com esperança em um céu salvador, assim como é também o caso de sua grande heroína Justine, que morre defendendo sua virtude atravessada por um raio que adentra sua boca até sua vagina. Para o marquês a Natureza dota seres virtuosos, que serão grandes imbecis, que só sofrerão nas mãos de libertinos sedentos por prazer e volúpias. Ou dota seres viciosos. Adelaide em *Os 120 dias de Sodoma* por toda a obra, por todos os 120 dias vividos enclausurados no castelo de Silling não se nega nem uma vez a virtude. Sofre com as orgias, chora, lamenta, reza, e isso só provoca mais gozo e esporro para os libertinos de Sade. Então pela personagem de Adelaide pudemos demonstrar como Sade dialoga com as ideias de La Mettrie, já que a natureza dota os seres de ideias e instintos.

Há uma diferença considerável entre as teses desses dois autores. La Mettrie supõe que a natureza só dota o homem de virtude, e que fazer o mal causa algum tipo de arrependimento, remorso. Em Sade, para os libertinos não há lamentação, não há remorso algum. O libertino sadiano não tem escrúpulo, nem limites, como pudemos ver anteriormente. Para o marquês a natureza dota nos indivíduos também o vício, e que sorte tem os libertinos por isso, quantas volúpias terão pelo caminho, quantos desregramentos, quantas destruições. Notemos a diferença em excertos dos textos de *O homem máquina* de La Mettrie e de *Os 120 dias de Sodoma* de Sade:

Os criminosos, os Maus, os Ingratos, todos aqueles, enfim, que não tem o

sentimento da Natureza, todos os desgraçados e indignos Tiranos dos nossos dias, por maior que seja nosso prazer cruel que extraem da sua barbárie, terão sempre alguns momentos de calma e de reflexão em que a Consciência, castigadora, se erguerá para depor contra eles e os condenará a dilacerarem-se incessantemente pelas suas próprias mãos. Aquele que atormentou os homens atormentar-se-á a si mesmo e os males que virá a sentir serão a justa medida dos que causou aos outros.

Por outro lado, sente-se um prazer tão grande em fazer o bem, em sentir e manifestar reconhecimento por aquele que recebemos; é tão grande o contentamento por praticar a virtude – em ser suave, humano, terno, carinhoso, compassivo e generoso (só esta palavra encerra já em si todas as virtudes) – que considero já bastante punido aquele que tenha a infelicidade de não ter nascido Virtuoso. (LA METTRIE, 1982, p. 77).

Ou seja, a felicidade para La Mettrie encontra-se no homem virtuoso, o prazer está em fazer o bem. Proposta a qual Sade jamais assimilou em suas obras. Vejamos, então, a partir das palavras de Sade, o caráter vicioso dos quatro libertinos de Silling<sup>28</sup>:

Voltemos um pouco atrás e retratemos ao leitor, da melhor forma possível, cada um desses quatro personagens em particular, sem embelezá-los nem tentar seduzir ou cativar, mas com os próprios pincéis da natureza, a qual, apesar de toda sua desordem, costuma ser sublime, mesmo quando mais se corrompe. Pois, diga-se de passagem, embora o crime não possua o tipo de delicadeza encontrado na virtude, não é ele sempre mais sublime? Não tem um caráter constante de grandeza e sublimidade que prevalece e sempre prevalecerá sobre os encantos monótonos e efeminados da virtude? Quereis falar-nos da utilidade de um ou de outra? Será que nos cabe sondar as leis da natureza, ou decidir se, sendo-lhe o vício tão necessário como a virtude, ela talvez nos inspire de modo igual um pendor para um ou para a outra, em razão de suas necessidades próprias? (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 19-20).

Para Sade o crime não é senão necessário pelas leis da natureza, como é mais sublime que a virtude. A energia do crime, o êxtase prevalecerá sobre a inércia da virtude, e os encantos efeminados<sup>29</sup> – isto é dizer, uma vez mais: para Sade o feminino e o virtuoso, ao se coincidirem até certo ponto, são, para o nosso Marquês, igualmente desprezíveis. Como se a virtude tivesse características de qualidades femininas, o que na perspectiva sadiana dá-se uma ideia de inferioridade. Qualidades estas estereotipadas, como esperar de toda mulher comportamentos de doçura, encanto, simpatia, gracejo, enfim.

---

28 Os quais conheceremos melhor no capítulo 2 deste trabalho.

29 Aqui, poderíamos até supor, que haveria alguma ironia por parte do autor, uma vez que a mulher em Sade e a até mesmo a vagina são sempre secundárias. Para o libertino, os homens, ou seja, o gênero masculino e os ânus são sempre mais interessantes. Todavia, nos aprofundaremos nessa hipótese mais adiante, em especial no capítulo terceiro desta dissertação.

Para desenvolvermos nossas análises, podemos considerar que o crime não é só essencial para as leis naturais, assim como a virtude, bem como é delicioso aos libertinos do marquês: “[...] nenhum libertino minimamente ancorado no vício ignora o império do assassinato sobre os sentidos e o quanto este determina voluptuosamente um esporro.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 25-26). Tão delicioso que chega a provocar o mais belo gozo. Neste estudo, veremos como a cada assassinato, a cada lentidão, a cada sofrimento da vítima, mais esporros provocará nos libertinos sadianos. *Quanto maior o crime e o sofrimento da vítima, certamente maior será o gozo.*

O Barão d’Holbach, por sua vez, já possui uma filosofia materialista, que naquilo que diz respeito ao vício e a virtude, mais próxima de La Mettrie. *O sistema da natureza, ou das leis do mundo físico e do mundo moral* publicado na década de 1770, traz a ideia de que o homem não deveria entrar em crise com seus instintos naturais, e estes seriam a virtude. As ideias de natureza, verdade e virtude estão relacionadas e carregadas de um conteúdo moral. D’Holbach sabe que o homem em todas as suas condutas está sempre em busca de felicidade, sendo possível somente pelos caminhos da virtude. De acordo com D’Holbach:

[...] a *virtude* é tudo aquilo que é verdadeiro e constantemente útil aos seres da espécie humana vivendo em sociedade; o *vício* é tudo aquilo que lhes é nocivo. As maiores virtudes são aquelas que proporcionam as vantagens maiores e mais duráveis. Os maiores vícios são aqueles que mais perturbam sua tendência à felicidade e a ordem necessária à sociedade. O homem *virtuoso* é aquele cujas ações tendem constantemente ao bem-estar dos seus semelhantes; o homem *vicioso* é aquele cuja conduta tende à infelicidade daqueles com quem ele vive, de onde a sua própria infelicidade deve comumente resultar. Tudo aquilo que nos proporciona uma felicidade verdadeira e permanente é racional. Tudo aquilo que perturba a nossa própria felicidade ou a dos seres necessários à nossa felicidade é insensato ou irracional. Um homem que prejudica os outros é um perverso; um homem que prejudica a si próprio é um imprudente, que não conhece nem a razão, nem seus próprios interesses, nem a verdade. (HOLBACH, 2010, p. 173-174).

D’Holbach relaciona verdade à virtude e o vício seria algo maléfico aos homens. Os vícios perturbam a ordem natural, uma vez que deveria ser mantida pela virtude. Mesmo a natureza sendo a detentora do vício e da virtude, o vício não deveria ocorrer pelas mãos dos homens. É este o ponto do Barão. Quando necessário, a própria natureza tratará de lançar sobre os homens desastres naturais para sua manutenção e ordenamento<sup>30</sup>. Algo completamente

---

30 Falaremos no ponto 1.5 deste capítulo sobre a manutenção do equilíbrio da natureza e retornaremos a este tópico para maiores aprofundamentos.

oposto à filosofia de Sade. O marquês acredita que a natureza sendo detentora de virtudes e vícios, que os homens, ou melhor, que os libertinos sadianos, podem e devem acelerar e interagir nesse processo, cometendo crimes, vícios e volúpias, que a natureza os agradeceria.

Vejamos como o personagem do Duque de *Os 120 dias de Sodoma*, um dos quatro libertinos do castelo e a narradora Duclos, em um de seus diálogos, explicam a seus parceiros presentes acerca da naturalidade do ódio pela mãe. Indicam, dessa forma, que o sentimento de ódio seria mantido pela natureza; à medida que dependeria de vícios, crimes, ódios e os homens, mais exatamente os libertinos, deveriam ser os interlocutores desse processo:

“E quanto ao segundo ponto?”, disse o Duque dirigindo-se à narradora. “O segundo ponto, Monsenhor, é o do motivo de nossa antipatia; ser-me-ia muito difícil, meu Deus, dar conta dele; mas ela era tão violenta em nossos corações que nos confessamos mutuamente que teríamos sido capazes de envenená-la caso não tivéssemos conseguido nos livrar dela de outro modo. Nossa aversão era a maior possível, e como ela não nos dava motivo para tanto, é mais do que verossímil que esse sentimento em nos não era senão obra da natureza.” “E quem duvida disto?”, disse o Duque. “Ocorre-lhe todos os dias inspirar aos homens a inclinação mais violenta para aquilo que chamam de crime, e por mais que a envenenásseis vinte vezes, essa ação em vós nunca teria sido senão o resultado desse pendor que ela vos teria inspirado para esse crime, pendor que ela vos indicava ao dotar-vos de uma antipatia tão forte. É loucura imaginar que se deva algo a própria mãe. Sobre o que se fundamentaria essa gratidão? Sobre o fato de ela ter gozado enquanto a fodiam? Só faltava isso! Quanto a mim, vejo apenas motivo para ódio e desprezo. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 91-92).

Toda a aversão, o ódio ao qual Duclos se refere vem da natureza e esta não poupa os laços familiares, pois estes seriam convenções sociais e morais, não interessaria à natureza. Para os libertinos de Sade, seria natural inspirar nos homens a inclinação mais violenta que os demais chamam de crime, mas que para a natureza não passa de uma necessidade.

É notória, deste modo, como podemos observar, a maneira através da qual Sade dialoga com a obra *O sistema da natureza* do Barão d’Holbach. Por tudo que dissemos anteriormente e como a natureza é capaz de ditar nos homens instintos, elementos sejam virtuosos ou viciosos, nisso, tanto Sade, quanto d’Holbach parecem estar de acordo. Vejamos como essa passagem do texto do barão nos remete a Sade:

É, pois, a natureza sempre atuante que assinala para o homem cada um dos pontos da linha que ele deve percorrer. É ela que elabora e combina os elementos pelos quais ele deve ser composto; é ela que lhe dá o seu ser, sua tendência, sua maneira particular de agir. (HOLBACH, 2010, p. 110).

A natureza, para Holbach, é então a detentora de todos os princípios motores dos indivíduos, assim como nos aparece na filosofia sadiana, pois “[...] o homem só deve sua existência aos planos irresistíveis da natureza.” (SADE, *A filosofia na Alcova*, 2008, p. 38). É a natureza que dita os princípios e instintos nos indivíduos, ela é a força detentora da criação e da destruição. E é por essas duas últimas vias que se obterá o equilíbrio e a manutenção das forças dessa natureza reinante.

O Barão d’Holbach, assim como La Mettrie, também assume o homem, seu corpo, sua matéria através da metáfora da máquina. Diz que muitas vezes o homem não compreendeu muito bem seu funcionamento, sua distinção dos demais animais:

Não fiquemos, pois, surpresos se o homem encontrou tantos obstáculos quando quis se dar conta do seu ser e da sua maneira de agir e se imaginou tão estranhas hipóteses para explicar os funcionamentos ocultos de sua máquina – que viu mover-se de uma maneira que lhe pareceu tão diferente da dos outros seres da natureza. Ele viu bem que o seu corpo e as suas diferentes partes agiam, mas quase sempre não pôde ver aquilo que os levava à ação: acreditou, portanto, conter dentro de si mesmo um princípio motor, distinto de sua máquina, que dava secretamente o impulso às engrenagens, movia-se pela sua própria energia e agia seguindo leis totalmente diferentes daquelas que regulam os movimentos de todos os seres. (HOLBACH, 2010, p.111).

Aqui, percebemos como Holbach pensa a ilusão que certos homens criaram ao se imaginarem detentores de toda liberdade e ação de suas vidas. Como se estes homens pudessem ter superioridade diante dos demais seres naturais. Os homens desconsideraram que a força motor do universo seja a natureza, acreditando que a força motor pudesse ser então fruto da ação humana. Porém o homem é apenas: “[...] uma produção da natureza, que se parece com eles em alguns aspectos e se acha submetido às mesmas leis.” (HOLBACH, 2010, p.115). A natureza não dá mais valor a um homem que a um inseto. Sade muitas vezes nos apresentou essa tese de como a raça humana é insignificante quanto qualquer outro ser para a natureza, e que esta última funcionaria muito bem sem a existência dos homens. Em *A Filosofia na Alcova*, Sade menciona a relação do homem para com a natureza:

O que importa para a natureza se a raça humana se extinguir ou se aniquilar sobre a terra! Ela ri de nosso orgulho, como que para persuadir-nos de que tudo se acabaria se esta desgraça ocorresse; mas sequer perceberia isso. Será que já não há raças extintas? Buffon enumera várias, e a natureza, muda di-

ante uma perda tão preciosa, parece nem se dar conta. *A espécie inteira poderia se aniquilar, e nem por o ar seria menos puro, o astro menos brilhante e a marcha do universo menos exata. Entretanto, quanta imbecilidade seria necessária para acreditar que nossa espécie seja de tal forma útil ao mundo que aquele que não trabalhasse para propagá-la ou perturbar esta propagação se tornaria necessariamente um criminoso!* (SADE, *A filosofia na Alco-va*, 2008, p. 104-105, grifos nossos).

Ou seja, a natureza não faz distinção de valores entre um ser e outro. Para Sade isso é posto de forma evidente em muitos de seus textos. Então, se ela precisa tanto de criação quanto de destruição, por que não pelas mãos dos seus libertinos? Devassos? Sanguinários? Viciosos, por tendência natural. Por tudo discutido, até aqui, podemos concluir, neste primeiro tópico, que Sade utilizou alguns elementos da filosofia materialista de La Mettrie e d’Holbach. Entre semelhanças e divergências, conseguimos perceber como Sade foi grande leitor destes autores, dialogando com eles ao longo de seus romances e contos. Assim, encontramos nos três autores um ponto em comum: *a natureza como a detentora de todos os poderes e de todas as forças, de todos os seres, a força máxima e motora de todos os homens, só ela é vício, especialmente para Sade, virtude e verdade.* Como bem nos diz o bom Barão: “Ó natureza! Soberana de todos os seres! E vós, suas filhas adoráveis: virtude, razão, verdade! Sede para sempre as nossas únicas divindades!” (HOLBACH, 2010, p. 867).

Vejamos agora com o próximo tópico como a filosofia da natureza em Sade, mesmo influenciada por preceitos materialistas, seguirá a via viciosa para manutenção do equilíbrio natural do planeta.

#### **1.4 CONCEITO DE NATUREZA EM SADE E A TENDÊNCIA VICIOSA**

Em *Os 120 dias de Sodoma*, obra a qual nos aprofundaremos nos próximos capítulos, é, como sabemos, um dos mais clássicos e completos textos de Sade com incansáveis possibilidades criminosas e viciosas. Inúmeros tipos de vícios, volúpias, orgias, posições sexuais, incestos, assassinatos, mutilações são apresentadas aos leitores pelas narradoras e pela atuação dos quatro principais libertinos da organização do castelo de Silling. São eles: Duque de Blangis, Bispo, presidente Curval e Durcet. Quatro protagonistas perversos, caracterização apresentada pelo próprio Sade, que, em meio a orgias e a esporros, incitarão os discursos libertinos aos demais presentes. Esta é uma das mais profundas marcas do espírito sadiano em sua literatura: *intercalar orgias com discursos filosóficos.*

No tópico 1.3 deste primeiro capítulo pudemos ver que para o Barão d’Holbach e para La Mettrie o caminho da verdade é o percurso da natureza, bem como a tendência virtuosa. Em outras palavras, a felicidade do homem fundamenta-se na conquista da virtude; entretanto, Sade, mesmo propondo também as leis da natureza com grande influência nos preceitos materialistas, já que a natureza é a força soberana, entendia que o alcance à felicidade se daria pela prática dos vícios. Logo, essa prática viciosa seria possível pela presença de libertinos, os quais cometiam diversos crimes para alcançarem a volúpia. Para fundamentarmos, então, nossa hipótese, entendemos que o conceito de natureza sadiana possui uma única via, o vício. Para tanto, vejamos como a natureza aparece em *Os 120 dias de Sodoma* a partir dos diálogos entre o Bispo e Durcet:

[...] considero a esmola não somente como uma coisa má em si, mas considero-a ainda como um crime real contra a natureza que, ao nos apontar as diferenças, nunca pretendeu que as perturbássemos. Assim, muito longe de ajudar o pobre, de consolar a viúva e aliviar o órfão, se ajo segundo as verdadeiras intenções da natureza, não apenas os deixarei no estado em que a natureza os colocou, mas ajudarei até suas visadas ao prolongar-lhes esse estado e ao me opor vivamente a sua mudança, e acharei, para isso, que todos os meios são lícitos”. “O quê”, disse o Duque, “até mesmo roubá-los ou arruiná-los?” “Certamente”, disse o financista. “Até mesmo aumentar seu número, uma vez que sua classe serve para outra, e que ao multiplicá-los, se faço um pouco de pena a uma, farei muito bem a outra.” “Eis um sistema bem duro, meus amigos”, disse Curval. “Dizem, entretanto, ser doce fazer o bem dos miseráveis!” “Que abuso!”, retrucou Durcet, “esse gozo não se compara ou outro. O primeiro é quimérico, o outro é real; o primeiro se deve a preconceitos, o outro se embasa na razão; pelo órgão do orgulho, a mais falsa de todas nossas sensações, um pode titilar um instante o coração, o outro é um verdadeiro gozo da mente e que inflama todas as paixões pelo próprio fato de contrariar as opiniões comuns. Numa palavra, um me deixa de pau duro”, disse Durcet, “e sinto muito pouca coisa com o outro”. “Mas será que devemos sempre relacionar tudo a nossos sentidos?”, disse o Bispo. “Tudo, meu amigo”, disse Durcet. “Eles são os únicos que devem nos guiar em todas as ações da vida, pois apenas seu órgão é realmente imperioso.” “Mas milhares de crimes podem nascer desse sistema”, disse o Bispo. “Ei, o que me importa o crime” respondeu Durcet, “contanto que me deleite. O crime é um modo da natureza, uma maneira com a qual move o homem. Por que não quereis que eu me deixe mover tanto por ela neste sentido como no da virtude? Ela precisa de ambos, e sirvo-a tanto num como no outro. Mas ei-nos numa discussão que nos levaria longe demais. A hora do jantar vai tocar, e a Duclos está muito longe de ter cumprido sua tarefa. Continuai, moça encantadora, e ficai certa de que acabastes de nos confessar uma ação e sistemas que vos merecem nossa eterna estima assim como a de todos os filósofos.”. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 188-189).

Ou seja, segundo a filosofia dos libertinos de Sade a natureza tem como verdadei-

ras intenções virtudes e vícios e a mesma precisa dessas mesmas forças receptivas. Por isso, ela dita homens miseráveis, doentes, criminosos, assassinos, incestuosos, para provocar todo tipo de destruição da qual ela necessita. Como também ela impõe seres virtuosos, como, a doce Adelaide, a qual citamos no tópico anterior, que se caracterizava pela religiosidade, cheia de preconceitos<sup>31</sup> e, algumas vezes, sofredora. Durcet logo se anima, fica com o pênis ereto, ao imaginar-se a praticar algum crime; com isso, ajudaria a destruir mais um miserável. O caminho do vício era muito mais tentador, pois, como propomos, o que importava ao libertino era o esporro, o gozo absoluto; ainda assim, o libertino contribuiria à natureza. Não era um bem aos homens, todavia estaria fazendo um bem à natureza. E é esta, já o dissemos antes, que deteria o potencial de destruição.

Assim, Sade defendia que o feito de um primeiro crime transformaria o homem em um ser insaciável, tal como seus libertinos. Não se cansavam da volúpia, do vício e do gozo. Um caminho sem volta, uma imaginação ilimitada, fluida. Vejamos:

Uma vez que o homem se degradou, se aviltou por excessos, sua alma adquire uma espécie de feição viciosa da qual nada mais pode tirá-la. Em qualquer outro caso, a vergonha serviria de contrapeso aos vícios aos quais seu espírito lhe aconselharia entregar-se, mas neste caso, isso não é mais possível: é aquele primeiro sentimento que ele apagou, é o primeiro que banuiu para longe de si; e do estado em que se encontra quem não se envergonha mais, ao de gostar de tudo o que faz envergonhar-se, apenas há um passo. Tudo o que afetava desagradavelmente, ao encontrar uma alma diferentemente preparada, se metamorfoseia então em prazer, e a partir daquele momento, tudo o que lembra o novo estado que se adotou apenas pode ser voluptuoso.” “Mas que caminho é preciso ter trilhado no vício para ali chegar!”, disse o Bispo. “Concordo”, disse Curval, “mas essa estrada se faz imperceptivelmente, apenas a seguimos num mar de rosas; um excesso leva ao outro; a imaginação, sempre insaciável, nos leva logo ao último termo, e como apenas seguiu seu curso endurecendo o coração, assim que chega ao alvo, esse coração, que costumava conter algumas virtudes, já não reconhece mais nenhuma (...) (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 236-237).

À medida que o homem pratica o primeiro vício, por consequência perde a vergonha e o temor. Seus preconceitos vão se desfazendo e os corações dos libertinos vão se endu-

31 A partir da percepção dos libertinos que são, como mencionamos anteriormente, anti-religiosos; à vista disso, não acreditavam em uma existência de Deus. É o que se constata no trecho a seguir de *Os 120 dias de Sodoma*: “Que essas tolas criaturas se persuadam e se convençam, portanto, de que a existência de Deus é uma loucura que não tem, em toda terra, vinte sectários, hoje em dia, e que a religião que ele invoca não passa de uma fábula ridícula inventada por velhacos cujo interesse em nos enganar é por demais visível no presente. Em suma: decidi por vós mesmas: se houvesse um deus, e se esse deus tivesse poderes, como poderia permitir que a virtude que o honra e que o professais fosse sacrificada, como será o caso, ao vício e à libertinagem?” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 62).

recendo, pois como sinaliza Sade (2006, p. 200), “a natureza tinha colocado bronze em vez de corações, naqueles peitos”. Deste modo, o vício, como o próprio termo já diz, tornar-se-ia um caminho repetitivo. Os crimes e as volúpias tendiam a aumentar e os devassos de Sade buscavam, cada vez mais, fontes para saciarem seus desejos; logo, contribuía ao bom funcionamento da natureza.

Passemos agora à obra *A filosofia na Alcova*, pois, aqui, poderemos ampliar discussões sobre a natureza. Esta obra possui um teor mais filosófico, uma vez que é composta por diálogos, intercalados às cenas de sexos, orgias, mutilações e temos igualmente a iniciação de Eugénie à libertinagem. Diferente de *Os 120 dias de Sodoma*, *A filosofia na Alcova* possui uma descrição minuciosa voltada às orgias, às mutilações e às questões do sexo, bem como uma passagem política, com o panfleto intitulado *Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos*.

Nesse romance, temos como vítima a senhora de Mistival, mãe de Eugénie. Sabemos, pois, que a escolha não é um mero acaso, já que uma das principais lições à libertinagem representava a destruição dos vínculos familiares; daí, a desnaturalização da relação entre filha e mãe. Além disso, tomemos nota, então, em *A filosofia na Alcova*, uma das orgias de Saint-Ange que, ao esporrar, afirma: “como gosto de bancar a puta” (SADE, *A filosofia na Alcova*, 2008, p. 36). Eugénie, ainda iniciante na libertinagem, fica deveras perturbada com o termo puta, como se ao merecer tal título, feriria a sua virtude. Assim, Dolmancé a responde:

Ah, renuncia às virtudes, Eugénie! Haverá algum sacrifício feito a essas falsas divindades que valha um só minuto dos prazeres que sentimos ultrajando-as? Ora, a virtude não passa de uma quimera cujo culto consiste em imolações perpétuas, em inúmeras revoltas contra as inspirações do temperamento. Serão naturais tais movimentos? Aconselhará a natureza o que a ultraja? Eugénie, não te deixes enganar por essas mulheres que ouves chamar virtuosas. Se queres, elas não servem às mesmas paixões que nós, mas possuem outras quase sempre bem mais desprezíveis: a ambição, o orgulho, os interesses particulares, e frequentemente uma frieza de temperamento que nada lhes aconselha. Devemos alguma coisa a semelhantes seres? Não seguem apenas as impressões do amor próprio? Será então melhor, mais sensato e apropriado, sacrificar antes ao egoísmo do que às paixões? Para mim, creio que um vale bem o outro. Mas quem só ouve esta última voz tem muito mais razão, já que ela é apenas o órgão da natureza, enquanto o outro o é da tolice e do preconceito. *Eugénie, uma única gota de porra ejaculada por este membro é mais preciosa do que os atos mais sublimes de uma virtude que desprezo.* (SADE, *A Filosofia na Alcova*, 2008, p. 37, grifos nossos).

Dolmancé inicia sua filosofia associando a virtude às falsas divindades, por isso, o

prazer que o libertino sentia em ultrajá-la, não compensaria qualquer crença. O prazer superaria a prática religiosa. Então, seguindo esta lógica, o personagem produz certas perguntas, como: “serão naturais tais movimentos”? Se pensarmos em Sade, como um todo, baseava-se na perspectiva de que tanto as virtudes quanto os vícios seriam imprescindíveis à natureza; todavia, em se tratando da virtude, não seria essencial aos libertinos sadianos, uma vez que a prática viciosa se tornava mais interessante e deleitoso. Dolmancé traz em seu discurso certa radicalidade, ao ponto de o leitor interpretar como se a virtude não fosse um movimento da natureza, mas apenas o vício; porém, Sade, em outros momentos, valida a presença da virtude tanto quanto do vício para com o movimento de equilíbrio e ordem da natureza.

Nesse sentido, voltemos um pouco ao diálogo de Eugénie, Saint-Ange e Dolmancé. Mesmo depois do discurso que o libertino fez a iniciante, a mesma continuou com dúvidas; por isso, Dolmancé aprimorou ainda mais seu discurso filosófico, com o intuito principal de convencê-la:

EUGÉNIE – Mas há outras espécies de virtude. O que pensais da piedade, por exemplo?

DOLMANCÉ – O que significa esta virtude para quem não crê na religião? E quem pode crer na religião? Vejamos; ordenemos o raciocínio, Eugénie. Não chamais religião ao pacto que liga o homem a seu Criador, e que o engaja a lhe dar testemunho, por um culto, de seu reconhecimento pela existência recebida deste autor sublime?

EUGÉNIE – Não há melhor definição.

DOLMANCÉ – Pois bem. Se está demonstrado que o homem só deve sua existência aos planos irresistíveis da natureza; se está provado que tão antigo neste globo quanto o próprio globo, ele não passa, como o carvalho, o leão e os minerais que se encontram nas entranhas desse globo, de apenas uma produção exigida pela existência do globo e não deve a sua a quem quer que seja; se está demonstrado que este Deus, que os tolos vêem como único autor e fabricante de tudo o que vemos, não passa do *nec plus ultra* da razão humana, do fantasma criado no instante em que esta razão não vê mais nada a fim de ajudar em suas operações; se está provado que a existência deste Deus é impossível e que a natureza, sempre em ação, sempre em movimento, tem por si só o que agrada aos tolos lhe dar gratuitamente; se é certo supor que este ser inerte existiu, ele certamente seria o mais ridículo dos seres, visto só ter servido um único dia, e que após milhões de séculos, encontrar-se-ia numa inação desprezível; supondo que existisse, como as religiões no-lo pintam, ele seguramente seria o mais detestável dos seres, já que permitiria o mal sobre a terra, enquanto sua onipotência poderia impedi-lo; se tudo isso estivesse provado, como incontestavelmente está, crede então, Eugénie, que a piedade que liga o homem a esse Criado imbecil. Insuficiente, feroz e desprezível, seria uma virtude absolutamente necessária? (SADE, *A Filosofia na Alcova*, 2008, p.38).

Neste trecho, Dolmancé não só vai mais uma vez confirmar que *o homem só deve sua existência à natureza e aos seus movimentos*, como também desconstrói Deus, indo, inclusive, ao ponto de desprezar o mesmo. Chega a dizer que se o mesmo existisse, teria uma natureza cruel, já que permitiria o sofrimento aos homens, mesmo sendo poderoso. Para Sade, Deus seria um fantasma assombrando os imbecis, presas fáceis aos libertinos. Posto isto, o pacto entre criador e homens representaria tão somente uma ignorância. Logo, como outrora analisamos, a negação à religião é presente nos materialistas, pois, como defendiam, a verdade se dá pela natureza. Por exemplo, o Barão d’Holbach em *Sistema da Natureza, ou as leis do mundo físico e do mundo moral* vai nos apresentar uma tese interessante, que pode ter servido como fonte de grande inspiração para Sade que, como já sabemos, fora um bom leitor do Barão. Para Holbach, o surgimento das divindades enquanto ideias, está profundamente relacionado às primeiras tomadas de consciência, por parte dos homens, do mal e do horror no mundo; Isto nada mais é do que dizer: *o medo gerou a crença*. Como bem enfatiza o Barão:

*Se não existisse nenhum mal neste mundo, o homem jamais teria pensado na divindade. Se a natureza lhe tivesse permitido satisfazer facilmente todas as suas necessidades renascentes, ou não experimentar senão sensações agradáveis, seus dias teriam ocorrido em uma perpétua uniformidade, ele não teria tido nenhum motivo para procurar as causas desconhecidas das coisas. Meditar é um sofrimento; o homem sempre contente não se ocuparia senão em satisfazer as suas necessidades, em desfrutar do presente, em perceber os objetos que o advertiriam incessantemente da sua existência de uma maneira que ele necessariamente aprovaria. Nada alarmaria o seu coração, tudo seria conforme ao seu ser, ele não sentiria nem temor, nem desconfiança, nem inquietação pelo futuro. Esses movimentos não podem ser senão as conseqüências de alguma sensação desagradável que o teria anteriormente afetado ou que, perturbando a ordem da sua máquina, teria interrompido o curso da sua felicidade. (HOLBACH, 2010, p. 432, grifos nossos).*

Se o caminho fosse sempre a virtude e a felicidade, os homens não temeriam o futuro, nem o presente, nem o próximo. Não precisariam de uma divindade protetora, ou vingativa. Holbach acredita também que quanto mais ignorante o homem, mais pavoroso constituiu-se; logo, mais religioso, uma vez que “o homem ignorante é uma criança que tudo assusta e faz tremer.” (HOLBACH, 2010, p. 433). Entretanto, a natureza, se pensarmos pela perspectiva holbachiana, não se movimentava só pela virtude, mas da mesma forma pelo vício. Desastres naturais, destruição, hão de acontecer, serão necessárias de acordo com a filosofia materialista, para a obtenção do equilíbrio, ordenamento da natureza.

Então, não tenhamos dúvidas, para Holbach, as divindades ou a divindade surgiu simultaneamente aos estados de terror que os homens viviam, em diferentes regiões, em diferentes povos, etc. Como insiste o filósofo:

É no seio da ignorância, dos alarmes e das calamidades que os homens sempre foram buscar as suas primeiras noções sobre a divindade: de onde se vê que elas devem ter sido suspeitas ou falsas, e sempre aflitivas. Com efeito, sobre qualquer parte do nosso globo para onde dirigamos os nossos olhares, nos climas gelados do Norte, nas regiões abrasadoras do sul, sob as zonas mais temperadas, vemos que por toda parte os povos tremeram, e que foi em consequência dos seus temores e das suas desgraças que eles criaram deuses nacionais ou que adoraram aqueles que lhes eram trazidos de outros lugares. A ideia desses agentes tão poderosos esteve sempre associada à do terror. (HOLBACH, 2010, p. 437).

A ignorância, somada ao terror fizeram ao homem a necessidade de procurar refúgio em criações poderosas e que pudessem ter um caráter salvador, protetor e, porque não, divindades com um perfil vingador<sup>32</sup>.

Voltemos um pouco mais à leitura de *A filosofia na alcova* para compreendermos o quanto em Sade, os libertinos seguem a via viciosa da natureza. Eugénie, instruída pelos ensinamentos de Saint-Ange e Dolmancé, começa a molestar e copular com sua própria mãe<sup>33</sup>. Vejamos como a natureza em Sade, para seus libertinos, tudo permite:

EUGÉNIE – [...] Sou ao mesmo tempo incestuosa, adúltera, sodomita, tudo isso numa garota que só foi deflorada hoje!... Quantos progressos, meus amigos!... com que rapidez percorri a estrada espinhosa do vício!... Oh, sou uma moça perdida!... Por acaso está gozando, minha doce mãe? Dolmancé vê seus olhos!... Não é evidente que ela está gozando?... Ah, cadela! Vou te ensinar a ser libertina!... Toma, puta, toma!... (*Aperta-lhe a garganta deixando-a marcada.*) Ah, fode, Dolmancé... fode, meu doce amigo, eu morro!... (*Eugénie distribui dez ou doze socos nos seios e nas costas de sua mãe, enquanto esporra.*)

MISTIVAL, desfalecendo – Tende piedade de mim, eu imploro... estou me sentindo mal... vou desmaiar... (*A senhora de Saint-Ange tenta socorrê-la; Dolmancé não permite.*)

DOLMANCÉ – [...] Eugénie, vinde deitar-vos sobre o corpo da vítima... Vereis agora se sois de fato dura. Cavaleiro, fodei-a sobre o seio da mãe desfalecida [...]

CAVALEIRO – *Na verdade, Dolmancé, é horrível o que nos mandais fazer;*

---

32 Como é o caso dos deuses antigos do Mediterrâneo Ocidental e Oriental.

33 Algo recorrente nos romances do Marquês, como vimos no tópico 1,1 deste capítulo. Há em Sade um ódio à figura materna e igualmente certa aversão a figura feminina e a vagina. A preferência é sempre pelo gênero masculino e pelo ânus.

*isso ultraja ao mesmo tempo a natureza, o céu, e as leis mais santas da humanidade.*

DOLMANCÉ – Nada é mais divertido do que os sólidos ímpetos de virtude do cavaleiro. Onde diabos ele vê, em tudo o que fazemos, o menor ultraje a natureza, ao céu e à humanidade? Meu amigo, é da natureza que os devassos tiram os princípios que colocam em ação. *Já te disse mil vezes que a natureza, para a perfeita manutenção das leis de seu equilíbrio precisa tanto de vícios quanto de virtudes, e nos inspira um por vez os movimentos que lhe são necessários; logo, não praticamos nenhuma espécie de mal nos livrando de tais movimentos, de quaisquer tipos que se possa supô-los. Quanto ao céu, meu caro cavaleiro, pára, peço-te, de temer seus efeitos. Um único motor age no universo, e esse motor é a natureza.* (SADE, *A Filosofia na Alcova*, 2008, p. 191-192, grifos nossos).

Com esse trecho podemos perceber como Eugénie concluiu com sucesso sua iniciação à libertinagem. Muitas outras orgias e mutilações acontecerão à senhora de Mistival, e sua filha será sempre cúmplice desses episódios, esportando em cima da mãe, triunfante no vício. É esse sempre o objetivo do libertino sadiano, *triumfar no vício*, uma vez que o mesmo é necessário ao motor que rege o universo, a natureza. Logo, eles podem e devem dominar as práticas para acelerar os processos viciosos de que a natureza tanto necessita.

Agora continuemos com *Justine, os sofrimentos da virtude* o título da obra já diz muito em si, que a via virtuosa é um caminho de dor e sofrimento: “[...] as coisas sendo iguais aos olhos da Natureza, vale infinitamente mais tomar partido entre os maus que prosperam, do que entre os virtuosos que fracassam.” (SADE, *Justine, os sofrimentos da virtude*, s.d., p.9). Assim acontece com Justine em todo o romance. Quando criança, ela e sua irmã Juliette ficam órfãs e são abandonadas. Juliette sempre teve uma inclinação viciosa, para Sade, algo que a natureza lhe dotou. Já Justine sempre foi doce, religiosa, fiel a Deus e ao céu, apegada a sua virtude e, por isso, tenta por toda sua vida não se render ao vício. Mas a todo momento só encontra libertinos pelo caminho, que a mutilam, a estupram, a sodomizam, a machucam fisicamente de variadas formas, e ela chora, lamenta-se, o que acaba causando mais gozo aos libertinos. Ao final do livro, reencontra Juliette, que lhe oferece ajuda e, então, parece encontrar um pouco de paz. Até que um dia a natureza a surpreende e um raio atravessa Justine, entrando pela boca e saindo pela vagina. Para alegria dos libertinos, Justine morre, mas o ânus permanece intacto.

Assim como em *A filosofia na alcova*, em *Justine* há muitos discursos filosóficos entremeados por orgias e mutilações, além de armadilhas que Justine sofre ao longo do romance. Os discursos dos libertinos se assemelham muito aos de Dolmancé, já que tentam per-

suadir a virtuosa moça a seguir o caminho do vício, mas a mesma nunca se corrompe.

Justine que, em determinado momento de sua vida, tem que mudar de nome por ser procurada por acusação infundada de roubo e assassinato, passa a se chamar por boa parte do romance por Thérèse. Assim, os libertinos que a encontram tentam sempre convencê-la de praticar algum tipo de crime, por exemplo, um assassinato. A mesma recusa-se com muita certeza, pois isso feriria seus princípios virtuosos. Então, em contrapartida, apresentam a seguinte argumentação:

Ó Thérèse, foi unicamente o orgulho do homem que elevou o assassinato a crime. Essa vã criatura, imaginando ser a mais sublime do globo, crendo ser a mais essencial, partiu desse falso princípio para garantir que a ação que a destruiria não pudesse ser senão infame; mas sua vaidade, sua demência, não muda em nada as leis da natureza; não existe nenhum ser que não sinta no fundo do coração o desejo mais veemente de livrar-se daqueles que o incomodam ou cuja morte possa trazer-lhe proveito; e desse desejo ao fato, imaginas tu, Thérèse, que a diferença seja tão grande? Ora, se essas impressões nos vêm da natureza, pode-se presumir que elas a irrite? Ela iria inspirar-nos algo que a desagradasse? Ah, tranquiliza-te, cara jovem, não sentimos nada que não lhe sirva; todos os movimentos que coloca em nós são instrumentos de suas leis; as paixões dos homens não passam de meios que ela emprega para atingir seus objetivos. Quando tem necessidade de indivíduos, inspira-nos o amor, aí estão criações; as destruições são necessárias, coloca em nossos corações a vingança, a avareza, a luxúria, a ambição, aí acontecem os assassinatos; porém ela sempre trabalhou para ela e nós tornamo-nos, sem nos dar conta disso, os crédulos agentes de seus caprichos. (SADE, *Justine, os sofrimentos da virtude*, s.d., p. 65).

Então, jamais as leis da natureza elevaram o assassinato à condição de crime, mas sim os homens, e seus egos segundo os libertinos de Sade. Neste trecho é apresentada afirmações que já demonstramos nos outros romances do marquês, ou seja, a natureza pode inspirar nos homens, quando bem quiser e necessitar, os sentimentos de virtude ou de vício. Nesse sentido, para os libertinos é como se naturalmente, essa soberana lhes tivesse dotado de instintos viciosos para praticarem todo tipo de horror que desejassem; isto só beneficiaria o processo natural das leis do movimento da natureza.

O entendimento de natureza em Sade tende ao vício, pois em todos os seus romances, aqui, apresentados, temos sempre o louvor dos discursos filosóficos, os quais enaltecem a permissividade dos libertinos, possibilitando, com isso, crimes e práticas de destruição diversas. A virtude sofre, lamenta e, mas sempre acaba mal em Sade: “- Bom Deus! – exclamei para mim mesma, com amargura. – Então é impossível que minha alma se abra para uma

ação virtuosa sem que no mesmo instante eu seja punida com os castigos mais severos!” (SADE, *Justine*, s.d., p.190). *O vício goza, esporra, inflama ostensivamente. Só pelo vício os libertinos de Sade se realizam em suas paixões e em sua definitiva felicidade.*

## 1.5 NATUREZA E O EQUILÍBRIO: MANUTENÇÃO DO SISTEMA DE CRIMES SADIANS

Como já demos a entender, a natureza equilibrada vincula-se às forças do vício e virtude. No entanto, dada à relevância de Holbach para Sade, analisaremos neste momento alguns conceitos de ordem e desordem que, de fato, tornam-se imprescindíveis à ideia sadiana do equilíbrio. Para o autor, a ordem pode ser alcançada, já que os seres teriam a capacidade de se coordenarem com outros seres e com o todo; assim, manteriam o ordenamento. De acordo com as palavras de Holbach (2010, p. 90):

[...] é apenas no nosso espírito que está o modelo daquilo que nós chamamos de *ordem* ou *desordem*. Como todas as ideias abstratas e metafísicas, ela não pressupõe nada fora de nós. Em poucas palavras, a ordem jamais será nada além da faculdade de nos coordenar com os seres que nos rodeiam ou com o todo do qual fazemos parte. No entanto, se quisermos aplicar a ideia de ordem à natureza, essa ordem não será senão uma sequência de ações ou de movimentos que julgamos conspirar para uma finalidade comum.

Se aplicarmos essa ideia de ordem à natureza, perceberemos que a ordenação constituirá por uma sequência com finalidade comum, qual seja: criação e destruição. Os seus movimentos e suas leis tornam-se dispositivos associados à criação ou à destruição dos seres, por conseguinte, os movimentos permitem o equilíbrio da natureza.

Uma vez desta maneira compreendida a noção de *ordem*, passemos, sem mais delongas, ao conceito de *desordem*. Assim, citamos o próprio Holbach<sup>34</sup>, quem nos diz que:

Aquilo que chamamos de desordem não passa de um termo relativo criado para designar as ações ou os movimentos necessários pelos quais os seres particulares são necessariamente alterados e perturbados em sua maneira de existir instantânea e forçados a mudar a maneira de agir. Porém, nenhuma dessas ações, nenhum desses movimentos, pode por um só instante contradi-

---

34 Lembrando que a única obra usada do Barão de Holbach para este capítulo fora o manuscrito *Sistema da Natureza*. Nele, o autor desenvolve um trabalho minucioso em termos e em conceitos. Ótima indicação para quem pensa pesquisar a filosofia materialista do século XVIII.

zer ou desorganizar a ordem geral da natureza, da qual todos os seres recebem suas existências, suas propriedades, seus movimentos particulares. A desordem, para um ser, nunca é mais do que a sua passagem para uma ordem nova, para uma nova maneira de existir, que acarreta necessariamente uma nova sequência de ações ou de movimentos, diferentes daqueles em que esse ser se achava precedentemente suscetível. (HOLBACH, 2010, p. 90-91).

A desordem, então, não passa de um movimento instantâneo e não permanente, pois, de acordo com Holbach, pode modificar o lugar, ou as pessoas, ou a natureza em si por um breve período e depois se recompor. Como a desordem é natural à natureza ela não altera o funcionamento geral de seus movimentos. Para Holbach é ainda um ser de passagem para um novo ordenamento. Ordem e desordem, ambas muitas vezes atuam simultaneamente na natureza e são necessárias ao bom funcionamento, ao ordenamento e ao equilíbrio da natureza. A partir da ordem e desordem, obtém-se a estabilidade.

Sendo a desordem necessária à natureza e à manutenção do todo, ela própria, por suas leis e movimentos se desarranja aos olhos dos homens em “tragédias ambientais” no intuito de cumprir seu ritual de passagem para uma nova ordem, já que segundo a tese holbachiana:

É desse modo que os cometas se oferecem inopinadamente aos nossos olhos surpresos. Sua trajetória excêntrica vem perturbar a tranquilidade do nosso sistema planetário. Eles despertam o terror do vulgo, para quem tudo é maravilha: a própria física conjectura que outrora esses cometas tenham caído na superfície do nosso globo e causado as maiores revoluções na Terra. Independente dessas desordens extraordinárias, existem algumas mais comuns às quais estamos expostos. Algumas vezes, as estações parecem deslocadas; outras vezes, os elementos em discórdia parecem disputar o domínio do nosso mundo. O mar sai dos seus limites, a terra sólida treme, as montanhas se incendiam, o contágio destrói os homens e os animais, a esterilidade desola os campos. Então os mortais apavorados clamam em altos brados pela ordem e erguem suas mãos trêmulas para o ser que eles supõem ser o seu autor; enquanto essas desordens aflitivas são efeitos necessários, produzidos por causas naturais, que agem de acordo com leis fixas, determinadas por suas próprias essências e pela essência universal de uma natureza na qual tudo deve se alterar, se mover, se dissolver e onde aquilo que chamamos de ordem deve ser algumas vezes perturbado e se transformar em uma nova maneira de ser que para nós é uma desordem. (HOLBACH, 2010, p. 93).

Como Sade dialoga com este autor de forma muito próxima, entendemos que a ordem e desordem, como movimento de criação e destruição da natureza, aparecem igualmente nos escritos sadianos. Se, por um lado, para os homens ignorantes, segundo as percepções holbachiana e sadiana, essas desordens seriam resultantes de tragédias de deuses, castigos ce-

lestiais, apocalipses, para os filósofos materialistas e os libertinos de Sade, essas desordens seriam imprescindivelmente parte do jogo da natureza, de seu fluir e refluir, de sua dança entre a criação e a destruição; já que “a mesma violência assombra a natureza e o coração humano, uma violência incomensurável.” (BRUN, 2016, p. 56).

Assim, vejamos como Sade apresenta a desordem em *Os 120 dias de Sodoma*. Seleccionamos um excerto em que o narrador onisciente relata o momento de escolha das criadas para a aventura de reclusão dos 120 dias no Castelo de Silling. Os libertinos tinham algumas exigências quanto a essas contratações, podiam ou deviam ser extremamente sujas. Alguns libertinos deliciam-se com a imundície, esporram no meio de ambientes ou situações fétidas e podres:

Faltava ainda escolher as quatro criadas, sem dúvida, o mais pitoresco. O presidente não era o único cujos gostos fossem depravados; seus três amigos, e principalmente Durcet, tinham um certo apego por essa maldita mania de crápula e da devassidão que vê um encanto mais picante num objeto velho, nojento e sujo do que a natureza tem formado de mais divino. Seria incontavelmente difícil explicar essa fantasia, embora exista em muitas pessoas. A desordem da natureza traz consigo uma espécie de condimento que age sobre o gênero nervoso com talvez tanta ou mais força do que suas mais singulares belezas. Já foi comprovado que o horrível, a fealdade, as coisas horrendas são o que mais agrada quando se está com o membro ereto: ora, onde melhor se encontram essas características do que num objeto viciado? Certamente, se a sujeira agrada no ato da lubricidade, quanto mais sórdido este for, mais agradará; e existe seguramente bem mais sujeira num objeto viciado do que num objeto intacto ou perfeito. Não resta a menor dúvida a este respeito. Por sinal, a beleza é coisa simples, a fealdade é que é coisa extraordinária e todas as imaginações ardentes sempre preferem, sem dúvida, uma coisa extraordinária em termos de lubricidade a uma coisa simples. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 47).

Ou seja, para Sade, bem como a Holbach, para este numa perspectiva menos desasseado e sexual, a desordem acaba sendo também uma descarga de energia, de forças e movimentações sobre os homens, e mais ainda sobre a natureza, que se deliciam com essas mudanças tão necessárias.

Em *Os 120 dias de Sodoma* o estado de imundície, podridão, o sexo em meio a fezes, urina, excrementos é algo apetitoso aos libertinos de Silling. São inúmeras as perversões para este tipo de situação. Como a obra é dividida em quatro partes, quer dizer, as 600 perversões foram divididas em 4 partes: sendo as primeiras 150 paixões mais simples; as segundas 150 paixões mais singulares; as terceiras 150 paixões mais criminosas relacionadas a natureza

e a religião e as quartas 150 diferentes torturas. Nessa organização serão encontradas inúmeras possibilidades de imundície, e os libertinos esporram em meio a isso. Citaremos dois pequenos trechos, como, exemplo, mas não nos estenderemos, uma vez que este tema é um dos nossos propósitos de discussão do terceiro capítulo.

Curval é um dos quatro libertinos de *Os 120 dias de Sodoma* que mais sente desejo por corpos e coisas imundas e seu próprio corpo é velho, seco, deformado, fedorento, assim como pelos quais se excita, vejamos:

“Santo Deus”, disse Curval, a quem a lubricidade, naquele dia, fazia perder a cabeça, “vede, meus amigos, vede nesse pau duro, o quanto me inflama o relato dessa paixão”. E, chamando a Desgranges: “Vem, bugra impura”, disse-lhe, “tu que tanto aparentas àquela que se acaba de descrever, vem me proporcionar o mesmo prazer que ela deu ao commandeur”. A Desgranges aproximou-se. Apreciador desses excessos, Durcet ajudou o Presidente a despi-la. Ela começou a se fazer de rogada; desconfiaram do porquê e censuraram-na por esconder uma coisa que a tornaria muito mais querida da sociedade. Finalmente, despiram suas costas marcadas em que um V e um M revelavam que sofrera por duas vezes a desonrosa operação cujos vestígios, entretanto, acendem tão completamente os impudicos desejos de nossos libertinos. O resto daquele corpo gasto e marcado, aquela bunda lembrando tafetá furta-cor, aquele buraco infecto e amplo que se mostrava em seu meio, aquela mutilação de uma mama e de três dedos, aquela perna curta que fazia com que mancasse, aquela boca desdentada, tudo isso aqueceu, animou nossos dois libertinos. Durcet a chupou pela frente, Curval por trás e, embora objetos da maior beleza e do mais extremo frescor estivessem sob seus olhos, prestes a satisfazer seus mais leves desejos, é com aquele que a natureza e o crime desonraram, marcaram, é com o objeto mais sujo e mais nojento que nossos dois devassos em êxtase queriam experimentar os mais deliciosos prazeres... (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 118-119).

Desgranges era a personificação de um cadáver pútrido. Isto incitava desejo em nossos libertinos, Durcet e Curval. O próprio Sade, enquanto narrador, faz referência as outras moças que estavam presentes na sociedade do castelo de Silling, jovens, belas, limpas<sup>35</sup>, mas estes dois devassos pouco se importavam. Gozavam com os excrementos podres de Desgranges, com seu cheiro infecto, sua boca aterrorizante. Essas condições causavam-lhes os mais profundos esporros.

---

35 Vale destacar que nem sempre estar limpo era um pré-requisito na organização da vivência social dos 120 dias em Silling. Pelo contrário, os libertinos muitas vezes queriam e estipulavam até mesmo no estatuto/regulamento que as moças, ou os rapazes, não pudessem se limpar após terem defecado, deixando-as assim sujas de suas fezes por dias, pois assim as desejavam: “Nenhum dos sujeitos, quer dentro os homens ou dentre as mulheres, poderá praticar os deveres de asseio, quaisquer que sejam, e muito menos aqueles que se seguem às necessidades mais pesadas, sem uma permissão expressa do amigo responsável pelo mês.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 59).

Vamos outra cena, digamos, peculiar, porém excitante aos olhos dos libertinos do marquês de Sade em *Os 120 dias de Sodoma*. Este trecho contém a primeira parte da obra, ainda sob a narração de Duclos, no estado de paixões simples. Duclos, nesse contexto, narrava aos libertinos em Silling uma de suas aventuras libertinas pela vida, tinha vivido em alguns bordéis, fora inclusive dona de uma casa, enfim:

Beijou-me, enfiou uma língua suja e nojenta dentro da minha boca, cujo fedor acabou determinando o efeito do vomitório. Percebeu que meu estômago revirava, entrou em êxtase: ‘coragem, minha pequena’ gritava, ‘coragem! Não vou desperdiçar uma gota sequer’. Prevenida de tudo o que tinha que fazer, sentei-o num sofá e deitei sua cabeça numa das bordas. Suas pernas estavam abertas; desabotoei seus calções, empunhei seu instrumento curto e flácido que não dava sinal de menor ereção, chacoalhei, e ele abriu a boca. Enquanto o masturbava e recebia as carícias de suas mãos impudicas que passeavam pelas minhas nádegas, atirei-lhe na boca, a queima roupa, toda a digestão imperfeita de um almoço que o emético trazia de volta. Nosso homem estava no sétimo céu, extasiou-se, engoliu, foi buscar ele mesmo nos meus lábios a impura ejaculação que o embebedava, não perdeu uma gota. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 123).

O devasso excitou-se com o vômito de Duclos em sua boca. Não satisfeito, o engoliu. Esporrou engolindo o vômito alheio. O quão ilimitada é a imaginação libertina? Georges Bataille em *O erotismo* diz que “a evolução do erotismo é paralela à da impureza.” (BATAILLE, 2014, p. 148-149).

Então, compreendemos que em Sade o estado de desordem é também um estado de sujeira, infecto, podre, devasso que vai infligir desejos ardentes nos libertinos, que tudo se permitem, pois só seguem a via tendenciosa do vício da natureza e, assim, todo tipo de adversidade será bem-vinda, e proverá os maiores esporros.

Quando Sade diz que a criação e a destruição são necessidades iguais da natureza, portanto, a mesma dota vícios e virtudes para que os homens hajam de acordo com as necessidades da natureza soberana, ele não faz isso de forma inédita. A tese de que é necessário haver nascimento e morte já tinha sido apresentada por Holbach. Aqui, temos um novo exemplo para confirmarmos como o marquês dialogou ao longo de sua escrita e leitura com esses autores materialistas, especialmente o Barão.

Notemos este trecho de *O sistema da natureza* o qual há muita convergência entre as teses de ambos autores:

Nosso nascimento, que chamamos de um benefício, é um efeito tão necessário quanto a nossa morte, que consideramos como uma injustiça do destino. É da natureza de todos os seres análogos se unir para formar um todo; é da natureza de todos os seres compostos se destruir ou se dissolver, uns antes e os outros mais tarde. Todo ser, ao se dissolver, faz eclodir novos seres. Estes são destruídos, por sua vez, para executar eternamente as leis imutáveis de uma natureza que não existe senão pelas modificações contínuas que sofrem todas as suas partes. Essa natureza não pode ser considerada nem como boa nem como perversa; tudo aquilo que nela se faz é necessário. Essa mesma matéria ígnea, que é em nós o princípio da vida, torna-se muitas vezes o princípio da nossa destruição, do incêndio de uma cidade, da explosão de um vulcão. Essa água que circula em nossos fluidos, tão necessária a nossa existência atual – quando se torna muito abundante nos sufoca –, é a causa dessas inundações que, muitas vezes, vêm engolir a terra e seus habitantes [...] Os elementos são forçados a se desencadear contra nós quando são combinados de uma certa maneira, e suas consequências necessárias são esses estragos, essas epidemias, essas fomes, essas doenças, esses flagelos diversos pelos quais nós imploramos, em altos brados, às potências surdas, às nossas vozes. (HOLBACH, 2010, p. 451).

Nascer ou morrer para a natureza não é um evento especial, mas sim uma causa natural, uma consequência de seu processo de ordem e desordem, como já vimos em Holbach. Na percepção de Sade e dos materialistas, os homens problematizam esses dois fatos da vida natural, tornando-os, deste modo, recorrentes; neste sentido, essa natureza pode ser boa ou ruim? Não, já que a destruição mantém o equilíbrio da natureza.

Tendo Sade se influenciado fortemente por esta tese de Holbach, compreendemos que a natureza precisa tanto de nascimento/criação quanto de morte/destruição para não interferir no seu ordenamento natural, no seu estado de equilíbrio. Se a natureza inspirava os homens devassos é porque precisava acelerar esses processos, necessitava de seres que cometessem crimes sem se lamentarem. Assim sendo, Sade defende seus libertinos para a manutenção do vício, da via viciosa e do equilíbrio da natureza. Esse libertino não sofre com o crime que pratica, pelo contrário, quanto mais sofrimento causa, mais gozo alcança. Nesta passagem de *Os 120 dias de Sodoma*, Duclos, a narradora libertina, chega por um momento a se emocionar e é advertida:

“Chega de compaixão, Duclos”, disse-lhe o Duque secamente ao ver que ela custava a reter algumas lágrimas involuntárias; “aqui, desconhecemos estes pesares e ainda que toda a natureza desabasse, isso não nos arrancaria sequer um suspiro. Deixai o choro aos imbecis e às crianças, e que nunca sujem as bochechas de uma mulher arrazoada a quem estimamos”. Com essas palavras nossa heroína se conteve e logo retomou seu relato. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 137).

Não há nos libertinos de Sade espaço para compaixão e lamentações. O sofrimento é para os imbecis. Só há: “uma espécie de malvadeza que, quase sempre, desperta em mim os órgãos da lubricidade” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 142). Esse tipo de sensibilidade só é possível graças a via viciosa que a natureza dota em certos seres, pela perspectiva sadiana.

Nesse sentido, vamos destacar ainda outra vertente, a qual constrói um individualismo nas perspectivas materialistas. Phillippe Sollers escreve em *Sade, contra o ser supremo – precedido de Sade no tempo* o seguinte: “Sade não se cansa de nos avisar. ‘As leis da natureza são individuais’, não há nenhum laço entre um indivíduo e quem quer que seja.” (SOLLERS, 2001, p. 33-34). Então, seriam estes seres individuais livres? Os homens são livres? Posta nestes termos a questão, cabe retornarmos às palavras de Holbach (2010, p. 231), quem sem rodeios nos diz que:

Para ser livre, seria necessário que ele sozinho fosse mais forte do que a natureza inteira, ou seria necessário que ele estivesse fora dessa natureza que, estando ela própria em ação, obriga todos os seres que ela abrange a atuarem e a concorrerem para a sua ação geral ou – como se disse em outra parte – a conservar sua vida ativa por meio das ações ou dos movimentos que todos os seres produzem em razão das suas energias particulares submetidas a leis fixas, eternas e imutáveis. (HOLBACH, 2010, p. 231).

Seguindo esta linha de raciocínio, os homens nunca serão completamente livres. Estarão condicionados ao funcionamento e ordenamento da natureza. Os homens estarão condicionados as suas leis, à medida que “nossa vida é uma linha que a natureza nos ordena percorrer na superfície da Terra, sem jamais podermos nos afastar por um instante dela.” (HOLBACH, 2010, p. 230). Em *Os 120 dias de Sodoma* os libertinos de Sade sentem-se livres no Castelo de Silling para cometerem qualquer tipo de crime, mutilação e assassinato; todavia, é interessante ressaltar que só estão ali por que a natureza lhes infligiu a tendência viciosa em seus corações. Porque a natureza necessita de crimes e destruições; logo, concedeu aos seres viciosos mecanismos para ajudá-la a acelerar seus processos. Assim, a liberdade desses libertinos de Sade e dos materialistas é uma liberdade condicionada às leis e ao ordenamento da natureza. Ela é o motor de todo o universo e quem dita todas as leis, e detentora de todos os poderes, desde a criação até a destruição.

A natureza em sua imensidão talvez cause confusão aos homens dando-lhes a sensação de liberdade, por ser essencialmente ilimitada. Como já foi exposto, o homem precisava

reconhecer que não era tão valioso assim para a natureza, que era um ser quanto qualquer outro. *A natureza é a força máxima de todo o universo*, só ela condiciona os homens aos vícios (e.g. Sade) e às virtudes (e.g. d’Holbach e La Mettrie). Estando os libertinos a serviço da natureza, oferecendo-lhes crimes, volúpias e devassidão, seria, segundo a argumentação de Sade, equivocado contrariar suas leis viciosas: “[...] *desobedecê-la seria o nosso único crime. Todos os celerados da terra são apenas agentes de seus caprichos.*” (SADE, *A filosofia na Alcova*, 2008, p. 193, grifos nossos). Desse modo, a natureza soberana deveria multiplicar os crimes sobre os libertinos celerados que assim alcançariam os máximos esporros, obtendo, com isso, o ordenamento em perfeito equilíbrio.

Por ora traçamos então uma apresentação referente ao contexto e as ideologias presentes no século de Sade. Pudemos perceber diante de tudo até aqui exposto que dialogou com filósofos materialistas do século XVIII, como, La Mettrie e o Barão d’Holbach, mesmo divergindo-se dos mesmos a interpretar a filosofia da natureza pela via viciosa. Influenciou-se pelas teses materialistas, sendo seus romances reflexos dessa filosofia. Como Sade foi um grande leitor, não podemos reduzi-lo à mera aquiescência da influência apenas destes dois autores, entretanto a aproximação com estes dois últimos se dá de forma mais íntima pela constituição das vias de possibilidade que a natureza dispõe, entre a virtude e o vício. Os materialistas em questão defenderão a virtude, enquanto o marquês, bem o sabemos, trilha o itinerário do vício.

Para darmos seguimento e compreensão para o objetivo central deste trabalho, qual seja, a percepção da filosofia da natureza em *Os 120 dias de Sodoma* para uma leitura e entendimento da estética da destruição posta nessa vivência enclausurada construída pelo Marquês nos 120 dias de reclusão em Silling, teremos no próximo capítulo discussões mais centralizadas em volta do próprio pensamento sadiano. Para tanto, será indispensável analisarmos a *vida* do marquês, as discussões sobre o gênero literário e reflexões concernentes à moralidade, da sexualidade e do grotesco em Sade.

## CAPÍTULO 2: A VIDA DE SADE E A PRODUÇÃO DOS 120 DIAS DE SODOMA

### 2.1 VIDA DE SADE: HISTÓRIA, LIBERTINAGEM, PRISÕES

*“[...] Uma exploração sistemática das paixões, possibilitada por um pensamento que, pela primeira vez, se quis inteiramente disponível para transcrever a insurreição física de um corpo superexcitado por causa do aprisionamento.”*

*Dany-Robert Dufour, 2013.*

Em Paris, no dia 2 de junho de 1740 nasce Donatien-Alphonse François, personagem que entrará, para o bem e para o mal, para história do pensamento e da literatura ocidental sob a alcunha de o *Marquês de Sade*. Donatien viveu por setenta e quatro anos, uma vida, diga-se de passagem, digna de seus escritos: uma vida intercalada entre experiências de liberdade civil e experiências continuadas de prisões. É no cárcere, dissemos já no início deste escrito, que Sade deixa o mundo dos homens. Os biógrafos de Sade afirmam que o mesmo usava um título de Marquês mesmo tendo herdado o título de Conde. O pai de Sade, Jean Baptiste-François-Joseph, senhor de La Coste e de Saumane foi um homem com ligações profundas à carreira militar, carreira esta que Sade seguirá como exemplo nos anos iniciais de sua juventude. Fernando Peixoto em *Sade, vida e obra* faz alusão à experiência do conde de Sade, pai do marquês, como escritor de alguns versos e algumas peças de teatro: “Numa carta a um irmão faz referência a uma comédia que escreveu e que o jovem Sade quer encenar.” (PEIXOTO, 1979, p. 22). O pai do marquês morreu em 1767, carregando o título de Marechal do campo do exército real. Já a mãe de Sade, Marie-Éléonore de Maillé de Carman “[...] ligada por laços familiares à casa dos Bourbon, prima da neta de Richelieu que se casou com o grande Conde.” (PEIXOTO, 1979, p. 22), faleceu em 1777, já separada do Conde de Sade, desde 1760, no convento das Carmelitas.

Sade nasceu em um meio social de privilégios no Palácio de Condé, em Paris, local este que ocupava uma grande área territorial. Foi acostumado com certo luxo e requinte e

perceberemos mais adiante ao longo deste capítulo como as experiências das prisões em que viveu incomodava-o pela falta de conforto dos espaços físicos dessas clausuras.

Sade em seu romance epistolar de discussões e pensamentos políticos *Aline e Valcour*; o qual fora escrito na Bastilha, um ano antes da *Revolução Francesa* eclodir, traz algumas referências autobiográficas em suas páginas iniciais. Nele, Sade vai menciona seu nascimento marcado por privilégios, cita também a preocupação que seu pai tinha em lhe organizar um bom casamento<sup>36</sup>. Vejamos *in extenso*:

Allié, par ma mère, à tout ce que le royaume avait de plus grand; tenant, par mon père, à tout ce que la province de Languedoc pouvait avoir de plus distingué; né à Paris dans le sein du luxe et de l'abondance, je crus, dès que je pus raisonner, que la nature et la fortune se réunissaient pour me combler de leurs dons; je le crus, parcequ'on avait la sottise de me le dire, et ce préjugé ridicule me rendit hautain, despote et colère; il semblait que tout dût me céder, que l'univers entier dût flatter mes caprices, et qu'il n'appartenait qu'à moi seul et d'en former et de les satisfaire. (SADE, 1990, p.403)<sup>37</sup>.

Neste trecho, Sade faz menção a ter nascido em um berço de ouro, ou seja, entre uma família de privilégios sociais, com luxo e comodidade; logo, propusesse que talvez estas facilidades iniciais de sua vida tenham sido cobradas pela natureza ao longo de sua vivência. Tinha a sensação que o universo cederia a seus caprichos, ou vontades. O marquês, aqui, faz uso do personagem Valcour de seu romance para descrever momentos e características de sua vida. Entretanto nem sempre poderemos fazer este tipo de relação, os demais romances<sup>38</sup> de Sade que citaremos neste trabalho não fazem uso dessa perspectiva autobiográfica.

Sobre a infância de Sade há um vão. Os biógrafos do marquês não trazem grandes discussões e fatos no que toca este contexto de vida do mesmo. Então há certas fragilidades biográficas no que diz respeito a sua infância, e até mesmo a sua própria fisionomia, sendo esta tantas vezes retratada de forma distinta. Não temos um retrato oficial nem uma descrição

---

36 Considerando que a ideia de um bom casamento para o contexto francês ao que Sade está inserido pensa não um ideal romântico de casamento, mas uma união de conveniências e interesses entre as partes envolvidas, interesses estes que podem ser de instâncias social, econômica e política.

37 SADE OEUVRES I, Editado e organizado por Michel Delon, e o capítulo *Sade philosophe* por Jean Deprun. Um tomo que contém *Introduction* por Michel Delon, *Chronologie* por Michel Delon e os romances escritos por Sade “DIALOGUE ENTRE UN PRETRE ET UN MORIBOND”; “LES CENT VINGT JOURNEES DE SODOME OU L'ÉCOLE DU LIBERTINAGE” e “ALINE ET VALCOUR OU LE ROMAN PHILOSOPHIQUE” e mais Notices, notes et variantes, Tableau des monnaies, Tableau des mesures de longueur, por Michel Delon. Tomo da Éditions Gallimard de 1990.

38 Como *Justine* (s.d); *A Filosofia na Alcova* (2008) e *Os 120 dias de Sodoma* (2006) que serão as três obras de Sade mais discutidas neste trabalho.

exata da aparência física do marquês. Simone de Beauvoir em seu texto *Deve-se queimar Sade?* lamenta bastante essas ausências:

Quando começamos a descobrir Sade, ele já é homem feito e não sabemos como se tornou o que é. Semelhante ignorância impede-nos de apreciar as suas tendências e atitudes espontâneas; a natureza da sua afetividade, os aspectos singulares da sua sexualidade surgem-nos como dados que simplesmente nos cumpre constatar. Desta deplorável lacuna resulta que a intimidade de Sade nos escapará sempre; toda explicação deixará atrás de si um resíduo que só a sua história infantil poderia esclarecer (DE BEAUVOIR, 1961, p.10).

Assim, Simone de Beauvoir acredita que esta ausência de relatos sobre a infância de Sade é algo que fará diferença para pensarmos análises pessoais do marquês. Para a filósofa francesa, a identidade de Sade nos faltará sempre pelas ausências. O que biógrafos e estudiosos do autor conseguem formular são interpretações possíveis mediante essas lacunas.

Após 1753, Sade finaliza seu ensinamento civil no colégio Louis-le-Grand e inicia sua carreira militar. Seguindo o exemplo de seu pai: “[...] consequência lógica de sua educação aristocrática.” (PEIXOTO, 1979, p. 27). A caminhada militar de Sade é rápida. Participa da Guerra dos Sete Anos<sup>39</sup> em 1756; logo após ao fim da Guerra, em 1763, Sade é posto como Capitão de Cavalaria, o que era comum para o contexto:

É um hábito, no fim das guerras, dispensar soldados, que se tornam inúteis e pesam no orçamento. E reformar oficiais, que poderão, se quiserem, voltar na mesma ou em outra corporação, ao serviço na ativa. Sade voltará ao exército em 1767 e 1770. Agora ele regressa a Paris: vinte e três anos, um posto de destaque no exército e algum dinheiro. Para suas aventuras amorosas aluga uma casa em Arcueil. A polícia discretamente lhe pede moderação. Em poucas semanas, jogando muito e envolvido com atrizes e prostitutas, estabelece uma sólida má reputação, que preocupa o pai. O conde vive sozinho<sup>40</sup>, sem grande energia, com a saúde abalada. E resolve encontrar uma solução para os dois problemas, reputação e dinheiro: o casamento do filho... (PEIXOTO, 1979, p. 31).

Assim, mediante as intenções de seu pai, Sade em 1763, aos vinte e três anos de

---

39 Conflito militar europeu do século XVIII envolvendo vários reinos europeus divididos dentre os blocos: Bloco Francês versus Bloco Britânico. No geral, mesmo diante de um estado pós-guerra cheio de traumas e desgastes físicos e econômicos, temos como grupo vencedor os reinos da Grã-Bretanha e da Prússia.

40 Este se divorciou da mãe de Sade por volta de 1760.

idade, se casa com Renée-Pélagie de Montreuil<sup>41</sup>, com quem teve três filhos, dois meninos e uma menina. A família de Renée vinha de uma “discutível nobreza recente.” (PEIXOTO, 1979, p. 31). Era uma família possuidora de posses, mas não tinham laços com a nobreza; por conseguinte, o casamento com o marquês fazia-se interessante na medida em que o pai de Sade, o Conde, tinha um passado aristocrático importante: “Mesmo ligado pela família ao sangue real, não hesita em dar o filho aos Montreuil. Afirma Maurice Heine: *a evidente desproporção dos títulos não era compensada pela inversa proporção das fortunas?*” (PEIXOTO, 1979, p. 32-33, grifos do autor). Mesmo os Montreuil sendo de uma nobreza discutível foram uma família que obtinham respeito e certa influência na corte, tendo sido a união até aplaudida pelo Rei e corte.

Jean-Baptiste-François de Sade, chamado conde de Sade, pai do Marquês, desde sempre manifestou grande preocupação com o futuro do filho, especialmente no que se refere ao matrimônio. Havia notório interesse em prepará-lo para um casamento de conveniência, pretendia assim ampará-lo e, talvez pudéssemos supor que o matrimônio também renderia à família privilégios sociais. A própria França do século XVIII partilhou desse imaginário de concepção de matrimônio, protagonizado pelo pai de Sade, uma vez que as relações matrimoniais se faziam em boa parte por interesses econômicos, políticos e sociais entre famílias:

[...] o casamento, na maioria das sociedades primitivas (como também, mas em grau menor, nas classes rurais de nossa sociedade), apresenta uma [...] importância econômica. A diferença entre a situação econômica do solteiro e a do homem casado, em nossa sociedade, reduz-se quase exclusivamente ao fato de que o primeiro deve, mais frequentemente, renovar seu guarda-roupa. (LÉVI-STRAUSS *apud* BATAILLE, 2014, p. 236)<sup>42</sup>.

Para o casamento de Sade e Renée o interesse vai além do quesito econômico, perspectiva presente no imaginário matrimonial francês no século XVIII e, até mesmo em ou-

---

41 Jean Desbordes em *O verdadeiro rosto do Marquês de Sade* considera o casamento de Sade com Renée por questões de conveniência financeira e posição social, já que a família Montreuil, família da aristocracia francesa no século XVIII, pôde oferecer ao Marquês. Desbordes interpreta tal questão a partir de um trecho de uma carta em que o Marquês envia à Sra. de Sade em 1790: “[...] e eu que não me casei senão para encontrar uma sociedade em minha casa quando envelhecesse”. (DESBORDES, s.d., p. 210). Fernando Peixoto em *Sade, vida e obra*, por sua vez, vai destacar que o próprio Sade, tendo casado mais por influência de seu pai com uma noiva que não escolheu, ou sequer quis, vai criticar a prática do casamento em sua literatura em momentos posteriores: “[...] desmistificando o verdadeiro sentido que tinha na época: uma transação econômica, salvando ou ampliando fortunas, uma operação fria e calculada em cifras, em que os filhos eram considerados como mercadoria entre as partes interessadas, os pais. Basta examinar o contrato de casamento do próprio Sade: é uma longa lista de títulos, propriedades e quantias em dinheiro vivo.” (PEIXOTO, 1979, p. 31).

42 Bataille nos dá a referência da citação de Lévi-Strauss pela obra *Les structures de la parente*, p. 48.

tras sociedades, como vimos na citação de Lévi-Strauss, contida na obra de Georges Bataille, *O erotismo*. O pai sempre almejou para o marquês um casamento que lhe rendesse prestígio e influência social, o que era recorrente no contexto francês de Sade.

O casamento do marquês será entretanto uma união tumultuada por denúncias de libertinagem, além de uma possível paixão pela irmã de Renée: “Mais tarde, Sade se tornará amante da cunhada [...]” (PEIXOTO, 1979, p. 33) e, por último, mas não menos problemático, uma relação difícil com sua sogra, a Senhora de Montreuil: “Se Renée-Pélagie é o êxito mais triunfante de Sade, Mme. de Montreuil resume a sua derrota” (PEIXOTO, 1979, p. 34). Esta será a grande responsável pela influência de suas prisões.

Uma tríade conflituosa caracterizará a relação de Sade: com sua esposa Renée, com sua cunhada Anne-Prospère, irmã de Renée e com sua sogra, a senhora Presidente de Montreuil<sup>43</sup>. Há uma unanimidade entre autores que já escreveram sobre Sade, como Eliane Robert Moraes, Gabriel Giannattasio, Jean Desbordes, Roland Barthes, Annie Le Brun, Pierre Klossowski, Fernando Peixoto, e outros mais, em considerar que a principal causa de suas prisões tenha sido a perseguição que a senhora de Montreuil lançou-lhe: “Sabe-se o quanto Sade foi perseguido em vida. Acossado pela poderosa Mme. de Montreuil, sua sogra, ele passou os últimos anos de liberdade enclausurado.” (MORAES, 2011, p. 134).

O conflito entre Sade, Renée e sua irmã, não foi a única tensão vivenciada no âmbito familiar do marquês. Sua conduta libertina, de corpo e de espírito lhe trará uma vida de processos, denúncias e prisões. Sade foi pensado por muitos como maldito em seu contexto (BATAILLE, 2015). Perseguido por sua sogra. *Sua literatura silenciada*. Uma vida de acusações e reclusão.

Para entendermos os contextos de reclusão carcerária da vida do marquês partiremos da compreensão de algumas de suas missivas, escritas enquanto ainda estava preso. Sade fez grande uso de missivas enquanto recluso. Abordaremos algumas reflexões para construir a hipótese que sua prática de escrever cartas se deu muito além de uma necessidade de comunicação<sup>44</sup>. A prática de escrever missivas vai ter um papel libertador na vida do marquês, uma

---

43 Talvez “tensão” seja um termo bastante sutil para caracterizar a relação de Sade com a senhora de Montreuil, pois, como escreve Gabriel Giannattasio, “Sade se encontra preso e acredita que sua sogra, a senhora presidente de Montreuil – como inúmeras vezes ele a chama –, é a responsável pela sua detenção. De fato, a senhora de Montreuil solicitou ao rei da França a prisão de seu genro por meio de uma *‘lettre de cachet’*. Sem ser submetido a julgamento, sem ter contra ele qualquer espécie de acusação formal e sem uma pena a cumprir, Sade desconhece a data de término de sua detenção. Em suas cartas, ele não poupara sua sogra, lançando contra a família de sua esposa todo o tipo de impropérios”. (GIANNATTASIO, 2009, p. 41).

44 As missivas foram muito além de uma necessidade posta como forma apenas de comunicação para o século

forma de se sentir vivo em meio à solidão e ao isolamento da prisão. Ou para percepção do próprio ser: “Escrever sobre qualquer tema exige o recolhimento daquele que escreve a um universo interior e particular que nem sempre precisa ser dividido [...] pode ser o meio para compreender a si mesmo.” (FREDRIGO, 2010, p. 43). Seria uma forma também de abolir, ou amenizar distâncias. (MORAES, 2000).

O ofício de escrever cartas vai além da individualidade. Veremos, ao longo deste trabalho, como Sade irá se comunicar pelas missivas, com interlocutores distintos. Desenvolverá comunicações por meio de cartas com sua esposa, sua sogra, seus amigos e, até mesmo, com seu advogado. Essa atuação não será fácil, ainda mais pelas reclamações de saúde, inclusive de visão que o marquês sempre descrevia em certas missivas:

[...] seus recorrentes testemunhos de sofrimento. De um lado, o desconforto da prisão: a falta de talheres nas refeições, a presença de ratos na cela, a privação dos passeios ao ar livre, a impossibilidade de dormir; de outro, as violentas dores causadas por seus problemas de saúde: a provável tuberculose, a forte infecção na vista que dificultava a leitura e a escrita, e sobretudo as hemorroidas. Para tratar esse “mal inveterado” do qual ele se queixa em toda a correspondência, Sade escreve a sua mulher encomendando “um unguento de uma força das mais violentas”, especificando com exatidão o que desejava: “É preciso que o mercúrio, a terebintina, as cantáridas e tudo o que possa existir de mais forte, componham a base desse unguento” (MORAES, 2000, p. 58)<sup>45</sup>.

Nas cartas do Marquês há pontuações diversas. Desde descrições acerca de posicionamentos políticos, reflexões filosóficas e pessoais, além de diversas questões que envolvem sentimentos de nostalgia, lamentações e esperança. Sade esperava ansioso por liberdade, por uma vida de comodidades e luxos, com uma alimentação requintada e não ser privado de suas leituras, de seus livros preferidos. Nos dois campos, no pessoal e no literário, percebemos a escrita de Sade fiel a uma imaginação, ou seja, uma liberdade de pensamento e de alteridade com o mundo sem precedentes: “Sade deu livre curso à sua imaginação, pois, em outras palavras, não é do universo físico-carceral, mas de uma revolta aos limites impostos à existência que nasce sua obra literária.” (GIANNATTASIO, 2009, p.20); ou seja, a liberdade de seus

---

XVIII, levando-se em conta a inexistência de objetos de comunicação como o rádio e o telefone, os quais ainda não tinham sido inventados. Para o caso de Sade, a comunicação epistolar fez-se necessária como uma busca de não solidão.

45 Nota referente ao texto original da Eliane Robert Moraes do livro de organização *Prezado senhor, prezada senhora, estudo sobre cartas* organizado por Walnice Nogueira Galvão e Nádia Batella Gotlib que diz: *Apud* Jean-Jacques Pauvert. Op. cit., p. 479, n. I.

pensamentos determinou as estruturas e conteúdos textuais de sua literatura e missivas<sup>46</sup>.

O marquês de Sade mesmo depois de casado com Renée acumulará uma série de denúncias libertinas em sua trajetória pessoal. Seus biógrafos relatam em momentos diversos de sua vida envolvimento do marquês com prostitutas e, muitas vezes em ações de libertinagem, ou seja, relações sexuais que ultrapassavam interditos postos pela sociedade francesa do século XVIII, como a prática da sodomia, ou do sexo intercalado de mutilações:

Gilbert Lely considera os anos de 1763 e 1768 o período em que Sade, *pelas confidências das prostitutas como a partir da observação de seu próprio delírio, recolhe os primeiros elementos de seu dossier demoníaco, enquanto em seu espírito nasce pouco a pouco a aurora de um conhecimento trágico cujas leis nenhum filósofo antes dele soubera deduzir*. (PEIXOTO, 1979, p. 36, grifos do autor).

A ideia da fala de Gilbert Lely pela obra de Fernando Peixoto terá grande sentido. Lely é um dos maiores biógrafos de Sade, e ele vai compreender como nesses anos o marquês viveu inúmeras espécies de liberdades sexuais e excessos, pensando a mentalidade conservadora da época que além de priorizar as relações de matrimônio as mesmas eram sempre pautadas na monogamia.

A primeira prisão do marquês acontece em outubro de 1763 tendo sido uma experiência mais curta, o mesmo foi conduzido à Vincennes onde ficou retido por aproximadamente 15 dias. Mas mesmo liberto será impedido de voltar a Paris: “[...] devendo permanecer confinado na residência dos sogros, em Échauffour, para onde é levado pelo inspetor Marais, encarregado de sua vigilância.” (PEIXOTO, 1979, p. 37-38). Posteriormente, graças à influência dos Montreuil, Sade terá permissão para passar certo tempo em Paris.

Partindo então da perspectiva das acusações de libertinagem que pairam sobre Sade temos em sua história biográfica dois grandes “escândalos” (DESBORDES, s.d.): o caso de Arcueil e o de Marselha.

Em 1768 eclode sobre o marquês a denúncia do caso de Arcueil. Maurice Heine foi o biógrafo responsável por reunir toda a documentação referente ao caso, registros estes contidos nos Arquivos Nacionais, no Parlamento e no Châtelet de Paris. Nessa primeira situação Sade é acusado de flagelar, chicotear, entre outros abusos físicos e corporais, uma mulher que se chamava Rose Keller. O caso de Arcueil é pensado por interpretações possíveis do

---

46 Quem tiver o interesse de aprofundar nessa temática, indicamos a leitura de *Cartas de Vincennes, um libertino na prisão* de Marquês de Sade, tradução e organização de Gabriel Giannattasio.

ocorrido, não sendo fácil assim saber o que realmente houve factualmente falando: “É possível apenas tentar uma reconstituição dos fatos, partindo dos depoimentos, passíveis de suspeita, dos dois protagonistas do caso: Rose e Sade.” (PEIXOTO, 1979, p. 44). Depoimentos estes que se assemelham em certos pontos e se divergem em outros tantos. Rose Keller tinha na época do caso em questão 36 anos. Era viúva, desempregada, tendo encontrado Sade numa manhã do dia 3 de abril de 1768, em pleno domingo de Páscoa. Vejamos um pequeno trecho que Fernando Peixoto em *Sade, vida e obra* nos apresenta sobre o depoimento de Rose Keller:

Estava pedindo esmolas na praça Victoire quando dela se aproximou um jovem vestido de casaca cinzenta, com uma faca de caça na cintura e uma bengala na mão, que lhe propôs segui-lo para arrumar seu quarto, que a queixosa, imaginando tratar de outra coisa, respondeu-lhe não ser o que ele pensava, ao que ele replicou que era para servi-lo e que lhe pagaria e alimentaria bem.<sup>47</sup> Ela aceitou, ele levou-a para uma casa, pediu que esperasse, voltou cerca de uma hora depois e conduziu-a num fiacre até Arcueil. Levou-a para um quarto, saiu fechando a porta com chaves [...] Chicoteou-a com varas, fazendo-lhe várias incisões com uma faquinha ou um canivete, derramou cera vermelha e cera branca em grande quantidade sobre os ferimentos após o que começou a chicoteá-la e a fazer incisões e a derramar cera, repetindo sete ou oito vezes esses maus tratos. Ela gritou, ele mostrou-lhe uma faca e ameaçou matá-la e enterrá-la com suas próprias mãos. Ela parou de gritar: cada vez que ele novamente a chicoteava também lhe dava pauladas. Ela implorou que não a matasse, pois ainda não havia feito sua páscoa: ele ofereceu-se para confessá-la ele mesmo e quis obrigá-la a isso [...] Ele trouxe-lhe um vidro com um líquido para que untasse os ferimentos, dizendo que assim em pouco tempo não deixariam vestígios. (PEIXOTO, 1979, p. 44-45)

No depoimento de Rose Keller não há referência a algum consentimento por parte da mesma diante das relações sexuais citadas. Algo que Sade vai contestar. Em seu depoimento – ele diz que o divertimento ou a experiência libertina que tiveram foram com consentimento de ambas as partes: “[...] afirma que Rose não gritou nunca. Se gritasse teria sido ouvida por todas as pessoas que estavam na casa. E que ela não pareceu descontente quando se separaram, apenas pediu para sair mais cedo.” (PEIXOTO, 1979, p. 46). A fala de Sade contradiz ao final do relato o depoimento de Rose Keller, que sai fugida da casa em que estavam em Arcueil.

A passagem da citação de Peixoto sobre o depoimento de Rose Keller que nos intriga diz respeito ao deboche de Sade diante da crença religiosa da mulher, por se preocupar

---

47 Nesta citação os grifos são referentes a grifos do próprio autor, Fernando Peixoto (1979). Podemos subentender que talvez as partes grifadas fossem partes que correspondessem a documentação fiel do depoimento de Rose Keller. Porém o autor, Peixoto, não nos dá nenhuma referência justificando os seus grifos.

em vir a falecer sem ter se confessado em um Domingo de Páscoa. Há um trecho no romance do marquês, *A filosofia na alcova* (2008), referente a um dos diálogos entre Mistival (a vítima flagelada desse romance) e Dolmancé (o libertino detentor dos discursos filosóficos da obra e também é o personagem que lidera os métodos e os sistemas das orgias sexuais), a qual percebemos desprezo e deboche, mesmo que em níveis literários, pela crença religiosa da Senhora de Mistival:

MISTIVAL, *recebendo a tortura*. – Ah, que monstro! Criminoso! Ele vai estropiar-me!... Ó céus!...  
DOLMANCÉ – Não adianta, minha amiga, o céu é surdo à tua voz como a de todos os homens; *este céu poderoso jamais se importou com cu algum!* (SADE, *A filosofia na Alcova*, 2008, p. 191, grifos nossos).

Vemos que nas duas passagens, uma que remete à vida real e pessoal de Sade, e outra à sua perspectiva literária, em ambas o que está em jogo é uma crítica contundente e um tanto quanto debochada sobre determinadas crenças religiosas<sup>48</sup>. Sade vai ironizar a ideia de confissão remetida por Keller. Em sua literatura, Dolmancé ridiculariza a confiança da senhora de Mistival no céu, ou, como podemos subentender, na ideia de um Deus protetor. Este céu, e este Deus, se é que existissem, não se preocupariam com os orifícios íntimos de qualquer ser, no caso em questão, o ânus da nobre senhora. A literatura de Sade, seja em seus romances, contos ou novelas, trabalhara esse tipo de ridicularização das crenças religiosas, das instituições e dos membros religiosos. Veremos isto de forma mais pontuada no decorrer deste trabalho, especialmente no capítulo terceiro.

O caso Arcueil finalizou com o marquês de Sade absolvido em razão das cartas de abolição conferidas pelo Rei, em 10 de junho de 1768. Apesar da absolvição de Sade, sua relação com a sogra passou a ficar mais abalada. A senhora de Montreuil gasta uma considerável quantia para amenizar os desgastes que tal situação trouxera à sua família: “A presidente procura febrilmente salvar as aparências.” (DESBORDES, s.d., p. 70). Sade fica proibido de permanecer em Paris, por tempo determinado. Novas acusações ocorrerão contra o marquês, entretanto Peixoto acredita que:

Mas é justamente a partir do caso de Arcueil que começa a lenda contra o

---

48 Não nos prolongaremos nessa questão aqui, neste primeiro tópico do primeiro capítulo, ainda, sobre a crítica de Sade às instituições religiosas. Estas serão desenvolvidas com mais profundidade de análise e discussão a partir do tópico 1.3 e no capítulo segundo, especialmente. Isso devido a uma organização de recortes temáticos e para que o trabalho não se torne repetitivo.

marquês de Sade, apontado como um demônio sanguinário. A opinião pública está revoltada e Sade é oportunamente transformado numa espécie de bode expiatório para todos os crimes de todos os libertinos ricos, e assim, impunes da época. É inclusive sob pressão da opinião pública que o processo prossegue cada vez mais forte contra o Marquês. Os fatos em si não justificariam uma perseguição tão grande. (PEIXOTO, 1979, p. 46)

O caso de Arcueil pode ser compreendido então como o grande marco negativo de configuração sobre a pessoa de Sade.

O segundo grande escândalo que envolveu a vida pessoal do marquês foi o caso de Marselha, processo que se desenrolou aproximadamente entre 27 de junho e 12 de setembro de 1772. Neste episódio, Sade foi acusado de crime por envenenamento e por sodomia de supostas prostitutas. A sodomia vai ser algo marcante na literatura do marquês, algo quase idealizado, como veremos nos próximos capítulos. Pierre Klossowski em *Sade, meu próximo (1985)* faz uma referência pertinente a respeito dessa prática que, segundo suas palavras, “[...] um caso de perversidade absolutamente central, a partir do qual Sade interpreta todos os demais como princípio de afinidade naquilo que formará a monstrosidade integral, é o da sodomia.” (KLOSSOWSKI, 1985, p. 26). A sodomia pareceu estar então, não só na literatura do marquês, mas também em sua vivência particular e em seus comportamentos sexuais, se tomarmos por nota de recorte espaço – temporal os dois casos de acusação contra o Marquês, o de Arcueil e o de Marselha. Em ambos, Sade infligiu limites sexuais de comportamento, de forma aparentemente não consensual entre as partes envolvidas, em um contexto<sup>49</sup> em que os assuntos do sexo e sobre o sexo ainda eram uma forma de interdito. Foucault vai dizer que é a partir do século XVIII, de forma gradativa e processual que a sociedade se importará com a maneira como cada qual usa seu sexo (FOUCAULT, 2015, p. 18).

Peixoto nos relata que Gilbert Lely compreende o caso de Marselha como uma grande experiência educacional e didática da libertinagem:

Segundo Gilbert Lely o que acontece na manhã do dia 27 de Junho, no domínio da morbidez psicosexual são atos tão claros, tão decisivos e tão variados, que parecem uma demonstração didática de libertinagem. É um desfile impressionante de atos de homossexualismo, sado-masochismo, “voyeurismo”, exibicionismo, coprofilia, masturbação, drogas; e ao mesmo tempo o Marquês parece manter a serenidade de uma experiência científica [...] (PEIXOTO, 1979, p. 55).

Sade, seu criado e as 4 prostitutas envolveram-se no denominado caso de Marse-

---

49 França do século XVIII.

lha, uma vez que inúmeras relações físicas e sexuais foram possivelmente executadas. A relação homoerótica que Lely refere-se para pensar o caso como uma prática didática de libertinagem é entre o próprio marquês e seu criado. Sade sodomiza o criado e é também sodomizado pelo mesmo. É uma experiência de sodomia recíproca. Há relatos de que o marquês tenta sodomizar as prostitutas também, algumas tendo afirmado que se negaram a tal prática: “[...] das seis mulheres que depõem contra Sade, no processo de Marselha, cinco afirmam que recusaram ser conhecidas por trás; é possível duvidar dessas afirmações, era comum as prostitutas se deixarem ser sodomizadas.” (PEIXOTO, 1979, p.56). Peixoto acredita que essas negações poderiam ser por precaução dessas mulheres contra a um processo jurídico que poderia recair sobre elas, uma vez que a prática da sodomia para aquele contexto era condenada. A experiência da coprofilia diz respeito aos bombons de anis que Sade entrega as mulheres que provocavam efeitos de saída de gases, e recorrentes mudanças intestinais, há certo prazer em Sade pelo cheiro dos gases provocados pela experiência: “[...] Marianne é atirada na cama e o Marquês aproxima seu nariz do traseiro da jovem, para tentar ter prazer com o cheiro dos gases.” (PEIXOTO, 1970, p.57). Há também as práticas sado-masoquistas para pensar a perspectiva do prazer em provocar a dor no outro e o prazer em receber os castigos, ou as ações mais violentas de outro. O prazer em provocar a dor e igualmente em receber uma dor semelhante. Tais práticas sado-masoquistas eram feitas a partir do uso de chicotes de pergaminho com espinhos curvos e com vassoura: “Entrou a seguinte, Mariette. Foi despida e chicoteada com a vassoura, depois chicoteou Sade.” (PEIXOTO, 1979, p. 56). Há então no caso de Marselha uma aventura de práticas sexuais singulares e diversas, sendo pensada por Gilbert Lely como uma verdadeira pedagogia libertina.

O caso de Marselha conclui com um decreto de prisão sobre Sade e seu criado, uma vez que pelos depoimentos relatados no processo o Marquês contou com total apoio e participação de seu criado. A acusação é de envenenamento e sodomia. O marquês e Latour, seu criado, fogem diante da emissão da ordem de prisão contra eles. Há ainda na documentação do processo uma análise de farmacêuticos que examinaram o conteúdo das pastilhas ou bombons encontradas no local do caso. Tal documentação conclui que não há substâncias que comprovem envenenamento. Em 03 de setembro de 1772 sai a sentença final sobre o caso: é dado para ambos a ordem de decapitação, porém com Sade e Latour encontram-se fugitivos, assim o caso encerra-se em uma perspectiva de fraude: “[...] como os referidos condenados estão longe, no dia 12 de setembro de 1772 são executados e queimados em efígie... É uma

morte civil, farsa final de um ridículo processo.” (PEIXOTO, 1979, p. 59). A execução é feita em representação, sem a presença física dos indiciados.

Diante dos dois casos citados, o de Arcueil e o de Marselha, ambas as ocorrências às acusações envolvem ações de libertinagem da parte do Marquês de Sade sobre mulheres<sup>50</sup>, como, por exemplo, coerção, ameaças<sup>51</sup>, flagelações, suposto envenenamento, enfim. Daí nos surge uma questão importante: seria Sade um libertino<sup>52</sup>?

Eliane Robert Moraes (1992) em *Marquês de Sade, um libertino no salão dos filósofos* traz algumas reflexões que poderá nos ajudar nessa questão. Sade teria vivido práticas libertinas? Sua atração por sua cunhada, as denúncias de orgias ligadas a ele e a seu criado, as acusações de flagelações e a suposta tentativa de envenenamento. Todas essas pontuações são enredos básicos da obra literária do Marquês, mas teria o mesmo vivido o que escreveu? Seriam os libertinos de sua obra um protótipo de seu ser? Ou Sade só se envolveu em escândalos eróticos e sexuais, não chegando a atuar na vida do crime, como os protagonistas de seus livros?

Em 20 de fevereiro de 1781 Sade envia uma carta à Senhora de Sade<sup>53</sup>, a grande

---

50 As quais estas mulheres serão muitas vezes denominadas como putas por Sade, já que o mesmo fará uso do deboche para caracterizar a importância que a sociedade francesa deu mais para as putas do que para um aristocrata como ele: “As cartas a La Jeunesse, que passa a limpo suas comédias, são cheias de humor livre e inventivo. Mas ao mesmo tempo são reflexões mais descontraídas sobre sua condição de prisioneiro, sentindo-se nelas uma permanente nostalgia de liberdade. Muitas vezes é a ironia que predomina, como numa carta que escreve ao criado em princípios de 1780: *na França não se falta impunemente ao respeito a uma puta. Pode-se falar mal do governo, do rei, da religião: tudo isso não é nada. Mas uma puta, senhor Quiros, com os diabos! Uma puta é preciso ter cuidado para não ofender; pois, neste instante, os Sartine, os Maupéou, os Montreuil, e outros sustentáculos do bordel, vêm soldadescamente defendê-la e por causa dela intrepidamente encerram um cavaleiro na prisão durante 12 ou 15 anos.*” (PEIXOTO, 1979, p. 81-82). O trecho em itálico subentende-se pela obra de Fernando Peixoto que seria um excerto extraído de uma epístola de Sade. Não há maiores referências na obra a esta carta exceto pelo trecho já citado, que parece ter sido uma epístola destinada a seu criado. Mas fica evidente o sarcasmo na fala do marquês, à medida que o mesmo fica absolutamente encabulado com a ideia de ter sido preso por práticas libertinas com prostitutas, como se esse tipo de condenação não fosse algo recorrente da sociedade francesa do século XVIII. Posteriormente Sade vai compreender que muito de suas detenções deveu-se a influência de sua sogra e ao interesse da mesma em mantê-lo preso, diante de seus comportamentos libertinos que causavam desconforto e vergonha a família dos Montreuil.

51 Como vimos anteriormente na documentação sobre o depoimento de Rose Keller. Nesta documentação Sade ameaça assassinar Rose caso a mesma chame por socorro ou se exceda em barulhos e gritos. O marquês tenta então mantê-la reclusa e em silêncio.

52 “Entenda-se, por isso, a classe de pessoas abastadas, burgueses curiosos ou pequenos nobres, interessadas em experiências variadas, que digam respeito aos costumes, ao pensamento ou à busca de um maior bem-estar.”, caracterização do conceito de libertino por Dany-Robert Dufour em *A cidade perversa* (2013, p. 69). Há ainda a conceituação de libertino que Moraes (1994) em *A felicidade libertina* compreende em Sade como: “os libertinos de Sade, combinando esses dois atributos – a passionalidade e a ligeireza, substantivadas na dor e no prazer – encontram ali o lugar perfeito para refinar suas inclinações.” (1994, p. 31).

53 Sua esposa, Renée. Boa parte das missivas do marquês envolvem a relação de Renée como sua principal interlocutora.

carta, na qual escreve, mais de uma vez, que poderia ele ser um libertino, mas jamais um criminoso. No contexto dessa carta, o Marquês estava enclausurado na prisão de Vincennes, local de grande documentação epistolar trocadas com Renée, também com seu advogado e com sua sogra. A obra é organizada por Gabriel Giannattasio (2009) e é a referência base para pensar tal documentação. Vejamos escritas importantes de Sade enviadas a Renée numa tentativa de se redimir diante de uma série de acusações de gêneros diversos que recorriam sobre o Marquês:

[...] Todas as minhas aventuras se resumem a três. Não falo da primeira: pertence totalmente à Sra. Presidente de Montreuil e se alguém deveria ser punido seria ela; mas não se pune na França aqueles que têm cem mil libras de renda<sup>54</sup> e sob seus cuidados são colocadas *pequenas vítimas* que podem entregar à voracidade desses monstros que têm o ofício de viver do sangue das infelizes. Solicitam-lhes *pequenas vítimas*, eles a entregam e ficam quites. Eis porque estou na cadeia.

A segunda aventura é aquela de Marselha: acredito também não haver necessidade de falar nela. Foi bem constatado que só havia libertinagem e que tudo que se havia julgado conveniente inserir como criminoso para acalmar a vingança de meus inimigos da Provença e a rapacidade do chanceler que queria meu cargo para seu filho, não passava de pura invenção. Portanto, esse caso, creio estar bem resolvido pela detenção de Vincennes e pelo exílio de Marselha.

Passemos, portanto, à terceira. Peço-te desculpas de antemão pelos termos que terei de empregar; vou suavizá-los ao máximo colocando-os em abreviado. Aliás, entre marido e mulher pode-se, quando o caso assim o exige, se exprimir um pouco mais livremente do que com desconhecidos ou simples amigos. Peço-te também desculpas pela confissão, mas prefiro que tu me vejas como um libertino do que como um criminoso. Faço a confissão de meu erro sem ocultar uma vírgula sequer [...] de Sade (SADE, carta para à senhora de Sade, “minha grande carta” in SADE, *Cartas de Vincennes, um libertino na prisão*, 2009, p. 76-77)<sup>55</sup>.

E em outro momento de a *minha grande carta* Sade, mais uma vez, insiste na ideia de não ser um criminoso à Renée. Nesta missiva afirma:

[...] Sou somente culpado de pura e simples libertinagem e tal como se pratica pela maioria dos homens, mais ou menos em razão de seu maior ou menor

---

54 Aqui, Sade faz uma referência a importância do *status* econômico e social, e como a influência dos mesmos interferiria diretamente em questões de justiça jurídica e questões de moral. Digamos de forma simplista que a sociedade francesa do século XVIII e que as instituições da mesma podiam estar comprometidas pela influência de poderes econômicos e sociais.

55 Gabriel Giannattasio é o tradutor e organizador de *Cartas de Vincennes: um libertino na prisão* (2009), texto de base documental a respeito das Cartas de Sade enquanto reclusão em Vincennes.

temperamento ou inclinações que podem ter recebido da natureza<sup>56</sup>. Cada um tem seus defeitos; não vamos comparar: meus algozes talvez nem ganhem no paralelo.

Sim, confesso sou libertino; concebi tudo o que se pode conceber no gênero, mas certamente não fiz tudo o que concebi e não o farei jamais. Sou um libertino, mas não um *criminoso* nem um *assassino*, e que já me forcem a colocar minha apologia ao lado da minha justificativa, direi que talvez seja possível que aqueles que me condenam tão injustamente, como o sou, não estejam em condições de contrabalançar suas infâmias por boas ações tão verdadeiras quanto aquelas que posso contrapor aos meus erros. Sou um libertino, mas três famílias domiciliadas no seu bairro viveram cinco anos de minhas esmolas e as salvei dos últimos excessos da indigência. Sou um libertino, mas salvei um desertor da morte, abandonado por todo seu regimento e pelo seu coronel. [...] Sou um libertino, mas não comprometi a saúde da minha mulher. (SADE, carta para à senhora de Sade, “minha grande carta” in, SADE, *Cartas de Vincennes, um libertino na prisão*, 2009, p. 86-87)<sup>57</sup>.

Então, quando Sade se assume como libertino o que poderíamos supor? Apenas excessos e diversões de teor sexual? E a suposta tentativa de envenenamento no caso de Marselha, seria também uma prática apenas para fins de divertimento? Sade até alega ter praticado uma espécie de ato de caridade, ajudando desertores, dando esmolas aos necessitados. Teria sido um libertino para coisas do sexo, perspectiva inclusive que Foucault (2015) considerará recorrente no século XVIII<sup>58</sup>, mas nunca um criminoso como assim identificamos no excerto.

Rétif de la Bretonne, autor de *L’Anti-Justine*, obra que inclusive faz oposição a uma das heroínas de Sade, *Justine*, traz certa distinção a perspectiva sobre libertinagem. Como se pudesse haver uma libertinagem leve e uma libertinagem cruel: “Ninguém ficou mais indignado que eu com as obras do infame Sade” – dirá ele no prefácio a *L’Anti-Justine*, observando que objetivo “é fazer um livro mais saboroso que os seus, e que as esposas possam dar a ler a seus maridos, para serem melhor servidas.” (MORAES, 1992, p.13); “[...] um livro em que a libertinagem nada tenha de cruel para o sexo das Graças” (BRETONNE, 1992, p. 13). Pensando o viés que Rétif traça podemos supor que a ideia de uma libertinagem quase erótica, feita para a excitação, para o gozo. Talvez excessos que o Marquês tenha praticado ao longo de sua vida também fossem com a expectativa do mesmo fim, por vias distintas, o gozo.

---

56 Inclinações que o homem recebe da natureza, esse pensamento de Sade será o foco de análise do terceiro capítulo deste trabalho, sua ideia de vida a partir de uma estética filosófica da natureza.

57 Gabriel Giannattasio é o tradutor e organizador de *Cartas de Vincennes: um libertino na prisão* (2009) texto de base documental a respeito das Cartas de Sade enquanto reclusão em Vincennes.

58 “Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise de condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico. Aparecem também as campanhas sistemáticas que, à margem dos meios tradicionais – exortações morais e religiosas, medidas fiscais –, tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada.” (FOUCAULT, 2015, p. 29-30)

Sade então escreveu a sua própria experiência libertina? Não só, mas ele vai além na sua literatura, ali a libertinagem alcança níveis insuportáveis de perversão e grosseria: “[...] grande novidade que Sade nos proporciona – talvez o primeiro grande escritor de ficção a instaurar relações assim novas entre seus escritos e seu vivido.” (MORAES, 1994, p. 12).

Moraes (1992) defende uma tese de que a sociedade francesa dos séculos XVI, XVII e XVIII<sup>59</sup> viveu dois tipos de libertinagem: a de espírito e a de costume. Em *Marquês de Sade, um libertino no salão dos filósofos* (1992), Eliane Robert Moraes faz uma contextualização da própria percepção de libertinagem, que vai sendo transformada ao longo dos séculos, para depois destacar representantes desses dois modos de libertinagem.

A libertinagem do século XVI parecia ser mais um movimento de resistência em contraposição a severidade barroca, pois, de acordo com Moraes (1992, p. 14), “[...] suas primeiras manifestações coincidem com o surgimento, em vários pontos da Europa, de novas correntes culturais e políticas que vêm ameaçar a hegemonia da história sacra tradicional.”. O movimento ainda coloca de volta à cena algumas ideias “renascentistas”, com referência aos valores moldados ainda pelas cidades italianas. Ainda nesse contexto, aqueles mais exaltados dentro do movimento já passavam a ser chamados de libertinos<sup>60</sup>. Para o século XVII já podemos perceber alterações na perspectiva sobre a libertinagem, já que a mesma passou a ganhar visibilidade e forma na cena cultural francesa, bem como no imaginário social do período. Libertinagem e religião, a partir do século XVII, já começam a viver uma relação conflituosa, mas ainda não generalizada. Mas é no século XVIII que a libertinagem assume um caráter altamente anti-religioso (MORAES, 1992). O próprio termo “libertino” ganha significações distintas ao longo dos contextos citados, chegando ao século XVIII com uma caracterização mais ampla, voltada aos excessos sexuais e para os discursos filosóficos de caráter moral.

O século XVIII vai caracterizar o libertino como aquele transgressor das normativas morais dessa sociedade francesa e que vive e provoca excessos não apenas sexuais, contudo excessos de valor moral, político e até mesmo econômico. Sade poderia ser caracterizado como um dos grandes representantes dessa perspectiva, por ter levado uma vida marcada por acusações de libertinagem, e por ter em sua literatura, e até mesmo em suas missivas, questionado os dogmas morais impostos sobre ele.

---

59 Claro que respeitando as questões processuais sobre o contexto, para aprofundar a leitura a respeito segue a referência da obra completa, *Marquês de Sade, um libertino no salão dos filósofos* (1992) de Eliane Robert Moraes.

60 Para saber mais sobre essa perspectiva da libertinagem no século XVI, Eliane Robert Moraes (1992) sugere a obra de Sergio Bertelli, *Rebeldes, libertinos y ortodoxos en el Barroco*.

O marquês vai ser então um dos grandes nomes da libertinagem de costume (MORAES, 1992) do século XVIII na França. Sua perspectiva libertina alcança níveis máximos, atuando em práticas libertinas seja na conduta, seja na opinião. É a libertinagem de costume que trará a Sade tantos anos de clausura. Boa parte de suas prisões caracterizaram-se pelas suas ações enquanto vida pessoal, e não enquanto autor e bibliografia. Podemos pensar então que a libertinagem do marquês foi completa, seu pensamento era libertino, suas ações não foram menos: “[...] tendo em vista a pluralidade de elementos em jogo na obra de um autor que, além de libertino, também foi literato, filósofo e historiador da libertinagem”. (MORAES, 1992, p. 55).

Sade faleceu em dois de dezembro de 1814, viveu setenta e quatro anos, passando aproximadamente trinta e três anos destes em reclusão, em prisões distintas, onde escreveu suas grandes obras como *Os 120 dias de Sodoma*, *Justine*, *A Filosofia na Alcova*<sup>61</sup>.

Dando continuidade a perspectiva biográfica do marquês faz-se necessário ressaltarmos certos momentos de Sade nas prisões. O objeto de estudo dessa pesquisa propõe-se pensar uma estética como prática social de destruição pela filosofia da natureza proposta por Sade a partir de seu romance *Os 120 dias de Sodoma*, compreendendo essa estética como a proposição de uma nova prática social. Para chegarmos à análise central é preciso também compreendermos o processo de clausura e de sofrimento que o Marquês sofreu. Pensando como pela experiência da prisão Sade torna-se um escritor singular e épico para o gênero literário libertino. Seus principais romances foram escritos enquanto estava reclusão.

A primeira grande experiência cárcere de Sade foi em Vincennes, entre os anos de 1777 até 1784. Gabriel Giannattasio em *Cartas de Vincennes, um libertino na prisão* (2009) trará as cartas traduzidas e organizadas do período em que o Marquês esteve preso nesse contexto.

Em Vincennes Sade não se encontrou em uma situação tão dura de prisão quanto em suas demais experiências, usufruía de certos confortos, mobília, quadros, cortinas, seus livros, uma alimentação bem servida, distinta das que os demais presos eram servidos. Por mais cômoda que fosse a prisão de Vincennes ainda causara tristezas e lamentações ao Marquês, a clausura lhe incomodava e esses sentimentos de angústia e lamentação eram perceptíveis na narrativa de suas missivas, além de “permanente estado de revolta” (PAUVERT, 1989).

---

61 Obras aproximadamente publicadas em 1904 (primeira publicação, falaremos melhor sobre a mesma no tópico 2.2 deste trabalho; 1791; 1795, respectivamente.

Sade em Vincennes escreve cartas a Senhora de Rousset<sup>62</sup> com que faz grandes desabafos ao longo das comunicações; escreve também à sua sogra, à Sra. de Montreuil<sup>63</sup>; a Renée, a senhora de Sade, sua esposa e ao Abade Amblet. Suas cartas, algumas vezes, continham solicitações de objetos, os quais infere-se o desejo do marquês a questões de cunho sexual. Fazia pedidos de conotações sexuais a sua esposa, Renée, ou a sua amiga, a senhora de Rousset:

É por pudor e para não vos chocar que me contentei em pedir um estojo de 8 de circunferência, pois a rigor seria necessário 9, medida tomada de meus *'culs de lampes'*. – Mas, disse a mim mesmo, nove irá chocar as pessoas que se chocam com tudo, é necessário contentar-se com 8. (SADE, carta para sua esposa, *apud* PAUVERT, 1989, p. 261)<sup>64</sup>.

Nesse pequeno trecho que Sade faz um pedido físico e material a Renée, sua esposa, podemos identificar o tipo de relação que Sade tinha com sua mulher. Gozava de certa liberdade para fazer pedidos tão íntimos em suas missivas. Fato é, que Renée nem sempre correspondia às missivas do marquês. Havia mágoa, havia também, talvez com ênfase maior, o impedimento de sua mãe. Nem sempre a comunicação por missivas de Sade e seus interlocutores foi fácil e constante: “A correspondência de Sade passava por um severo controle nesses anos de detenção: antes de serem enviadas, suas cartas eram submetidas à censura de um comissário de polícia encarregado de copiá-las expurgando as passagens que julgava inaceitáveis.” (MORAES, 2000, p. 56). A problemática da censura esteve presente na relação epistolar que Sade construiu com seus distintos destinatários. Fato é que para toda sua prática de redação de missivas havia a possibilidade de amenizar as distâncias (MORAES, 2000). Diminuir a solidão em uma vida de reclusão e silêncio físico. Só pela escrita Sade subverteu o estado de abandono em que vivia nas prisões: “O homem é nostalgia e busca de comunhão. Por isso, toda vez que sente a si mesmo, sente-se como carência de outro, como solidão.” (PAZ, 2014, p. 189).

---

62 Mulher e grande amiga, a qual nutriu um imenso amor ao longo de sua vida pelo Marquês. Algo que não parece ter sido recíproco. A aparência física de Rousset, por ser desprovida de beleza, era algo que incomodava Sade, para questões afetivas.

63 Sade acredita que se encontra preso pela influência que sua sogra usou contra ele: “sem ser submetido a um julgamento, sem ter contra ele qualquer espécie de acusação formal e sem uma pena a cumprir, Sade desconhece a data de término de sua detenção. Em suas cartas ele não poupará sua sogra, lançando contra a família de sua esposa todo o tipo de impropérios.” (GIANNATTASIO, 2009, p. 41).

64 Citação contida na página 21 do texto de Giannattasio (2009).

Outro grande momento marcante da vida enclausurada do Marquês foi a detenção na Bastilha. Ele fica recluso na Bastilha entre aproximadamente os anos de 1784 até 1789, é transferido para Charenton poucos dias antes da Bastilha ser tomada<sup>65</sup>. Aqui, Sade viveu dias mais difíceis, pouco ou nenhuma regalia. Sua alimentação foi mais precária, seus móveis eram limitados. Comparado com a estadia em Vincennes, o marquês irá viver os dias mais duros de sua vida reclusa: “Imagina-se a violência do choque, pois esta transferência motivou a criação de seus romances mais ‘negros’.” (DESBORDES, s.d., p. 187). Nesse grande ambiente de horror nascerá sua obra mais completa: *Os 120 dias de Sodoma*<sup>66</sup>. Com a tomada da Bastilha pelos revolucionários, o manuscrito dos *120 dias de Sodoma* foi abandonado. Algum tempo depois o mesmo foi encontrado, sendo publicado bastante tempo depois.

Sade é transferido da Bastilha para Charenton, de forma conturbada, se revolta ao ser afastado de seus escritos. A vivência em Charenton será um pouco mais agradável a Sade. Maior liberdade, mais conforto, mas isso depois de algum tempo já estabelecido. O contato dos primeiros dias foi de desespero e revolta, especialmente por pensar que seu texto *Os 120 dias de Sodoma* tivesse se perdido. Sade falece sem saber que no futuro sua obra será um dos grandes clássicos da literatura libertina francesa.

Em Charenton, a partir de 1803, que teremos a perspectiva de um Sade envolvido com o teatro, faz peças teatrais no hospício, redigindo e dirigindo as mesmas.

Sade gozará ainda certa liberdade entre os períodos revolucionários<sup>67</sup>. Em 2 de abril de 1790, ele é solto por um decreto revolucionário. É o contexto em que o marquês e Renée se divorciam, e a mesma passa a viver o resto de seus dias em um convento. A partir daqui, finda-se a perspectiva de perseguição por parte da senhora de Montreuil, que posterior ao ano de 1790, será sua antiga sogra.

Entre o ano de 1791 há em Sade uma intensa participação intelectual como ho-

---

65 Marco simbólico que caracteriza o estopim da Revolução Francesa.

66 Não aprofundaremos aqui detalhes sobre a obra, uma vez que a mesma será analisada em tópicos do segundo e terceiro capítulo deste trabalho.

67 Pensando aqui o contexto revolucionário francês que compreende os anos de 1789 até 1799. A França viveu, nesse período, formas governamentais e estruturais distintas, com transformações que configuraram toda sua percepção social, econômica e, em especial a política, a cultural e a ideológica como podemos perceber em Lynn Hunt pelo texto *política, cultura e classe na Revolução Francesa*: “A retórica revolucionária foi distintamente anti-aristocrática, desenvolvida sobretudo como instrumento de ataque à velha sociedade. De fato, um dos primeiros feitos da nova retórica foi a invenção do Ancien Régime. Tão logo a sociedade francesa foi retoricamente dividida, por assim dizer, em uma nova nação e um regime “antigo” ou anterior, a Revolução se pôs em movimento. O propósito da Revolução era fazer a divisão entre os dois absolutos. A retórica revolucionária pode ser vista como “burguesa”, portanto, no aspecto de expressar a vontade de romper com o passado de dominação aristocrática.” (HUNT, 2007, p. 73).

mem político. Vai ser atuante na seção de Piques na República Revolucionária, atuação esta que será considerada como moderada, motivo que lhe renderá mais uma experiência de prisão em 1793:

Sade fala algumas vezes na Convenção e discursa regularmente diante da Assembléia Geral da seção de Piques sobre problemas de administração, projeto para alterar nomes de ruas, os perigos de uma guarda pretoriana em Paris, os perigos de uma volta ao despotismo, as manobras da contra-revolução, etc. Discursa também numa homenagem póstuma à memória de Marat e de Le Pelletier: elogio repleto de adjetivos louvatórios ao civismo e patriotismo, e à integridade revolucionária, de duas vítimas da traição contra-revolucionária [...], termina referindo-se aos dias serenos e tranquilos que se aproximam de uma Paris mais soberba do que a antiga Roma, que se tornará o asilo dos talentos, o terror dos déspotas, o templo das artes, a pátria de todos os homens livres, exemplo para todos os homens do mundo. Em fins de 1793 as tropas inglesas são vencidas em Toulon; destacou-se na batalha um jovem capitão de artilharia, Napoleão Bonaparte.

Sade antes ridicularizou e atacou os juízes e os presidentes: acabou tornando-se ele mesmo juiz e presidente. Foi preso e perseguido como criminoso e sanguinário libertino e agora, no dia 8 de dezembro de 1793, é novamente preso, pelos motivos opostos: por se recusar a punir e condenar, por seu espírito moderado, sempre contra a pena de morte, incapaz de aceitar colaborar com a violência revolucionária, é de todo como suspeito. (PEIXOTO, 1979, p. 189).

Sade que foi preso em outros contextos por acusações de excessos sexuais e de cunho libertino, será em 1793, preso por falta de radicalidade política, posicionamento que o contexto exigia. Sade foi contra a pena de morte, parece acreditar numa espécie de governo monárquico de caráter popular. Discussões acerca do pensamento político de Sade podem ser estudadas com mais profundidade no panfleto intitulado *Franceses, mais um esforço se que-reis ser republicanos* o qual consta como um capítulo de discussão política a parte dentro do romance *A Filosofia na Alcova*. Mas fato é que Sade na prática e vivência pessoal com a revolução não consegue exteriorizar o que tanto defendeu em sua literatura, a prática do crime, por exemplo:

Mas uma colocação de Klossowski é das que merecem atenção: há uma diferença muito grande entre uma mitologia da Revolução, na qual certamente o Marquês acredita, e uma vivência dentro de um processo revolucionário real, com o qual ele não consegue acertar o passo. (PEIXOTO, 1979, p. 193).

Fernando Peixoto em *Sade, vida e obra* acredita que se Robespierre, grande líder jacobino no processo revolucionário republicano, não tivesse sido guilhotinado naquele con-

texto, Sade o seria. O marquês é libertado novamente em 15 de outubro de 1794 para depois ser preso apenas em 1801, novamente em Charenton, já no período correspondente ao governo de Napoleão, num contexto pós revolucionário. Sade é preso nesse período por ter sido associado a publicação de um texto intitulado *Zoloé e suas duas amantes* que faz críticas diretas ao governo e a pessoa de Napoleão. Gilbert Lely como biógrafo de destaque de Sade acredita que a associação desta novela com a autoria do marquês é de uma fragilidade e impossibilidade. Para ele, o estilo literário de ambos, do texto em questão, *Zoloé* e do autor, Sade, são completamente distintos:

O fato de Sade não ser o autor de *Zoloé* não impede que seja principalmente por motivos políticos, e não morais, que mais uma vez ele será preso (a tradição atribuía a publicação de *Zoloé* as razões da nova detenção do Marquês, em 1801; ou seja, motivos pessoais de Napoleão, ofendido, moralmente atacado). Ainda em 1800 a polícia invade uma gráfica onde gravuras obscenas estão sendo intercaladas numa edição completa de *Justine e Juliette* (reedição, portanto) por operários de 14 anos. Em 1801 Sade será preso e morrerá, 13 anos depois, sem voltar a conhecer a liberdade. (PEIXOTO, 1979. p. 227).

Agora em Charenton, em mais uma jornada longa de detenção ocorrendo entre os anos de 1801, até o ano de sua morte, 1814. A casa de Charenton era um espaço caracterizado como uma casa de loucura. Sade gozou de mais liberdade nesse lugar. Envolveu-se com questões de teatro, escreveu contos e novelas. Em determinado momento chega a ter uma relação conflituosa com o diretor do “hospício”, Royer-Coullard, com a acusação de o Marquês promover pela prática do teatro a incitação a comportamentos e ideias licenciosas. A transferência não ocorre e o Marquês vive até seus últimos dias instalados nesse local. Sua morte é causada quase que pela velhice: “Sua saúde enfraquecia sensivelmente há algum tempo; mas não deixou de andar senão dois dias antes de seu fim que foi rápido e no princípio de uma febre gangrenosa.” (DESBORDES, s.d., p. 275). Os pertences do Marquês foram direcionados ao Sr. Armando de Sade, seu filho.

A trajetória de vida no cárcere do Marquês, logo se percebe, é um tanto quanto dolorosa: ele passa todos esses contextos distintos tentando entender a causa de sua prisão. Independente da causa, Sade sempre lamentou sua clausura, um espírito livre, um libertino de costume, como diria Moraes (1992), como poderia se conformar diante de uma vida reclusa? Nem a prisão foi capaz de contê-lo: “ninguém, mesmo na prisão, conseguiu conter Sade. Sensível, em compensação, tem todo o tempo diante de si.” (SOLLERS, 2001, p. 19). O Marquês

vai sempre que possível, expor seu ódio a sua sogra nas cartas em que escreve, vejamos por este excerto de uma carta destinada a senhora de Montreuil, sua sogra, ao final de fevereiro do ano de 1777:

[...] Ai de mim! Eu perguntava, por meio da minha primeira carta, se era uma segunda mãe ou um tirano que eu encontraria em vós, mas não me haveis deixado muito tempo na incerteza!

[...] Era uma prova muito clara de que não se queria meu distanciamento, mas minha detenção. Quanto mais examino as circunstâncias, mais me convenço de que não havia em vós outra intenção.

[...] Deixo os meus filhos sob vossa responsabilidade, senhora. Amai-os, mesmo se haveis odiado o pai deles (SADE, carta à Senhora de Montreuil *in SADE, Cartas de Vincennes, um libertino na prisão*, 2009, p. 41-42-43)<sup>68</sup>.

Fica evidente a relação odiosa existente entre Sade e sua sogra. Renée, sua esposa, em alguns momentos enfrentou sua mãe em defesa do Marquês, mas isso não durou por toda a vida de cárcere de seu cônjuge. Lembremos que na detenção final de Sade, ele e Renée já estavam divorciados. Apesar dos sofrimentos e dos infortúnios diversos enfrentados por Sade em sua vida reclusa, uma hipótese um tanto quanto irônica, é de que a prisão trouxe ao Marquês a genialidade de uma imaginação sem precedentes, que percorreu todas as possibilidades de crimes e vícios da terra para compor suas obras: “A infelicidade serviu-lhe de aprendizagem. A perseguição enobreceu-o [...] provocando o nascimento de um ‘monstro literário’ de um singular alcance.” (DESBORDES, s.d., p. 282).

No contexto em que ficou preso em Charenton, nos últimos anos de sua vida, não deixa de pedir e implorar por justiça a Napoleão por liberdade. Em toda sua história de reclusão o marquês foi um resistente. Sempre um inconformado com as perseguições pessoais e políticas em que sofreu em vida: “Pierre Klossowski afirma que toda a obra do Marquês parece não ser senão um imenso grito desesperado, a imagem de uma virgindade inacessível, um grito envolvido e contido dentro de um cântido de blasfêmias.” (PEIXOTO, 1979, p. 259). Sade faleceu em Charenton em 2 de dezembro de 1814 tendo deixado em seu testamento, documento redigido por Sade desde 1806, atenção e benefícios a apenas Marie-Constance Reinele, que desde o divórcio com Renée veio sendo a nova companheira de Sade. Com sua morte, seu filho Donatien-Claude-Armand toma posse dos pertences do marquês que estavam em sua proteção durante a estadia em Charenton, encontrando mais de 200 volumes de obras diversas. Sendo inegável o fato de termos em Sade não só um grande escritor, mas um leitor

<sup>68</sup> Citação originária da obra *Cartas de Vincennes, um libertino na prisão* de Marquês de Sade, de organização e tradução de Gabriel Giannattasio de 2009.

compulsivo, além de uma abrangência de pensamento a qual construirá toda uma bibliografia literária baseada na liberdade incansável da imaginação e na possibilidade de destruição que configurará a filosofia da natureza de seu sistema vicioso.

## 2.2 ESTUDO DE EDIÇÃO E DE GÊNERO DE *OS 120 DIAS DE SODOMA*

*“Sade é o único a descobrir a sexualidade como egoísmo, tirania, crueldade; num instinto natural ele surpreende um convite ao crime”*

*Simone de Beauvoir, 1961.*

Por tudo apresentado até aqui torna-se imperativo que pensemos questões de edição e gênero na obra *Os 120 dias de Sodoma* (2006) uma vez que a mesma é o objeto/fonte central de nosso trabalho dissertativo. Juntamente a este esmero, será construído uma discussão sobre literatura, além de elementos básicos de análise que serão discutidas dentro da composição da obra ao longo deste tópico, além de sua abrangência teórica filosófica e sexual.

Sade foi um grande e prolífero escritor. Redigiu textos que vão compor gêneros literários diversos. Escreveu romances, novelas, peças de teatro<sup>69</sup>, contos, tendo também construído um acervo documental epistolar de impacto. A relação leitor/escritor em Sade foi bastante pontuada. O marquês foi também um grande leitor, atencioso a circulação de obras filosóficas e relacionadas ao materialismo francês no século XVIII<sup>70</sup>: “Sade depende, quanto aos sistemas filosóficos por meio dos quais seus personagens especulam, do racionalismo de Vol-

---

69 Sade sempre teve uma paixão especial pelo teatro, tendo se dedicado ao gênero enquanto sua estadia reclusa em Charenton: “Incapaz de bastar-se a si mesmo como no passado, o marquês procura distrações. Advinha um pouco tarde que sem o auxílio de Coulmier todos os seus projetos cairão por terra. Assim decide fazer dele seu cúmplice. Desculpa-se de suas vivacidades, reconhece seus mal-feitos, lisonjeia a vaidade do regente que cumprimenta por seus métodos, e sugere-lhe enfim sua grande ideia: curar os doentes com espetáculos, concertos, dramas, comédias; criar em uma palavra um teatro para alienados [...] Desde então não falta quase nada para a felicidade do marquês. Este autor relegado, recusado, caluniado e do qual só uma única peça tinha sido representada – por grande condescendência – dispõe presentemente de um teatro, de uma direção, e do favor de Coulmier que se diverte pela primeira vez na sua vida junto deste atraente mau sujeito cuja sedução resiste à velhice. Completamente à vontade, Sade trabalha. Constitui um elenco entre os doentes. [...] A novidade espalha-se por Paris com a ligeireza de um relâmpago. Provocando primeiramente riso, não tarda a suscitar um movimento de opinião, depois do início desta moda numa sociedade de intelectuais mundanos.” (DESBORDES, s.d., p. 259-260). Para quem se interessar mais pela relação de Sade com o teatro indicamos uma obra bastante interessante de WEISS, Peter, 1916-1982, intitulada *Perseguição e assassinato de Jean-Paul Marat representados pelo grupo teatral do Hospício de Charenton sob a direção do senhor de Sade/ Peter Weiss*; tradução João Marschner. – São Paulo: Peixoto Neto, 2004.

70 Como já citado anteriormente no capítulo primeiro de nossa reflexão

taire e dos Enciclopedistas e do materialismo de Holbach e de La Mettrie.” (KLOSSOWSKI, 1985, p. 77). Sade só teve a profundidade na escrita que desenvolveu por ter sido um leitor desmedido – não é este o caso de todo grande gigante literário?

A prática de grande leitor deixou reflexos em seus textos escritos, que muitas vezes demonstram conhecimento de povos e culturas da Antiguidade, de continentes distintos do Europeu, e contextos diversos. Interessante a percepção da direção de Chareton ao supor que poderia haver textos “perigosos” (PEIXOTO, 1979, p. 258) na sala que Sade ocupava nesse espaço de reclusão. Havia uma preocupação por parte das autoridades com o tipo de conteúdo que o marquês lia, ou escrevia. Eram tempos de censura e limitação da linguagem, e Sade foi então um símbolo de resistência diante dessas imposições e limitações. Ousado sempre em suas leituras e em sua escrita, mesmo diante de todas suas trajetórias de prisões, e todas as limitações que o sistema cárcere confiavam a Sade: “[...] agoniza um homem, nasce um escritor. O homem é algo quebrantado; reduzido à impotência, ignorando quanto tempo vai durar a sua detenção, seu espírito extravia-se em delírios interpretativos.” (DE BEAUVOIR, 1961, p.17).

Antes de iniciarmos uma discussão a respeito romance, enquanto concepção de gênero literário, falaremos um pouco, aqui, de literatura e de linguagem. Vamos pensar a linguagem como espaço em que as revelações e a verdade se manifestam e se enunciam (FOUCAULT, 1999). A verdade nos textos de Sade é refletida na linguagem sadiana por duas vias principais: a teórica ou filosófica e a sexual. Vejamos o seguinte trecho de *Os 120 dias de Sodoma* correspondente a fala de uma das narradoras, a personagem Duclos:

[...] mostrar-vos-á até que ponto a libertinagem degrada no homem todos os sentimentos de pudor, de virtude e de honestidade. Este não queria ver, queria ser visto. E sabendo que existiam homens cuja fantasia era a de espreitar as volúpias alheias, pediu à senhora Guérin que determinasse a um homem com esse gosto que se escondesse para proporcionar-lhe o espetáculo de seus prazeres. A Guérin avisou o homem que eu divertira alguns dias antes no buraco, e sem lhe dizer que o homem que ele observaria bem sabia que estava sendo espiado, o que teria perturbado suas volúpias, ela o fez acreditar que ficaria à vontade olhando o espetáculo que iria lhe oferecer. O observador trancou-se no aposento do buraco com a minha irmã e eu fiquei com o outro. Este era um jovem de vinte e oito anos, belo e saudável. Instruído do lugar onde ficava o buraco, ele se postou bem em frente, sem afetação, e colocou-me a seu lado. Eu o masturbei. Assim que ficou de pau duro, levantou-se, mostrou seu pau ao espreitador, virou-se, mostrou a bunda, levantou minhas saias, mostrou a minha, pôs-se de joelhos diante dele, esfregou meu ânus com a ponta do nariz, arregaçou-a, exibiu tudo com delícia e precisão e esportou masturbando a si mesmo. [...] Se este deleitou, deus sabe o que o ou-

tro não deve ter sentido (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 109-110).

Neste excerto – a partir da fala de Duclos –, em uma de suas experiências libertinas vivida na casa da senhora Guérin, uma espécie de casa de prostituição e libertinagem diversas a qual Duclos fez parte em certo momento de sua vida, temos mesmo que de forma mais sucinta, tanto a via de percepção mais filosófica inferida pelo primeiro trecho, e a de percepção sexual pelo restante da citação. Quando Duclos diz que a libertinagem nada poupa nos remete a filosofia da natureza de Sade, a qual defende toda a possibilidade de vícios e crimes ao indivíduo da lógica sadiana. Para depois Duclos desenvolver a descrição da experiência sexual sem pudor algum a qual a libertinagem permite. Assim, a partir de uma reflexão foucaultiana a linguagem é aquilo que está posto, esmiuçado e enunciado, é também aquilo que se infere de forma implícita: “A linguagem não tem mais outro lugar senão a representação, nem outro valor senão em si mesma: nesse vão que ela tem poder de compor.” (FOUCAULT, 1999, p. 109).

A linguagem sendo então elemento fundamental da prática literária passemos agora para a compreensão do conceito de literatura, uma vez que o objeto de análise desta pesquisa se faz a partir de um romance literário.

Jacques Rancière em *A partilha do sensível: estética e política* pondera a definição das articulações do regime estético das artes, além das possibilidades e seus modos de transformação. Assim, ele propõe, nessa obra, uma nova maneira de se pensar a arte que, independente do critério social ao qual esteja vinculada, a arte seria validada pela arte “[...] o regime estético das artes não começou com decisões de ruptura artística. Começou com as decisões de reinterpretação daquilo que a arte faz ou daquilo que a faz ser arte.” (RANCIÈRE, 2005, p. 36). O autor emprega também nessa obra uma reflexão importante para pensarmos o conceito de literatura:

Passar dos grandes acontecimentos à vida dos anônimos, identificar os sintomas de uma época, sociedade ou civilização nos detalhes ínfimos da vida ordinária, explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e reconstituir mundos a partir de seus vestígios, é um programa literário, antes de ser científico. Não se trata apenas de compreender que a ciência histórica tem uma pré-história literária. A própria literatura se constitui como uma determinada sintomatologia da sociedade e contrapõe essa sintomatologia aos gritos e ficções da cena pública. (RANCIÈRE, 2005, p. 49).

Para Rancière (2005), a literatura pode ser um reflexo de seu meio social, ou até

mesmo contrapor essa sintomatologia do social. Não deve necessariamente sempre estar envolvida nessa perspectiva. Interessante percebermos como a literatura também pode dar conta do debate sócio-histórico ao qual o texto construído esteja inserido. Em Rancière o conceito de literatura tem reflexões digamos, de possibilidades abrangentes.

Foucault em *Estética: literatura e pintura, música e cinema* (2009) no texto *A linguagem ao infinito* faz uma consideração curiosa a respeito do conceito de literatura. Esse murmúrio sem fim chamado literatura (FOUCAULT, 2009) aparecerá para ele como “literatura” apenas com o século XVIII, e mesmo posteriormente a ele. Mais ainda, apenas com Sade. Na percepção foucaultiana, a fala de alcance extremo do marquês é a possibilidade da linguagem ao infinito, e aqui se faz a ideia de literatura:

[...] a obra de Sade não haja senão uma resposta: ninguém. A obra de Sade se situa em um estranho limite, que ela, no entanto, não para de transgredir: ela se priva – mas confiscando-o, em um gesto de apropriação repetitiva – do espaço de sua linguagem: ela subtrai não apenas seu sentido (o que não deixa de fazer a cada instante), mas seu ser: nela, o jogo indecifrável do equívoco não é nada mais do que o sinal, muito mais grave, dessa contestação que a força a ser o duplo de toda linguagem (que ela repete queimando-a) e da sua própria ausência (que ela não cessa de manifestar). (FOUCAULT, 2009, p. 54-55).

A obra de Sade implica, essa linguagem ao exterior pelo extremo, pelo detalhe, explícito, repetitivo, e pela enunciação reincidente, talvez seja a linguagem um poder absoluto, ao infinito, fazendo surgir aqui a ideia de literatura, diante dessa possibilidade infundável de linguagem:

Talvez o que seja preciso chamar com todo rigor de “literatura” tenha seu limiar de existência precisamente ali, nesse fim do século XVIII, quando aparece uma linguagem que retoma e consome em sua fulguração outra linguagem diferente, fazendo nascer uma figura obscura, mas dominadora na qual atuam a morte, o espelho e o duplo, o ondeado ao infinito das palavras.

[...] o infinito da linguagem se multiplica ao infinito, repetindo-se sem fim nas figuras desdobradas do Mesmo.

[...] e eis o paradoxo: se fazemos um livro que narra todos os outros livros, é ele mesmo um livro, ou não? Ele deve falar de si próprio como se fosse um livro entre os outros? E se ele não se narra, que pode ser, ele que tinha o projeto de ser um livro, e por que se omitir em sua narrativa, agora que ele tem de dizer todos os livros? A literatura começa quando este paradoxo toma o lugar deste dilema: quando o livro não é mais o espaço onde a palavra adquire figura (figuras de estilo, de retórica e de linguagem), mas o lugar onde os livros são todos retomados e consumidos: lugar sem lugar, pois abriga todos os livros passados neste impossível “volume”, que vem colocar seu murmú-

rio entre tantos outros – após todos os outros, antes de todos os outros. (FOUCAULT, 2009, p. 57-58-59).

Quando Foucault diz “[...] nascer uma figura obscura [...] no qual atuam a morte, [...] o ondedo ao infinito das palavras” não tem como não remeter aos textos do Marquês de Sade. Todos os seus romances seguem essa tendência, atuando com a morte, para a morte e para a catástrofe – “Gostaria de devastar a terra inteira, vê-la coberta por meus cadáveres’ – desafia um libertino em *La nouvelle Justine*.” (LE BRUN, 2016, p. 13). Além de ser também uma linguagem composta por uma imaginação sem precedentes, caracterizada pela catástrofe com proporções eróticas de uma destruição em massa. Posições sexuais de inúmeras possibilidades são postas, flagelações diversas, distintas formas de mutilações, de assassinatos, quanto mais imaginação, melhor: “*Sade fêz justamente da imaginação a mola do vício.*” (DE BEAUVOIR, 1961, p.53, grifos nossos). A natureza em Sade está sempre necessitando dessa máxima de crimes e vícios para alcançar seu equilíbrio, como ressaltamos esse sistema filosófico vicioso no primeiro capítulo. Sade levando sua filosofia e sua linguagem ao infinito, marca a ideia de literatura foucaultiana. Foucault em *O pensamento do exterior* (1990) reforça ainda mais uma tal proposição:

A literatura não é a linguagem que se identifica consigo mesma até o ponto de sua incandescente manifestação, é a linguagem distanciando-se o mais possível de si mesma; e se este colocar-se “fora de si mesma” põe em evidência seu próprio ser, esta claridade repentina revela uma distância mais do que um sinal, uma dispersão mais do que um retorno dos signos sobre si mesmos. O “sujeito” da literatura (aquele que fala dela e aquele do qual ela fala) não seria tanto a linguagem na sua positividade quanto o vazio em que se encontra seu espaço quando se enuncia na nudez do “falo”. (FOUCAULT, 1990, p. 14).

A literatura pode dizer tudo (BATAILLE, 2015). Aparece como transgressora, como uma linguagem ao exterior (FOUCAULT, 2009), podendo enunciar, exprimir todas as possibilidades. A literatura de Sade é um exemplo disso, dessa permissividade literária. Em *A literatura e o mal*, Bataille elenca diversos autores que caminham na perspectiva de uma literatura que tudo diz, da transgressão. Mais além, em Sade a transgressão toma caráter de destruição<sup>71</sup>: “É que a essência de seus livros é destruir: não apenas os objetos, as vítimas, postos em cena (que estão ali tão somente para responder à fúria de negar), mas o próprio autor e sua obra.” (BATAILLE, 2015, p. 104).

---

71 Não nos aprofundaremos sobre a estética da destruição na filosofia de Sade, uma vez que este será o tema a ser pontuado no terceiro capítulo.

Partindo dessa ideia de uma literatura permissiva, podemos agora pensar o gênero literário que caracteriza *Os 120 dias de Sodoma*, o romance. Teremos com essa obra, o objeto de toda a pesquisa, para compreendermos a estética e a prática social de destruição pela filosofia da natureza de Sade.

Compagnon (2010) faz considerações importantes quanto às classificações de gênero. Para ele, sua pertinência teórica é a partir de um funcionamento de recepção, uma competência do leitor, podendo ser confirmada ou contestada ao longo do texto num processo enérgico:

A constatação dessa afinidade entre gênero e recepção leva a corrigir a visão convencional que se tem do gênero, como estrutura cuja realização é o texto enquanto língua subjacente ao texto considerado como fala. [...] A concretização que toda leitura realiza é, pois, inseparável das imposições de gênero, isto é, as convenções históricas próprias ao gênero, ao qual o leitor imagina que o texto pertence, lhe permitem selecionar e limitar, dentre os recursos oferecidos pelo texto, aqueles que sua leitura atualizará. O gênero, como código literário, conjunto de normas, de regras do jogo, informa o leitor sobre a maneira pela qual ele deverá abordar o texto, assegurando desta forma a sua compreensão. Nesse sentido, o modelo de toda teoria dos gêneros é a tripartição clássica dos estilos. Ingarden distinguia assim três modos – sublime, trágico e grotesco – que constituíam, a seu ver, o repertório fundamental da leitura. Frye, por sua vez, reconhecia na romana, na sátira e na história os três gêneros elementares, conforme fosse o mundo ficcional representado como melhor, pior que o mundo real, ou igual a ele. Essas duas tríades se baseiam na polaridade da tragédia e da comédia que, desde Aristóteles, constitui a forma elementar de qualquer distinção genérica, como antecipação feita pelo leitor e que regula seu investimento no texto. Assim, a estética da recepção – mas é ainda o que a torna demasiado convencional aos olhos de seus detratores mais radicais – não seria outra coisa senão o último avatar de uma reflexão bem antiga sobre os gêneros literários. (COMPAGNON, 2010, p. 155 – 156).

Ou seja, o gênero não determina a reflexão e compreensão que o leitor terá. Para o campo literário essa percepção torna-se altamente subjetiva. Cada leitura contém sua particularidade de interpretação. Compagnon (2010) coloca como as próprias convenções históricas também são capazes de influenciar na percepção dessa leitura.

Pensando o recorte contextual ao que Sade se insere, o século XVIII, refletimos com a obra *A ascensão do romance* de Ian Watt (2010) como nesse período já havia a circulação<sup>72</sup> de textos de gênero literário caracterizados como romances. Watt aponta para uma facilidade de leitura acerca de textos desse gênero, algo supostamente proporcionado pela narrativa

---

<sup>72</sup> Aprofundaremos quanto a ideia de circulação dessas obras e caracterização do gênero literário para romances libertinos, no tópico 1.3 do capítulo primeiro deste presente trabalho.

da ficção: “a transitória satisfação do que se faz’ parece uma descrição singularmente adequada ao caráter da leitura presente na maioria dos exemplos das duas novas formas literárias do século XVIII, o jornal e o romance – ambos estimulam um tipo de hábito de leitura rápida, desatenta, quase inconsciente.” (WATT, 2010, p. 51).

Mikhail Bakhtin em *Teoria do romance I – S estilística* (2015) traz considerações mais técnicas e metodológicas sobre o formato do romance. Assim consideramos pertinente tal percepção:

O romance como um todo verbalizado é um fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo, heterovocal. Nele, o pesquisador esbarra em várias unidades estilísticas heterogêneas, às vezes jacentes em diferentes planos de linguagem e subordinadas às leis da estilística.

Eis os tipos básicos de unidade estilístico-composicional, nos quais costuma decompor-se o todo romanesco:

- 1) Narração direta do autor da obra literária (em todas as suas multiformes variedades);
- 2) Estilização das diferentes formas de narração oral do cotidiano (skaz);
- 3) Estilização das diferentes formas de narração semiliterária (escrita) cotidiana (cartas, diários, etc);
- 4) Diferentes formas de discurso literário, mas extra-artístico, do autor (juízos morais, filosóficos, científicos, declamações retóricas, descrições etnográficas, informações protocolares, etc.);
- 5) Discursos estilísticos individualizados dos heróis.

Quando essas unidades estilísticas heterogêneas passam a integrar o romance, neste se combinam num harmonioso sistema literário e se subordinam à unidade estilística superior do conjunto, que não pode ser identificada com nenhuma das unidades a eles subordinadas.

A originalidade estilística do gênero romanesco reside de fato na combinação dessas unidades subordinadas, mas relativamente independentes. [...]

O romance é um heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual. (BAKHTIN, 2015, p. 27-28-29).

A ideia que Bakhtin (2015) nos apresenta reforça mais uma vez a perspectiva de um gênero subjetivo, como em Compagnon. O romance é então, heterodiscursivo, ou seja, apresenta discursos diversos, se assim o pretender. Heterovocal, também pode apresentar vozes distintas no decorrer do texto, vários protagonistas. Veremos essa qualificação em *Os 120 dias de Sodoma*, à medida que vários libertinos detêm vozes importantes e de protagonização. E, por último, pluriestilístico, com várias pluralidades de estilos, num mesmo texto. Não que essas características sejam uma determinante para o gênero, mas abre o leque de possibilidades para a formação de um texto romanesco.

Em *Teoria do Romance*, Georg Lukács (s.d.), por outro lado, vê a arte como via de

problematização a partir de uma ideia hegeliana. O discurso literário pode ter essa função, se assim o desejar. As obras de Sade lidaram com essa perspectiva. Problematizaram e fizeram críticas contundentes à moral conservadora e às estruturas sociais da sociedade francesa da corte no século XVIII, como a concepção de família e casamento. Criticou igualmente instituições de impacto do contexto, como o Estado absolutista Francês e a Igreja Católica. Entre o real e a arte, há a possibilidade de problematização da segunda pela primeira: A arte torna-se assim problemática na medida em que a realidade cessa de o ser (LUKÁCS, s.d., p. 15).

Partindo para características pontuais e de enredo *Os 120 dias de Sodoma* inicia-se com uma introdução repleta de pontuações importantes. Neste são apresentados os personagens principais como os quatro libertinos: o Duque de Blangis, O Bispo, o presidente Curval e Durcet. Para depois descrever as esposas, e as filhas dos libertinos que também estarão presentes ao longo do romance. Há também uma descrição na introdução das quatro narradoras, a senhora Duclos, a senhora Champville, Martaine e Desgranges. Há também aqui a descrição e narração sobre os quatro fodedores, as quatro criadas, as oito meninas selecionadas para a experiência em Silling, e os oito meninos. Há ainda a descrição dos suplementos luxuosos que serão utilizados nas alimentações ao longo dos 120 dias no Castelo, como a descrição do “regulamento”. Neste é posto todos os direitos e deveres dos indivíduos para a sociabilidade durante os dias enclausurados em Silling. Destacando que quem detinha o poder e direitos pela descrição dos regulamentos são apenas os quatro libertinos já citados. Ainda na introdução há um formato apelativo, em que Sade alerta o leitor a todo momento sobre o conteúdo libertino e de excessos que ele encontrará com a leitura do romance:

Agora, amigo leitor, prepara teu coração e teu espírito para o relato mais impuro já feito desde que o mundo existe, pois não há um livro semelhante nem entre os antigos nem entre os modernos. Imagina que todo gozo honesto ou prescrito por esse animal de que não paras de falar sem conhecê-lo e a quem chamas de natureza, todos esses gozos, eu dizia, serão expressamente excluídos desta coletânea e quando, porventura, os encontrardes, estarão sempre acompanhados de algum crime ou coloridos de alguma infâmia. Sem dúvida, muitos dos desregramentos que encontrarás aqui retratados desagradar-te-ão; alguns entretanto aquecer-te-ão a ponto de te custarem porra, e isto nos basta. [...] Esta é a história de uma magnífica refeição em que seiscentos pratos diversos serão oferecidos a teu apetite. Apreciarás todos? Não, sem dúvida! Mas esse número prodigioso ampliará os limites de tua escolha, e, encantado por esse aumento de faculdades, não te atrevas a repreender o anfitrião que te presenteia. Faze o mesmo aqui: escolhe e deixa o resto, sem vituperar contra esse resto sob pretexto que não tem o talento de te agradar. Lembra-te que agradecerá a outros, e sejas filósofo. Acerca da diversidade, estejas assegurado de que ela é precisa; estudo bem as paixões que te parecem assemelhar-se a

outra sem a menor diferença, e verás que essa diferença existe e, por mais leve que seja, ela apenas tem esse refinamento, essa delicadeza que distinguem e caracterizam o gênero da libertinagem aqui tratado. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 62-63).

Há neste excerto algumas intenções de Sade para com o leitor. O marquês indica e espera que seu leitor goze, caso se excite com as perversões descritas ao longo do romance. Pede também ao mesmo que abra a percepção filosófica para a compreensão de seu texto e finaliza confirmando o gênero literário a qual seu romance se insere: o libertino e seu caráter de sedução: “O romance libertino não se propõe a produzir um efeito de desejo, mas a mostrar uma estratégia de sedução. [...] O romance libertino se baseia essencialmente na arte de convencer, pois seduzir é levar o outro a ceder às instâncias do desejo.” (GOULEMOT, 2000, p. 72).

Ainda na introdução, nas primeiras páginas desse capítulo, há uma acusação que Sade faz a perspectiva cultural do Estado Absolutista Francês. E como este, e inúmeros nobres do contexto vão aproveitar do estado de guerra que a França viverá para acumular riquezas. Denuncia o Estado Absolutista francês como abusivo e de um povo miserável e explorado. Sade faz essa contextualização inicial para justificar as riquezas imensuráveis de seus quatro libertinos:

As guerras consideráveis que Luís XIV travou durante seu reinado, espoliando as finanças do Estado e os recursos do povo, enriqueceram secretamente uma multidão de sanguessugas sempre atenta às calamidades públicas, que provocam e nunca aplacam, para tirar proveito com maiores vantagens. O fim daquele reinado, por sinal tão sublime, talvez tenha sido uma das épocas do império francês em que mais surgiram dessas fortunas obscuras que não resplandecem senão por um luxo e devassidões tão nefastas quanto elas. Pouco antes do fim desse reinado e do Regente tentar forçar essa multidão de vigaristas a restituir tudo que tomara, por meio do famoso tribunal conhecido como *Chambre de Justice*, quatro dentre eles imaginaram as singulares orgias de devassidão que vamos relatar. Enganar-se-ia quem imaginasse que apenas plebeus se dedicaram a essa extorsão fiscal, pois era encabeçada por senhores muito notáveis. O Duque de Blangis e seu irmão, o Bispo de..., que assim acumularam fortunas imensas, são provas incontestáveis de que a nobreza não desprezava mais do que outros a possibilidade de enriquecer desse modo. Esses dois ilustres personagens, intimamente ligados, tanto pelos prazeres como pelos negócios, ao famoso Durcet e ao Presidente Curval, foram os primeiros a conceber a devassidão cuja história escrevemos e, tendo informado seus dois amigos, os quatro tornar-se-iam os protagonistas dessas orgias (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 15).

Neste excerto inicial de *Os 120 dias de Sodoma* podemos inferir que Sade faz uma espécie de denúncia à aristocracia francesa do século XVIII e seu formato abusivo de cultura

política<sup>73</sup>. Sade também remete os quatro libertinos protagonistas de seu romance como devassos, uma vez que conceberam a devassidão em graus até então, inimagináveis em toda literatura, como nos disse o próprio marquês “*Agora, amigo leitor, prepara teu coração e teu espírito para o relato mais impuro já feito desde que o mundo existe.*” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 62, grifos nossos).

Dando continuidade a composição do romance, Sade divide o texto em mais quatro partes, ou classes, numa escala quase que gradativa de graus de devassidão e libertinagem. Há uma distinção nítida entre a elaboração da primeira parte, que tem uma escrita mais desenvolvida e completa de informações e descrições das orgias, se comparada às demais. Biógrafos do marquês acreditam na possibilidade de Sade, enquanto escreveu o romance, preso na Bastilha, tivesse tido um tempo restrito para o prolongamento do texto literário, deixando assim a impressão de que a segunda, terceira e quarta partes do livro estivessem incompletas ou feitas de modo mais ágil e sem tanta profundidade quanto a primeira. Fato é que as 600 perversões são descritas na obra, mesmo que nas três últimas partes de forma mais objetiva e com menos detalhamento. Vejamos pelo escrito de Fernando Peixoto, *Sade, vida e obra*, a história do manuscrito, ao qual Sade faleceu sem saber que o mesmo seria posteriormente encontrado e publicado. O marquês morreu com a lamentação da suposta “perda” de uma de suas mais primorosas obras:

Sade terminou de copiar o livro, em letra minúscula e num rolo imenso, de 12 metros de comprimento, no dia 28 de novembro de 1785, na Bastilha. Quando foi transferido para Charenton, o manuscrito ficou em sua cela. Dia 14 de julho de 1789 a fortaleza foi invadida e saqueada, grande parte de suas obras se perderam definitivamente. O marquês culpa a esposa, que teve dez dias para ir buscar seus papéis, livros, quadros e objetos pessoais, e não foi. Seu desespero é terrível e, certamente pensando nos *120 dias de Sodoma*, ele escreve: meus manuscritos, por cuja perda derramo lágrimas de sangue. Até o fim de sua vida julgou este livro perdido e grande parte de sua obra posterior é em certo sentido a tentativa de reconstruir relatos e cenas destas obras. Entretanto, o manuscrito foi encontrado por um tal de Arnaux de Saint-Martin. E passou depois para a família Villeuneuve-Trans, que o guardou durante gerações. No início do século atual foi vendido a um colecionador alemão e publicado em 1904 pelo psiquiatra alemão dr. Ivan Bloch (com o pseudônimo de dr. Eugene Duhren), que justificou a edição por importância imensa do texto para médicos, juristas e antropólogos, assinalando a semelhança entre

---

73 Uma obra de referência para aprofundamento deste tema é a Sociedade de Corte de Norbert Elias em que demonstra os privilégios e os anseios por status, concessões e favorecimentos de uma sociedade dependente da riqueza absolutista e da exploração de uma massa pobre e miserável: “Qualquer perda de privilégios significava um esvaziamento de sentido de suas existências. Em função disso, cada um deles tinha de cumprir, também, com os deveres de representação que estavam ligados às suas posições e seus privilégios.” (ELIAS, 2001, p. 95).

os relatos de Sade e as notas publicadas um século depois pelo psiquiatra Krafft-Ebing; segundo Lely esta edição contém muitos erros que distorcem o sentido do livro. Depois da morte de Bloch, o manuscrito permaneceu na Alemanha até 1929, quando por ordem do Visconde Carlos de..., Maurice Heine foi a Berlim para comprá-lo; finalmente de 1931 a 1935, em três volumes, a área foi editada com absoluta fidelidade ao manuscrito original. (PEIXOTO, 1979, p. 106).

A história da publicação de *Os 120 dias de Sodoma* é, portanto, um tanto quanto conflituosa. A obra vai ser de fato encontrada e publicada quase dois séculos depois de sua criação, para a sorte do gênero literário libertino.

Ao final do romance, Sade faz a narrativa de um balanço final, inclusive com perspectivas de cálculos matemáticos para caracterizar os sobreviventes ao fim das quatro classes de orgias. Ele constrói um fio condutor, delimitando o início, o meio e o desenvolvimento, e o fim “[...] por pouco que o romance se encontre ligado em si e por si às duas extremidades naturais da vida, ao nascimento e à morte.” (LUKÁCS, s.d., p. 91). Há também além desse desenvolvimento quase que matemático para deduzir o produto de sobreviventes em Silling, um tópico de notas em que Sade descreve algumas alterações que precisam ser feitas no romance, alguns erros de repetição, ou seja, revela ali os problemas encontrados na estruturação de seu romance. Peixoto acredita que este tópico “[...] revela a incrível capacidade de organização do trabalho literário de Sade; sem tempo para revisar tudo, ele anota erros, repetições, cenas mal colocadas ou paixões mal explicadas, assim como observações sobre modificação que precisa fazer.” (PEIXOTO, 1979, p. 112).

Vejamos agora por intermédio de uma tabela ilustrativa a composição e organização de personagens em *Os 120 dias de Sodoma*. São no total 46 personagens, divididos em classes e situações distintas:

<b>Personagens – 4 Libertinos</b>	<b>Duque Blangis</b>	<b>Bispo</b>	<b>Presidente Cur- val</b>	<b>Durcet</b>
<b>Narradoras – 4 mulheres</b>	<b>Madame Duclos</b>	<b>Madame Champville</b>	<b>Madame Martai- ne</b>	<b>Madame Desgranges</b>
<b>Na cozinha</b>	<b>06 mulheres responsáveis pelas refeições dos dias reclusos no castelo de Silling.</b>			
<b>Historiadoras</b>	<b>04 mulheres</b>			
<b>Fodedores</b>	<b>08 pessoas, entre homens e mulheres</b>			
<b>Rapazes</b>	<b>8</b>			
<b>Esposas</b>	<b>4 (o número refere-se as esposas dos 4 libertinos citados acima)</b>			
<b>Meninas</b>	<b>8 (entre essas meninas estavam também filhas</b>			

	<b>dos libertinos com suas esposas.</b>
<b>Total</b>	<b>46 pessoas envolvidas em 600 perversões durante os 120 dias vivenciados pelos personagens reclusos no castelo de Silling.</b>

Depois dos 120 dias de Sodoma, crimes, assassinatos<sup>74</sup>, mutilações, perversões diversas, variações de cenas sexuais, os sobreviventes retornam a Paris. Eis a conta total:

<b>Massacrados antes do dia 01 de março nas orgias</b>	<b>10 pessoas.</b>
<b>Massacrados depois do primeiro de março</b>	<b>20 pessoas</b>
<b>Os que retornaram</b>	<b>16</b>
<b>Conclusão</b>	<b>De quarenta e seis personagens envolvidos, apenas 16 sobreviveram até o final do romance. Nenhum dos libertinos foi morto.</b>

O meio e o desenvolvimento do romance divididos em partes se caracterizam por algumas pontuações específicas. Vejamos os Estatutos: aqui, teremos as regulamentações para organização dos 120 dias. Barthes (1990) já destacava como em Sade até a orgia era ordenada. Vejamos algumas partes do Estatuto: “a companhia deverá levantar-se todos os dias às 10 horas da manhã” ou “às onze horas, os amigos procederão para os aposentos destinados às meninas”; “As mocinhas terão por costume geral de se ajoelharem sempre cada vez que avistarem ou encontrarem um dos amigos.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 54). Teremos igualmente no romance a escola de libertinagem; o harém das meninas, fazendo a descrição das meninas, sobre o laço familiar e o *status* social de cada uma delas: “Augustine, filha de um barão de Languedoc, quinze anos de idade, rosto fino e atento.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 66). Temos ainda o harém dos rapazinhos que fazem descrições físicas e de caráter sexual de cada um dos meninos, como: “Hercule, vinte e seis anos, bastante bonito, mas terrivelmente perverso, favorito do Duque: seu pau tem oito polegadas, duas linhas de circunferência por dezesseis de comprimento; esporra muito.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 67). E, por fim, a parte referente aos oito fodeadores.

A parte primeira: “As 150 paixões simples, ou de primeira classe, que compõem as trinta jornadas de novembro ilustradas pela narração da Duclos, as quais acresceu-se os acontecimentos do castelo, em forma de diário, durante aquele mês.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 69) diz respeito às narrações de Duclos. São as paixões mais simples, mas já

<sup>74</sup> Veremos essas questões de modo mais profundo no capítulo terceiro.

aqui há relações de incesto descritas, mutilações mais simples, e perversões envolvendo excrementos diversos. É aqui a parte mais longa do romance.

Na parte segunda: “As 150 paixões de segunda classe, ou duplas, que compõem as trinta e uma jornadas de dezembro, ilustradas pela narração de Champville, as quais acresceu-se o diário exato dos acontecimentos do castelo durante esse mês.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 293). Sob a narração de Champville os relatos são mais violentos, e a descrição é mais sucinta e objetiva, não há uma contextualização de cada personagem para cada orgia como há em boa parte da primeira classe. E as perversões são postas a partir de uma enumeração. Exemplo: “5. Ele quer deflorar três moças em seguida, uma no berço, uma de cinco anos, outra de sete.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 293).

Para a parte terceira: “As 150 paixões de terceira classe, ou criminosas, que compõem as trinta e uma jornadas de janeiro, ilustradas pela narração de Martaine, as quais acresceu-se o diário dos acontecimentos escandalosos do castelo durante aquele mês” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 309). Aqui, temos a narração de Martaine são as paixões mais criminosas que já compõe inúmeras variações de perversões sexuais entre libertinos e animais. Mantém-se o formato de descrições sucintas e objetivas da segunda parte: “36. Ele fode uma vaca, a faz parir, e fode o monstro.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 312).

E a última quarta parte: “As 150 paixões assassinas, ou de quarta classe, que compõem as vinte e oito jornadas de fevereiro, ilustradas pelas narrativas da Desgranges, às quais acresceu-se o diário exato dos acontecimentos escandalosos do castelo durante aquele mês.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 327). Neste momento, a narradora Desgranges que é uma das mais gastas e fétidas narra as paixões mais assassinas e violentas, por exemplo: “32. Aquele mesmo homem de que se falou há pouco, que joga várias vezes dentro da água, também tem como paixão afogar uma mulher com uma pedra no pescoço.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 331).

Em todas as classes ou em todas as quatro partes as perversões contadas pelas narradoras são intercaladas por experiências sexuais e até mesmo em discursos filosóficos dentre os libertinos do romance e os demais personagens. Em especial na primeira parte, já que o texto é mais descritivo, estendido e contextualizado; enquanto, a parte final, quarta classe do romance, ocorre os assassinatos dos personagens da própria história. Vejamos o relato do falecimento de dois dos meninos, Narciso e Gitão e duas das meninas, Michette e Rosette. Nos narra o Marquês: “Narciso é apresentado aos suplícios, cortam-lhe um punho. Fazem a

mesma coisa em Gitão. Queimam Michette dentro da cona; mesma coisa com Rosette; e ambas são queimadas no ventre e nas mamas.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 350).

Ao longo deste trabalho voltaremos a análises de discurso filosófico e de práticas sexuais e de destruição contidas em *Os 120 dias de Sodoma*. Este tópico pretendeu pensar então, as formulações literárias para o gênero do romance, e como a obra se insere a partir dessa teoria literária apresentada. Vimos como o romance tem e pode trabalhar com a subjetividade e pela via da problematização, e da ironia: “Para o romance, a ironia, essa liberdade do escritor em relação a Deus, é a condição transcendental que confere objetividade à estruturação.” (LUKÁCS, s.d., p. 106). O texto de Sade, de caráter extremamente laico, faz uso da ironia, a partir de uma narrativa de imaginação livre, levando aos extremos e à radicalização sua filosofia da natureza. Um livro denso, com descrições fortes e explícitas, à medida que sexo e excrementos desencadeiam o mais profundo gozo; ademais, os vícios criminosos proporcionam excitação e “esporro”, termo que o próprio Sade (2006) utiliza em inúmeros momentos do romance para caracterizar a ejaculação de seus libertinos com os crimes e vícios cometidos ao longo dos 120 dias de libertinagem vividos em Silling.

Sade faz seu apelo ainda na introdução de sua obra, é um texto denso, sem comparações dentro de qualquer literatura, o mais completo catálogo de perversões já existentes, como talvez um dispositivo apelativo e de convencimento. Um *Decamerão* libertino como diria Eliane Robert Moraes. *Os 120 dias de Sodoma* de Sade é *uma obra de violência e sexo da primeira à última página*:

Para compreender 120 dias de Sodoma é necessário a disposição de enfrentar o livro da primeira à última página: *é uma aventura sem igual, um mergulho indescritível num universo de esperma, de sangue e excrementos. Uma experiência demoníaca, que desafia qualquer pudor; qualquer preconceito, qualquer sensibilidade.* (PEIXOTO, 1979, p. 112, grifos nossos).

E Sade nos alerta, chama a atenção do leitor para a enciclopédia do vício de sua bibliografia. Nenhum outro texto do marquês foi capaz de atingir níveis de imaginação tão variados. Fazendo-nos a refletir sobre a próxima discussão deste trabalho: a sexualidade pela via da imaginação em Sade. E os *120 dias de Sodoma* torna-se o romance ideal para pensarmos essa hipótese.

### 2.3 MORALIDADE E SEXUALIDADE: O LIBERTINO SEM LIMITES

*“Escolhendo o erotismo, Sade escolheu o imaginário [...] Não é pela crueldade que se realiza o erotismo de Sade, é pela literatura”*

*Simone de Beauvoir, 1961.*

Compreenderemos agora neste tópico como o século XVIII, especialmente o francês, se preocupou com as *coisas do sexo*, e como isso foi reflexo na literatura deste contexto. Foucault no primeiro texto da trilogia, *História da sexualidade: a vontade de saber* nos ajuda a pensar melhor e mais habilmente essa temática. Para ele, desde o século XVII, já vinha tendo mais familiaridade com questões referentes ao sexo. O que foi intensificado no XVIII. Mas não podemos esquecer que esse tipo de literatura, muitas vezes, percorreu a margem do sistema. No imaginário mais difundido da Idade Moderna, a história da sexualidade se relaciona em grande parte com a história moral da pastoral cristã:

[...] no final das contas, também a pastoral cristã procurava produzir efeitos específicos sobre o desejo, pelo simples fato de colocá-lo integral e aplicadamente em discurso: efeitos de reconversão espiritual, de retorno a Deus, efeito físico de dores bem-aventuradas por sentir no seu corpo as ferroadas da tentação e o amor que lhe resiste. O essencial é bem isso: que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo; que a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado esse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de descolamento, de intensificação, de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo. Não somente foi ampliado o domínio do que se podia dizer sobre o sexo e foram obrigados os homens a estendê-lo cada vez mais; mas sobretudo focalizou-se o discurso no sexo, através de um dispositivo completo e de efeitos variados que não se pode esgotar na simples relação com uma lei de interdição. Censura sobre o sexo? Pelo contrário, constituiu-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia. (FOUCAULT, 2015, p. 25-26).

Como temos em Foucault, mas a própria ideia de proibição difundida pela pastoral cristã leva, por consequência, a propagação de discursos sobre coisas do sexo. O interdito que leva à procura, a sensação de desejo, de descobrimento, da subversão. Só e com o interdito:

Mas a verdade da orgia nos chegou através do mundo cristão, em que os valores foram invertidos uma vez mais. A religiosidade primitiva extraiu dos interditos o espírito da transgressão. Mas, no conjunto, a religiosidade cristã se opôs ao espírito de transgressão. A tendência a partir da qual um desenvolvimento religioso foi possível nos limites do cristianismo está ligada a essa oposição relativa. (BATAILLE, 2014, p. 143).

O proibido leva à incitação ao desejo, que leva aos dispositivos de subversão e transgressão. Só há transgressão do que está interdito. Deste modo, se desenvolveram as questões do sexo pela perspectiva do interdito. Foram surgindo transgressões à moral cristã pela margem, pelo submundo literário, ou pela boemia literária, como nos diz Robert Darnton (1987). Dentro da concepção moral vai haver uma ideia de dualidade, de um lado, o puro como sagrado, de outro, coisas do sexo como malignas, viciosas e profanas. Tal reducionismo bipolarizado será um grande desafio para a propagação das coisas do sexo como um caráter naturalizado e de liberdade, algo que irá se definir só no século XX, com a Revolução Sexual dos anos 60.

O erotismo cairá, então, no domínio do profano e do perverso: “a evolução do erotismo é paralela à da impureza.” (BATAILLE, 2014, p. 148-149). O perverso que, nos textos de literatura libertina será configurado como o libertino. Nesse sentido, a perversão como “[...] a implementação absolutamente consciente de todos os males concebíveis. Se a perversidade da criança é a libido inconsciente de si, a perversidade do devasso é o cinismo.” (VIGNOLES, 1991, p. 23).

Vejam a relação que Bataille em *O erotismo* nos apresenta entre mundo cristão – interdito – transgressão para chegarmos a concepção de questões do sexo e eróticas como malignas e profanas:

À transgressão se opunha o interdito, mas a suspensão deste permanecia possível, desde que os limites fossem observados. O interdito, no mundo cristão, se tornou absoluto. A transgressão teria revelado o que o cristianismo velou: que o sagrado e o interdito se confundem, que o acesso ao sagrado é dado na violência de uma infração. Como disse, o cristianismo postulou, no plano religioso, este paradoxo: *o acesso ao sagrado é o mal*; e ao mesmo tempo, *o Mal é profano*. Mas o fato de estar no Mal e de ser livre, de estar livremente no Mal (já que o mundo profano escapa às restrições do sagrado) foi não apenas a condenação, mas também a recompensa do culpado. O excessivo gozo do licencioso correspondeu ao horror do fiel. Para o fiel, a licenciosidade condenava o licencioso, demonstrava sua corrupção. Mas a corrupção, mas o Mal, mas Satã, foram para o pecador objetos de adoração, a que o pecador ou a pecadora queriam bem. A volúpia mergulhou no mal. Ela era em essência transgressão, superação do horror, e quanto maior o horror, mais

profunda era a alegria. Imaginários ou não, os relatos do sabá têm um sentido: é o sonho de uma alegria monstruosa. Os livros de Sade os prolongam, e vão bem mais longe, mas no mesmo sentido. Trata-se sempre de ter acesso ao contrapé do interdito. (BATAILLE, 2014, p. 150-151).

O interdito no mundo cristão se tornou próprio, base, absoluto, como nos diz Bataille. Rechaçá-lo é percorrer o caminho do mal, de acordo com a moral cristã. Essa lógica não se dá em Sade, por exemplo. Em Sade, o mal e o vício são necessários à Natureza, logo, para o libertino realizá-lo é questão de manutenção do equilíbrio da Natureza e, apenas aceleração de seu processo natural, que naturalmente seria a destruição. Então, não haverá esse dualismo, bem versus mal, sagrado versus profano, como é posto pela moral cristã, que interdita questões do sexo, mas que as interpela no processo de interdição. Um paradoxo do interdito. Mal e bem em Sade são situações constantes e necessárias ao funcionamento da Natureza.

Para o século XVIII, Foucault (2015) acredita que os governos devam se preocupar com o quesito “população”, uma vez que se tornam um problema econômico e político, não mais só social. Pensar a população é redesenhar suas configurações próprias, e um dispositivo indispensável é o sexo. O sexo como dispositivo de poder, quando bem administrado:

No cerne desse problema econômico e político da população: o sexo; é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas – desses famosos “segredos funestos” que os demógrafos, na véspera da Revolução, sabem já serem conhecidos no campo. É verdade que já há muito tempo se afirmava que um país devia ser povoado se quisesse ser rico e poderoso. Mas é a primeira vez em que, pelo menos de maneira constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo. (FOUCAULT, 2015, p. 29).

Ou seja, apenas no século XVIII o sexo torna-se um problema político, econômico e social em níveis inimagináveis. Ter o controle do sexo era monitorar as instituições. Pensemos a atuação da Igreja Católica, grande controladora por séculos de interditos, que diziam a respeito do sexo. A partir disto, o sexo toma formato em novos meios de circulação: na medicina, na educação escolar e pedagógica e, sobretudo na literatura:

Consideremos os colégios do século XVIII. Visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí praticamente não se fala de sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente de sexo. [...] Todos os detentores de uma parcela de autoridade se colocam num estado de alerta perpétuo: reafirmando sem trégua pelas disposições e responsabilidades. O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios do recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem separações, com ou sem cortina), os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças. O que se poderia chamar de discurso interno da instituição – o que ela profere para si mesma e circula entre os que a fazem funcionar – articula-se em grande parte, sobre a constatação de que essa sexualidade existe, precoce, ativa, permanente. Mas há ainda mais: o sexo do colegial passa a ser, no decorrer do século XVIII – e mais particularmente do que o dos adolescentes em geral –, um problema público. Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, também dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades; os professores se voltam para os alunos, fazem-lhe recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes. Toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reforma e planos de instituições ideais prolifera em torno do colegial e do sexo. (FOUCAULT, 2015, p. 31-32).

O sexo no século XVIII torna-se assunto cotidiano, em vários níveis institucionais como observamos em Foucault. A literatura que pode ou não dar conta desse imaginário cotidiano é reflexo, mas é também forma de transgressão dentro desse tema e desse período. Os textos literários libertinos ou pornográficos trataram com bastante elucidação as coisas do sexo. Os órgãos genitais foram expostos nos textos literários, sem grandes pudores. Autores desse gênero literário como Diderot, Réstif de La Bretonne e Sade foram grandes nomes desse contexto.

Os textos pornográficos transgridem muito mais pelos discursos filosóficos, do que pelas experiências sexuais: “[...] as relações entre a literatura libertina e a sadiana [...] cabe frisar que ambas reinventaram o sexo como veículo de reflexão filosófica (Cf. Darnton: 1996).” (GIANNATTASIO, 2000, p. 57). Em Sade, temos que ter um pouco de cuidado para com essa teoria, uma vez que seus textos chocam também pelas questões de sexo, além dos discursos filosóficos.

O texto de Sade traça alusões explícitas ao corpo humano – é mesmo importante dizer, o corpo, sua destruição e reinvenção é um de seus principais interesse –, as genitálias humanas, aos excrementos e, todos estes aspectos, relacionam-se à orgia sadiana. O sujo e a imundície conseguem provocar desejo e gozo ao libertino. Em “[...] *os 120 dias de Sodoma*,

Sade propõe a exploração sistemática de todas as perversões sexuais.” (GOULEMOT, 2000, p. 13). Em Sade tudo é ordenado e sistematizado, por exemplo, horário para acordar, dormir, para as refeições, para as narrações e lugar para cada orgia. Esta ordenação sistemática tem ênfase no romance de *Os 120 dias de Sodoma*:

#### REGULAMENTOS

Levantaremos todos os dias às dez da manhã. Nesta hora, os quatro fodedores que não estiveram de serviço durante a noite irão visitar os amigos, cada um levando consigo um garotinho; passarão sucessivamente de um aposente a outro. Agirão ao bel prazer e segundo os desejos dos amigos, embora nas preliminares os meninos servirão apenas para o prazer dos olhos, pois está decidido e acertado que as oito mocinhas somente perderão o cabaço das conas no mês de dezembro, e o de seus cus, assim como o dos oito meninos, só serão sacrificados no decorrer de janeiro, e isto de modo a deixar a volúpia mais irritada pelo aumento de um desejo constantemente inflamado e nunca satisfeito, estado que deve necessariamente levar a um certo furor lúbrico que os amigos gostam de provocar como uma das situações mais deliciosas da lubricidade. Às onze horas, os amigos irão até o aposento das mocinhas onde será servido o desjejum, composto por chocolate ou torradas com vinho da Espanha, ou outros restauradores apropriados. Esse desjejum será servido pelas oito mocinhas nuas, ajudadas pelas duas velhas Marie e Louison, encarregadas do harém das mocinhas, as duas outras sendo encarregadas dos rapazes [...] (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 54)<sup>75</sup>.

Assim, podemos identificar a rigorosidade se só observarmos essa pequena parte do “regulamento” criado por Sade para delimitar a ordem e os sistemas das orgias praticadas nos 120 dias de clausura no castelo de Silling. *A orgia é previamente ordenada*. Os horários são marcados. As relações sexuais entre as moças, os rapazes, os fodedores, os quatro libertinos e as quatro narradoras são também marcadas através sistemas e regras específicas. A orgia sadiana segue um cronograma documentado por meio de uma espécie de estatuto, ou melhor, de um regulamento, de um ordenamento sistemático. A alimentação, hora do sono, hora do gozo, de se levantar, de se deitar, todas essas questões básicas de uma vivência cotidiana são, nesse romance, postos de forma rígida e sistematizada: “*O espaço é geometricamente organizado*, as roupas, as prescrições alimentares, a definição dos lugares e gestos, *tudo tendo a uma ordem totalitária*.” (GIANNATTASIO, 2000, p. 62, grifos nossos). E esse caráter de ordem totalitária ao qual Giannattasio faz referência pensa a perspectiva dos libertinos, que detém o poder e os quais ditaram esses ordenamentos para os demais indivíduos do romance, numa

---

75 Não daremos continuidade a citação dos regulamentos uma vez que se trata de um relato extenso, de quase dez páginas. Aqui, por este pequeno trecho já poderemos identificar as características citadas anteriormente sobre os ordenamentos que a orgia sadiana segue.

função de organização e sistema.

As questões do sexo em Sade estão relacionadas, além do quesito ordem, com o princípio da imaginação: “Sade, ao contrário do filósofo do século XVIII, constrói uma filosofia do exílio, demarcando o seu território privilegiado: a imaginação.” (GIANNATTASIO, 2000, p. 148). A sexualidade sadiana tudo pode e tudo permite: flagelações com sexo, torturas, ingerir ou expelir excrementos diversos. Todo tipo de vício é bem-vindo e necessário à orgia sadiana e seu princípio básico é uma imaginação sem limites. O próprio Sade fez uso dessa imaginação como meio de sobrevivência numa vida reclusa em prisões e isolamento: “[...] é através dela (a imaginação) que ele escapa ao espaço, ao tempo, à prisão, à polícia, ao vazio da ausência, à morte, à vida e a todas as contradições.” (DE BEAUVOIR *Apud* GIANNATTASIO, 2000, p. 107).

Annie Le Brun em *O sentimento da catástrofe: entre o real e o imaginário* vê em Sade a imaginação como possibilidade de busca e realização de catástrofe na ficção sadiana. Ou seja, quanto maior o desastre, o crime, a dor provocada, maior o gozo. E uma catástrofe pode ser melhor realizada pela função de uma imaginação ilimitada:

“Gostaria de devastar a terra inteira, vê-la coberta por meus cadáveres” – desafia um libertino de *La nouvelle Justine*, sonhando com uma devastação de tamanho porte que superaria os grandes feitos de Alexandre. Como se sabe, passagens como essas se multiplicam na ficção sadiana, e com tal frequência que chegam a sugerir um vínculo de base entre catástrofe e o erotismo. Exemplares, nesse sentido, são as cenas em que seus personagens expressam o desejo de copiar as “torpezas da natureza”, como acontece com Juliette, ao visitar o vulcão Pietra-Mala na Toscana: “Ó natureza! Como és caprichosa! E não desejarias então que os homens te imitassem?”. Semelhante exaltação invade o impiedoso coração de seu comparsa Jérôme, que, em viagem pela Sicília, observa o Etna em chamas, clamando: “Boca dos infernos! Se, como tu, eu pudesse tragar todas as cidades à minha volta, quantas lágrimas não verteria!” [...] Isso porque, como sustenta Le Brun, o que anima a imaginação sadiana é sempre uma violência poética, indiferente a qualquer ambição pragmática. (MORAES, 2016, p. 13-14).

A imaginação sadiana goza com a ideia de um crime catastrófico, e mesmo grandioso. Quanto mais dor provocar, mais excitação provocará no libertino de Sade. Vejamos em *A cidade perversa: liberalismo e pornografia* de Dany-Robert Dufour, a relação entre a imaginação e o gozo dos libertinos do castelo de Silling:

postar na libido *dominandi*, vale dizer, na liberação das paixões e pulsões de avidez, não podia deixar de acarretar situações de acúmulo excessivo. Ora, é

exatamente uma situação desse tipo a evocada por Sade (como sabemos, homem de letras e de teatro inclinado a encenar o obscuro) em *Os 120 dias de Sodoma*, sua obra mais horrendamente sublime. Tudo, e particularmente o excesso, inclusive na mais extrema celeratez, tornou-se logicamente possível para o banqueiro Durcet em virtude de sua enorme fortuna. Resta-lhe apenas encontrar as modalidades de realização daquilo que normalmente é impossível para qualquer outra pessoa. Além disso, o lugar isolado onde é convocado o excesso está na sua posse, é o castelo de Silling. E se lhe falta imaginação para conceber tudo que ali pode fazer e mesmo mais, bata-se associar-se ao duque de Blangis, o grande e feroz organizador libertino, e a alguns outros “celerados” como ele, permitindo que sua fecunda imaginação sistematicamente explore sem limites o território de seiscentas paixões humanas conhecidas. Cabe notar que “celerado” e “celerater” são termos sadeanos. “Celerado” designa não tanto o simples libertino, mas aquele que cede sem qualquer vergonha a suas paixões e pulsões. (DUFOUR, 2013, p. 25-26).

Celerado para aquele que transpõe os limites inimagináveis. Os libertinos de *Os 120 dias de Sodoma* contam com a ajuda das narradoras para infligi-los à imaginação. Quanto maior liberdade e alcance tiver o libertino sadiano, maior será seu gozo e sua excitação. Note-mos como isso nos é apresentado por Sade em uma fala de um dos seus libertinos, a qual ele não cita especificamente qual deles, para considerar como a reclusão em Silling, como um espaço inacessível causa mais excitação:

“Estou sozinho aqui, estou no fim do mundo, longe de todos os olhares e sem que nenhuma criatura possa chegar até mim: nada mais de freios, nada mais de barreiras”. A partir daquele momento, os desejos se manifestam com uma impetuosidade que não conhece mais limites, e a impunidade que os favorece aumenta bem deliciosamente toda embriaguez. Ali sobram apenas Deus e a consciência: ora, que força pode ter o primeiro freio aos olhos de um ateu de coração e de reflexão? (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 178).

Os desejos embriagados numa imaginação sem precedentes serão capazes de proporcionar o gozo almejado ao libertino sadiano. Só pela fluidez total da imaginação que o libertino em Sade alcança seus crimes mais hediondos, sem precedentes. É importante para o libertino que essa imaginação esteja associada pela prática de vícios em crimes em um local inacessível, como é pensado o castelo de Silling, lugar receptor de todas as orgias libertinas de *Os 120 dias de Sodoma*. Em *A filosofia na alcova* a imaginação é posta por Sade, de forma celerada, ou seja, insaciável. Dolmancé e Eugénie são os detentores das práticas sexuais desse excerto e do poder de imaginação, sendo Dolmancé o libertino e Eugénie a iniciante na libertinagem nesse romance, e a senhora de Mistival a vítima:

MISTIVAL – Ah, como me fazeis mal!

DOLMANCÉ – São inacreditáveis os efeitos extravagantes do espírito humano! Tu sofres, minha cara, tu choras, e eu gozo... Ah, filha da puta! Eu poderia estrangular-te se não quisesse deixar prazer aos outros. Tua vez, Saint – Ange. (*A senhora de Saint-Ange enfia-lhe o consolo no cu e na boceta; dá-lhe alguns socos; o cavaleiro é o próximo; percorre também as duas vias e a esbofeteia quando esporra. Augustin é o seguinte; age do mesmo modo e conclui com alguns piparotes em seu nariz. Durante esses diferentes ataques, Dolmancé percorre com seu instrumento os cus de todos os agentes, excitando-os com palavras.*) Vamos, bela Eugénie, fodei vossa mae; enfiai primeiro na boceta!

EUGÉNIE – Vinde, minha linda mamãe, vinde, que serei vosso marido. É um pouco maior que o dele, não é, querida? Não importa, vai entrar... Ah, tu gritas, minha mãe, tu gritas quando tua filha te fode!?... E tu, Dolmancé, ainda me enrabas?... Sou ao mesmo tempo incestuosa, adúltera, sodomita, tudo isso numa garota que só foi deflorada hoje!... Quantos progressos, meus amigos!... com que rapidez percorri a estrada espinhosa do vício!... Oh, sou uma moça perdida!... Por acaso estás gozando, minha doce mãe? Dolmancé, vê seus olhos!... Não é evidente que ela está gozando?... Ah, cadela! Vou te ensinar a ser libertina!... Toma, puta, toma!... (aperta-lhe a garganta deixando-a marcada.) Ah, fode, Dolmancé... fode meu doce amigo, eu morro!... (Eugénie distribui dez ou doze socos nos seios e nas costas de sua mãe, enquanto esporra.). (SADE, *A filosofia na Alcova*, 2008, p. 191).

Todos os crimes praticados são possíveis na ficção sadiana. A natureza permite, não só, mas também necessita, do vício e da destruição. Ah, como são duras as orgias sexuais provocadas na Senhora de Mistival, mãe de Eugénie, sem o consentimento da mesma. Essa é a lógica do gozo na relação sexual do libertino com sua vítima: provocar dor, lamentação, desgraça, destruição. Só assim a imaginação rompe barreiras inimagináveis e transgride toda percepção sexual possível. Assim, o libertino de Sade não é um cruel, mas um excessivo: “[...] eles deixam igualmente de ser definidos por sua ‘falta’ de humanidade para se constituírem como excessos de imaginação.” (MORAES, 2012, p. 116).

Outro princípio sexual determinante na literatura do marquês é a sodomia. Sade sempre apresenta certa preferência por essa prática sexual, parece ser mais interessante a relação sexual anal do que pela vagina. Outro ponto importante que também configura a ideia da sodomia sadiana é a de evitar a procriação, esta que em Sade é uma repulsa. Como a Natureza precisa da destruição, cabe ao libertino acelerar esse processo, e não contribuir para o nascimento e a criação. Assim, a sodomia tem duas vias de importância na literatura do marquês. Vejamos como ela se apresenta ao longo dos textos. Primeiro com *Os 120 dias de Sodoma*:

“Meu Deus”, disse o Duque, “acho o desfecho da operação deste homem muito arrazoado, pois nunca entendi que mamas pudessem realmente servir a outra coisa senão limpar cus”. “Está certo”, disse Curval, que manipulava bastante brutalmente as da terna e delicada Aline, “está certo, na verdade, mamas são uma coisa infame. Mal vejo umas sem ficar enfurecido; sinto ao ver isto, um certo nojo, uma certa repugnância... Apenas uma boceta me faria sentir repulsa maior” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 197-198).

Aqui, Sade nos mostra como seus libertinos sentem uma espécie de ânsia pelos seios e repulsa maior ainda pela vagina. O ápice do desejo sexual em Sade se dá com o ânus, pela sodomia. Vejamos as experiências narradas por Duclos no vigésimo quarto dia de orgia:

“Pois bem”, disse essa bela moça, “eis algo menos complicado: trata-se de um homem que me seguiu por mais de cinco anos pelo único prazer de se fazer costurar o olho do cu. Deitava-se de bruços numa cama, sentava-me entre suas pernas e lá, armada de uma agulha e de meia-vara de linha encerada grossa, costurava completamente o redor de seu ânus; neste homem, a pele dessa parte era tão dura e acostumada às agulhadas, que minha operação nem lhe custava uma gota de sangue. Ele se masturbava sozinho enquanto isso, e esporrava como um diabo com a última agulhada. Uma vez que sua embriaguez dissipada, desfazia prontamente minha obra e tudo estava feito.” “Outro me mandava esfregar com álcool todo os lugares de seu corpo onde a natureza tinha colocado pêlos, em seguida eu acendia esse licor espirituoso, que consumia na hora todos os pêlos. Ele esporrava ao ver-se em fogo enquanto eu lhe mostrava meu ventre, minha moita e o resto, pois aquele tinha o mau gosto de apenas olhar partes dianteiras. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 244).

Nos dois excertos percebemos o descaso que os libertinos de Sade sentem com a vagina e os seios – percebemos sobretudo a falta de desejo com os mesmos. Mesmo quando algum libertino chega a preferir as partes dianteiras, como remete Duclos, o mesmo será incompreendido dentro da tendência libertina sadiana. Nessa última citação podemos identificar também a imaginação inflamada dos libertinos que a narradora descreve.

Agora, vejamos como a sodomia aparece em *A filosofia na alcova* durante um diálogo entre os libertinos Saint-Ange e Dolmancé e a iniciante na libertinagem, Eugénie. Neste excerto, teremos as duas vias da sodomia em Sade: a da procriação e a do desejo sexual:

SAINT-ANGE – Uma mulher só se expõe aos riscos de ter filhos deixando-se foder pela boceta. Ela devia evitar por precaução essa maneira de gozar. Em lugar disso, pode oferecer indistintamente a mão, a boca, os seios ou o olho do cu. Por essa última via, terá muito prazer, bem mais do que nas outras, pelas quais só irá proporcioná-lo.

DOLMANCÉ – [...] Fazer perder assim os direitos da procriação e contrariar

o que os tolos chamam leis da natureza é algo verdadeiramente cheio de encantos. As coxas e as axilas também servem às vezes de asilos ao membro do homem, proporcionando-lhe redutos onde sua semente pode perder-se em risco de gravidez.

SAINT-ANGE – Algumas mulheres introduzem esponjas no interior das vaginas para receber o esperma, impedindo-o de se lançar no vaso que o faria procriar. Outras obrigam seus fodedores a se servirem de um pequeno saco de pele de Veneza, vulgarmente denominado condom, onde a semente escorre sem risco de atingir o fim. Mas de todas essas maneiras, a mais deliciosa sem dúvida é a do cu. Deixo-vos a dissertação a respeito Dolmancé. Quem melhor do que vós podereis descrever um gosto pelo qual daríeis a própria vida se a exigissem para defendê-lo?  
DOLMANCÉ – Confesso o meu fracasso. Estou convencido de que não há gozo no mundo que se compare a este! Adoro-o em ambos os sexos. Mas deve-se convir que o cu de menino me dá ainda mais volúpia que o cu de uma menina [...] (SADE, *A filosofia na Alcova*, 2008, p. 58-59).

Pela sodomia, o libertino de Sade alcança dois gozos, duas volúpias: a de não procriar e a de se deliciar com a prática anal. Percebemos essas duas vias no excerto visto acima. Dolmancé chega a dizer ao longo do romance que há anos não fodia uma vagina, que se recusava a tal ato e ainda: “[...] foder o cu das mulheres é apenas sê-lo pela metade: é no homem que a natureza quer que o homem sirva essa fantasia, e é especialmente para o homem que ela nos deu este gosto.” (SADE, *A filosofia na alcova*, 2008, p.59). A sodomia masculina é então ainda mais cara e prazerosa ao libertino sadiano. A fala de Dolmancé representa boa parte do imaginário dos libertinos de Sade. Klossowski nos apresenta uma percepção importante acerca da sodomia sadiana: “Um caso de perversidade absolutamente central a partir do qual Sade interpreta todos os demais como princípio de afinidade naquilo que formará a monstruosidade integral, é o da sodomia.” (KLOSSOWSKI, 1985, P. 26).

A sodomia em Sade é perversão, é imaginação inflada e, como entendemos, é a lei que exclui a propagação da espécie humana, a ideia de procriação. Pelos princípios da imaginação e da sodomia, o libertino sadiano alcança gozos indescritíveis, máximos, mais ainda quando é sodomizado um ânus masculino. Simone de Beauvoir, no seu já aqui referido escrito, insiste no seguinte questionamento e chega à conclusão de que: “Sade seria sodomita? [...] a enorme importância que seus escritos concedem a essa fantasia e o ardor das suas justificativas, tudo confirma ser esse um dos aspectos essenciais da sua sexualidade.” (DE BEAUVOIR, 1961, p. 26). Temos, portanto, como hipótese, que as relações sexuais em Sade, em sua literatura e em especial no romance *Os 120 dias de Sodoma*, só podem se dar por essas duas vias principais: seja pela imaginação, seja pela sodomia.

## 2.4 O GROTESCO EM SADE

*“O que se deseja quando se goza? Que tudo o que nos cerca apenas se ocupa de nós, pense em nós, se interesse apenas por nós... não há homem que não queira ser déspota quando... A embriaguez da tirania leva imediatamente à crueldade [...]”*

*Simone de Beauvoir, 1961.*

A literatura de Sade é fortemente caracterizada por um tom de crítica às grandes personalidades da aristocracia francesa, sejam de instâncias políticas ou religiosas. O marquês então cria metáforas, já que coloca os grandes devassos de suas obras como monarcas, presidentes, representantes do alto clero, bispos, papas, enfim, construindo uma perspectiva de denúncia a essa sociedade aristocrática da França no XVIII.

Em *Os 120 dias de Sodoma* temos como personagens centrais quatro libertinos: o presidente Curval, Duque de Blangis, Durcet e o Bispo. Este último é irmão do Duque de Blangis, para Sade, estes são seus heróis sadianos, uma vez que possuíam uma negrura na alma (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006) a fim de perpetuarem as práticas devassas. Todos estes quatro personagens são idólotras da sodomia, que como vimos no tópico anterior, torna-se uma das vias centrais da prática sexual nesta obra.

Para pensarmos o grotesco em Sade daremos ênfase a atuação do personagem do Bispo, que remete a uma autoridade clerical; logo uma das grandes lideranças libertinas de *Os 120 dias de Sodoma* pertence a composição metafórica do alto clero francês. Vejamos como o marquês apresenta o personagem do Bispo ao leitor:

Mantendo absolutamente os mesmos traços morais e adaptando-os a uma existência física infinitamente inferior àquela que acabamos de delinear, obtém-se o retrato do BISPO DE..., seu irmão. A negrura na alma era a mesma, assim como o pendor para o crime, o desprezo pela religião, o ateísmo, a velhacaria, mas tinha o espírito mais flexível e mais destro, mais criatividade para causar a morte de suas vítimas, uma cintura fina e leve, um corpo pequeno e franzino, uma saúde cambaleante, nervos muito delicados, maior refinamento nos prazeres, faculdades mediócras, um membro muito comum, até pequeno; contudo, ele se poupava com tal arte e ejaculava tão pouco, que sua imaginação constantemente inflamada o tornava suscetível de sentir prazer tão frequentemente quanto seu irmão; de resto, sensações tão refinadas, uma excitação tão prodigiosa, no sistema nervoso, que costumava desmaiar ao esporrar e quase sempre perdia o sentido ao fazê-lo. [...] Idólatra da sodo-

nia ativa e passiva, com uma clara preferência por esta última, passava a vida sendo enrabado e esse prazer, que nunca requer um grande desgaste de forças, combinava perfeitamente com seus recursos limitados. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 24).

O Bispo é um mais clássicos e controversos personagens libertinos do universo sadiano, praticante e devoto a sodomia, e mais ainda, em ser sodomizado. Notório atuante de práticas devassas e criminosas<sup>76</sup>. Tinha condições físicas limitadas de acordo com o autor, como um pênis de tamanho questionável. Porém tinha uma sensibilidade aguçada para as coisas do sexo. Um libertino ateu, e mais, anti-religioso. Diante dessa última característica encontramos um posicionamento de crítica num formato de ironia em Sade. Ele caracteriza uma liderança clerical em seu romance como ateu e anti-religioso, ou seja, o marquês irá denunciar por meio da sátira, da ironia e da ridicularização a hipocrisia dessas autoridades francesas do século XVIII, sejam elas políticas, ou religiosas, como é o caso do Bispo.

A obra *A invenção da pornografia* organizada por Lynn Hunt nos mostra que essa prática literária de crítica subversiva à política e a religião não foi algo exclusivo do século XVIII. Desde o século XVI temos textos literários trabalhando em tal perspectiva. Mas é no século das Luzes, que essa prática literária se potencializa. É no século XVIII que boa parte dos autores pornográficos usarão da sátira e da ironia para tratar conteúdos políticos do contexto e religiosos:

A literatura pornográfica, assim como o romance, era frequentemente associada à libertinagem. Influenciada pela nova ciência, a libertinagem constituiu-se no século XVII como uma revolta da classe alta contra a moralidade e a ortodoxia religiosa, seguindo a mesma trajetória da pornografia. No século XVIII, difundiu-se entre os artesãos e a classe média baixa de muitos países ocidentais, principalmente Inglaterra e França. Os libertinos seriam livres-pensadores abertos à experimentação sexual e literária. Para os seus adversários da Igreja e do Estado, eram propagadores e consumidores da pornografia. Os romancistas pornográficos exploraram técnicas realistas que se tornaram cada vez mais importantes no século XVIII. (HUNT, 1999, p. 38).

São justamente estas técnicas realistas que irão nos interessar no presente tópico de discussão. É a partir dessa tendência de escrita, que os autores pornográficos do século XVIII falarão das coisas do sexo em um formato não só explícito, mas também se aproximando do grotesco. A linguagem, aqui, toma um formato direto, sem rodeios. As coisas do sexo,

---

<sup>76</sup> Lembrando que a ideia de crime em Sade só faz sentido para as leis e a moral humanas. Para a filosofia da natureza que este autor endossa em boa parte de seus romances, o crime é necessário, é mesmo pertinente para a lógica da destruição, logo praticá-lo é colaborar com o ordenamento e funcionamento da natureza. Nos aprofundaremos nessa perspectiva no capítulo 3, onde a estética da destruição será pontuada.

as genitálias, por exemplo, serão postas nesses textos sem nenhum disfarce ou contenção: “[...] a ênfase no realismo transforma-se, paradoxalmente, em uma forma grotesca, os falos são sempre imensos, as vaginas multiplicam-se e o ato sexual é uma espécie de frenesi improvável.” (HUNT, 1999, p. 39).

A ideia do grotesco então marcará expressões ou situações bizarras, ou que fogem as normas do convencional<sup>77</sup>. O século XVIII é caracterizado pela prática normativa de contenção para coisas do século diante dos interditos postos pela religião cristã.

O grotesco será muito utilizado nas artes, sobretudo na literatura como um recurso de linguagem para apresentar o excessivo, estranho, diferente e o abominável. Northrop Frye em *Anatomia da crítica* apresenta-nos uma concepção importante diante das artes e da transgressão dos interditos diversos que a mesma sofre ao longo dos processos históricos. Citemos *in extenso*:

É da essência da cultura imaginativa transcender os limites tanto do naturalmente possível como do moralmente aceitável. O argumento de que não há lugar para os poetas em qualquer sociedade humana que seja um fim em si mesma permanece irrespondível, mesmo quando a sociedade é o povo de Deus. Pois a religião é também uma instituição social, e, na medida em que o é, impõe limitações às artes, tal como faria um estado marxista ou platônico. A teologia cristã não é inferior a uma dialética revolucionária, ou união indissolúvel da teoria e da prática social. As religiões, a despeito de sua generosa perspectiva, não podem, como instituições sociais, conter uma arte de hipótese ilimitada. As artes, por seu turno, não podem deixar de soltar os poderosos ácidos da sátira, do realismo, da obscenidade e da fantasia em sua tentativa de dissolver todas as concreções existenciais que encontra em seu caminho. (FRYE, 1957, p. 128).

Ora, para Frye, mesmo a sociedade vivendo em um contexto em que a ideologia dominante se dê por via de um monopólio religioso, ainda há de existir transgressões pela arte, cultura, cotidiano e pelos indivíduos. Este é o caso francês do século XVIII. A Igreja Católica detinha o monopólio ideológico daquele país diante dos interditos cristãos, mas isso não impossibilitou que as artes e a literatura questionassem tais normas. Muitas vezes a literatura usará de recursos realistas e da sátira precisamente para ridicularizar essas autoridades em questão.

Frye (1957) então vai nos dizer que na literatura o indecente, o impudico, obsce-

---

<sup>77</sup> Diante do texto de Sade, especialmente *Os 120 dias de Sodoma*, que é uma obra do século XVIII, pensar a moral convencional desse contexto é pensar as normativas morais religiosas cristãs, como citamos no primeiro tópico do primeiro capítulo deste trabalho.

no, fora de cena, ocupa espaço. A sátira dentro das concepções literárias é o gênero que mais se afasta da seriedade. Os textos de Sade serão repletos desse recurso de linguagem, seja para fazer críticas políticas, ou para os posicionamentos anti-religiosos. Vejamos como Sade satiriza os símbolos religiosos cristãos, como a hóstia, enquanto pão sagrado na terceira parte de *Os 120 dias de Sodoma*, ou seja, a classe remetente as 150 paixões mais criminosas, narradas por Martaine. Vejamos, por exemplo, o caso da paixão 15: “ele enraba o padre enquanto diz sua missa, e quando aquele consagrou, o fodedor se retira um momento; o padre enfia a hóstia no próprio cu, e ele volta a enrabá-lo em cima.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 310). Por este excerto percebemos o grotesco no romance em questão do marquês. Ele pratica ações sexuais, inclusive a sodomia, prática essa renegada pelo cristianismo, em momentos e espaços profundamente simbólicos para o dogma cristão. O padre, será enrabado (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006) durante a prática de seu ritual religioso, a missa e mais, enfiará um símbolo sagrado no ânus para o mesmo ser logo sodomizado em seguida. Sade em toda esta terceira parte do romance fara uso de discursos e práticas grotescas para satirizar a ideologia cristã e seus símbolos religiosos, como a hóstia, a missa, o crucifixo etc. Observemos, a título de exemplo, as passagens das perversões de número 11, 12, 13 e 14:

Dia três de janeiro. 11. Ele só enraba durante a missa, e esporra na elevação.

12. Ele só enraba calcando um crucifixo com os pés e fazendo a moça calçá-lo.

13. O homem que se divertiu com Eugénie na décima primeira jornada da Duclos faz cagar, limpa a bunda merdosa, tem um pau enorme, e enraba com uma hóstia na ponta de sua ferramenta.

14. Enraba um menino com a hóstia, faz-se enrabar com a hóstia. Na nuca do menino que ele enraba está outra hóstia, sobre a qual um terceiro menino caga. Ele esporra assim sem trocar, mas proferindo blasfêmias medonhas. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 310).

Todas as grandes simbologias cristãs serão satirizadas por Sade em *Os 120 dias de Sodoma*, diante de práticas grotescas e debochadas. O próprio marquês em muitos de seus textos defende a atuação debochada de seus libertinos como uma normativa de conduta a se seguir.

Frye ainda vai constituir uma composição de quatro elementos narrativos pré-gêneros da literatura, como a comédia, a história romanesca, a tragédia e a ironia e satírica. Nos atentaremos para este último elemento narrativo citado. É pela ironia e pela sátira que

Sade concebe a perspectiva do grotesco em *Os 120 dias de Sodoma*:

Os quatro *mythoi* de que estamos nos ocupando, comédia, estória romanesca, tragédia e ironia, podem agora ser vistos como quatro aspectos de um mito unificador fundamental. O *agón* ou conflito é a base ou tema arquetípico da estória romanesca, sendo o fundamento da estória romanesca uma série de maravilhosas aventuras. O *páthos* ou catástrofe, quer no triunfo, quer na derrota, é o tema arquetípico da tragédia. O *sparagmós*, ou senso de que o heroísmo e a ação eficaz estão ausentes, desorganizados ou predestinados à derrota, e de que a confusão e a anarquia reinam sobre o mundo, é o tema arquetípico da ironia e da sátira. (FRYE, 1957, p. 190).

A confusão ou anarquia então como formato da ironia e da sátira. Ambas questões nos remetem muitas vezes a ideia de violência e até mesmo desordem. Não podemos nos esquecer, como já anteriormente mencionado, que a orgia sadiana mesmo pautada em fins de violência infundáveis, é uma orgia sistematizada e ordenada. Nada é feito sem consentimento e permissão dos detentores do poder da sociedade sadiana: os libertinos. Não nos esqueçamos dos ordenamentos propostos na introdução referente ao tópico dos “regulamentos”, onde são postas aos indivíduos de Silling inúmeras normas de organização.

Em *Os 120 dias de Sodoma* as orgias não são apenas ordenadas, mas também postas de forma processual, numa espécie de progressão de níveis de destruição. Começando da classe mais simples, das paixões e crimes mais levianos, até passarmos para as classes mais violentas, especialmente a quarta que é o ápice do crime no romance. É na quarta classe, ou a parte das paixões assassinas que entenderemos a estética de destruição proposta por Sade, algo que nos aprofundaremos no próximo capítulo.

Mas vejamos, em todas as classes postas nesse romance sadiano contém então elementos do grotesco? Nossa hipótese é de que sim. Desde o título do romance, até a introdução e as demais classes de *Os 120 dias de Sodoma* há então uma ridicularização das ideologias religiosas ou das convenções morais e familiares como já demonstramos no tópico “a família em Sade”. Por todo o romance o marquês fará uso dos elementos grotescos seja para apresentar discursos filosóficos, mas, em especial nas práticas sexuais. E o grotesco é o elemento essencial da composição satírica literária:

A principal distinção entre ironia e sátira é que a sátira é a ironia militante: suas normas morais são relativamente claras, e aceita critérios de acordo com os quais são medidos o grotesco e o absurdo. A invectiva abrupta ou xingamento (“*flyting*”, ralho) é sátira em que há relativamente pouca ironia:

por outro lado, sempre que um leitor não esteja certo de qual seja a atitude do autor ou de qual suponha ser a sua, temos ironia com relativamente pouca sátira. [...] A sátira requer pelo menos uma fantasia mínima, um conteúdo que o leitor reconhece como grotesco, e pelo menos um padrão moral implícito, sendo o último essencial, numa atitude combativa, para a experiência. Alguns fenômenos, como as devastações da doença, podem ser chamados grotescos, mas divertir-se com eles não seria uma sátira eficaz. O satirista tem de selecionar suas absurdidades, e o ato de selecionar é um ato moral. (FRYE, 1957, p. 219-220).

A ideia de normal moral combativa apresentada pela sátira que Frye nos apresenta é perfeitamente cabível ao romance de *Os 120 dias de Sodoma* de Sade. Não queremos aqui afirmar que toda a bibliografia do marquês é satírica, mas que o nosso romance enquanto objeto deste trabalho, o é. A norma moral que Sade combate veemente ao longo de todo o romance é o cristianismo. Sua estética de destruição nessa obra estará relacionada em destruir não só indivíduos, mas a concepção moral e virtuosa desses indivíduos. Sade quer destruir as normas cristãs, e para isso faz uso de recursos de linguagens grotescas ilimitadas. Diante disso temos certa diferenciação da prática satírica sadiana enquanto a posta por Frye. Sade não vai selecionar absurdidades, pelo contrário, em *Os 120 dias de Sodoma* ele vai nos apresentar 600 possibilidades de práticas sexuais grotescas. O sangue, as fezes, o ânus, o excremento, o pus, tudo será objeto de fetiche para o libertino. Podemos supor que Sade foi, então, um satirista ao extremo: “Para reunir o incesto, o adultério, a sodomia e o sacrilégio, ele enraba sua filha casada com uma hóstia.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 311, grifos nossos).

O mundo de Sade é um mundo sem piedade, sem remorso, já que se prioriza sempre a via viciosa, criminosa e da destruição:

Isso nos traz de volta ao ponto da epifania demoníaca, a torre e prisão escuras de infinito sofrimento, a cidade de terrível noite no deserto, ou, com ironia mais erudita, a *tour abolie*, o alvo da procura que não está lá. Mas no outro lado deste mundo arruinado de repulsa e estupidez, mundo sem piedade e sem esperança, a sátira começa outra vez. No fundo do inferno de Dante, que é também o centro do globo terrestre, Dante vê Satã erguido ereto no círculo de gelo, e, enquanto segue cautelosamente Virgílio por sobre o quadril e a coxa do gigante malfazejo, permitindo-se descer pelos tufo de cabelo da pele deste, ultrapassa o centro e dá consigo já não descendo mas subindo, ascendendo do outro lado do mundo para ver as estrelas de novo. Desse ponto de vista, o demônio já não este de pé, mas de ponta-cabeça, na mesma atitude em que foi precipitado do céu para o outro lado da terra. A tragédia e a ironia trágica introduzem-nos num inferno de círculos que se estreitam e culminam numa visão como essa, da fonte de toda maldade numa forma pessoal. A tragédia não pode levar-nos mais longe; mas se perseverarmos com o *mythos* da ironia e da sátira, ultrapassaremos um ponto morto e finalmente

veremos o cavalheiresco Príncipe da Dinamarca de pernas para o ar. (FRYE, 1957, p. 234-235).

Pensando diante da perspectiva literária de Frye compreendemos que Sade faz uso de técnicas literárias satíricas para também expor críticas aos interditos cristãos, e a moral convencional francesa do século XVIII. Sua crítica é contida de deboche e ridicularização das autoridades aristocráticas e eclesiásticas desse contexto, diante das permissividades que o elemento literário satírico possui. Quando ele faz uso do grotesco nas práticas sexuais de seu romance é no sentido de transgredir os interditos cristãos, e de também ridicularizá-los: “Nessa mesma noite, Zéfiro é entregue pelo cu, e Adeláide é condenada a uma rude fustigação depois da qual a queimam com um ferro quente, bem perto do interior da vagina, sob as axilas, e chamuscam ligeiramente cada mama. Ela aguenta tudo como uma heroína e invocando Deus, o que irrita mais ainda seus carrascos.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p.325). O que o marquês quer, além de apresentar práticas grotescas de sexo em oposição às normativas limitantes cristãs, é destruir esses preceitos nos indivíduos.

Talvez seja esse o grande objetivo de Sade enquanto estética de destruição: *a destruição da moral cristã, a descristianização*. São esses o alvo e o apelo em *Os 120 dias de Sodoma*. Não é apenas a vítima que o libertino sadiano quer destruir, mas a virtude enquanto metáfora dos preceitos religiosos cristãos. Comprovar esta hipótese será nossa proposta para o próximo capítulo, a partir da compreensão do conceito de estética, da composição dos virtuosos e libertinos em Sade, diante de uma filosofia da natureza que faz uso de uma estética de destruição como prática social.

### **CAPÍTULO 3: “AH, MAS QUE ESPÍRITO DO DEMÔNIO HABITA OS LIBERTINOS?” A FILOSOFIA DA NATUREZA EM *OS 120 DIAS DE SODOMA***

### 3.1 REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE ESTÉTICA

*“A revolução estética não pode consumir-se senão esteticamente: não basta constituir como belo o que é excluído pela estética oficial, reabilitar os assuntos modernos, baixos ou mediócras; é preciso afirmar o poder que pertence à arte de tudo constituir esteticamente pela virtude da forma (“escrever bem o medíocre”), de tudo transformar em obra de arte pela eficácia própria da escrita”*

*Pierre Bourdieu.*

Temos como a grande hipótese deste trabalho a ideia de que Sade em *Os 120 dias de Sodoma* faz uso da estética da destruição, pautada nos preceitos de uma filosofia da natureza<sup>78</sup> *sui generis*, para satirizar, ridicularizar e destruir a virtude como metáfora da destruição da Instituição da Igreja Católica. Ao longo do capítulo terceiro, demonstraremos as possibilidades de análise para uma tal hipótese. Diante disso faz-se necessário compreender o conceito de estética para que enfim possamos nos debruçar na estética de destruição sadiana.

Terry Eagleton em *A ideologia da Estética* assimila que o conceito de estética é dotado de versatilidade, permitindo a este, abordagens, interpretações e caracterizações diversas. É um conceito bastante utilizado nas artes e literatura. O discurso estético, embora esteja envolvido com questões subjetivas e de sensibilidades diversas, pode relacionar-se com disciplinas e leis mais elaboradas e intelectuais:

Com o nascimento da estética, a esfera da arte começa também a sofrer algo de abstração e formalização características da teoria moderna em geral. No entanto, na estética ainda se pensa em reter uma carga de particularidade ir-reduzível, provendo-nos de uma espécie de paradigma do que um modo não alienado de cognição poderia se assemelhar. A estética é, assim, sempre uma espécie de projeto contraditório e autodestrutível, pois, ao promover o valor teórico de seu objeto, arrisca-se a esvaziá-lo exatamente da sua especificidade ou inefabilidade, considerados seus aspectos mais preciosos. A própria linguagem que eleva a arte arrisca-se perpetuamente a diminuí-la. (EAGLETON, 1993, p. 8).

Assim, percebemos em Eagleton (1993) uma perspectiva estética enquanto um conceito diversificado e contraditório em si. Sendo uma definição de aproximações tão artísti-

---

<sup>78</sup> Concepção esta altamente recorrente entre autores materialistas do século XVIII francês, como mencionamos no capítulo primeiro deste trabalho.

cas cabe ao mesmo possibilidades de inúmeras subjetividades. Nesse texto *A ideologia da estética*, Terry Eagleton traça um panorama bibliográfico da teoria estética de autores europeus, sobretudo do século XVIII, como, por exemplo, Burke, Kant, Hegel, e outros de contextos posteriores, como Nietzsche e Walter Benjamin.

Ainda nesse texto temos a ideia interessante de que a estética nasceu com o discurso sobre o corpo (EAGLETON, 1993, p. 17). Nem sempre será interpretada dentro de tal discurso, mas em Sade, notaremos no decorrer deste capítulo, que a percepção estética de destruição será o arrasamento e o desmantelamento do corpo, em especial do corpo virtuoso. Vejamos, no excerto abaixo, como dá-se a ligação da estética ao corpo pela proposição teórica de Terry Eagleton:

É como se a filosofia acordasse subitamente para o fato de que há um território denso e crescendo para além de seus limites, e que ameaça fugir inteiramente à sua influência. Este território é nada mais do que a totalidade da nossa vida sensível – o movimento de nossos afetos e aversões, de como o mundo atinge o corpo em suas superfícies sensoriais, tudo aquilo enfim que se enraíza no olhar e nas vísceras e tudo o que emerge de nossa mais banal inserção biológica no mundo. A estética concerne a essa mais grosseira e palpável dimensão do humano que a filosofia pós-cartesiana, por um curioso lapso de atenção, conseguiu, de alguma forma ignorar. Ela representa assim os primeiros tremores de um materialismo primitivo – de uma longa e inarticulada rebelião do corpo contra a tirania do teórico. (EAGLETON, 1993, p. 17).

A estética é entendida desta maneira como sendo a dimensão do sensível, do sensorial, do humano. Essa sensibilidade estética será algo recorrente nas artes e nos textos literários como objeto de análise. Jacques Rancière em *A partilha do sensível, estética e política* vai propor que a própria noção de democracia é de uma sensibilidade estética, lidando com corpos, visibilidade, espaços e posições desses corpos no mundo (RANCIÈRE, 2005).

Temos em Kant, uma das teorias clássicas sobre estética. Ele associa a perspectiva estética ao belo, ao sublime e ao sentimento. Em *Os 120 dias de Sodoma* do Marquês de Sade, contudo, nos vemos diante de uma percepção estética radicalmente contrária à leitura kantiana. O sublime em Sade é o grotesco, o excremento, a mutilação, o feio e não, jamais, o belo. A estética sadiana, insistamos uma vez mais, é inerentemente destrutiva<sup>79</sup>. No prefácio de *Os 120 dias de Sodoma*, Sade apresenta descrições dos personagens principais deste romance, como os quatro libertinos e as quatro narradoras. Quando descreve Desgranges, apresenta a

---

<sup>79</sup> Aprofundaremos melhor nesta discussão no tópico 3.3 deste capítulo.

mesma com uma estética grotesca. E estas condições excêntricas despertavam nos libertinos sadianos as maiores excitações:

Quanto a Desgranges, era o vício e a luxúria personificados: alta, esbelta, com cinquenta e seis anos, pálida e macilenta, olhos embaciados, lábios mortos, apresentava a imagem do crime prestes a perecer por falta de forças. Já fora morena; há quem pretenda que até tivera um belo corpo; pouco depois, não passava de um esqueleto que não podia inspirar senão desgosto. Sua bunda murcha, gasta, marcada, rasgada, parecia mais papel furta-cor do que pele humana e o seu olho era tão amplo e engelhado que os mais grossos instrumentos podiam nela penetrar a seco, sem que nada sentisse. Para cúmulo de agrados, essa generosa atleta de Citera, ferida em inúmeras batalhas, tinha uma mama a menos e três dedos decepados; ela mancava, e faltavam-lhe seis dentes e um olho. Talvez fiquemos sabendo mais adiante em que tipo de ataques fora tão maltratada; o que está certo, é que nada a tinha corrigido e se seu corpo era a imagem da feiura, sua alma era o receptáculo de todos os vícios e crimes mais inusitados. Incendiária, parricida, incestuosa, sodomita, tríbade, assassina, envenenadora, culpada de estupros, roubos, abortos e outros sacrilégios, não mentiria quem afirmasse não haver um único crime no mundo que essa devassa não tivesse cometido ou mandado cometer. Seu ofício atual era cafetinagem; era uma das fornecedoras prediletas da alta sociedade e como, além de tanta experiência, usava de um jargão bastante agradável, fora escolhida para cumprir o quarto papel de narradora, o que incluía os maiores horrores e infâmias. Quem, melhor do que uma criatura que os praticara todos, poderia fazer isto? (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 38-39).

Pela descrição de Desgranges, podemos perceber que o libertino sadiano é sempre caracterizado como indivíduo que detém certas importâncias financeiras, isto é, os libertinos de Sade são sempre ricos e, muitas vezes, pertencem a uma classe nobre da sociedade. Em *Os 120 dias de Sodoma*, seus quatro libertinos, Durcet, o presidente Curval, O Duque de Blangis e o Bispo pertencem a nobreza e, até mesmo a aristocracia clerical, como é o caso do personagem Bispo. O próprio Sade menciona que Desgranges era uma preferência da alta sociedade, uma vez que os aristocratas libertinos sadianos excitam-se com o feio, com o gasto, com a personificação do grotesco e com a mutilação. É uma estética destrutiva que permeia a excitação dessa classe. A via viciosa, tão necessária à natureza, leva a processos de destruição necessários para o gozo do devasso libertino de Sade. Então, nos textos do marquês não podemos esperar uma estética do belo, mas uma estética do grotesco, já que a destruição se torna o ponto alto do êxtase libertino.

Terry Eagleton (1993, p. 22) nos apresenta uma ideia kantiana de que “[...] há uma espécie de “lei” atuando no juízo estético, mas é uma lei inseparável do caráter específico ou

particular do objeto”. Se partirmos desse princípio kantiano encontraremos em Sade as leis da natureza como princípio motor para interpretação de seu juízo estético. A filosofia da natureza de Sade, como já mencionamos no capítulo primeiro deste trabalho, pensa duas vias, a criação e a destruição. Ambas são necessárias para o funcionamento e ordenamento das Leis da natureza. Logo, cabe ao libertino acelerar esse processo de equilíbrio efetuando práticas de destruição, tão necessárias à natureza. Assim, seria em Sade, a lei da natureza, que pelas condições de bom funcionamento, necessita da eliminação, tornando, deste modo, a estética sadiana destrutiva.

É claro que podemos encontrar outros autores e filósofos que também pensassem a estética como representação do caos e da falta de beleza, como temos o exemplo de Walter Benjamin (1986) ao pensar o caráter destrutivo; Nietzsche que sempre fora grande apreciador da arte, não espera da mesma o belo, o ordenamento e o sublime, mas o mundo dá-se pela desordem e pela falta de saberes diversos. Como enfatiza Eagleton:

A arte é, na verdade, o tema de Nietzsche do início ao fim, e a vontade de poder é o artefato supremo. Isso não quer dizer que ele tenha em alta conta a estética clássica: se o mundo é uma obra de arte, não o é como um organismo, mas como “caos em toda a eternidade – no sentido não de uma falta de necessidade mas de falta de ordem, arranjo, forma, beleza, sabedoria ou qualquer outro nome que quisermos dar para nossos antropomorfismos estéticos”<sup>80</sup>. A estética não é uma questão de representação harmoniosa mas das próprias e informes energias produtivas da vida, que fazem brotar continuamente unidades provisórias no seu eterno jogo consigo mesmas. (EAGLETON, 1993, p. 185-186).

A estética não sendo então uma delimitação específica do belo torna-se em Sade um reflexo de seu pensamento filosófico baseado no oposto da estética clássica, ou da perspectiva estética de Kant. *Em Sade interessa o sujo, o feio e o destrutivo*; logo, a estética nietzschiana tem então certa aproximação com o pensamento estético de Sade.

Freud também nos traz uma concepção acerca da estética interessante para pensarmos a literatura sadiana. Ele afirma que a estética contém desejo, ou seja, não se encontra separada da perspectiva da libido (EAGLETON, 1993). E o libertino sadiano excita-se com a estética destrutiva, por conseguinte, a estética sadiana é carregada de desejo, pelo vício e pelo crime: “[...] a idéia do crime sempre soube inflamar os sentidos e nos levar à lubricidade.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, p. 93).

80 Nota e sugestão de leitura apresentada por Terry Eagleton: “Para um tratamento interessante de questões literárias e artísticas em Nietzsche, ver Alexander Nehamas, Nietzsche: *Life as Literature* (Cambridge, Mass, 1985). Ver também Allan Megill, *Prophets of Extremity* (Berkeley, 1985), Parte I.” (EAGLETON, 1993, p. 311).

Passemos agora para o pensamento estético de Pierre Bourdieu em *As regras da arte*. Aqui será apresentada a ideia de que a estética pode estar assimilada a perspectiva de transgressão. As artes e a literatura são esferas que também podem dar conta do rompimento com mentalidades dominantes. É algo que será recorrente na literatura francesa do século XVIII que, mesmo entremeada em um contexto de uma moral religiosa católica limitante para questões do corpo e do sexo, transgredirá esses interditos por meio dos textos pornográficos de Sade, Diderot e Mirebeau. A estética destrutiva da literatura sadiana é repleta de transgressões. Nela não só tudo é permitido, toda prática sexual, anal, pela vagina, entre pessoas do mesmo sexo, todo tipo de excremento vinculado ao sexo, como até o crime, o assassinato, o estupro, o incesto, a mutilação. Estes últimos, como já mencionamos, tornam-se questões essenciais para o equilíbrio da natureza. Assim, para Bourdieu:

[...] a invenção da estética pura é inseparável da invenção de uma nova personagem social, a do grande artista profissional que reúne em uma combinação tão frágil quanto improvável o sentido da transgressão e da liberdade com os conformismos e o rigor de uma disciplina de vida e de trabalho extremamente estrita, que supõe a abastança burguesa e o celibato e antes caracterizava o cientista ou o erudito. As grandes revoluções artísticas não são do feitio nem dos dominantes (temporalmente) que, aqui como alhures, não tem nada a criticar a uma ordem que os consagra, nem dos dominados *tout court*, frequentemente condenados por suas condições de existência e suas disposições a uma prática rotineira da literatura e que podem fornecer tropas tanto aos heresiarcas quanto aos guardiões da ordem simbólica. (BOURDIEU, s.d., p. 131).

Assim, percebemos que a relação social com as artes, ou até mesmo com a literatura, estão intimamente ligadas; ademais, a lógica da transgressão dá-se a partir da vivência contextual de algum interdito que esteja imposto aos homens, e a cultura do período; logo, *a arte não é exterior a um meio social* (BOURDIEU, s.d., p. 329).

Em Bourdieu a concepção estética de mundo esteve sempre relacionada ao primado do sentir, assim como em Kant. A estética será então o reflexo da sensibilidade de compreensão de mundo, podendo posicionar-se de modo consensual a esta sensibilidade, ou de modo transgressor. O próprio Kant caracterizava a experiência estética como “exercício puro da faculdade de sentir” ou “jogo desinteressado da sensibilidade” (BOURDIEU, s.d., p. 341).

O conjunto de textos *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos, escolhidos* – organizados por Willi Bolle, com escritos de Walter Benjamin – traz um interessante capítulo intitulado “o caráter destrutivo”, capítulo deveras importante para nossa pre-

sente discussão sobre estética. E mais, sobre a estética sadiana, que toma um formato e caráter de destruição. Benjamin vai nos apresentar uma perspectiva de caráter destrutivo que nos remete profundamente a lógica estética de destruição sadiana. Ou seja, a destruição que leva à euforia; que leva à transformação e ao espaço para o novo; que é necessária para a harmonia, no caso do pensamento sadiano, para o equilíbrio de funcionamento da natureza, que precisa de mortes e destruição, tanto quanto de nascimento e criação:

O caráter destrutivo conhece apenas uma divisa: criar espaço; conhece apenas uma atividade: abrir caminho. Sua necessidade de ar puro e de espaço é mais forte do que qualquer ódio. O caráter destrutivo é jovem e sereno. Pois destruir rejuvenesce, porque afasta as marcas de nossa própria idade; reanima, pois toda eliminação significa, para o destruidor, uma completa redução, a extração da raiz de sua própria condição. O que leva a esta imagem apolínea do destruidor é, antes de mais nada, o reconhecimento de que o mundo se simplifica terrivelmente quando se testa o quanto ele merece ser destruído. Este é o grande vínculo que envolve, na mesma atmosfera, tudo o que existe. É uma visão que proporciona ao caráter destrutivo um espetáculo da mais profunda harmonia. (BENJAMIN, 1986, p. 187).

O caráter destrutivo pela filosofia da natureza sadiana, assim como para Benjamin não é só necessário para gerar harmonia e equilíbrio, mas também rejuvenescedor. Em Sade, excitador. O crime, pela via viciosa, é um dos pressupostos para a fomentação da estética de destruição sadiana, e ela provoca gozo. Nos libertinos de Sade, e quem sabe, ao leitor de sua literatura: “que o crime tem charmes suficientes para inflamar sozinho todos os sentidos, sem que sejamos obrigados a recorrer a nenhum outro expediente; e ninguém concebe como eu que tanto os crimes afastados da libertinagem como os que lhe pertencem deixam de pau duro.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, p. 143).

A destruição sendo importante para a construção do novo, do surgir e da reinvenção<sup>81</sup>. É essa a estética da destruição de Sade. É esta a essência do caráter destrutivo de Benjamin.

Ainda nessa coletânea organizada de textos de benjaminianos, temos um curioso capítulo sobre os Surrealistas. Este também essencial ao teor de nossa reflexão. O surrealismo foi um movimento artístico e literário da década de XX em que trouxeram como alvo de discussão da modernidade estética, a ideia da perda da unidade do corpo. Este aparece desfigurado. O Marquês de Sade, com sua estética de destruição, será uma das grandes influências para

---

81 No tópico 3.3, deste trabalho, apresentaremos então qual a possibilidade do novo que Sade quer e defende pela estética da destruição.

os surrealistas. E mais, é graças a este movimento que Sade, de fato, aparece com certa ênfase na circulação de leitura. O século XIX silenciou a literatura do marquês.

Para Benjamin o surrealismo aparece, enquanto um movimento francês, como o último instante de inteligência europeia. Ele vai atingir a literatura, com André Breton, Louis Aragon, Robert Desnos, etc; e nas artes plásticas com artistas como Salvador Dalí. Para Benjamin, os textos surrealistas não se tratam apenas de literatura: “mas de algo diferente, de manifesto, lema, documento, blefe [...] se trata de experiências, não de teorias, e muito menos de fantasmas.” (BENJAMIN, 1986, p. 107).

O surrealismo em suas produções diversas vai expor uma “revolta amarga e apaixonada contra o catolicismo.” (BENJAMIN, 1986, p. 107). Poderemos supor que a estética da destruição que envolva a literatura sadiana, e que posteriormente vai caracterizar os textos surrealistas tenham tido o objetivo de destruir a moral católica francesa, mesmo que, em contextos distintos, sendo Sade, contemporâneo do século XVIII, e os surrealistas do XX<sup>82</sup>. Benjamin acredita que Dostoiévski no texto publicado em 1915, “*A confissão de Stavroguim*” dos *Demônios* vai fazer uma justificação do mal, e, por consequência, uma crítica à moral religiosa, melhor que os próprios surrealistas:

Pois Stavroguim é um surrealista avant la lettre. Ninguém melhor do que ele compreendeu como é ignorante a opinião dos filisteus de que o bem, apesar da virtude de quem o pratica, seria inspirado por Deus; o mal, porém, seria fruto de nossa espontaneidade, nisso seríamos independentes e totalmente donos de nós mesmos. Ninguém como ele enxergou a inspiração mesmo no ato mais vil, e até de preferência nele. Ele reconheceu mesmo a infâmia como algo preconcebido, não apenas no curso da vida como também em nós próprios, uma incumbência, quando não um desafio, do mesmo modo como o burguês idealista considera a virtude. O Deus de Dostoiévski não criou apenas o céu e a terra, o homem e os animais, mas também a infâmia, a vingança, a crueldade. E também aqui ele não permitiu que o diabo se intrometesse em seus assuntos. Por isso suas criações são bem originais, talvez não “magníficas”, mas eternamente novas “como no primeiro dia”, e infinitamente distantes dos clichês, que são a forma corriqueira do filisteu ver o pecado. (BENJAMIN, 1986, p. 112).

Em Sade não há uma concepção de Deus, mas há a Natureza, como força de criação, destruição e princípio motor de vida do universo. Não só em Sade, mas na filosofia materialista francesa do século XVIII, como vimos no primeiro capítulo. Não seria Deus na litera-

---

82 Apresentaremos de forma mais aprofundada esta hipótese no tópico 3.3 deste capítulo terceiro. Não queremos nos antecipar aqui. A virtude, agirá como metáfora da moral católica francesa, e ela será o alvo de destruição da estética sadiana em *Os 120 dias de Sodoma*.

tura sadiana que dotaria os homens da infâmia e da crueldade, mas a Natureza. Ela dita nos homens os sentimentos virtuosos e os viciosos. Mas Sade vai considerar a virtude uma imbecilidade. O fato é que a filosofia da natureza sadiana faz a função de Deus em sua lógica de ordenamento moral e princípios e por ela, o crime, o mal e a destruição são permitidos: “Afirmo ser preciso que existam miseráveis no mundo, que a natureza assim quer, assim exige, e que pretender restabelecer o equilíbrio é ir contra suas leis, se ela quis desordem.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 188).

Para Benjamin há ainda nos surrealistas um manual ou um conceito radical de liberdade. Sade que, foi uma grande base de influência para este movimento francês do século XX, defende a liberdade para seus libertinos. Que sejam livres dos interditos morais religiosos e legislativos de seu século, que só pela filosofia da natureza o homem torna-se livre. A imaginação que desconhece todo e qualquer limite, na literatura sadiana, toma a definição máxima do conceito de liberdade. Todo tipo de prática, seja sexual, de discurso, de assassinato, de tortura é permissiva em Sade. É de uma imaginação liberta que se caracteriza os textos do marquês. Teriam os surrealistas sido tão livres quanto Sade? Eliane Robert Moraes em *O corpo impossível* vai fazer uma série de construções acerca da estética surrealista, seja na literatura ou nas artes plásticas. Nesse texto ela vai trazer além de uma caracterização do movimento, uma construção pautada na ideia de que o surrealismo tenha sido discípulo da estética sadiana.

O século XVIII francês conviveu com um longo e violento processo revolucionário. A Revolução Francesa foi caracterizada pelo movimento da guilhotina. O próprio rei francês Luís XVI foi guilhotinado em praça pública. Michel Vovelle (1989) que a prática da guilhotina era assistida pelo público francês como uma espécie de entretenimento. Pessoas eram assassinadas em praça pública por posicionamentos políticos e ideológicos diversos e a sociedade assistia a tudo isso de forma bastante entusiasmada – conforme podemos ver nos relatos de Foucault em *Vigiar e Punir* (2011). O espetáculo do horror transformou-se em cotidiano para esse povo nesse período. Logo, o que é natural, a literatura sadiana absorveu bastante do discurso de violência que seu século viveu. Não será diferente para os surrealistas. O movimento surge no século XX, aproximadamente na década de 20, um contexto caracterizado como pós-guerra. Em 1918, temos o fim da Grande Guerra (1914-1918), ou da Primeira Guerra Mundial. A França sai vitoriosa, pertencendo ao grupo ganhador do conflito, a *tríplice entente*. Mas um contexto de Guerra é um contexto de caos, desgastes, violência e mortes. Então, o ambiente violento do pós-guerra, os corpos mortos, as cidades destruídas, vai refletir

nas produções artísticas dos surrealistas. O corpo agora aparecerá não como uma unidade, mas é o corpo desfigurado que será posto em mesa:

Faz parte desse processo a construção de um objeto simbólico que expressa, talvez como nenhum outro, as perplexidades da época. Esse objeto é a mesa de dissecação. A imagem foi evocada originalmente por Lautréamont numa passagem de *Les chants Maldoror*, que se tornaram uma espécie de Bíblia do grupo que se reunia em torno do movimento surrealista. Isidore Ducasse foi descoberto por Breton e Aragon nos dias sombrios que sucederam à Primeira Guerra Mundial. Após quatro anos de matanças e destruições, assistia-se a falência de uma civilização que se devorava: o momento era, por excelência, “maldororiano”. Segundo Paul Dermeé, “a guerra e todas as ruínas enegrecidas que ela deixou em nós tornaram-se parentes próximos de Maldoror, que amamos, compreendemos e julgamos como um irmão”<sup>83</sup>. Mais tarde Breton confirmaria essa relação: “o que a atitude surrealista, a princípio, teve em comum com a de Lautréamont e de Rimbaud e o que de uma vez por todas, prendeu nosso destino ao deles, foi o derrotismo da guerra”<sup>84</sup> [...] Os jovens artistas marcados pela guerra, para quem a revolta era cada vez mais imperiosa, encontraram em Ducasse uma resposta para seus dilemas: diante da impossibilidade da poesia, sua poética da agressão pura tornou-se o único caminho possível. (MORAES, 2012, p. 39-40).

A estética surrealista, assim como a estética sadiana, refletirá as violências e as destruições de seus contextos e de suas guerras. Ambas farão uso de uma linguagem grotesca para tratar discursos do corpo, e das questões do sexo. Claro que para os surrealistas o século XX recebeu melhor esse tipo de produção artística, já sendo um contexto de laicização generalizada no mundo. Distinto do século XVIII de Sade, em que todo o mundo, especialmente a França viam-se interditados para questões da arte e da literatura voltadas para uma estética corporal e sexual em função das morais religiosas, e da moral católica francesa como apresentamos no capítulo primeiro deste trabalho.

Georges Bataille, um autor do século XX, e para alguns grande discípulo de Sade, propõe uma ideia para o erotismo semelhante a perspectiva do marquês. Bataille defende que a atividade erótica se dá nos domínios da violência, tomando ao final um caráter destrutivo (MORAES, 2012, p. 50). Bataille foi também um autor que sempre dialogou com autores e ideias surrealistas. E na percepção erótica, tão cara a literatura sadiana, Bataille aproxima-se de uma estética erótica sadiana mais do que a estética erótica surrealista, que se define na fu-

---

83 Referência do excerto de Dermeé citada por Moraes em nota: Paul Dermeé, artigo publicado em *Le disque vert* (1925), citado por PERRONE MOISÉS, Leyla. *Falência da crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 63.

84 Referência correspondente ao excerto exposto na citação de Breton. Contém em nota da página 39 do texto de MORAES (2012): André Breton, *Qu'est-ce que le surréalisme* (1934), citado por NADEAU, Maurice. *História do surrealismo*, Geraldo G. de Souza (trad.). São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 15.

são dos amantes como princípio inicial de criação (MORAES, 2012). Em Sade não há uma fusão de amantes, mas há uma prática de poder em que o libertino domina os discursos e toda a execução sexual da relação com sua vítima. Não há sentimento, não há o belo nas relações sadianas em *Os 120 dias de Sodoma*. Só há o grotesco e o caráter destrutivo dessa fusão sexual.

Eliane Robert Moraes acredita que Bataille sempre esteve então à margem do movimento surrealista, ao associar o erotismo à morte. Algo que Sade fez muito bem no século XVIII. Se os surrealistas colocam o corpo numa mesa de dissecação, Bataille pensa o corpo numa mesa de sacrifícios, algo muito mais próximo, sabemos, da estética destrutiva de Sade. Na literatura do marquês, o corpo não é mutilado e dissecado apenas para fins de observação, mas para fins de destruição. Uma morte lenta e mutilada é o que interessa a estética destrutiva de Sade. Veremos isso de forma mais aprofundada adiante. Mas, para Moraes, no século XX é a mesa de dissecação dos surrealistas que se sobressai a prática erótica:

Diante do aperfeiçoamento das tecnologias da morte nos últimos séculos – da lâmina infalível da guilhotina revolucionária, aos mecanismos industriais de “eliminação natural” que a geração de Bataille e de Breton testemunhou na Segunda Grande Guerra –, os antigos ritos sacrificiais só poderiam restar como nostalgia. O lento espetáculo do corpo agônico foi reduzido à produção programada de cinzas; os instrumentos de extermínio submeteram-se a lógica da produtividade. Em que pesem as resistências dos surrealistas e as nostalgias de Bataille, o século XX parece ter substituído definitivamente a mesa de sacrifícios por uma mesa de dissecação. (MORAES, 2012, p. 54).

Uma das grandes distinções da estética surrealista com a sadiana é que a primeira esteve interessada em destruir o corpo – ali, “*destrói-se a forma humana, desumaniza-se a arte.*” (MORAES, 2012, p. 60, grifos nossos) – ao passo que a segunda se interessou em destruir o virtuoso, não é só a destruição do corpo humano. Em Sade, a estética destrutiva tem como alvo principal a virtude, o corpo virtuoso, como em *Justine*, que será mutilado, estuproado, queimado, dilacerado por todo o romance numa tentativa de conversão de Justine à libertinagem. Algo que a heroína virtuosa de Sade resiste. Porém, ao resistir, não sobra outra saída a este corpo virtuoso há não ser uma vil e sádica destruição: ao final do romance Justine é assolada por um raio, que a atravessa da boca à vagina. Os libertinos, já dissemos antes, por fim, agradecem pela Natureza, causadora dos infortúnios que Justine sofre, por ter poupado o ânus, este, sempre tão caro ao libertino sadiano.

A obra sadiana serviu de inspiração a boa parte de artistas e autores surrealistas

pela fúria do desejo delirante, e pela possibilidade que este desejo refletia nas práticas sexuais e na estética erótica. O desejo em Sade está associado a possibilidade de uma imaginação despreendida de qualquer amarra moral. Essa necessidade de uma imaginação sem limites, traduzia nas práticas extremas de destruição postas por esse autor. Em *Os 120 dias de Sodoma* foram narradas 600 perversões distintas. A composição do próprio romance de *Os 120 dias* é composta de modo a inflamar a imaginação: os quatro libertinos possuem ao seu dispor quatro narradoras – quais sejam: Duclos, Champville, Martaine e Desgranges; estas se mostram sempre disponíveis para narrarem suas experiências passadas na libertinagem; tal processo desencadeia nos libertinos, vemos ao longo de todo o romance sadiano, a mais pura e visceral inflamação de suas imaginações, os inspirando no desejo de efetivarem práticas e orgias semelhantes ou de igual monta. Então, o principal objetivo das narradoras é de inflamar a imaginação dos quatro libertinos – e, indiretamente, talvez, a do leitor. A imaginação é um dos princípios essenciais do desejo em Sade: “Recorrendo à lógica teológica, o filósofo do deboche destruiu os dogmas da religião; assim como pelos princípios da razão fez desabar o edifício de um mundo ordenado pelo conhecimento racional; será através da imaginação que tombará a última fronteira do real.” (GIANNATTASIO, 2000, p. 144).

Os surrealistas então, vão se inspirar na ideia do desejo delirante de Sade, e enquanto uma erótica da violência, mas não especificamente na concepção do corpo destruído, mas vão criar uma estética do corpo ausente:

O projeto de decomposição orgânica não se reduzia, contudo, à fragmentação; era testado em diversas direções e, muitas vezes, conduzido a seu ponto terminal. Entre as diversas expressões surrealistas sobre a instabilidade do corpo do desejo, uma das mais intensas está num conto de Louis Aragon. *Paris la nuit* – inicialmente intitulado *Les plaisirs de la capitale* – narra as aventuras tumultuosas de um jovem que, durante uma noite, vagueia pela cidade em busca de prazeres. A trajetória do personagem é exemplar: ele começa por duvidar de seus limites corporais, em seguida de sua pele, e assim vai progressivamente, até que por fim se vê destruído do próprio corpo. Da mesma forma, o narrador também é destituído de si mesmo, agarrando-se a enunciados universais e irônicos, quanto a divagações furtivas, flutuando na embriaguez do álcool e do sexo, diante de um leitor convidado a partilhar com ele os corpos e as palavras, os prazeres e a filosofia. De bordel em bordel, de orgia em orgia, o personagem vai sendo conduzido em direção a um demônio ambíguo que, invertendo o pacto faustiano, pede-lhe o corpo, e não a alma, em troca de novos prazeres. Realizado o contrato, o jovem abandona-se a delícias carnisais e, quanto mais intensas as experiências por que passa, maior a sensação de perda de si. Por fim, terminada a noite de loucuras, ele desperta, ainda sob efeito do álcool, com as palavras de um garçon que gentilmente lhe comunica: “O demônio? Ele partiu, senhor, levando con-

sigo vosso corpo”. Do corpo fragmentado ao corpo ausente – a autonomia moderna desrealizava por completo a forma humana, partindo de uma permanente recusa em fixá-la segundo qualquer possibilidade estável ou consistente. De Bellmer a Aragon, de Breton a Bataille, a época assistiu a esse empenho de dissolução orgânica na estética; o corpo, erotizado, era lançado à sua fantasmagoria absoluta. A supressão de identidade corporal chegava então ao seu grau zero, colocando a alguns artistas a inquietante tarefa de representar uma figura que parecia ter perdido, por completo, sua silhueta. (MORAES, 2012, p. 70).

O surrealismo então foi um importante movimento artístico e literário para trazer a estética sadiana à tona no século XX. Além de trazerem também interpretações inéditas ao pensamento de Sade. E toda a bibliografia do marquês é uma coleção feita para pensar a sensibilidade estética. Seus textos abrem leques possíveis de análise de uma estética erótica, ou uma estética da violência, ou a estética da destruição – sendo esta última, já se sabe, nosso objeto de análise.

Com o intuito de nos aprofundarmos na discussão sobre a estética da destruição do marquês de Sade em *Os 120 dias de Sodoma* passaremos agora, para o próximo tópico, a análise do virtuoso. Iremos compreender quem é o virtuoso em Sade, como o Marquês o caracteriza e que preceitos morais ele defende para este. Por fim, no último tópico deste capítulo, analisaremos que toda a estética da destruição de Sade está interessada em destruir a virtude, ou o virtuoso.

### 3.2 O QUE É A VIRTUDE? ANÁLISE DO VIRTUOSO EM SADE

*“A virtude, para o cidadão ideal de Rousseau, está na sua afeição apaixonada por seus concidadãos e pelas condições compartilhadas de sua vida em comum. A raiz desta virtude cívica está na compaixão que experimentamos uns pelos outros no estado de natureza; e esta compaixão baseia-se numa espécie de imaginação empática ‘que nos transporta para fora de nós mesmos e nos identifica com o animal em sofrimento, abandonando o nosso ser, por assim dizer, para tomar o dele... Assim, ninguém se torna sensível a não ser quando sua imaginação é estimulada e começa a transportar-se para fora de si’. Na raiz mesma das relações sociais encontra-se a estética, fonte de toda coesão humana”*

Terry Eagleton, 1993.

Para pensarmos o conceito de virtude em Sade utilizaremos três clássicos da bibliografia sadiana, *A Filosofia na Alcova* (2008), *Justine, os infortúnios da virtude* (s.d) e *Os 120 dias de Sodoma* (2006). Nessas três obras, Sade nos apresenta personagens virtuosos, os quais sofrerão ao longo destes três romances os maiores infortúnios possíveis. Pela filosofia da natureza de Sade os homens podem ser dotados tanto de virtudes, quanto de vícios. A natureza, para seu funcionamento de criação e destruição, necessita destes dois princípios. Logo, os personagens libertinos do marquês seguirão a via viciosa da natureza, enquanto os virtuosos, que conseqüentemente serão as vítimas nos romances apresentados, seguirão a via da virtude. Para Sade, quem segue a virtude é um imbecil, que só encontrará desgraças e infelicidades pelo caminho. Este autor defende para seus personagens o crime, o vício, a emancipação do desejo sem que haja nenhuma limitação moral ou social para a realização destes enquanto prática sexual, ou até mesmo social.

Em *A filosofia na Alcova* temos os principais personagens: Dolmancé e Saint-Ange como os libertinos centrais do romance. Eugénie é a personagem que será iniciada na libertinagem; por conseguinte, sofrerá um processo de transição, de uma educação virtuosa para uma educação libertina; enquanto, a senhora de Mistival é a personagem central como personificação da virtude. Ela é mãe de Eugénie. Sempre tentou imputar na filha os ensinamentos virtuosos. Mas o que veremos neste romance é Eugénie não só se formar na filosofia libertina, como praticar diversas torturas, mutilações e orgias sexuais contra e sobre sua mãe.

No início de *A filosofia na alcova*, como numa espécie de prefácio, Sade oferece esta obra aos devassos, que o leitor se identifique com as práticas libertinas e libertas de Dolmancé e Saint-Ange. E há também ao leitor uma alerta sobre o perigo de ser, ou de estar identificado com os princípios virtuosos: “Moças tento tempo contidas em laços absurdos e perigosos de uma virtude quimérica e de uma religião nojenta, imitai a ardente Eugénie; destruí, pisoteai tão rapidamente quanto ela todos os ridículos preceitos inculcados por pais imbecis.” (SADE, *A filosofia na alcova*, 2008, p. 11). E já aos devassos, que a vida libertina só os receberá com flores e alegrias, gozai: “E vós, amáveis devassos, que, desde a juventude, não tendes outros freios que vossos desejos e outras leis que vossos caprichos, que o cínico Dolmancé vos sirva de exemplo.” (SADE, *A filosofia na alcova*, 2008, p. 11).

A composição desse romance é marcada por diálogos. Estes são perpassados por

discursos filosóficos de ensinamentos libertinos e por descrições de práticas e orgias sexuais. Eugénie é iniciada na libertinagem tanto no formato teórico, quanto prático. No terceiro diálogo do romance, entre Saint-Ange, Dolmancé e Eugénie, a iniciante é instruída pela libertina a utilizar o termo “puta” (SADE, *A filosofia na alcova*, 2008) para caracterizar mulheres felizes e respeitáveis “[...] que a opinião difama, mas a volúpia coroa.” (SADE, *A filosofia na alcova*, 2008, p. 37). Mas Eugénie, ainda com resquícios de uma educação virtuosa feita por sua mãe, senhora de Mistival, fica um tanto quanto receosa de utilizar esses termos libertinos e de realizar certas práticas. Por todo o início de sua iniciação Dolmancé e Saint-Ange serão figuras importantes na desconstrução de uma educação virtuosa, a qual Eugénie estava vinculada. Eugénie tem receio de ao abandonar completamente a via virtuosa, possa ser menos feliz. Dolmancé a orienta pelo caminho contrário:

EUGÉNIE – Mas ao que parece, Dolmancé, foi a análise das virtudes que nos conduziu ao exame das religiões. Voltemos a esse ponto. Não existiria nessa religião, por mais ridícula que ela seja, algumas virtudes prescritas por ela, cujo culto pudesse contribuir para nossa felicidade?

DOLMANCÉ – Pois bem, examinemos isso. Será a castidade Eugénie, essa virtude que nossos olhos destroem, embora no conjunto sejais a sua imagem? Venerais a obrigação de combater todos os movimentos da natureza, de sacrificá-los pela honra ridícula e vã de jamais ter uma fraqueza? Sede justa e respondi, bela amiga: acreditais poder encontrar nessa absurda e perigosa pureza de alma todos os prazeres do vício contrário?

EUGÉNIE – Não, não quero saber dessa honra. Não sinto a menor inclinação em ser casta, mas a maior disposição ao vício contrário. Mas Dolmancé, a caridade, a beneficência, não fariam a felicidade de algumas almas sensíveis?

DOLMANCÉ – Longe de nós, Eugénie, virtudes que só fazem ingratos! Mas não te deixes iludir por elas, encantadora amiga: a beneficência é antes um vício de orgulho do que uma verdadeira virtude de alma. É por ostentação que se consola os semelhantes, jamais tento apenas em vista praticar uma boa ação. (SADE, *A filosofia na alcova*, 2008, p. 43-44).

Neste excerto, temos duas contribuições importantes: o pensamento sadiano confirmando sua máxima de que a via viciosa é uma inclinação respectiva da natureza, e logo a via mais sensata e deliciosa que o libertino deveria seguir. E de que a prática da caridade, enquanto uma concepção virtuosa, é uma quimera. Sade, por meio do personagem Dolmancé, postula uma crítica a tal prática. De que a beneficência e a caridade sejam feitas mais por publicidade e *status*, do que pelo ato de fazer o bem, ou de ajudar o próximo. Em Sade a via viciosa da natureza será sempre o melhor caminho, e o mais prazeroso, e assim nos comprova Dolmancé: “Nem sempre se pode fazer o mal. Privados do prazer que nos proporciona, temos

de ao menos tentar equivaler esta sensação com a pequena e picante maldade de jamais fazer o bem.” (SADE, *A filosofia na alcova*, 2008, p. 45).

A virtude enquanto uma sensibilidade, enquanto uma prática de fazer o bem, de ser casta para as coisas do sexo ao olhar do libertino, não passa de uma estupidez. Mas o próprio Dolmancé, diz que os virtuosos não são tão puros assim, que seguem “paixões mais desprezíveis” (SADE, *A filosofia na alcova*, 2008), como o orgulho, em só fazer o bem. Como a ambição. Para Sade, os virtuosos não passam de uns tolos.

Mas o que diria a sociedade para com as almas não virtuosas? Haveria uma condenação moral e social com os indivíduos que sentissem inclinações para o vício? Dolmancé nos dá uma lição libertina a respeito de tais questões. Aliás, esta é uma lição passada a Eugénie, em seu processo de iniciação libertina, porém serve também de inspiração ao leitor sadiano:

É uma extravagância de nossos pais essas predições de infortúnios nos caminhos da libertinagem. Há espinhos por toda parte, mas as rosas estão acima deles na carreira do vício. Somente nas sendas enlameadas da virtude a natureza nunca as fez brotar. O único obstáculo a temer na primeira dessas estradas é a opinião dos homens. Mas qual a moça espirituosa que, após refletir um pouco, não se julgará superior a essa opinião desprezível? Os prazeres recebidos pela estima, Eugénie, não passam de prazeres morais, convenientes apenas a certas cabeças. Já os prazeres da foda agradam a todos, e seus sedutores atrativos logo compensam este desprezo ilusório ao qual é difícil escapar quando se enfrenta a opinião pública, mas de que mulheres sensatas zombam a ponto de torná-lo um prazer a mais. Portanto fode, Eugénie, fode, meu anjo. Teu corpo só a ti pertence, só tu no mundo tens o direito de gozar dele e fazer gozar a quem bem quiseres. (SADE, *A filosofia na alcova*, 2008, p. 49).

Ou seja, em Sade a opinião dos homens, é desprezível. Se as inclinações viciosas são características dos princípios da natureza, não cabe aos homens ditar leis morais. Muito menos, cabe ao libertino segui-las. *É o gozo que interessa a Sade, é o prazer, a lascívia. E esta só é possível diante do desapego da virtude e da moral humana.*

Tendo passado este momento de apresentação do conceito de virtude em *A filosofia na alcova*, vejamos como o marquês vai apresentar a personagem virtuosa desse romance, a senhora de Mistival, mãe de Eugénie. Mistival será mutilada, costurada, sodomizada por Dolmancé, e por outro personagem secundário doente, que vai passar a ela doenças venéreas. Farão todo tipo de desgraças a esta senhora com o intuito de mostrar-lhe como a virtude é infortúnio a quem a segue; porém, Mistival não se abala, sofre, chora, lamenta, mas não aban-

dona seus preceitos virtuosos e a crença em seu Deus. Dolmancé vai até debochar de tal fé: “este céu poderoso jamais se importou com cu algum.” (SADE, *A filosofia na alcova*, 2008, p. 191).

A senhora de Mistival aparece na residência de Saint-Ange, onde estão todos os demais personagens, para buscar sua filha, Eugénie. A mesma recusa-se em ir embora com a mãe. E vai juntamente com Dolmancé expor discursos filosóficos a respeito da ilusão dos vínculos familiares, a natureza não imputa essas responsabilidades aos indivíduos, como apresentamos no capítulo primeiro. Logo Eugénie culpabilizará Mistival pela educação errônea que lhe deste ao longo de sua vida, por ter lhe induzido ensinamentos tão desprezíveis quanto os virtuosos. Tudo isto acontece no sétimo e último diálogo do romance. Vejamos, no excerto abaixo, a revolta de Dolmancé com a senhora de Mistival por ter criado Eugénie em seus princípios virtuosos:

MISTIVAL – Ora erra! E os cuidados que tive com ela, e a educação que lhe dei!...

DOLMANCÉ – Oh, quanto aos cuidados, nunca passaram de frutos do uso ou do orgulho; não tendo feito por Eugénie mais do que aquilo que o costume prescreve no país em que viveis, ela seguramente não vos deve nada. Quanto à sua educação, deve ter sido mesmo muito ruim, pois nos vemos aqui obrigados a refazer todos os princípios que vós lhe inculcais. Não há um único deles que trabalhe por sua felicidade, e nenhum que não seja absurdo ou quimérico. Vós lhe falastes em Deus, como se de fato houvesse um; de virtude, como se ela fosse necessária; de religião, como se todos os cultos religiosos fossem outra coisa que o resultado da impostura do mais forte e da imbecilidade do mais fraco; de Jesus Cristo, como se esse bandido fosse outra coisa além de um celerado e de um hipócrita! Vós lhe dissestes que foder era um pecado, e foder é a coisa mais deliciosa da vida; vós quisestes lhe inculcar os bons costumes, como se a felicidade de uma jovem não estivesse no deboche e na imoralidade [...] Ah, desiludi-vos, senhora, desiludi-vos! Nada fizestes por vossa filha; não cumpristes, a propósito, nenhuma obrigação ditada pela natureza. Em suma: Eugénie não vos deve nada a não ser o ódio. (SADE, *A filosofia na alcova*, 2008, p. 187-188).

A literatura sadiana tinha características anti-religiosas. Sade satirizava de forma grotesca a crença cristã do contexto sociopolítico em que vivera. Nesse trecho citado, percebemos uma consideração importante acerca da Instituição Religiosa: os cultos religiosos são, para o nosso bom Marquês, acima de tudo, relações de poder. Um grupo de poder superior que faz uso de uma crença e uma moral para efetuar opressões, abusos e submissões a um grupo inferior. Mas as críticas que os libertinos fazem sobre os preceitos religiosos e cristãos não alteram a fé de Mistival. Esta resiste até o fim, intercedendo em meio às torturas e abusos

sexuais sofridos, por piedade. Mas isso é algo que os libertinos de Sade não possuem. Não tem remorso ou nem uma espécie de lamentação, uma vez que por sua crença na filosofia da natureza tudo lhe é permitido.

O final deste romance não é a destruição em si da virtude, mas, pelo menos, a tentativa de desconstrução da mesma em Eugénie, que foi, de fato, efetuada, e em Mistival, que não abriu mão de sua fé virtuosa. Mistival é levada novamente para sua casa, sem sua filha, a quem ainda teve que pedir perdão. E os libertinos sentem-se realizados e inspirados ao final do romance, pelos crimes cometidos e pelo sucesso da iniciação de Eugénie na libertinagem, a qual permitiu-se viver todo tipo de vício e deboche:

DOLMANCÉ – [...] Agora sai; o cavalheiro vai conduzir-te. Saúda a companhia, puta! Ajoelha-te diante de tua filha e peça-lhe perdão por tua abominável conduta para com ela. Vós, Eugénie, aplicai duas bofetadas na senhora vossa mãe; e assim que ela estiver na soleira da porta, fazei-a sair com fortes pontapés nu cu. (Executa-se.) Adeus, cavaleiro; não fode esta senhora no caminho; lembra-te que ela está costurada e tem sífilis. (Após saírem) Quanto a nós, meus amigos, vamos para a mesa; e, daí, os quatro para o mesmo leito. Eis uma boa jornada! Nunca como tão bem, nunca durmo melhor na santa paz de deus do que quando me sujo o bastante, durante o dia, com aquilo que os tolos chamam de crimes. (SADE, *A filosofia na alcova*, 2008, p. 197-198).

O que podemos facilmente observar, portanto, é nada mais do que o triunfo do crime e do vício sobre a moral virtuosa. Um final em que contempla de forma magistral a essência do pensamento e da filosofia libertina de Sade.

Vejamos agora como o romance *Justine* traz algo excêntrico mesmo dentro do pensamento sadiano, ou seja, a virtude glorificada. Passemos, desta maneira e sem mais delongas, à análise do virtuoso no romance *Justine, os sofrimentos da virtude*. O próprio título já nos serve de prelúdio no que concerne a relação da personagem com a virtude. A mesma seguirá essa via, mas colherá infortúnios e sofrimentos ao longo de todo o romance. Entretanto, neste texto, diferente dos demais apresentados neste tópico, o triunfo final ficará por conta da virtude. O romance conta a história de duas irmãs que ficam órfãs, Justine e Juliette. A primeira, uma alma doce, virtuosa, sensível e religiosa. Juliette, por outro lado, era uma alma debochada, lasciva, encantada com o vício e o gozo. Justine tenta seguir a via virtuosa, mas só irá encontrar desgraças e dores na sua pobre caminhada. Juliette, no entanto, prospera, fica rica, goza, comete inúmeros crimes, torna-se uma verdadeira libertina. Ao final do romance, depois de Justine já ter sofrido todos os horrores possíveis, como ter sido marcada a ferro como um

animal, ter seu seio cortado por um libertino, ter sido sodomizada e estuprada diversas vezes, e ter recebido denúncias de crime de roubo que nunca cometera, ela precisa mudar de nome, para fugir e sobreviver a tais falsas denúncias. Passa a se chamar Therese. E em determinado momento do romance, Juliette e sua irmã, agora com o nome de Therese, se reencontram. Juliette oferece ajuda, Justine aceita. Por fim, acredita que agora está em paz, agradece aos céus por isso. Mas este lhe envia um raio que a atravessa de sua boca até a vagina. E Justine, assim como sua virtude, padece. Mas o grande diferencial deste romance, é que com a morte de Justine, Juliette vive um momento de conversão. Arrepende-se de todos seus crimes, e escolhe agora, viver no caminho da virtude. O romance finda e assim, a virtude triunfa, mas não sem sofrimentos e dificuldades.

O romance inicia com um prefácio em que Sade dedica a obra a sua amiga Constance. E logo nesse início já demonstra ao leitor que será uma história de glória do bem e da virtude:

O propósito desse romance (não tão romanceado como se possa pensar) é sem dúvida novo; a ascendência da Virtude sobre o Vício, a recompensa do bem, a punição do mal, esse é o curso habitual de todas as obras desta espécie; como se já não se soubesse isso de cor! Mas demonstrar o vício triunfado por toda parte e a Virtude como vítima de seus sacrifícios, exhibir uma infeliz errando de desventura em desventura, juguete de maldade, alvo de todos os deboches, exposta aos gostos mais bárbaros e mais monstruosos; aturdida por sofismas dos mais impudentes, dos mais especiosos; presa das seduções mais hábeis, dos subornos mais irresistíveis; nada mais tendo para opor a tantos reveses, a tantos flagelos, para repudiar a tanta corrupção, que uma alma sensível, um espírito natural e muita coragem: arriscar, em uma palavra, as descrições mais corajosas, as máximas mais assustadoras, as pinceladas mais enérgicas, com o único fito de obter de tudo isso uma das mais sublimes lições de moral que o homem já recebeu; temos que convir que isso seria chegar à meta por um caminho pouco trilhado até hoje. (SADE, *Justine, os sofrimento da virtude*, s.d., p. 7-8).

Ora, já em sua dedicatória, Sade procura deixar claro ao leitor – e mesmo para Constance – que a preocupação com o triunfo da virtude que a presente obra manifesta tratava-se de algo deveras inédito no todo de sua obra. Porém, não obstante uma tal preocupação, por mais pudesse ser o grande *telos* retórico de *Justine*, sobretudo ao fim, a virtude é, ao longo de toda a obra, constantemente satirizada e humilhada pelos libertinos. A caminhada em busca de redenção e salvação de Justine é ridicularizada no todo da obra. Só com a morte da heroína virtuosa – uma morte ela própria demasiadamente violenta e humilhante, a despeito de seu aspecto “natural” –, que Sade converterá Juliette, irmã de Justine, nos caminhos da vir-

tude.

Uma das caracterizações que Sade faz da virtude, por intermédio da personificação de Justine, é de que “[...] dotada de uma ternura e de uma sensibilidade surpreendentes, em vez da arte e da finura da irmã, tinha apenas ingenuidade e candura, que iriam fazê-la cair em muitas armadilhas.” (SADE, *Justine, os sofrimentos da virtude*, s.d., p. 11). Justine era também, assim como a senhora de Mistival de *A filosofia na alcova* extremamente religiosa. Era uma cristã convicta e, apesar de sofrer todos os abusos físicos, psicológicos e vários tipos de violência, nunca deixara de acreditar em Deus e na redenção divina. Que todo seu sofrimento lhe causaria a salvação eterna em Deus e nos céus. Crença que os libertinos de Sade ao longo do romance vão debochar constantemente. Vejamos um exemplo: assim que fica órfã, aos doze anos de idade, Justine vai procurar o padre de sua antiga paróquia, esperando que o mesmo o ajude; mas, ao contrário do esperado, o que vai encontrar é uma proposta obscena: o padre oferecerá ajuda apenas em troca de carinhos sexuais. Esse será o primeiro choque e grande encontro de Justine diante da libertinagem:

– O senhor pode ver, senhor padre – diz ela ao santo clérigo. – Sim, o senhor pode ver em que situação aflitiva para uma jovem eu estou; perdi meu pai e minha mãe... O Céu os levou de mim numa idade em que tinha maior necessidade da assistência deles... Morreram arruinados, senhor; nada mais temos. Eis tudo o que me deixaram – continuou, estendendo os doze luízes –, nem um cantinho onde pousar minha pobre cabeça... O senhor vai ter piedade de mim, não é, meu pai? O senhor é o ministro da religião e a religião sempre foi a virtude de meu coração; em nome desse Deus que eu adoro e de quem o senhor é o instrumento, diga-me, como segundo pai, o que devo fazer... o que devo ser?

O curioso padre respondeu, cobiçando Justine com os olhos, que a paróquia já tinha muitos encargos, que não poderia arcar com mais caridades, mas que, se Justine quisesse servi-lo, se quisesse fazer o trabalho pesado, sempre haveria um pedaço de pão para ela em sua cozinha. E, como, ao dizer isso, o intermediário dos deuses passou-lhe a mão pelo queixo e deu-lhe um beijo demasiado mundano para um homem da Igreja. (SADE, *Justine, os sofrimentos da virtude*, s.d., p. 13).

A virtude para Justine é então um princípio de instrumento de sua crença religiosa. Sade, ao longo deste romance, vai caracterizar diversos libertinos como membros da Igreja. Na metade do texto, Justine segue fugitiva, e chega a um convento, que se situava numa região bastante escondida. Ali, ela espera encontrar abrigo, amparo, e a palavra de Deus. No entanto, vai viver, enclausurada, dolorosos dias neste convento, onde descobriremos que as lideranças religiosas desta instituição eram os libertinos mais cruéis deste romance. Colocarão

Justine em todo tipo de orgia sexual, e ela estará ao longo dos dias reclusa no convento como uma espécie de escrava sexual desses membros religiosos, que não passavam de grandes libertinos. Sade, sempre que pode, coloca em seus romances, ou contos, ou textos diversos, um personagem como membro institucional religioso, mas que atua de forma perversa e voraz nas artes libertinas. Talvez, cremos nos ser lícito supor, o Marquês pretendesse alertar ao leitor quanto a hipocrisia institucional que permeava a Igreja Católica francesa no século XVIII. Esse tipo de denúncia e alerta era recorrente na bibliografia sadiana, como ao longo desta reflexão esperamos poder ter deixado claro. Vejamos como Justine lidou com a libertinagem imposta a ela em um convento:

Prossigamos agora o relato de minha chegada a esse lugar impuro.

Já vos disse que, mal entrei, cada um avançou em minha direção: Clément foi o mais atrevido, sua boca infecta logo colou-se à minha; afastei-me com nojo, mas fizeram-me compreender que qualquer resistência não passava de ademanes inuteis e que o melhor que havia a fazer era imitar minhas companheiras.

- Podeis facilmente imaginar – diz-me dom Severino – que não servirá de nada tentar oferecer resistência no lugar inexpugnável em que estais agora. (...) De resto, o que teríeis a reclamar aqui? A equidade? Não a conhecemos; a humanidade? Nosso único prazer é violar-lhes as leis; a religião? Nada representa para nós, nosso desprezo por ela cresce em virtude de a conhecermos demais; parentes... amigos... juizes? Não existe nada disto neste lugar, minha filha; aqui encontrareis apenas egoísmo, crueldade, devassidão e a impiedade mais arraigada. A mais total submissão é pois vossa única sina; lançai vosso olhar para o refúgio impenetrável onde estais, jamais algum mortal apareceu neste reduto; o convento poderia ser invadido, vasculhado, queimado e este retiro não seria descoberto ainda assim (...) Então, a quem mais poderíeis recorrer? Seria a esse Deus a quem acabais de implorar com tanto zelo e que, para recompensar-vos desse fervor, nada mais fez senão precipitar-vos ainda mais nesta armadilha? A esse Deus quimérico a quem nós mesmos insultamos aqui a cada dia, desprezando suas vãs leis? Podeis compreender então, Thérèse, que não existe nenhum poder de qualquer natureza que pudésseis supor que possa vir tirar-vos de nossas mãos, e não há nem entre as coisas possíveis, nem entre os milagres, qualquer tipo de meio que possa conseguir conservar em vós mais tempo essa virtude de que tanto vos orgulhais. (...) Tira pois a roupa, cadela, oferece teu corpo à nossa luxúria para que sejas contaminada neste instante ou os mais cruéis tratamentos vão provar-te os riscos que uma desgraçada como tu corre ao desobedecer-nos... (SADE, *Justine, os sofrimento da virtude*, s.d., p. 106-107).

Clément, Severino, Jérôme e Antonin eram os nomes dos libertinos que atuavam também como membros institucionais cristãos. Os mesmos debocham da fé religiosa de Justine que, nessa fase do romance, já estava sendo chamada de Thérèse devido uma acusação de

roubo e assassinato que recaiu sobre a mesma. Justine/Thérèse vai sofrer todo tipo de prática sexual nesse convento, de forma involuntária. Mas em nenhum momento a mesma perde sua fé. Mantém-se firme em sua crença virtuosa, chora, lamenta, entretanto não se converte à libertinagem. O convento situava-se num local isolado, assim como o castelo de Silling em *Os 120 dias de Sodoma*. É também uma importa característica dos romances sadianos apresentar as práticas de orgias em castelos, conventos, alcovas, no entanto sempre isolados. A virtude não seria encontrada ali dentre aqueles homens a quem Justine teve o infortúnio de conhecer.

Muitos outros libertinos cruzaram o seu caminho, como Rodin, o cirurgião que goza ao ver o sangue escorrer das torturas que praticava em suas vítimas. Ele vai arrancar um seio de Justine. O conde de Gernande, seguindo a linha de perversão dos demais. Temos também Roland, talvez o libertino mais impiedoso do romance. É Roland que vai expor Justine ao suplício da roda, nua, e mais algumas vítimas virtuosas. Roland, em meio a violências físicas e opressões sexuais sobre Justine, ainda debocha de sua crença e fé virtuosas. Para este libertino o Deus de Justine não passa de uma piada:

Lanço-me para o genuflexório e, enquanto desnudo em alta voz meu coração a Deus eterno, Roland redobra sobre a parte posterior, que lhe exponho, seus vexames e seus suplícios, de modo ainda mais cruel; pôs-se a flagelar essas partes com toda a sua força munido de uma chibata ornada de pontas de aço, que a cada golpe fazia esguichar meu sangue até o teto.

– E agora? – continuou, em meio a blasfêmias. – Ele não vem em teu socorro, o teu Deus, deixa sofrer desse modo a virtude desgraçada, abandona-te às mãos da malvadez; ah!, que Deus, Thérèse, que Deus, esse teu Deus; vem – diz-me logo em seguida –, vem, cadela, tua oração já deve estar terminada – (e ao mesmo tempo, põe-me de bruços sobre a beirada do sofá que ficava ao fundo desse recinto) –, já te disse Thérèse, terás que morrer! (SADE, *Justine, os sofrimentos da virtude*, s.d., p. 200).

Roland zomba da fé cristã de Justine/Thérèse. A mesma em alguns momentos de apuros também faz alguns questionamentos: por que tão infeliz seguindo a virtude? Por que tantas desgraças? Sempre que Justine pensa ou age pela via virtuosa, tentando ajudar alguém, tentando salvar alguma vítima de tramas libertinas, sempre cai em armadilhas. Mas até o final do romance, apesar de esmorecer em alguns momentos, não abandona a virtude. Este é seu princípio. Falece de forma trágica confiando em Deus e nos céus. E é aqui, que teremos o triunfo da virtude em Sade, pela primeira vez, no fim deste romance. Quando Juliette tem compaixão pelo sofrimento da irmã, e decidi tornar-se virtuosa. Vejamos um dos trechos finais do romance em que Juliette despede-se de seu companheiro de crimes, Corville, para se-

guir o caminho virtuoso: “Esse golpe terrível era necessário para a minha conversão nesta vida, era preciso para a felicidade que ousou esperar na outra. [...] que as penitências que vou cumprir onde vou expiar meus crimes e passar os desditosos anos que me restam possam permitir-me rever-vos um dia.” (SADE, *Justine, os sofrimentos da virtude*, s.d., p.258). E assim, é desta maneira que prospera a virtude e a bondade em Justine: após uma via muito tortuosa que pune a mais virtuosa das personagens para, enfim, permitir a redenção de sua irmã libertina.

Passemos agora para a análise dos virtuosos em *Os 120 dias de Sodoma*. Neste romance encontramos, dadas as proporções da própria narrativa, uma composição maior de personagens. Serão quarenta e seis personagens e doze destes terão papel de mais destaque dentre o enredo da obra. Os quatro libertinos, o Duque de Blangis, o Bispo, o Presidente Curval e Durcet. As quatro narradoras, senhora Duclos, Champville, Martaine e Desgranges. E as quatro esposas, Constance, que é esposa do Duque e filha de Durcet. Adelaide que é esposa de Durcet e filha do presidente. Julie que é mulher do presidente e filha mais velha do Duque. E Aline, que é filha do Bispo.

Os quatro libertinos descritos serão os detentores das relações de poder nos 120 dias vividos em Silling. As narradoras terão papel fundamental, cada uma sendo responsável por sua classe, servirão de inspiração para as práticas de orgias libertinas ao relatarem suas experiências de deboche do passado. Logo, os libertinos seguirão os exemplos narrados e acrescentarão novas ideias de crimes e vícios. Tudo que estes quatro libertinos e estas quatro narradoras constituírem seguirá a via viciosa, só escárnio, o mal, o sexo e o gozo lhes interessam.

Dentre estes personagens descritos nos interessará Adelaide e Aline. Estas são as personagens virtuosas desse romance, as quais sofrerão todo tipo de infortúnio possível. Em *Os 120 dias de Sodoma*, assim como *A filosofia na alcova*, temos a prosperidade e a glória do crime e da libertinagem.

No capítulo primeiro deste trabalho citamos um trecho do romance em que demonstra a relação de Adelaide e o princípio da virtude. Adelaide é apresentada na obra como bela, jovem e com apenas vinte anos. De uma estatura baixa e um corpo delicado, quase franzino. Era loira, olhos azuis, e Sade nos diz que “seus olhos [...] exprimiam ao mesmo tempo ternura e decência.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 32). Lábios finos, traços graciosos, seios pequenos, firmes, e até os pelos da vagina, narrados por Sade, eram loiros, como

seus cabelos da cabeça. Não era mais virgem, graças a seu pai, que a introduzira na vida sexual tanto pela vagina, quanto pelo ânus. Durcet, seu marido, lhe poupou algumas investidas sexuais, mas isso antes de chegarem em Silling. Dali em diante, Adelaide esteve exposta e, ao dispor de todos os quatro libertinos, para ser utilizada para sexo e crimes diversos. Adelaide é a típica virtuosa de Sade, extremamente religiosa. Rezava a Deus escondido de seu pai e seu esposo, ambos libertinos, ambos abominavam qualquer resquício de bondade e religião. Adelaide suportava todos os abusos impostos por estes libertinos a ela, acreditava que a recompensa viria de Deus, pela redenção e pela salvação. Assim como acreditou Justine, nossa heroína de Sade apresentada no romance anterior.

Aline era a irmã mais nova de Julie. Esta última carregava consigo uma inclinação para o vício e para a libertinagem. Julie era imunda “[...] principalmente nos dois templos da lubricidade.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 34). Aqui, Sade refere-se à vagina e ao ânus. Julie somava vários efeitos que surpreenderiam no bom sentido qualquer libertino. Era gulosa, bêbada e a “putaria” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 34) em momento algum lhe causaria terror. Enquanto Aline, filha do Bispo, destoava das inclinações da irmã, assemelhava-se as características de Adelaide. Era a mais jovem das quatro esposas, tinha quase dezoito anos. A sua fisionomia possuía formas delicadas, à medida que era pequena, nariz empinado e olhos castanhos. Tinha uma pele morena e um corpo curvilíneo. Era virgem da vagina. Já não mais do ânus, o qual seu pai, o Bispo, sodomizada desde que tinha oito anos. Não era absolutamente uma religiosa, como Adelaide. Não sabia ler. Mas tinha inclinações para princípios virtuosos, era ingênua e tinha uma pureza de criança.

Na introdução de *Os 120 dias de Sodoma* havia uma parte responsável pelos regulamentos de vivência e práticas em Silling. Mencionamos o mesmo no capítulo dois deste trabalho. No regulamento era especificado atos que seriam proibidos entre os indivíduos que habitariam Silling por 120 dias, exceto os quatro libertinos, que tudo podiam realizar, e a eles não havia nenhuma proibição. Sorrir durante as orgias, ou durante a narração das quatro senhoras já apresentadas seria caso de punição. E o menor ato religioso que fosse encontrado, ou realizado em Silling, seria punido com a destruição, com a morte. Logo, Adelaide e Aline vão correr sérios riscos de serem assassinados ao longo do romance. Vejamos o nível de intimidação contida em um determinado trecho do já aqui remetido regulamento apresentado na narrativa dos *120 dias de Sodoma*:

Acabamos de ler-vos regulamentos muito sábios e muito adequados tanto a vossa segurança como a nossos prazeres. Respeitai-os cegamente e esperai o pior de nossa parte caso nos irritardes com uma conduta errônea. Sei que algumas dentre vós têm vínculos conosco, dos quais talvez vos orgulheis e pelos quais espereis indulgência. Seria um grave erro contar com isto: nenhum vínculo é sagrado aos olhos de pessoas como nós, e quanto mais sagrados vos parecerem, mais seu rompimento atizará a perversidade de nossas almas. Filhas e esposas é a vós que agora vos dirijo: não esperai nenhuma prerrogativa de nossa parte; sabeis que sereis tratadas com maior rigor do que as outras, e isto precisamente para vos mostrar o quão desprezíveis são, a nossos olhos, os vínculos a que nos julgueis talvez acorrentados. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 60-61).

Fica claro pelas advertências que práticas virtuosas, religiosas ou do bem serão inadmissíveis, levando os praticantes a sofrerem consequências duríssimas. Nenhum vínculo é sagrado ao pensamento libertino, seja ele de espécie moral, seja ele de formato familiar. Como já apresentamos essa discussão no capítulo primeiro deste trabalho, os vínculos familiares são totalmente desprezados pelos libertinos sadianos. São tolices impostas pelas leis humanas e morais. A filosofia da natureza não inculca tais preceitos nos indivíduos; logo eles não são considerados na prática libertina. Então, as esposas e as filhas dos quatro libertinos do romance em momento algum serão poupadas de qualquer tipo de punição por terem algum vínculo familiar com os quatro libertinos do romance. Pelo contrário. Outro ato que pode ser duramente punido, diante das práticas sexuais, a mulher exibir primeiramente a vagina ao libertino. É o ânus que eles esperam ver primeiramente e quase exclusivamente:

Percebeis a que ponto tal engano atrapalharia nossa imaginação e o risco que se correria ao esfriar a cabeça de um libertino que, digamos, estivesse aguardando um rabo para o seu esporro e alguém, por imbecilidade, lhe oferecesse uma boceta. Via de regra, não deveis vos apresentar de frente senão raramente; lembrai-vos que essa parte infecta que a natureza só formou por desrazão é sempre a que mais nos repugna. [...] Em suma: estremecei, antecipai, obedeci, e com isto, mesmo não sendo muito felizes, talvez não sereis infelizes por completo. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 61).

O ânus é sempre a predileção dos libertinos sadianos em suas práticas e fantasias sexuais. A sodomia é, de fato, uma das grandes vias da sexualidade em Sade, conforme já apresentamos anteriormente.

O choro é algo que também não gerará comoção nos libertinos de Sade, e sim, ao contrário, o mais puro êxtase. Os libertinos de *Os 120 dias de Sodoma* deliciam-se com os sofrimentos e as lamúrias de vítimas virtuosas como Adelaide e Aline. Provocar a dor no outro,

impor agressões diversas, satirizar a crença religiosa alheia, são questões que inebriam os libertinos sadianos. O choro é uma tolice. Esperar que algum devasso se comova com esta prática é perder tempo e energia. A única experiência de comoção com o sofrimento da vítima da literatura de Sade é com Juliete, que se converte ao caminho virtuoso ao se deparar com a força da fé de sua irmã Justine. Não temos nenhum outro exemplo parecido para os libertinos do marquês. A máxima da libertinagem em Sade é de que o choro e o sofrimento do virtuoso provocarão os maiores gozos, e a maior lascívia: “[...] o primeiro objeto que lhe apresentou foi sua mulher, que chorava por causa dos maus-tratos de Hércules. Essa visão o animou a tal ponto que se entregou imediatamente a excessos com ela que ainda não nos é possível contar.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 71). *O choro inflama os libertinos*.

No vigésimo quarto dia, ainda na primeira parte do romance, que é narrada por Duclos e caracteriza as narrativas correspondentes as paixões mais simples, temos um diálogo entre Durcet e Adelaide, já que o libertino diz a mesma coisa quanto a Deus que ela acredita, e quanto desprezíveis são suas crenças. Adelaide é sempre apresentada no romance como a virtuosa que não perde uma oportunidade de criar lamentações por estar instituída naquele sistema de 120 dias de orgias e ensinamentos libertinos. Para ela, é inaceitável aquela situação, e não cansa de chorar, lamuriar e pedir intervenção divina. O que causa nos libertinos ódio e êxtase:

“Vês”, disse Durcet a Curval, “o erro que cometeste ao deixar dar instrução religiosa à tua filha; agora não conseguimos mais fazê-la renunciar a essas imbecilidades: bem que te avisei, na época”. “Meu Deus”, disse Curval, “eu achava que conhecê-las seria para ela mais um motivo para detestá-las, e que com a idade, ela se convenceria da imbecilidade dessas infames doutrinas”. “O que dizer vale para cabeças razoáveis”, disse o Bispo. “Mas não serve para uma criança.” “Seremos obrigados a tomar medidas violentas”, disse o Duque, que bem sabia que Adelaide o estava escutando. “Chegaremos lá”, disse Durcet. “Garanto de antemão que se eu for seu único advogado, ela estará mal protegida.” “Oh!, acredito, sim, senhor”, disse Adelaide chorando. “Vossos sentimentos para comigo são bastante conhecidos.” “Sentimentos?”, disse Durcet. “Começo, minha bela esposa, por avisar-vos que nunca tive nenhum por mulher alguma e, certamente, muito menos por vós que sois a minha do que por qualquer outra. Tenho ódio a religião assim como a todos aqueles que a praticam, e, da indiferença que sinto por vós, já aviso que passarei muito prontamente para a mais violenta aversão, se continuares a venerar infames e execráveis quimeras que sempre foram objeto de meu desprezo. É preciso ter perdido a cabeça para admitir um Deus, ter-se tornado completamente estúpido para adorá-lo. Declaro-vos, numa palavra, diante de vosso pai e desses senhores, que não haverá limites à minha reação para convosco, caso vos flagre de novo em tal erro. Precisáveis vos tornar religiosa se quisésseis adorar vosso Deus Zé porrinha; terias rezado à vontade.” “Ah!”

retrucou Adelaide gemendo, “religiosa, justo Deus! Quisesse o céu que eu fosse religiosa!” E Durcet, que naquele momento se encontrava então em frente dela, impacientado por sua resposta, lhe jogou de lado um prato de prata no rosto, que a teria matado, caso a atingisse na cabeça, pois o choque foi tão violento que se retorceu contra a muralha. “Sois uma criatura insolente”, disse Curval à sua filha, que, para evitar o prato, havia se jogado entre seu pai e Antínoo. “Mereceríeis que eu vos desse cem pontapés na barriga.” E arremessando-a para longe dele com um soco: “Ide de joelhos pedir desculpas a vosso marido”, disse, “ou já infligir-vos-emos a mais cruel das punições”. Ela foi se jogar em prantos aos pés de Durcet, mas este, que tinha ficado de pau fervorosamente duro ao lançar o prato, e jurava que daria mil luzes para não ter errado, afirmou ser preciso aplicar imediatamente um castigo geral e exemplar, sem prejuízo do de sábado. (SADE, *Os 120 dias de Sodomia*, 2006, p. 240-241).

Neste excerto, vemos Durcet advertindo Curval, pai de Adelaide, por não ter posto limites na crença religiosa que ela acumulou ao longo de seus 20 anos, este, porém, defende-se dizendo que esperava que a decepção viesse por ela mesma, ao se deparar com doutrina tão ridícula. Referia-se, aqui, é claro, ao cristianismo, religião à qual Adelaide é adepta; contudo, a defesa de Curval não tem validade. Adelaide é uma cristã convicta, chora, pede interseção aos céus por seu sofrimento em Silling. Isso causa mais ódio e desprezo nos libertinos Durcet e Curval. Durcet que, é esposo de Adelaide, debocha da crença de sua mulher, dizendo que deveria adorar o “*Deus Zé porrinha*”, ou seja, o sexo e a libertinagem. A convicção de Adelaide alicerçada nas vias virtuosa e religiosa, faz com que os libertinos quase a matem; no entanto, o regulamento ainda tinha uma restrição de que os crimes de assassinato seriam efetuados no final da estadia em Silling. Assim, os libertinos tentaram se conter, e seguir as regulamentações; mas, ao logo do romance, não há saída para Adelaide, seu fim está próximo. Para os libertinos de Sade só há um tratamento para com a virtude e a religião: a destruição.

Vale dizer que Durcet excitou-se com a violência perpetrada contra Adelaide. O quase acerto do prato de prata na cabeça dela, que a levaria a morte, tornou a situação estimulante. Ou seja, o libertino de Sade simpatiza a níveis de estímulos sexuais e ereções, sobretudo com a possibilidade do crime. O vício e o crime são componentes libidinosos e essenciais para os feitos sexuais nas orgias sadianas. A destruição de Adelaide e, com ela a eliminação de sua concepção virtuosa, é um forte componente de excitação aos libertinos, como, por exemplo, Curval e Durcet. Diante da virtude e da crença religiosa, só há para os libertinos desprezo e ódio. Assim Durcet, esposo de Adelaide, não a suportava. A sua consorte representava todos os preceitos que os libertinos sadianos gostariam de destruir: “o ódio implicante de Durcet por Adelaide; ele a atormenta, molesta-a, ela se desola; e o Presidente, seu pai, não a apoia”

(SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 315). Ou seja, Adelaide não haveria de ter apoio ou refúgio nem com seu pai, nem com seu esposo. Ambos libertinos, detestavam a virtude, tanto seres personificados da mesma, como Adelaide. E já vimos que o vínculo de filiação paterna não representa nada para a filosofia da natureza de Sade, logo, o pai de Adelaide, diante da lógica sadiana libertina não deveria prestar nenhum tipo de ajuda a mesma, há não ser desprezo por ser ridiculamente virtuosa.

Portanto, podemos compreender que a virtude e o virtuoso em Sade são os principais alvos de desprezo e de destruição. Temos, então, na literatura do marquês a seguinte hipótese: o libertino sadiano é aquele que combate a instituição religiosa da Igreja Católica, logo, a sua perspectiva moral por intermédio da estética da destruição para com os personagens virtuosos de seus romances. Sustentado pela filosofia da natureza, Sade, ao estabelecer uma destruição da virtude e da moral cristã, propõe uma prática social laica, isenta de preceitos religiosos. Posto isto, analisaremos enfim, como poderíamos evidenciar uma tal hipótese em *Os 120 dias de Sodoma*.

### **3.3 O LIBERTINO COMO UMA NOVA ESTÉTICA E PRÁTICA SOCIAL DA DESTRUÇÃO PELA FILOSOFIA DA NATUREZA EM OS 120 DIAS DE SODOMA**

*“Sade imediatamente experimentou o coito como crueldade, despedaçamento e crime; e, por ressentimento, reivindicou-lhe teimosamente o negrume; visto que a sociedade se alia à natureza para o querer criminoso sem seus prazeres, ele fará do próprio crime um prazer. O crime é a alma da lubricidade”.*

*Simone de Beauvoir, 1961.*

Iniciaremos este tópico com a apresentação e composição do libertino em Sade e em *Os 120 dias de Sodoma*, para depois começarmos a esmiuçar as possibilidades para confirmar a nossa seguinte hipótese: *Sade constrói uma estética da destruição, por meio da ação de libertinos inspirados na filosofia da natureza*<sup>85</sup> *para estabelecer uma prática social laica, sem*

85 Filosofia esta altamente recorrente no imaginário de autores materialistas do século XVIII francês, como já apresentado no capítulo primeiro deste trabalho.

*moral religiosa, e sem imposições de virtude.*

O libertino é o detentor de poder na literatura sadiana. Ele é quem expõe os discursos filosóficos, as regulamentações, as ordenações das práticas sexuais, bem como o formato dessa sexualidade. Nele, o libertino ordena como se violenta, se pela sodomia, se entre várias pessoas, se entre os excrementos e a imundície, enfim. Cabe ao libertino ditar todas as regras e práticas.

Em *Os 120 dias de Sodoma* Sade lista quatro protagonistas libertinos: o Duque de Blagis, o Bispo, o Presidente de Curval e Durcet. São quatro aristocratas. Na introdução do romance, Sade explica como os quatro obtiveram riquezas ao longo da vida, que obviamente sempre pela atuação da libertinagem, não poupando crime algum para se obter poder e riqueza. Sade também explica, numa espécie de prefácio, que os quatro libertinos ficaram um ano de antecedência organizando todas as necessidades para a imersão de isolamento nos 120 dias em Silling. Alimentação, bebidas e escolhendo as pessoas mais perfeitas para as práticas libertinas<sup>86</sup>. Tudo foi premeditadamente organizado e ordenado. A orgia sadiana é sistemática e ordenada (BARTHES, 1990). Vejamos a descrição que Sade faz de um de seus personagens centrais, para compreendermos como se dá a caracterização do libertino sadiano:

O Presidente de Curval era o decano da sociedade. Com quase sessenta anos e singularmente gasto pela devassidão, mais parecia um esqueleto. Era alto, seco e magro. [...] o Presidente penetrava qualquer indistintamente qualquer buraco, muito embora o do traseiro de um menino lhe fosse infinitamente mais precioso. O Presidente era circuncidado, de modo que a cabeça de seu pau nunca estava coberta, disposição que facilita muito o gozo e à qual todas as pessoas voluptuosas deveriam submeter-se. Mas se tal procedimento sói manter esta parte muito limpa, este não era o caso de Curval, uma vez que, tão sujo nessa parte como na outra, essa cabeça descoberta, já naturalmente muito grossa, ganhava, deste modo, pelo menos uma polegada de circunferência. Igualmente sórdido em toda sua pessoa, o Presidente, que a isto acrescia gostos no mínimo tão porcos quanto sua pessoa, tornava-se um personagem cuja presença tão fedorenta podia não agradar a todos: mas seus compadres, que não se escandalizavam por tão pouco, nem tocavam nesse assunto. Poucos homens foram tão ágeis e devassos quanto o Presidente. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 26).

---

86 Era imprescindível que as narradoras escolhidas fossem bastante experientes na libertinagem. Os escolhidos para o harém das meninas e dos meninos, sendo oito pessoas para cada gênero, tivessem ânus atraentes e até mesmo virgens. O ânus era o elemento sexual essencial para os libertinos de Silling. Nos haréns, os meninos e as meninas são todos menores de idade, bem jovens, tendo em média de onze, doze a quinze anos. Há também os oito fodedores, homens com bastante experiência em coisas do sexo. Entre eles, Hércules, Antínoo, Quebra-cu, Vara-ao-céu. Era importante que os membros penianos desses fodedores tivessem tamanhos significativos e já eram personagens mais velhos, numa faixa etária de 30 anos em diante.

Presidente de Curval tem a caracterização do libertino mais devasso de Sade, o sujo e como a maioria dos demais, tem preferência pelo ânus, uma particularidade da libertinagem. Curval, assim como seus companheiros de deboche é aquele que vai menosprezar e detestar sua própria filha, como já apresentamos. Adelaide “com seu espírito romanesco e seu coração terno, ela é excessivamente virtuosa e devota, e se esconde para cumprir seus deveres de cristã.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 65). A menina precisava esconder-se em algum lugar do castelo de Silling para poder manifestar suas práticas e orações cristãs. Se fosse pega em tal situação, a pena seria de morte. Isso já estava estabelecido no regulamento que, o menor ato de religião, será tratado com o crime de morte (SADE, 2006). Devemos insistir: *a religião e a virtude estão em Os 120 dias de Sodoma para serem destruídas.*

Pela análise dos virtuosos em três obras do marquês de Sade, *A filosofia na Alco-va* (2008), *Justine, e os sofrimentos da virtude* (s.d.) e *Os 120 dias de Sodoma* (2006) percebemos que a estética da destruição agirá em função de aniquilar a virtude e os preceitos religiosos cristãos que a acompanham. Todos os libertinos sadianos tentarão convencer seja pela prática do discurso filosófico, seja pela prática sexual viciosa os virtuosos a serem menos imbecis, e desapegarem de uma crença tão insolente. Ou talvez, tenha querido Sade, convencer o leitor dos absurdos de uma convicção numa fé religiosa em pleno século XVIII, século este caracterizado pela força revolucionária e de transformação. Deste modo, para compreendermos como a estética da destruição aparece em *Os 120 dias de Sodoma*, voltemos para algumas teses de Walter Benjamin sobre o caráter destrutivo, essenciais para nos ajudarmos nessa interpretação.

Benjamin apresenta uma tese que dialoga de forma muito próxima com o pensamento por trás da filosofia da natureza de Sade, em que o caráter destrutivo se dará de qualquer forma, senão pela ação humana, pela ação da natureza: “O caráter destrutivo está sempre atuando bem-disposto. A natureza lhe prescreve o ritmo, pelo menos indiretamente: pois ele deve adiantar-se a ela, do contrário ela própria assumirá a destruição.” (BENJAMIN, 1986, p. 187). Esta ideia de que a natureza necessita e realizará a destruição quando esta não acontecer pelos processos humanos é bastante próxima da filosofia materialista francesa do século XVII, a qual apresentamos no primeiro capítulo deste texto, filosofia esta de que Sade segue sendo um grande discípulo. Notemos com que proximidade que Sade considera o caráter destrutivo da natureza em *Os 120 dias de Sodoma*, dando permissividade assim, a todas práticas viciosas:

Ávida de assassinatos e de crimes, é em fazê-los cometer e inspirá-los que a natureza tem sua lei, e a única que ela imprime no fundo de nossos corações é a de nos satisfazer não importa à custa de quem. Mas paciência, talvez terei logo uma melhor oportunidade para vos falar amplamente sobre essas matérias; eu as estudei a fundo, e espero, ao comunicá-las, convencer-vos tanto quanto estou que o único modo de servir à natureza é seguir cegamente seus desejos, de qualquer espécie que possam ser, porque, para a manutenção de suas leis, o vício lhe sendo tão necessário quanto a virtude, ela sabe nos aconselhar, alternadamente, o que cada momento torna necessário a suas visadas. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 265-266).

Ou seja, para Sade, a natureza necessita de assassinatos e crimes; logo interpretamos isso como uma necessidade de destruição para a mesma. Seria o libertino um tolo ao não corresponder as demandas dessa natureza destrutiva. E satisfazer também, assim, seus desejos mais infames. Nesse excerto, temos uma fala do libertino Curval. Ele menciona que continuará a expor tais “matérias” (SADE, 2006) mais adiante, mas isso não acontece no romance. Esta fala de Curval está compreendida ainda na primeira classe do romance. As outras três classes, não foram escritas por Sade com tanto aprofundamento. São classes mais curtas e quem contém em maioria apenas as descrições das perversões sexuais e de crimes de tortura, flagelações e destruições diversas. Fernando Peixoto, biógrafo de Sade, acredita que o marquês possa ter tido algum tipo de interrupção durante o processo de escrita de *Os 120 dias de Sodoma*, justificando, dessa forma, a disparidade de organização do romance. Quando Sade escreve este texto, estava recluso na Bastilha. O marquês faleceu em 1814, acreditando que este romance tivesse se perdido. Ele nunca soube que o texto fora resgatado pouco depois de sua transferência de prisão da Bastilha para Charenton durante o início do processo revolucionário francês.

Em *Justine, os sofrimentos da virtude* (s.d) temos uma passagem um tanto mais próxima de diálogo com o pensamento de caráter destrutivo de Benjamin. A própria Justine, já neste excerto do romance apresentada como Thérèse<sup>87</sup>, menciona que nunca aceitará essa devassidão destrutiva que flui dos preceitos da natureza. A própria personagem de Sade, compreende que a filosofia da natureza que justifica todas as práticas de vícios e crimes dos libertinos sadianos possui uma estética destrutiva. Vejamos como isso se apresenta no diálogo entre o libertino Clément, um dos integrantes do convento e Justine:

---

87 Situação esta que já explicamos no início deste capítulo, ou seja, o porquê da mudança de nome da personagem em questão.

- [...] por gostos conferidos pela natureza, terei servido os desígnios da natureza que só opera suas criações por meio de destruição e, assim, não me inspira jamais a idéia destas senão quando têm necessidade das outras; isto é, que de uma porção de matéria oblonga, terei formado três ou quatro mil círculos ou quadrados. Ó Thérèse! Isso será um crime? Poder-se-á dar tal nome ao que serve à natureza? O homem terá o poder de cometer crimes? E, quando ao preferir seu bem em seu caminho, terá feito algo que não servir à natureza, cujas primeiras e mais firmes inspirações ditam-lhe que seja feliz, seja à custa de quem for? A teoria de amor ao próximo é uma quimera que devemos ao cristianismo e não à natureza. [...]
- Mas o homem de quem falais é um monstro.
- É um animal selvagem.
- E então, o tigre, o leopardo de quem esse homem dizer ser a imagem não são, como ele, criados pela natureza e criados para cumprir as intenções da natureza? O lobo que devora o cordeiro realiza os planos dessa mãe comum, como o malfeitor que destrói o objeto de sua vingança ou de sua lascívia.
- Ó, podeis falar quanto quiserdes, pai, nunca admitireis essa lascívia destrutiva (SADE, *Justine, os sofrimentos da virtude*, s.d., p. 141-142).

Sade, aqui, compara o homem ao instinto natural e de sobrevivência e prazer do animal. Para ele, a natureza não faz distinção de importância entre um ser vivo e outro. Vale a vida humana para a natureza o mesmo que a vida de uma mosca, segundo a filosofia do marquês. Esta filosofia tem então uma possibilidade de estética destrutiva. Se a destruição aconteceria de qualquer forma, por que não pelos desejos e prazeres lascivos desses libertinos? Só a moral religiosa cristã, tão menosprezada por Sade, diz que os homens devem respeito e amor aos seus semelhantes. Para a filosofia da natureza, essa pretensão inexistente, por conseguinte, todo tipo de crime, devassidão e destruição torna-se não só permitido em Sade, como necessários.

Para o bom regulamento da natureza e um ordenamento equilibrado de suas leis é necessário a criação, tanto quanto a destruição. Sade sempre reforçou esse parâmetro em sua filosofia da natureza. Benjamin, ainda em seu texto intitulado *O caráter destrutivo*, mesmo escrito em contexto posterior à literatura sadiana<sup>88</sup>, traz uma perspectiva bastante semelhante à filosofia da natureza sadiana:

O caráter destrutivo está sempre atuando bem-disposto. A natureza lhe prescreve o ritmo, pelo menos indiretamente: pois ele deve adiantar-se a ela, do contrário ela própria assumirá a destruição. O caráter destrutivo não se fixa

---

<sup>88</sup> Esta que corresponde ao século XVIII francês, e que tem em seus princípios básicos inspirações da filosofia materialista francesa ainda desse mesmo século. Gabriel Giannattasio em *Sade, um anjo negro da modernidade*, vai dizer que o marquês foi um discípulo dos materialistas. Aqui, de fato, concordamos com tal afirmação. Para reforçar essa relação sugerimos que se retorne a leitura do capítulo primeiro em que demonstramos essas aproximações e influências.

numa imagem ideal. Tem poucas necessidades, e a menos importante delas seria: saber o que ocupará o lugar da coisa destruída. Primeiramente, pelo menos por instante, o espaço vazio, o lugar onde se encontrava a coisa, onde vivia a vítima. Certamente vai aparecer alguém que precise dele, sem ocupá-lo. [...] O caráter destrutivo se alinha na frente de combate dos tradicionalistas. Uns transmitem as coisas na medida em que as tornam intocáveis e as conservam; outros transmitem as situações na medida em que as tornam palpáveis e as liquidam. Estes são chamados destrutivos. (BENJAMIN, 1986, p. 187).

No trecho em que Benjamin diz que o caráter destrutivo deve adiantar-se a natureza, caso contrário, ela mesma fará com que essa destruição aconteça, identificamos aqui uma justificativa semelhante ao pensamento filosófico de Sade. O marquês para justificar os crimes e vícios de seus libertinos que, são a máxima de seus romances, afirma que a destruição acontecerá, já que a natureza fará com que aconteça; portanto, o libertino devia acelerar o processo. Ser um tipo de benfeitor em prol da natureza. Percebemos então, que a estética destrutiva de Sade dialoga com certa proximidade do caráter destrutivo de Benjamin.

Sabemos, pois, que a prática da sodomia é extremamente cara ao libertino sadiano. É pela sodomia que estes encontram a máxima de prazer. Pierre Klossowski em *Sade, meu próximo* acredita que tal prática contém uma estética destrutiva. Realizar a sodomia é o sexo sendo feito pelas vias anais; logo, uma relação de sodomia entre um homem e uma mulher, ou até mesmo entre dois homens, impedem a prática de fecundação, que só se dá pela relação sexual entre vagina e pênis. Quer dizer, o sexo anal é uma forma de impedir a procriação dos indivíduos. Esta ideia é especialmente defendida por Sade. Seus libertinos abominam a gravidez, ou a ideia de criação. Sua máxima é a destruição. Assim, Klossowski (1985) compreende que a sodomia fere a lei da propagação da espécie, por isso, torna-se a prática sexual ideal na estética destrutiva sadiana. O libertino de Sade é aquele que *se excita mais com a visão do ânus do que com a vagina*. Vejamos a recepção do libertino do marquês no romance *Os 120 dias de Sodoma* com a vagina:

Como ainda não tinha visto um homem com gostos parecidos, meu primeiro reflexo, assim que fiquei com ele, foi o de levantar minhas saias até o umbigo. Um cão ao qual se mostra um bastão não faria cara mais feia: “Ei! Ventre de Deus, menina, virai essa cona<sup>89</sup> para lá, por favor”. Enquanto isso, rebaixou minhas saias com mais pressa do que eu quando as levantara. “Essas putinhas”, continuou mau-humorado, “só tem bocetas para nos mostrar! Por vossa causa talvez eu não consiga esporrar esta noite... antes de conseguir ti-

---

89 É uma característica comum dos textos libertinos franceses do século XVIII, apresentar este termo para se referir à vagina. Diderot em *Joias Indiscretas* faz uso também do termo *cona*. No romance *Anti-Justine* de Réstif de La Bretonne, o autor inclusive só chama a vagina de cona ao longo de sua obra.

rar essa cona infame da cabeça.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 95).

Ou seja, quando um libertino se depara com uma vagina, ele perde até a excitação, tão grande é seu repúdio pela genitália. É o ânus que interessa aos libertinos sadianos, observe-se:

Com uma mão ele se masturbava, com a outra, abria minhas nádegas, e alguns elogios temperados com muitos xingamentos compunham seu discurso: “Ah! santo Deus; que belas nádegas”, exclamava, “que buraco lindo, ah... como vou inundá-lo!”. E cumpriu sua promessa. Senti-me encharcada; o libertino parecia aniquilado por seu êxtase. Como é verdade que o culto oferecido a esse templo sempre tem mais ardor do que aquele que arde sobre o outro! (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 95).

Enquanto a vagina é algo infame para o libertino de Sade, o orifício anal é algo sublime. A prática da sodomia é então não só uma preferência sexual simplista na literatura sadiana, mas é um componente da estética destrutiva de sua filosofia da natureza. Impedir a fecundação, logo, a procriação de novos indivíduos é também favorecer a via destrutiva da natureza: “[...] foi preciso reconhecer o fato primitivo irredutível da sodomia, a partir do qual o gozo estéril do objeto estéril, enquanto simulacro da destruição das normas, desenvolve a emoção sadiana.” (KLOSSOWSKI, 1986, p. 10). A essa destruição de normas, podemos compreender como a desconstrução da moral cristã francesa do século XVIII, que defendia as relações sexuais somente para a procriação, e não de desejo, a prática anal tornava-se, então, condenada. Sade, em sua estética destrutiva sodomita, quer desconsiderar a moral cristã para as coisas do sexo. Defendendo que este seja um caminho livre, uma laicização para com as práticas sexuais.

Iremos demonstrar agora como a gravidez e toda a ideia de criação e nascimento, causava horror e repulsa sem igual aos libertinos de Sade. Em *Os 120 dias de Sodoma* temos na personagem de Constance, esposa do Duque e filha de Durcet, a figura da mulher gestante. Constance não tinha religião, pois nunca lhe fora apresentada nenhum tipo de crença. Entretanto, possuía uma inclinação natural para o pudor e para a virtude. Seu pai, Durcet, a iniciara na vida sexual, desde os doze anos. Constance estava grávida, e isso provocava o maior ódio no Presidente de Curval. Este detestava a ideia de que o ventre de Constance estivesse gerando uma outra vida, tinha desejos de arrancar com as próprias mãos aquele feto. Os demais libertinos aconselhavam a Curval a esperar, que esse momento chegaria. Na organização dos

120 dias de imersão em Silling, apenas a partir da terceira e quarta classe que os libertinos começaram as práticas de destruição. Na classe de paixões mais criminosas, narrada por Martaine e na última classe, de paixões mais assassinas, narradas por Desgranges. Ou seja, só a partir de sessenta dias em diante que as orgias em Silling configuraram uma estética da destruição.

Constance tinha então características próprias como a virtude, e como a gravidez que gerava a mais completa aversão por parte dos libertinos de Sade. Era a figura completa da abjeção sadiana. O virtuoso, agora já o sabemos, é o abjeto em Sade. No vigésimo dia da terceira classe iniciam sobre Constance o processo destrutivo: “Curval propõe sangrarem Constance por causa de sua gravidez: fazem-no até ela desmaiar; é Durcet quem a sangra.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 319).

Na quarta classe do romance, Curval completa seu desejo, o de rasgar Constance e arrancar dali a vida que estava sendo gerada. Não interessava ao libertino de Sade a vida e a criação, identificavam-se apenas com a estética destrutiva correspondente da filosofia da natureza. Destruir elementos de virtude e de criação eram questões imprescindíveis para os libertinos de Silling; assim, duas vidas foram interrompidas, ou melhor, destruídas: “Curval abriu ele mesmo o ventre de Constance enquanto enrabava Gitão, e arrancou seu fruto, já muito formado e do sexo masculino; em seguida, continuaram os suplícios.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 356). Constance sofrera todo tipo de violência até ter sido assassinada por Curval. Chutavam sua barriga de grávida, a sangravam sempre que possível e praticavam posições sexuais diversas com ela. Não fora poupada de nenhum excesso libertino por ter estado grávida.

O libertino sadiano é então a representação do homem ateu, desligado de crenças religiosas. É o homem reflexo de sua filosofia da natureza. Para Sade, seus libertinos não bastam serem ateus, mas se inspiram pela inclinação viciosa da natureza, sendo atuantes da potência de destruição e de crimes que a mesma possibilita. Gabriel Giannattasio, em *Sade, o anjo negro da modernidade*, acredita que o autor não quer apenas construir uma concepção laica de indivíduo e desconstruir a moral cristã religiosa, mas “[...] *deseja que o mundo também sucumba à sua sedução.*” (GIANNATTASIO, 2000, p. 161, grifos nossos).

Tendo compreendido a concepção de virtuoso em Sade, que na maioria das vezes relaciona toda sua sensibilidade e pudor à moral religiosa cristã, passemos para a construção da seguinte tese: o virtuoso na literatura sadiana e em *Os 120 dias de Sodoma* age como uma

metáfora da Instituição Religiosa Católica. Portanto, quando o marquês propõe a destruição de seus personagens virtuosos, subentende-se a destruição da Igreja Católica e de seu pensamento religioso. *É pela destruição da virtude em Sade que se constrói um ideal de vida des-cristianizado*. E como já vimos com Vovelle, o próprio século XVIII francês e seu processo revolucionário instituíram a descristianização na França. Os libertinos de Sade representavam então a: “[...] decadência da moralidade aristocrática que os revolucionários franceses desejavam erradicar.” (HUNT, 1999, p. 329).

À vista disso, se nos atermos às narrações de Martaine, veremos que se inicia a terceira classe, qual seja: paixões mais criminosas, que compõe os trinta e um dias de janeiro, a destruição de Adelaide. A mesma diante dos sofrimentos e das violências físicas sofridas por meio das investidas libertinas, não deixa de rogar a Deus por salvação. A fé e a virtude de Adelaide são inabaláveis. Nem os crimes de devassidão dos libertinos contra ela a fazem esmorecer diante de sua crença moral e religiosa. Fato que causa mais ódio ao libertino, portanto, tem-se mais violência contra Adelaide:

Nessa mesma noite, Zéfiro é entregue pelo cu, e Adelaide é condenada a uma rude fustigação depois da qual a queimam com um ferro quente, bem perto do interior da vagina, sob as axilas, e chamuscam ligeiramente cada mama. Ela agüenta tudo como uma heroína e invocando a Deus, o que irrita mais ainda seus carrascos. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 325).

Mais vários suplícios serão postos sobre essa personagem até o final do romance. Essa cena de violência contra Adelaide é a que encerra a terceira classe do romance. A quarta classe, a de paixões mais assassinas, uma vez que a destruição dos personagens será efetivada, inicia-se dizendo que Adelaide e Aline, as religiosas e virtuosas, vão dormir juntamente aos animais no estábulo, como uma forma de castigo e abjeção pelo que a crença dessas personagens representa. A narração da quarta classe dá-se pela libertina Desgranges. Esta é a parte do romance de mais violência para com as personagens virtuosas, Adelaide e Aline. Estiveram sempre expostas a níveis de violência cometidos de forma processual até completar-se a destruição completa através do assassinato das mesmas:

A cada relato, Aline e Adelaide encontram-se amarradas aos pilares do salão de história dos quais falamos; estão presas neles, com as nádegas de frente para os sofás, e perto delas está uma mesinha com varas, de modo que estão sempre prontas a receber o chicote. Constance recebeu permissão de sentar-se com as narradoras. Cada velha segura o seu casal, e Julie, nua, erra de um

sofá a outro, para receber ordens e executá-las imediatamente. De resto, como sempre, há um foderor em cada sofá. É neste estado que Desgranges começa seus relatos. Num regulamento particular, os amigos estatuíram que, na série desse mês, Aline, Adelaide, Augustine e Zelmire seriam entregues à brutalidade de suas paixões, e que eles poderiam no dia prescrito, quer imolá-las sozinhos que convidar ao sacrifício qualquer um de seus amigos, sem que os outros se ofendam com isto; que no que concerne a Constance, ela serviria na celebração da última semana, assim como será explicado na hora e no lugar certos. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 328).

Estariam então Aline, Adelaide e Constance, a qual já discutimos o final da mesma, expostas a qualquer tipo de infortúnio do qual os libertinos tivessem interesse em explorá-las? Essa é a classe do romance em que os libertinos sadianos fazem questão de erradicar de Silling qualquer vestígio de virtude e de moral religiosa. Todos os personagens próximos dessa inclinação são brutalmente assassinados.

As paixões descritas por Desgranges, nessa classe do romance, sempre contêm assassínatos. São vários tipos de possibilidades de crime, afogamentos, perda de sangue, por golpes de pedra ou barra, mortes por falta de alimentação e por queimadas. A perversão trinta e cinco correspondente à narração do dia sete do último mês de imersão em Silling, exemplifica, como propomos, um pouco a imaginação grotesca de Sade: “Ele gostava de ver queimar até o fim uma vela no ânus da mulher: ele a amarra no cabo de um condutor, e a deixa ser aniquilada por raios.” (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, p. 332).

A estética da destruição em Sade no romance *Os 120 dias de Sodoma* dá-se de forma processual. O martírio, o sofrimento e o assassinato do virtuoso vão acontecendo aos poucos, com muita tortura e muita depravação. Em meio às mutilações e às flagelações diversas, os libertinos sadianos excitam-se e mantêm relações sexuais, ao mesmo tempo que amputam suas vítimas. Vejamos como o marquês nos apresenta a destruição lenta de Aline, que acontece no dia onze do último mês:

Nessa noite, Aline é logo açoitada até o sangue por cem golpes de cada amigo; em seguida, pedem-lhe merda; ela a deu de manhã a Curval, que nega. Em consequência, queimam-na nos dois peitos e na palma de cada mão; vertem-lhe cera de Espanha sobre as coxas e o ventre, e enchem-lhe o umbigo, queimam-lhe os pêlos da boceta com álcool. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 335).

Se a Aline foi açoitada por cem golpes de cada amigo, sendo ao todo quatro libertinos, levou ao final quatrocentos golpes. A estética da destruição sadiana é lenta, processual.

Vejam as heroínas virtuosas de Sade. Adelaide, Aline e a própria Constance sofrerão inúmeros tipos de violências físicas, mutilações, abusos sexuais, para serem assassinadas apenas ao final do romance. O mesmo acontece a Justine, que passa o romance inteiro fugindo de libertinos que a machucam, a flagelam, a abusam, para por fim, ser morta por um raio vindo do céu, este em que a mesma tanto confiou ao longo de sua vida inteiramente dedicada à crença virtuosa. Assim, a estética da destruição no romance sadiano é sobretudo processual e excessiva. Vejamos como essa relação cabe também para pensarmos o processo de destruição de Adelaide, ocorrido no dia dezenove de fevereiro, o último mês da estadia em Silling:

Nessa mesma noite, Durcet, com ciúmes do prazer que tiveram, na noite passada, os dois irmãos, quer que atormentem Adelaide, cuja vez, ele garante logo virá. Em consequência, Curval, seu pai, e Durcet, seu marido, beliscam-lhe as coxas com tenazes ardentes, enquanto o Duque a enraba sem pomada. Furam-lhe a ponta da língua, cortam-lhe as duas pontas das orelhas, arracam-lhe quatro dentes; em seguida, açoitam-na com toda a força. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 343).

Mais uma vez, a estética da destruição assume, aqui, um formato processual: decepta-se membro por membro. Em meio a esse caos de violência, os libertinos ainda têm fôlego para relações sexuais, para sodomias e para o gozo. A execução dos imbecis virtuosos, segundo a concepção libertina de Sade, provoca o maior esporro a qualquer libertino que se preze. Vejamos a excitação que causa aos quatro libertinos a destruição de Augustine, no dia vinte e quatro de fevereiro, uma das moças do harém das meninas:

Cortam-lhe as orelhas, queimam-lhe o interior do nariz, furam-lhe os olhos deixando destilar cera de Espanha fervendo dentro, retalham-lhe o crânio, enforcam-na pelos cabelos amarrando pedras em seus pés, para que ela caia, arrancando seu crânio. Depois dessa queda, como ela ainda respira, e o Duque fode sua boceta nesse estado; ele esporra e fica ainda mais furioso. Abrem-na, queimam-lhe as entranhas no próprio ventre, antes de enfiarem uma mão armada de um escalpelo que vai furar seu coração por dentro, em vários lugares. Só então ela devolve sua alma. Assim, pereceu, aos quinze anos e oito meses uma das mais celestes criaturas que a natureza criara, etc. (SADE, *Os 120 dias de Sodoma*, 2006, p. 348).

Não sabemos ao certo, se a inclinação de Augustine era virtuosa, poderíamos supor talvez por essa referência final: “uma das mais celestes criaturas”. Em momentos anteriores ao romance, a única descrição que se tem de Augustine é sobre suas aparências físicas e sobre a beleza de seu ânus. Mas o fato é que a estética da destruição não age em Sade só sobre

os virtuosos. Age sobre qualquer indivíduo, se assim for da vontade do libertino. Entretanto, é mais recorrente, encontrarmos esses processos brutais de destruição sobretudo em personagens virtuosos dentro da literatura do marquês.

O romance é finalizado no primeiro dia de março, sendo que das quarenta e seis pessoas que são imersas na reclusão dos cento e vinte dias em Silling, retornam a Paris apenas dezesseis. Trinta foram assassinados. Todos por uma estética processual e grotesca de violência. Nenhum tipo de radicalidade para o quesito violência foi evitado. E entre as esposas, faleceram as virtuosas, Aline, Adelaide e Constance, mais o filho que Constance vinha gerando. A estética da destruição atuou então sobre a eliminação completa da possibilidade de virtude da vivência libertina sadiana. O libertino de Sade propõe então uma prática social que seja erradicada de uma moral religiosa constituída. Talvez seja esta a grande crítica que Sade faz ao contexto do século XVIII francês, a necessidade de se libertar dos preceitos religiosos.

E para que seja possível implementar uma prática social laica, sem precedentes religiosos cristãos, ou de qualquer outra espécie, a única filosofia válida no universo libertino sadiano é a da natureza, lida a partir de uma inspiração materialista. É pela filosofia da natureza sadiana que a estética da destruição nos *120 dias de Sodoma* se justifica e se concretiza. Ela permite ao indivíduo sadiano a escolha da inclinação virtuosa ou viciosa. Cabe a ele, defender o vício como o único caminho possível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eliane Robert Moraes, na edição de *Os 120 dias de Sodoma, ou a escola da libertinagem* da Iluminuras de 2006, com tradução de Alain François, faz uma curta apresentação da obra intitulada *Inventário do abismo*. Nesse texto, Moraes chamará o romance sadiano de um *Decamerão libertino*. O que ela vai querer nos dizer com este termo é que este romance de Sade é um dos grandes clássicos para a compreensão da libertinagem. Mais que isso, é um romance apelativo e convidativo. O que Sade quer é seduzir o leitor para seu alvo, para a destruição da moral religiosa cristã. Seja por meio de sua filosofia da natureza, seja por intermédio das práticas sexuais infundáveis presentes em sua literatura.

A libertinagem em Sade, enquanto um dos grandes máximos de autoria deste gênero literário, compreende a ideia de que o indivíduo sadiano, ou melhor, o libertino, tudo possa. Isso não se aplica aos personagens virtuosos de Sade. Apenas os libertinos prosperam,

já que a libertinagem propicia os melhores prazeres. Tal libertinagem não se dá apenas pela liberdade de prazeres sexuais, tão presentes nos textos de Sade, mas, especialmente, pela destruição dos preceitos morais cristãos e virtuosos. É esse o objetivo da libertinagem sadiana, não só fazer o leitor gozar com seus excessos e orgias sexuais diversas, mas imputar ao leitor um processo de descristianização. Era essa, ao menos é a leitura que aqui propomos, a principal intenção de nosso Marquês.

Desse modo, concluímos que Sade vai sustentar toda sua estética da destruição a partir de uma filosofia da natureza bastante idiossincrática. É ela que permite ao libertino sadiano o poder de destruir e, ao mesmo tempo, propor uma alternativa filosófica, substituindo, com isso, a moral cristã. De fato, compreendemos que a filosofia da natureza não é um pensamento pioneiro que Sade apresenta aos seus contemporâneos. É igualmente o reflexo dos materialistas franceses. Sabemos, pois, que Sade fundamentando-se na perspectiva materialista, cria sua própria concepção filosófica. Nela, a natureza é sim o motor do universo e funciona diante de um sistema de equilíbrio que, por um lado, constrói, por outro, destrói. Neste cenário, o libertino é o protagonista: desempenhará o papel de destruidor que, supomos, imprescindível à natureza. Logo, a filosofia da Natureza em Sade toma um caráter de destruição, assim como vimos em Benjamin, enaltece o crime e o vício. Diferente dos materialistas analisados, La Mettrie e D'Holbach, Sade segue a via viciosa.

Então, diante de tal proposta filosófica, vimos que a família possui um verniz distinto da moral cristã francesa do século XVIII. Aos libertinos são garantidos à pedofilia, o ódio a figura materna e o assassinato de entes familiares. Ora, compreendemos que os vínculos familiares, segundo Sade, referem-se apenas às leis humanas; por isso, interessa aos libertinos sadianos guiarem-se pelas Leis da Natureza; portanto, não há restrição, nem interdito aos libertinos. A Natureza lança os homens, assim como os animais, numa espécie de processo de sobrevivência, criação e destruição. Assim, os laços sanguíneos nada representam. O libertino pode praticar crimes e vícios contra qualquer indivíduo, sem sofrer nenhum tipo de recriminação da natureza por tais feitos.

Ademais, entendemos que a literatura e o romance, gênero de caracterização literária de *Os 120 dias de Sodoma*, podem e devem refletir os sintomas contextuais. E Sade faz isso muito bem. Sua literatura pensa os problemas de sua época, como vai nos dizer o pensamento de Hegel pela interpretação de Leandro Konder em *Hegel, a razão quase enlouquecida*: “[...] o que aparece na arte não é mera ilusão superficial: é a manifestação de uma ver-

*dade profunda.*” (KONDER, 1991, p. 70, grifos nossos). Sade viu, presenciou e escreveu romances denunciando a moral de uma aristocracia, considerada por ele, decadente e sedenta de poder. Acusou os abusos e a hipocrisia de uma Instituição Religiosa, que ditava preceitos morais de virtude e honestidade, mas que impunha contra um povo miserável, como era o povo francês à época, pesados tributos. Denunciava a incoerência de uma monarquia abusiva e debochada. Os textos de Sade foram sintomáticos e de ordem de crítica, pois, como vimos ao longo desta dissertação, contestou de forma ímpar os poderes vigentes do Antigo Regime francês, como o Estado Absolutista e a Igreja Católica francesa.

Seu romance foi importante também para pensarmos como o corpo e o sexo serão postos por essa nova prática social laica. Sade defende a ideia de um corpo livre de interditos; portanto, todas as práticas sexuais deveriam ser possíveis, como, por exemplo, o sexo anal, fonte de prazer e preferência nos textos sadianos. Assim, a sexualidade sadiana converge à prática da sodomia e da imaginação sem limites. É esta que tudo permite ao libertino sadiano. O que o marquês convida seu leitor é a liberar sua imaginação, à medida que deve essa, no campo sexual, ser sempre ilimitada. Logo, tudo é permitido, o belo, o feio, o limpo, o sujo, o violento, a vagina, o ânus, o homem e o animal. Tudo é possível e permitido na perversão sadiana. Neste sentido, os textos libertinos alcançam excessos incomparáveis na história da literatura libertina mundial. É Sade quem impõe a sexualidade todos os níveis possíveis de execução.

A estética foi o conceito fundamental para pensarmos o objeto deste trabalho. *Os 120 dias de Sodoma* é um dos romances do marquês de uma estética mais violenta e destrutiva. Esse conceito assume então em Sade uma sensibilidade de análise para pensarmos a necessidade de destituir dois componentes da sociedade sadiana: a religião e a virtude. É apenas pela estética da destruição, fundamentada na filosofia da natureza de inspiração materialista, que Sade acredita numa possibilidade de estabelecimento de uma nova prática social, a laica, a descristianizada, apartada de qualquer concepção religiosa. O que resta é o triunfo libertino e a libertação de uma sociedade em Silling, sem preceitos morais e religiosos. No desfecho, só o crime prospera. De todo modo, é justamente este anseio por uma sociedade laica e descristianizada, que irá se tornar o grande legado intelectual deixado pelos libertinos sadianos aos séculos posteriores.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## ***Corpus Documental***

SADE, Marquês de. *Os 120 dias de Sodoma, ou, a escola da libertinagem*. Tradução e notas Alain François. São Paulo: Iluminuras, 2006.

\_\_\_\_\_. *A filosofia na alcova, ou, os preceptores imorais*. Tradução, posfácio e notas Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Justine, os sofrimentos da virtude*. Tradução Gilda Stuart. São Paulo: Círculo do livro S.A., s.d.

\_\_\_\_\_. *Cartas de Vincennes: um libertino na prisão*. Tradução e organização de Gabriel Giannattasio. Londrina: EDUEL, 2009.

\_\_\_\_\_. Eugénie de Franval – novela trágica. In. MORAES, Eliane Robert. *Marquês de Sade: um libertino no salão dos filósofos*. São Paulo: EDUC, 1992. pp.61-148.

\_\_\_\_\_. *O marido complacente*. Tradução Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L& PM Editores Ltda, 1985.

\_\_\_\_\_. *OEuvres*. Édition Établie par Michel Delon. SADE Philosophe par Jean Deprun. Éditions Gallimard, 1990.

\_\_\_\_\_. *Novelas*. Tradução de Augusto de Sousa. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

\_\_\_\_\_. *Novelas Trágicas*. Tradução André Luiz Barros. São Paulo: Carambaia, 2017.

\_\_\_\_\_. *Franceses, mais um esforço se quiserdes ser republicanos*. Organização e Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2009.

## **Referências Online**

ALVES, Débora Cristina. *Alianças familiares, estratégias de uma elite de Antigo Regime (Guarapiranga, 1715 a 1790)*. Minas Gerais: UFJF, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2013/03/Dissertação-Débora-C-Alves.pdf>>. Acesso em: Abr. de 2018.

WOODS JR., Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental*. Tradução de Élcio Carillo. São Paulo: Quadrante, 2008. Disponível em: <<https://portalconservador.com/livros/Thomas-Woods-Como-a-Igreja-Catolica-Construiu-a-Civilizacao-Ocidental.pdf>>. Acesso: Abr. de 2018.

## Obras de Referência

ABREU, Nuno Cesar. *O olhar pornô: A apresentação do obsceno no cinema e no vídeo*. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

ANÔNIMO. *Tereza Filósofa*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Porto Alegre: L&PM, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: A estilística*. Tradução Paulo Bezerra; orgs. Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. *A literatura e o mal*. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DE BEAUVOIR, Simone. Deve-se queimar Sade? In. SADE, Marquês de. *Novelas*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961. pp. 7-63.

BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. Seleção e apresentação Willi Bolle. Tradução Celeste H. M. Ribeiro de Sousa. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

BÍBLIA. Português. *A bíblia da mulher: leitura, devocional*. São Paulo: Barueri, Sociedade bíblica do Brasil, 2014.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do Cristianismo*. Tradução Neuza Capelo. Curitiba: Editora Fundamento, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte, gênese e estrutura do campo literário*. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, s.d.

BRUN, Annie Le. *O sentimento da catástrofe: entre o real e o imaginário*. Tradução Fábio Ferreira de Almeida, Eliane Robert Moraes. São Paulo: Iluminuras, 2016.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos na França pre-revolucionária*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Tradu-

- ção Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DELEUZE, Gilles. *Masochismo*: apresentação de Sacher-Masoch. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1983.
- DESBORDES, Jean. *O verdadeiro rosto do Marquês de Sade*. Trad. Frederico dos Reys Coutinho. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi LTDA, s.d.
- DIDEROT. *As jóias indiscretas*. Tradução de Sampaio Marinho. Europa América, 1976.
- DUFOUR, Dany-Robert. *A cidade perversa*: liberalismo e pornografia. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade da corte*: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte. Tradução, Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Tradução Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2*: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984).
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade, 3*: o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O pensamento do exterior*. Tradução de Nurimar Falci. São Paulo: Editora Princípio, 1990.
- \_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Estética, literatura e pintura, música e cinema*. Tradução Inês Aultan Dourado Barbora. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Guerras e escritas*: a correspondência de Simón Bolívar (1799-1830). São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Editora Cultrix, 1957.
- GIANNATTASIO, Gabriel. *Sade: um anjo negro da modernidade*. São Paulo: Imaginário, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Apresentação/Posfácio*. In. SADE, Marquês de. *Cartas de Vincennes*: um libertino na prisão. Tradução e organização de Gabriel Giannattasio. Londrina: EDUEL, 2009. pp.10-

29 e pp. 117-146.

GOULEMOT, Jean-Maria. *Esses livros que se lêem com uma mão só: leitura e leitores de livros pornográficos do século XVIII*. Tradução de Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

GUERREIRO, Fernando. *Introdução*. In. LA METTRIE. *O homem máquina*. Tradução Antonio Carvalho. Lisboa: Editorial Estampa, 1982. pp.11-38.

HOLBACH, Barão de. *Sistema da natureza ou Das leis do mundo físico e do mundo moral*. Tradução: Regina Schopke, Mauro Baladi. São Paulo: Martins fontes, 2010.

HOBBSAWM, Eric J. *Ecos da Marselhesa: dois séculos revêem a Revolução Francesa*. Tradução Maria Celia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HUNT, Lynn. *Política, cultura e classe na revolução francesa*. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *A invenção da pornografia: Obscenidade e as origens da Modernidade*. Organizado por Lynn Hunt. Tradução Carlos Salak. São Paulo: Hedra, 1999.

KLOSSOWSKI, Pierre. *Sade, meu próximo*. Trad. Armando Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

KONDER, Leandro. *Hegel, a razão quase enlouquecida*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

LA BRETONNE, Rêstif de. *Anti-Justine*. Tradução de Marina Apenzeller. Porto Alegre: L&PM, 2005.

LA METTRIE. *O homem máquina*. Tradução Antonio Carvalho. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

LEBRUN, François. *A febre de casamentos*. In. VOVELLE, Michel. *França Revolucionária (1789-1799)*. Org: Michel Vovelle. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. pp. 80-82

LELY, Gilbert Par. *D.A.F. de Sade*. Paris: Pierre Sechers, s.d.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Tradução Alfredo Margarido. Editorial Presença, s.d.

MASOCH, Léopold Von Sacher. *A Vênus da pele*. In. DELEUZE, Gilles. *Masochismo: apresentação de Sacher-Masoch*. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1983. pp. 145-301.

MORAES, Eliane Robert. *Lições de Sade: Ensaio sobre a imaginação libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Do infinito como ponto de vista*. In. BRUN, Annie Le. *O sentimento de catástro-*

*fe: entre o real e o imaginário*. Tradução: Fabio Ferreira de Almeida e Eliane Robert Moraes. São Paulo: Iluminuras, 2016. pp.9-19.

\_\_\_\_\_. *A cifra e o corpo: as cartas de prisão do marquês de Sade*. In. GALVÃO, W.N.; GOTLIB, N. B. (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 55-60.

\_\_\_\_\_. *Sade, a felicidade libertina*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1994.

\_\_\_\_\_. *Marquês de Sade: um libertino no salão dos filósofos*. São Paulo: EDUC, 1992.

\_\_\_\_\_. *O corpo impossível: a decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

PAUVERT, Jean-Jacques. *Sade Vivant*. Paris: Robert Laffond/Jean-Jacques Pauvert, v.2, 1989.

PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PEIXOTO, Fernando. *Vida a obra de Sade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005.

ROUANET, Sérgio Paulo. *O espectador noturno: a Revolução Francesa através de Réstif de La Bretonne*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOLLERS, Philippe. *Sade contra o Ser Supremo; precedido de Sade no tempo*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

VIGNOLES, Patrick. *A perversidade: ensaio e textos*. Tradução Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Papirus, 1991.

VOVELLE, Michel. *França Revolucionária (1789-1799)*. Org: Michel Vovelle. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. *Introducción a la historia de la Revolución francesa*. Traducción castellana de Marco Aurelio Galmarini. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WEISS, Peter, 1916-1982. *Perseguição e assassinato de Jean-Paul Marat representados pelo grupo teatral do Hospício de Charenton sob a direção do senhor de Sade/ Peter Weiss; tradução João Marschner*. – São Paulo: Peixoto Neto, 2004.